



*novas ocupações contra o novo normal*  
*o vazio, o residual e o efêmero como resistência urbana*

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço Técnico de Biblioteca  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Gonzales, João Generoso

Novas Ocupações contra o Novo Normal: o vazio, o residual e o efêmero como resistência urbana / João Generoso Gonzales; orientador Fábio Mariz Gonçalves. - São Paulo, 2022.

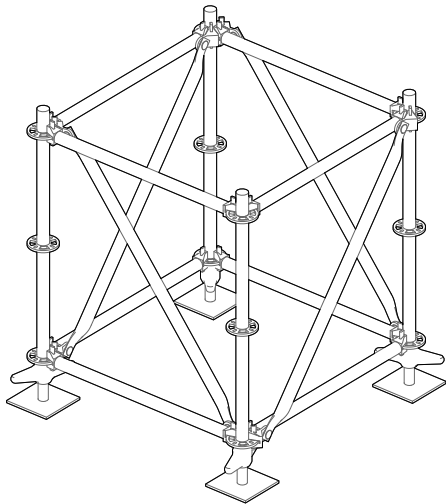
334 p.

Trabalho Final de Graduação (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

1. Arquitetura Efêmera. 2. Andaimés. 3. Espaço Público. 4. Pandemia. I. Gonçalves, Fábio Mariz, orient. II. Título.

Elaborada eletronicamente através do formulário disponível em: <<http://www.fau.usp.br/fichacatalografica/>>

novas ocupações contra o novo normal:  
o vazio, o residual e o efêmero como resistência urbana



João Generoso Gonzales  
Orientação: Fábio Mariz Gonçalves

Trabalho Final de Graduação  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
da Universidade de São Paulo

São Paulo, Dezembro de 2022



## **Agradecimentos**

Após uma longa trajetória na FAUUSP, por me ajudarem a chegar até aqui e a construir quem eu sou hoje,

Agradeço primeiramente aos meus pais, os quais tornaram a minha trajetória possível através de seu amor e carinho, apresentando-me o mundo e como enfrentá-lo.

Agradeço ao Professor Fábio Mariz, por me acompanhar durante a graduação e aceitar o convite para orientar este trabalho, percursos feitos com a imensa atenciosidade que te faz tão querido.

Agradeço à Professora Marta Bogéa, pelas conversas tão enriquecedoras e instigantes que me ajudaram a enxergar novos mundos possíveis dentro da arquitetura, e por aceitar compor a banca deste trabalho.

Agradeço ao Professor Guilherme Wisnik, pelas aulas tão lúcidas que inspiraram a continuar me aprofundando nas diversas questões que tocam a arquitetura, assim como por aceitar fazer parte da banca deste trabalho.

Agradeço ao Rodrigo Araújo, companheiro nos trabalhos da Bijari, por me incentivar a ser mais criativo, pelo grande interesse demonstrado pelo trabalho e por aceitar compor a banca.

Agradeço a todos meus amigos e colegas da FAU não só por tornarem ela um espaço mais acolhedor, mas por mostrarem que o aprendizado não ocorre apenas nas aulas.

Agradeço à Luisa, pela amizade, pelo amor e por fazer parte do meu cotidiano.

*“Pegar o escombros e fazer do escombros a linguagem.  
Tudo aquilo que seria o resíduo, o lixo, a sobra.  
Pegar os restos da cidade, do carro, pegar o outdoor.  
**Apropriar o inimigo. [...] Essa cidade foi construída  
dessa maneira, então vamos apropriar isso, ao invés  
de apagar.”** (WISNIK in LESSA, 2022)*

## **Resumo**

O novo normal se anuncia: processo agravado pela pandemia, a vida migra para o digital. Porém esse é apenas o ápice do abandono histórico dos espaços públicos em prol da experiência privada. A própria arquitetura se virtualizou: o capitalismo tardio almeja cada vez mais a atualização constante, traduzida pelos centros comerciais projetados para abrigar ocupações passageiras sem qualquer relação com seu entorno.

Reconhecendo essa situação, a arquitetura que deseje preservar sua memória deve assumir que ela se constrói e modifica ao longo do tempo, tornando-se suporte do cotidiano e do imprevisível. Efêmera, ela deverá responder às demandas imediatas da população, atuando sobre o pré-existente enquanto incorpora a mudança como sua razão de ser. Nesse sentido, os andaimes representam o passageiro na paisagem urbana. Estrutura temporária, são sinônimo do processo de construção, aparecendo momentaneamente e sumindo sem deixar rastros de si mesmos, apenas daquilo que ajudaram a construir.

Refletindo sobre dois anos de isolamento social, quando o espaço público foi substituído pelo virtual, o projeto propõe uma ocupação da cidade de São Paulo no contexto pós-pandêmico, explorando seus espaços residuais como empenas cegas, terraços e lotes sem função social. Entendendo esses elementos como traços definidores da cidade e, desta forma, parte de sua memória, o projeto se apropria deles e os devolve à população. Assumindo os andaimes como linguagem, o projeto se ergue como uma estrutura temporária, criando espaços que potencializem as ações cotidianas de seus usuários. Aqui, a arquitetura não busca o protagonismo, reconhecendo que um dia ela desaparecerá sem rastros, deixando para trás apenas as memórias das pessoas que a ocuparam.

10	<i>introdução</i>
16	<i>o espaço do encontro</i>
54	<i>distanciamento social: físico e digital</i>
94	<i>novas ocupações contra o novo normal</i>
122	<i>uma estrutura temporária</i>
134	<i>contexto</i>
148	<i>sistemas paramétricos</i>
166	<i>a estrutura</i>
318	<i>considerações finais</i>
322	<i>bibliografia</i>





*introdução*

## **Introdução**

Após dois anos de isolamento social decorrentes da pandemia de COVID-19, momento quando o mundo real foi abandonado e substituído por encontros virtuais, o ano de 2022 foi marcado pela reabertura das cidades e a volta da população ao espaço público. Esse período, no entanto, não ocorreu sem deixar marcas profundas na relação entre as cidades e seus habitantes. O novo normal se anuncia, consolidando a camada digital como um espaço que atinge todas as camadas da vida, desde as relações sociais cotidianas, das amizades ao trabalho, até o debate político, responsável por decidir os rumos da sociedade.

Embora agravada durante a pandemia, a virtualização da realidade não é um processo novo. Além do avanço da internet ubíqua nas últimas décadas e de sua crescente influência sobre o cotidiano da população, a própria cidade, antes sinônimo de solidez e estabilidade, está caminhando para se tornar mutável e efêmera. A própria arquitetura se virtualizou: o capitalismo tardio almeja cada vez mais a atualização constante, traduzida pelos centros comerciais projetados para abrigar usos temporários e sem relação entre si, mesmo que abrigados no mesmo edifício, e com a cidade, abandonada e convertida em espaço residual.

Dessa maneira, este trabalho nasce como um grande questionamento: com a reabertura das cidades e o fim do isolamento social, como projetar espaços que respondam

às demandas urbanas atuais, considerando que essas estão em constante atualização? Além disso, como fazer frente à produção arquitetônica e urbanística que produz uma cidade cada vez mais sem vida? Buscando entender essas condições para então ser capaz de trabalhar com elas, realizou-se, em um primeiro momento, um levantamento bibliográfico que discutisse dois grandes temas.

Como primeiro tema, o objeto de estudo se volta para a cidade contemporânea, enxergando o espaço público como espaço do encontro, da mediação de conflitos e da formação de pactos sociais, onde a diversidade da população pode se manifestar para construir um futuro coletivo. A história das cidades é uma história de luta, a qual se transforma ao longo do tempo para refletir as demandas de cada período. O espaço urbano será necessariamente o palco dessa luta, podendo ser construído tanto para reprimi-la, processo hoje conduzido sistematicamente pelo capitalismo tardio, quanto para potencializá-la, objetivo o qual exige entender as dinâmicas da cidade para então enfrentá-las.

Buscando entender a cidade para além de seus espaços físicos, a pesquisa se debruça em um segundo momento sobre o virtual. As últimas décadas foram marcadas por um crescimento da influência dos espaços digitais sobre o real, especialmente através das redes sociais. Esse fenômeno foi levado ao extremo durante o distanciamento social na pandemia, quando a internet se tornou a única forma das pessoas se comunicarem com o mundo. Embora

a popularização da internet tenha seu lado positivo, democratizando o acesso à informação e dando voz a grupos de baixo poder econômico e social, ela também inaugura realidades paralelas, não apenas por ser alheia ao mundo físico, mas por criar e sustentar narrativas próprias baseadas em interesses políticos. Os conflitos sociais, os quais antes eram mediados no espaço público, agora, em sentido contrário, são intensificados pelo virtual. O debate público morreu. O retorno ao real se mostrou imprescindível. Contudo, esse processo não pode ignorar que o mundo atual é diretamente influenciado pela sua camada digital.

Reconhecendo os temas abordados, o terceiro capítulo tenta enxergar como a arquitetura pode refletir a condição contemporânea da cidade. A arquitetura que deseja preservar sua memória deve assumir que ela se constrói e modifica ao longo do tempo, tornando-se suporte do cotidiano e do imprevisível. Efêmera, ela deverá responder às demandas imediatas da população, atuando sobre o pré-existente enquanto incorpora a mudança como a sua razão de ser. Nesse sentido, os andaimes representam o passageiro na paisagem urbana. Estrutura temporária, o andaime é sinônimo do processo de construção, daquilo que está por vir, aparecendo momentaneamente e sumindo sem deixar rastros de si mesmo, apenas daquilo que ele ajudou a construir.

Assim, incorporando os andaimes como linguagem, este trabalho realiza o projeto de uma estrutura temporária.

Elegendo São Paulo como seu objeto de estudo, cidade a qual abriga várias das discussões realizadas nos capítulos anteriores, a estrutura explora os espaços urbanos que a definem, não os seus edifícios históricos e consolidados, mas as empenas cegas, os lotes vazios, os estacionamentos e as coberturas de edifícios que verdadeiramente compõem a paisagem da cidade. Efêmera, a estrutura aceita que o seu destino é acabar, porém confiante que a sua breve passagem será capaz de deixar marcas. Marcas essas invisíveis, correspondentes às memórias das atividades lá realizadas. Uma arquitetura criada coletivamente, que reconhece ser apenas o suporte para as ações das pessoas, essas sim as quais serão verdadeiramente responsáveis por impactar o futuro da cidade existente. Uma nova ocupação contra o novo normal anunciado.





*o espaço do encontro*

<sup>1</sup> Frase traduzida livremente do  
inglês: “More than ever, the city is  
all we have”.

<sup>2</sup> HARVEY. O Direito à Cidade.  
In.: Cidades rebeldes: do direito à  
cidade à revolução urbana. 2014.  
pp. 27-66.

## “Mais que nunca, a cidade é tudo que temos”<sup>1</sup>

Rem Koolhaas. Whatever Happened to Urbanism?

### Cidade Mercadoria

A formação das cidades está diretamente ligada à exploração laboral da maior parcela da população, cuja força de trabalho é convertida em produto excedente. Esse, por sua vez, é transferido a um grupo pequeno de capitalistas, sendo utilizado, segundo seus interesses, para a expansão e transformação das dinâmicas e dos espaços urbanos, perpetuando esse processo de exploração<sup>2</sup>. Segundo David Harvey, esse controle é exercido através de uma série de instrumentos, como a disciplinação da classe trabalhadora, condicionada a aceitar a sua posição de explorada, evitando assim que ela questione ou enfrente o sistema capitalista e, ao mesmo tempo, minimizando suas reivindicações por direitos sociais. Enquanto isso, sistemas de crédito permitem às classes mais pobres o acesso àquilo que lhes deveria ser um direito — como a moradia e o transporte, ambos os quais foram convertidos em mercadorias —, levando essas pessoas a acreditarem fazer parte da elite econômica e a defenderem o mesmo sistema neoliberal que, nesse

processo, as colocam em longa dívida com as instituições de crédito. Em paralelo, para impedir o sucesso de qualquer movimento anticapitalista que ainda tenha a chance de surgir, realizam-se ataques contra o poder organizado da classe trabalhadora, tanto por meio de discursos que a deslegitima frente ao restante da população quanto por ações de repressão física e institucional. Todos esses instrumentos naturalizam as violências que a maior parte da população sofre sob o capitalismo, desacreditando que qualquer redenção seja possível.

A urbanização é fundamental para perpetuar o controle sobre a população, operando através do reinvestimento do excedente que ela própria produz. Na reforma de Paris por Haussmann, esse excedente foi direcionado para grandes obras urbanas, arrasando a antiga cidade medieval onde barricadas e manifestações revolucionárias antes obtinham sucesso, enquanto a geração de empregos operava para estabilizar os conflitos sociais em um período de crise financeira<sup>3</sup>. No lugar da antiga Paris, inaugurou-se uma nova vida urbana direcionada ao consumo, o lazer e o turismo, onde a cidade passou não mais a ser vivida, mas sim consumida.

Com a chegada dos anos 1970, o excedente passa a ser destinado à compra de ativos, ações, direitos de propriedade física e intelectual e de propriedade imobiliária.<sup>4</sup> A cidade passa a ser construída não mais em função do seu valor de uso, mas pelo seu valor de troca. Os imóveis são convertidos

<sup>3</sup> WISNIK. Dentro do Nevoeiro.  
2018.

<sup>4</sup> HARVEY. Alternativas ao  
Neoliberalismo e o Direito à  
Cidade. 2009.

em ativos especuláveis e, buscando a sua valorização, a cidade gradualmente se torna mais cara de se morar, expulsando a população de suas casas. As pessoas, constantemente empurradas para as periferias, longe de infraestruturas urbanas centrais e espaços públicos de qualidade, tornam-se nômades de cidades em constante expansão. Isso não significa, contudo, que elas deixam de ser contempladas pelo processo de urbanização, pois ainda são passíveis de serem exploradas na condição de consumidoras da cidade. Para essas pessoas, instalar-se permanentemente em um local, dado o preço elevado das moradias, significa depender de financiamentos imobiliários por instituições financeiras. São essas mesmas instituições que decidirão se elas fornecerão o crédito ou não, exercendo o controle não só de como a cidade é construída, mas também de como ela é ocupada. A qualidade de vida urbana se consolida como pura mercadoria, destinada apenas àqueles que podem pagar por ela.

A crise de 2008 mostrou claramente que o poder público auxilia no controle das cidades por parte das instituições financeiras, atuando fundamentalmente como agente de proteção do patrimônio privado. Nesse caso, com o crescimento do preço dos imóveis se distanciando da realidade financeira dos trabalhadores estadunidenses, uma grande quantidade de famílias tiveram suas casas tomadas por bancos em hipotecas. A crise habitacional não ganhou importância pela sua questão social, mas sim

devido à conversão dessas moradias em ativos financeiros, os quais eram vendidos, atrelados a outras ações, para instituições do mundo todo, como outros bancos ou até mesmo Estados. Com a execução dessas hipotecas, os ativos quebraram e levaram consigo todas as instituições que os haviam comprado, resultando em uma crise financeira global. Com um pacote de 700 bilhões de dólares, o governo estadunidense prontamente assumiu o papel de proteger os bancos de quebrarem, mão amiga que não foi estendida àqueles que perderam suas casas. Embora essa crise fosse evitável destinando esse dinheiro para pagar as hipotecas e evitar a desapropriação dessas pessoas, ele foi destinado para salvar os bancos e, com eles, a própria economia mundial, pois atualmente o sistema financeiro está tão interligado com o Estado que, caso o primeiro colapsasse, toda a sociedade seria levada consigo.

O mercado financeiro mantém as cidades reféns de seu modelo. Mesmo após diversas crises imobiliárias e de bolhas financeiras, repetem-se as mesmas falhas sistêmicas. Atualmente, os discursos que condenam esse modelo operam cada vez dentro de seus moldes, portanto incapazes de contestá-lo fundamentalmente, silenciados de modo sistêmico. Questionamentos são até possíveis, desde que não perturbem a hegemonia neoliberal, quando a crítica ao capitalismo se converte em mercadoria, na forma de entretenimento. “Se a sociedade é cada vez mais tratada como um grande mercado consumidor, a qualidade de vida



<sup>5</sup> WISNIK. Op. cit.

<sup>6</sup> Ver Tainá de Paula em entrevista a WISNIK e VIEIRA. Futuros em gestação: cidade, política e pandemia. 2022. pp. 273-294.

<sup>7</sup> Ver SCHINDLER, Sarah. Architectural Exclusion: Discrimination and Segregation Through Physical Design of the Built Environment. 2015.

nas cidades se tornou essencialmente uma mercadoria a ser comprada”.<sup>5</sup> Ao passo que o Estado opera em função do mercado, a própria vida torna-se um bem, seguindo o lema empresarial de que “você é sua própria empresa”, enquanto as políticas e ações públicas são degradadas, rechaçando qualquer prática coletiva em prol do individual.<sup>6</sup>

Como resultado para a paisagem urbana, é possível observar o crescimento condomínios fechados e espaços públicos privatizados, controlando quem pode circular neles e quem será excluído violentamente, fazendo uso de aparelhos públicos para realizar a proteção do patrimônio privado. De forma igualmente opressora, porém mais velada, há uma supervalorização do transporte individual, substituindo o espaço livre de estar e passear por vias expressas e estacionamentos. O espaço público é esvaziado. O acesso à cidade é condicionado à aquisição de um carro próprio para poder navegá-la, pois aqueles que não o possuem estão sujeitos a acessá-la através do transporte coletivo, o qual está refém do planejamento urbano que limita até onde ele é capaz de alcançar.<sup>7</sup> Enquanto tudo se torna individual, em uma financeirização da vida, a luta pelo coletivo se faz cada vez mais urgente.

“Como em todas as fases precedentes, esta expansão mais recente do processo urbano trouxe com ela incríveis transformações no estilo de vida. **A qualidade de vida urbana tornou-se uma mercadoria, assim como**

**a própria cidade**, num mundo onde o consumismo, o turismo e a indústria da cultura e do conhecimento se tornaram os principais aspectos da economia política urbana.” (HARVEY, 2014, pp. 27-66)

**O espaço do encontro**

A cidade, em contrapartida, é o espaço do encontro com o outro, da mistura de religiões, raças, línguas e classes sociais. Nela, há uma grande variedade de atividades ocorrendo simultânea e espontaneamente, convidando olhares para observar as pessoas que as praticam, ou até mesmo convidando a participar delas.<sup>8</sup> Guilherme Wisnik, em referência à frase “o ar da cidade liberta”,<sup>9</sup> aponta como a vivência urbana exige lidar com a troca e a diferença, não para tentar resolvê-las e acabar com elas, mas para confrontá-las construtivamente na produção de uma cidade que abrigue cada vez mais a diversidade de sua população. Assim, os espaços livres públicos, como local desses encontros, abrigam a pluralidade de maneira horizontal, quebrando as hierarquias pregadas pela classe dominante, o que explica o esforço dela em controlá-los.<sup>10</sup>

“Desse ponto de vista, eu acredito fortemente na cidade como um lugar que quebra os laços ‘clânicos’, os componentes tribais fechados que são voltados sempre à perpetuação do mesmo, que estão ligados a

<sup>8</sup> GEHL. Cidade para Pessoas. 2015.

<sup>9</sup> Refere-se à passagem para as cidades, no fim do feudalismo na Alemanha. WISNIK, depoimento a JORNAL NEXO. Direito à cidade: Um Conceito para Pensar o Brasil Hoje. 2016.

<sup>10</sup> Recentemente, esse processo está ocorrendo com a privatização dos parques do município de São Paulo. Ver BRASIL DE FATO. Privatização de parques e desmatamento: legado de Doria e Covas para o meio ambiente.2020.

princípios inclusive estamentais, religiosos, de castas. **A cidade, estruturalmente, é o lugar do desfazer essas relações hierárquicas e muito estabelecidas.** [...] A cidade é o lugar do encontro com a diferença, isso é o fundamental, e por isso ela pede uma abertura para a diferença. **Se é o lugar onde se encontra com a diferença, é o lugar onde esse encontro tem que se dar de maneira real, portanto não fundamentalista, não sectário, considerando a possibilidade de que as diferenças são construtivas.**” (WISNIK, depoimento a JORNAL NEXO, 2016)

Não é apenas o encontro com o outro. A cidade permite a sua ocupação para que a população se manifeste nas mais diversas maneiras, abrigando desde a ação mais simples e particular até a festa mais eufórica e participativa, evidenciando todas as individualidades existentes nela. Ela também permite com que a população se junte para reclamar por seus direitos, tornando-se palco tanto para o questionamento das repressões empregadas pelo sistema, quanto ao próprio sistema como um todo. Para esse efeito, como aponta Lefebvre, uma das necessidades urbanas é justamente a disponibilidade de lugares que permitam essa simultaneidade de apropriações e trocas.<sup>11</sup> Apropriações e trocas não no sentido da privatização e do comércio, mas de aferir a um lugar diferentes formas de se estar nele e lá construir novas relações. É através dessas manifestações

que os direitos da população são reivindicados, capazes de transformar e construir a cidade através dos interesses das classes trabalhadoras populares e não mais de uma pequena classe dominante. A vida urbana é potencialmente revolucionária, opondo-se, através da luta de seu povo, à norma estabelecida. “Não pode deixar de se apoiar na presença e na ação da classe operária, a única capaz de pôr fim a uma segregação dirigida essencialmente contra ela”.<sup>12</sup> Com isso, Lefebvre constrói o conceito de direito à cidade, não apenas de poder estar presente nela, mas de ter o poder de mudá-la.

Mais recentemente, Harvey retoma essa discussão em luz das manifestações populares da virada do século, as quais evidenciaram a possibilidade de exercer mudanças reais ao processo de urbanização a partir de reivindicações coletivas.<sup>13</sup> O termo passa a incorporar, neste momento, os instrumentos que legitimam esses direitos, como, por exemplo, a Carta ao Direito à Cidade, formulada no início dos anos 2000. No entanto, no momento em que o direito à cidade começou a ser amplamente reivindicado, ele entra em conflito com a organização das cidades contemporâneas, onde a propriedade privada e o lucro moldam o meio urbano reprimindo qualquer outro ator que perturbe a hegemonia do mercado. Como discutido, esse modelo está tão interligado com as instituições públicas que elas próprias agem como mecanismos para possibilitar e legitimar o controle desse mercado sobre as cidades.

<sup>12</sup> Id., *ibid.*

<sup>13</sup> Sobre isso, Wisnik destaca os Protestos de Seattle de 1999, o fórum mundial da virada do século e, em 2001, a Marcha Zapatista no México e o ataque às Torres Gêmeas. JORNAL NEXO. *Op. cit.*

<sup>11</sup> Ver LEFEBVRE, O direito à cidade. 2001. pp. 105-118.

### **Cidades para quem?**

Submetidas ao mercado financeiro, o qual não possui presença física ou necessidades humanas, as cidades deixam de fornecer às verdadeiras pessoas que a ocupam os lugares qualificados das apropriações e das trocas, como defendidos por Lefebvre. Tornam-se vazias e desprovidas de memória, lugares onde a própria população não é capaz de se sentir pertencente, homogeneizadas ao passo que até mesmo as moradias deixam de expressar a identidade de quem as habita, pois são reduzidas a simples modelos lucrativos incessantemente reproduzidos, como nos prédios beges que podem ser avistados em qualquer bairro verticalizado de São Paulo. A produção arquitetônica faz parte desse processo, tanto quando realizada pelo mercado imobiliário quanto no momento em que é desprovida de um desenho realizado na escala humana, como ocorre no planejamento urbano modernista. Na análise de Jan Gehl, essa forma de organizar as cidades, com a preocupação em desenvolver um cenário racional e simplificado, resultou na “baixa prioridade às áreas de pedestres e ao papel do espaço urbano como local de encontro dos moradores da cidade”,<sup>14</sup> substituindo-os por vias para acomodar o tráfego de automóveis. O que resta são espaços limitados, apertados, barulhentos e propensos a acidentes, reduzindo a presença das pessoas neles e, dessa maneira, esvaziando os espaços livres onde os encontros sociais deveriam

<sup>14</sup>. GEHL, Op. cit.

ocorrer. “Pela primeira vez na história do homem como colonizador, as cidades não eram mais construídas como conglomerações de espaço público e edifícios, mas como construções individuais”,<sup>15</sup> transferindo a vida urbana para grandes centros comerciais fechados, acessados por carros.

<sup>15</sup>. Id., *ibid.*

*“Em geral, as prioridades são assim elencadas: em primeiro lugar, os grandes contornos da cidade, então os edifícios e, por último, os espaços entre eles. No entanto, a experiência e décadas de planejamento urbano mostra que esse método não funciona para a paisagem humana e para convidar as pessoas ao espaço da cidade. Pelo contrário: em quase todos os casos, verificou-se a impossibilidade de garantir boas condições para a vida urbana, quando a maioria das decisões de planejamento é feita na maior escala e a proposta com a vida na cidade se reduz a tratar somente das áreas remanescentes, no quadro geral. Infelizmente, na maioria das cidades e empreendimentos, a conclusão é que a dimensão humana está, lamentavelmente, perdendo terreno.” (GEHL, 2015, pp. 196)*

Essa arquitetura, ligada à reprodução dos interesses do mercado imobiliário, despreza a presença das pessoas nos espaços livres, apagando a vida urbana ao eliminar o espaço do encontro e da troca, da construção de vínculos



<sup>16.</sup> Ver XAVIER. *Arquitetura Metropolitana*. 2007. e ORTEGOSA. *Cidade e memória: do urbanismo “arrasa-quarteirão” à questão do lugar*. 2009.

<sup>17.</sup> *Id.*, *ibid.*

<sup>17.</sup> LEFEBVRE. *Op. cit.*

e de coletividade.<sup>16</sup> A cidade torna-se genérica e estática, destituída das vivências e dos significados que antes criavam uma relação entre ela e sua população. Dessa forma, especialmente nos anos 1960, esse modelo de produção urbana passa a receber críticas duras, das quais se destaca a obra de Jane Jacobs, *Morte e Vida das Grandes Cidades* Norte-Americanas de 1961, onde a autora argumenta que a lógica racional e redutiva do urbanismo modernista, refletida no aumento drástico do tráfego de automóveis, acaba por produzir “espaços urbanos fisicamente limpos e ordenados, mas social e espiritualmente mortos”.<sup>17</sup> Na França de 1968, Lefebvre reflete sobre como a cidade, homogeneizada sob esse modelo, perde a possibilidade de estabelecer a relação de pertencimento a ela, afastando as pessoas e obrigando-as a buscar lazer e realização fora dela.<sup>18</sup> O trabalhador é reduzido a reproduzir o mesmo sistema de exploração responsável por esvaziar a vivência urbana, desencantando-se dela. Essa vontade de sair da cidade reflete a ausência do direito à cidade, dado que a realização das pessoas só ocorre alheia ao espaço urbano. As questões levantadas por ambos autores apontam para a necessidade de um planejamento urbano voltado para as necessidades e interesses da população, realizado na escala dos pedestres e preocupado em como esses enxergam e absorvem a cidade, por meio de locais de encontros e referências visuais e culturais, através dos quais se possam construir relações simbólicas com esses espaços e, ao longo

do tempo, um pertencimento a eles. No entanto, frente a um Estado submisso ao mercado financeiro, a única capaz de reivindicar esse planejamento é a própria população, através da militância. Não se trata de voltar a um modelo antigo de cidade, o qual reproduziria os mesmos conflitos que se perpetuam hoje, mas de lutar por uma nova forma de ocupá-la, garantindo o direito à vida urbana.<sup>19</sup>

E quais devem ser essas reivindicações? Tornou-se bastante claro que a garantia de direitos básicos e condições mínimas e dignas de vida são — ou deveriam ser — o mínimo a se esperar de um Estado, pois essas não serão encontradas através do mercado. Mas, juntamente a essas políticas, como é possível construir cidades realizadoras? Para isso, uma defesa forte de vários pesquisadores é que a população deve ser capaz de se enxergar nela, em sua história e cultura. A valorização de uma memória urbana, relacionada às impressões e experiências que fabricamos nesses espaços, é fundamental para entender como nos enxergamos no mundo e, conseqüentemente, como continuamos a desenhá-lo. Dado que as experiências urbanas ocorrem majoritariamente em espaços construídos, a arquitetura e o planejamento urbano cumprem um papel determinante para sediar essas lembranças, através de lugares que permitam diferentes apropriações e vivências,<sup>20</sup> tornando-se instrumentos de expressão da vida social. “Seu papel é dar forma aos sentidos de um tempo e espaços específicos; se tornar a representante e depositária dos significados

<sup>19.</sup> *Id.*, *ibid.*

<sup>20.</sup> ORTEGOSA, *Op. cit.*

<sup>21</sup>. XAVIER. Op. cit.

<sup>22</sup> LEFEBVRE. *Semantics and Semiology*. 2014. p. 117-128.

<sup>23</sup>. ORTEGOSA. Op. cit.

<sup>24</sup>. *Referência a Gaston Bachelard.*  
Id., *ibid.*

simbólicos do sistema de valores de uma sociedade”.<sup>21</sup> As pessoas possuem emoções, paixões, sentimentos e, portanto, um conjunto de surpresas que compõem a vivência urbana do inesperado e do inconstante; a arquitetura, quando realizadora, decodifica esses impulsos, potencializando as trocas sociais.<sup>22</sup> Essas, em conjunto com os significados simbólicos que os locais construídos podem carregar, os quais sugerem como o espaço será ocupado, somam-se aos poucos para compor uma narrativa de vida e uma relação com a cidade.<sup>23</sup> Cria-se, assim, o sentimento de pertencimento ao espaço urbano, o que contribui tanto para fomentar seu debate e guiar seus possíveis caminhos, assim como para continuar a construir essa vivência baseada na troca e na criação afetiva.<sup>24</sup>

“Um dos aspectos fundamentais na vida de uma cidade, portanto, é o conjunto de recordações que dela emergem: **a memória urbana é a realidade que marca nossa própria fugacidade na história, ao mesmo tempo em que anuncia a possibilidade de transcendermos nossa temporalidade individual.**” (ORTEGOSA, 2009)

**O espectro público e privado**

Contudo, esse discurso encontra grandes dificuldades para se concretizar no Brasil. Segundo a análise de Wisnik, os traços estruturais do país, advindos de sua

história colonial e escravocrata bastante recente, hoje culminam em um patrimonialismo por parte da população, adquirindo o costume de tratar de assuntos públicos como se esses fossem privados<sup>25</sup>. Como consequência, existe uma dificuldade em enxergar o espaço público como bem comum, que deve ser cuidado por todos, assim como de reconhecer nele o potencial agregador e de interesse comum para a sociedade. Os espaços livres, mesmo que bem projetados, não contribuem para a construção das vivências urbanas isoladamente, sem pessoas que o ocupem.<sup>26</sup> Para que esses sejam ocupados significativamente, as pessoas precisam se sentir convidadas a estar neles, porém esse convite historicamente entra em conflito com o modelo de produção das cidades. Portanto, essa dificuldade se traduz muitas vezes no abandono e na precarização do espaço livre e, como resposta, na sua privatização. Nesse processo, a população perde a possibilidade de reclamar por seus direitos e lutar pela melhoria desses lugares, entregando-os para o âmbito privado geri-los segundo seus próprios interesses, transformando-os, como de praxe, em objeto de consumo.

O uso privado do espaço urbano não se limita apenas às privatizações, mas também na maneira como sua ocupação ocorre. Através do urbanismo modernista, responsável por criar espaços homogeneizados e residuais, e a supervalorização do automóvel individual, com a construção de vias e a diminuição das calçadas, a cidade troca a

<sup>25</sup> WISNIK. Op. cit.

<sup>26</sup> Ver LEFEBVRE, op. cit.

presença de pessoas pela dos carros. Em um círculo vicioso, quanto maior a quantidade de automóveis na cidade, mais espaço passa a ser destinado para acomodá-los, resultando no crescimento exponencial de seu número.<sup>27</sup> As pessoas, por sua vez, perdem esse lugar, reduzindo a capacidade de utilizar os espaços livres para fins além da simples locomoção e, conseqüentemente, levando ao seu abandono.<sup>28</sup> Segundo a análise de Ana Beatriz Lima, esse fenômeno ocorre na cidade de São Paulo através do forte processo de industrialização, o qual resulta na metropolização acelerada e desordenada.<sup>29</sup> Essa rápida transformação esteve diretamente ligada à reprodução do sistema financeiro e, dessa forma, à busca pela produtividade ininterrupta, reduzindo a relação da população com a rua e o espaço livre ao simples trânsito de pessoas, de veículos e do próprio capital. Além disso, dado que São Paulo é composta por poucos elementos naturais, sua paisagem está mais diretamente relacionada ao espaço construído de prédios e vias. Como resultado, a vida pública acaba por se realizar em locais fechados<sup>30</sup>, o que torna a separação entre o público e o privado menos perceptível, ao passo que ambos configuram em conjunto o local de encontro das cidades. É nos bares, por exemplo, que se trocam histórias e discutem-se temas cotidianos.<sup>31</sup> É neles também que encontram-se novas pessoas e formam-se relações, além de gerar e mitigar conflitos com o entorno, de modo que a memória urbana está fortemente relacionada a espaços como esses. Nesse sentido, a autora Simone Luci

<sup>27</sup> GEHL. *Op cit.*

<sup>28</sup> Ver WISNIK, depoimento a MONROY. *São Paulo: Diálogos e Limites*. 2019.

<sup>29</sup> LIMA. *São Paulo Canta, Dança e Festeja (Na Rua)*. 2022.

<sup>30</sup> Como exemplo, Lima cita bares, restaurantes, centros culturais, museus, entre outros. *Id. Ibid.*

<sup>31</sup> SIMAS. *O corpo encantado das ruas*. In.: WISNIK; VIEIRA. *Futuros em gestação: cidade, política e pandemia*. 2022. pp. 45-66.

Pereira expande a definição do espaço público como locais de “acessibilidade generalizada, cujos protagonistas são indivíduos que não se conhecem, que mantêm relações instáveis e efêmeras”.<sup>32</sup> Tem-se, portanto, não apenas o uso privado do espaço público, mas também o uso público do espaço privado.

A produção arquitetônica de São Paulo na década de 1950 reflete esse fenômeno. Localizadas no centro da cidade, as galerias comerciais do Copan, Edifício Itália e Conjunto Nacional são exemplos notórios de arquiteturas que expandem o contexto urbano para dentro do edifício, com o intuito de dissolver a mudança entre público e privado, através da continuidade dos elementos que os compõem.<sup>33</sup> Particularmente no Copan, na análise de Denise Xavier, o projeto do edifício buscou incorporar o fluxo de pedestres do entorno ao conectar uma das suas extremidades à antiga passagem para a Avenida São Luís, gerando nesse atalho a motivação para passear por sua galeria. Em uma grande troca, o percurso ganha novos significados que, por sua vez, expandem o projeto para o espaço urbano, ao mesmo tempo em que se absorvem suas qualidades, herdando o caráter sinuoso da forma externa do prédio e a complexa topografia natural do lote. Com isso, “contrariando a máxima corbusiana que diz que o homem que sabe onde vai, vai em linha reta, o Copan parece querer oferecer uma desaceleração do fluxo veloz da cidade pela introdução da curva”.<sup>34</sup> Enquanto a valorização moderna do

<sup>32</sup> Pereira faz uma referência ao texto de Delgado Ruiz de 2013. PEREIRA *apud*. LIMA. *op. cit.*

<sup>33</sup> XAVIER. *op. cit.*

<sup>34</sup> *Id., ibid.*

automóvel se traduzia, por exemplo, no projeto conceitual por Le Corbusier de viadutos habitáveis no Rio de Janeiro, concebido por meio da visão distanciada da cidade, após um voo de avião sobre ela; as galerias de São Paulo de 1950, em oposição, valorizaram a escala humana e o passeio dos pedestres pela integração entre o meio urbano e o espaço privado, responsável por criar espaços atrativos que perduram e compõem a paisagem da capital até hoje.

### **Agorafobia**

No entanto, existem limites nesse modo de funcionamento. É necessário reconhecer que a vida urbana sediada em locais construídos gera ambiguidades quanto à apropriação desses espaços públicos e privados<sup>35</sup>, ao passo que esses últimos, embora propiciem experiências de dimensões urbanas, ainda estão muitas vezes ligados à lógica do consumo que permite e, portanto, dita o seu funcionamento. Mais contemporaneamente, o consumo tomou protagonismo nos momentos de lazer na cidade, traduzindo-se tanto em encontros em lugares como bares e restaurantes, mas especialmente nos shoppings. Fora do Brasil, é comum que esses edifícios possuam alguns espaços amplos e abertos ao céu, onde é possível ver outras pessoas passeando e ter alguma conexão com o exterior, às vezes até fazendo proveito da paisagem do entorno, como no Shopping Larcomar em Lima, no Peru. Em São Paulo, no entanto, eles

<sup>35</sup> LIMA. Op. cit.

se configuram quase rigorosamente como grandes galpões fechados, compostos por inúmeros corredores que poucas vezes se abrem para átrios de circulação vertical, os quais pretendem mais avistar as lojas dos demais andares do que as outras pessoas que também estão presentes nesses lugares. Até quando esses átrios promovem ocupações de algum interesse, a atividade sediada nesse ambiente está sempre diretamente ligada à venda de algo, seja um produto ou uma atividade. Até os espaços de estar estão ligados ao consumo, como nas praças de alimentação, onde a interação com outras pessoas ocorre apenas para se assegurar que essas não vão “roubar” a sua mesa, de modo que a interação social torna-se negativa, na mais pura experiência do shopping.

Os centros comerciais de maneira mais ampla, como centros empresariais, shoppings e grandes galpões, são intencionalmente isolados da cidade. Construídos em grande escala, seus interiores perdem a relação com o exterior, fechando-se em seu próprio mundo independente.<sup>36</sup> Esses espaços impessoais, projetados com o objetivo de acomodar comércio e serviços em suas mais variadas formas, são capazes de assumir qualquer configuração que desejarem no momento que lhes for oportuno. Assim, abrigam-se as constantes mudanças pelas quais o capital passa, incubando sua evolução de maneira constante, ao mesmo tempo em que se abandonam os espaços livres do entorno desses edifícios, transformando o âmbito público em resíduo indesejado. Enquanto esse modelo

<sup>36</sup> KOOLHAAS. *Bigness of the problem of Large*. 1995



de isolamento se traduz arquiteturalmente nos centros comerciais, a elite econômica brasileira também o acatou como modelo de vida, escolhendo morar em condomínios fechados e isolados e por vezes até diretamente conectados a shoppings, como no Parque Global<sup>37</sup> ou no Shopping Cidade Jardim. No caso desses empreendimentos, ambos posicionados ao lado da Marginal Pinheiros, assume-se que o acesso de seus moradores ao resto da cidade será feito através do veículo particular, sem se incomodar com a presença de outras pessoas. Não há interesse no encontro, apenas na experiência individual.

A elite econômica rechaça a própria existência do espaço público, fechando-se em locais controlados em uma grande agorafobia. Quando não é possível limitar a presença de outras pessoas nesses espaços, eles recorrem a uma arquitetura hostil, abrigando pessoas apenas quando essas estão consumindo algum produto em cafés ou utilizando esses locais para trabalho, enquanto outras manifestações não são bem vindas, especialmente no caso de pessoas em situação de rua procurando algum local para dormir, quando essa se depara com bancos com divisórias e superfícies com pregos.<sup>38</sup> “A arquitetura tradicional não é apenas uma metáfora para expor sistemas regulatórios escondidos. Ela própria é a regulação”.<sup>39</sup> Impõem-se limites de acesso, evitando o transporte público de chegar até esses lugares e impondo regras de horários, atacando diretamente a classe trabalhadora e tornando os espaços públicos tão ou

até mais restritivos que alguns locais privados.<sup>40</sup> Por fim, esses espaços são sucateados e abandonados, tornando-os perigosos e indesejáveis também ao resto da população. Como resultado, como apontado anteriormente, levanta-se a bandeira pela sua privatização<sup>41</sup>, permitindo assim exercer o controle desejado sobre eles. A cidade se consolida como um bem individual, o qual os mais pobres não podem acessar.

“Esta problemática levanta uma nova questão de suma importância acerca do espaço público na cidade de São Paulo: **a definição de um espaço como público não o torna imediatamente democrático**. Tanto a ocupação destes lugares, quanto o grau de sociabilidade que eles apresentam, e até mesmo suas características físicas e urbanísticas, diferem brutalmente dependendo do território em que estão e, conseqüentemente, da classe social que deles usufrui.” (LIMA, 2022)

**Novas ocupações**

A exclusão da população pobre do espaço urbano teve, todavia, um efeito rebote. Essas pessoas, na impossibilidade de acessar o resto da cidade, passam a ocupar as ruas de seus bairros, um dos poucos espaços urbanos disponíveis a elas, subvertendo o seu uso oficial para sediar festas e eventos locais, voltados para os próprios moradores da região.<sup>42</sup> Após anos de negligência, deixa-se de esperar

<sup>37.</sup> O Parque Global ainda está em construção, no momento quando esse texto foi escrito, mas já vende suas unidades habitacionais nesse modelo descrito.

<sup>38.</sup> Ver Iain Borden apud QUINN, Ben. Anti-homeless spikes are part of a wider phenomenon of 'hostile architecture'. 2013.

<sup>39.</sup> Traduzido livremente do inglês. SCHINDLER. Op. cit. Cabe comentar que São Paulo aprovou recentemente uma lei para barrar essa prática. Ver G1. Câmara aprova Lei Padre Júlio Lancelotti, que proíbe 'arquitetura hostil' em áreas públicas para afastar população. 2022.

<sup>40.</sup> LIMA. Op. cit.

<sup>41.</sup> Lembrar BRASIL DE FATO. Op. cit.

<sup>42.</sup> Ver LIMA. Op. cit.

<sup>43.</sup> WISNIK. *O ativismo urbano e o valor de uso do espaço público*. 2015.

<sup>44.</sup> Ver CYMBALISTA, depoimento a JORNAL NEXO. Op. cit.

<sup>45.</sup> WISNIK. Op. cit.

<sup>46.</sup> ROLNIK. *Utopias e Distopias Urbanas em Tempo de Pandemia*. 2020.

<sup>47.</sup> Traduzido livremente do inglês: “More than ever, the city is all we have”. KOOLHAAS. *Whatever Happened to Urbanism?*. 1995.

que o Estado faça alguma ação paternalista, passando a construir a vida pública por ação da própria população, de maneira horizontal e colaborativa.<sup>43</sup> Não existe mais expectativa em projetos de futuro organizados pelo governo,<sup>44</sup> “o horizonte otimista descortinado no início do milênio, com a criação do Estatuto da Cidade e do Ministério das Cidades, tendo como baliza a perspectiva de reforma urbana, se mostrou decepcionante”.<sup>45</sup> Os protestos de junho de 2013 evidenciaram, de forma complexa e entre outros desdobramentos, o descontentamento sobre a forma como as cidades vêm sendo produzidas em função de pautas neoliberais, em detrimento das necessidades da população.<sup>46</sup> Em sensação de urgência, as pessoas se voltaram para ações capazes de construir no presente uma cidade de interesse coletivo, deixando de depender de promessas colocadas no horizonte sempre distante. Dessa forma, a década de 2010 no Brasil foi marcada pela ascensão de coletivos que passaram a lutar pelo direito ao espaço público, expandindo-se para além das periferias e passando a abarcar toda a cidade. Em um passo importante, aceita-se a condição atual da cidade, não no sentido de conformar-se com o modelo que a gerou, mas porque ela é tudo que temos<sup>47</sup> e, por mais precária que seja, é apenas atuando em sua situação presente que será possível realizar alguma mudança capaz de desafiar sua normalidade. Aproveitam-se esses espaços já existentes, ocupando-os para ressignificá-los.

Almejar um futuro ideal distante substitui-se por

transformar o presente existente, através da fricção do real. Como Wisnik aponta, os movimentos que hoje reivindicam o direito à cidade, por estarem muito mais ancorados no presente, se constroem em um sentido heterotópico<sup>48</sup>, em oposição a um utópico como era comum no século XX.<sup>49</sup> Enquanto o conceito de utopia, ligado à nação-cidade-ilha de Thomas More, foi apropriado por arquitetos e urbanistas para imaginar um mundo perfeito e idealizado, aparecendo na forma de projeto tal como nos planos urbanísticos de Le Corbusier<sup>50</sup>; de modo geral, entende-se a heterotopia como a justaposição de vários espaços sobre um lugar presente — tanto espacial quanto temporalmente —, ambos os quais normalmente seriam incompatíveis.<sup>51</sup> Como resultado, contesta-se a realidade, revelando alternativas de como ela poderia existir, ou até mesmo mostrando como ela realmente é, desfazendo a ilusão que acreditamos ela ser. Na defesa de Foucault, toda sociedade possui suas próprias heterotopias nas mais variadas formas, diferentes de acordo com cada cultura e com o tempo a que pertencem. Nas sociedades contemporâneas, as mais presentes são aquelas que criam bolhas controladas reservadas àqueles cujo comportamento ou existência desvia da norma estabelecida, como clínicas, prisões e asilos, ou seja, aqueles que não são absorvíveis pelo sistema capitalista. Os movimentos de ocupação do espaço público, por sua vez, opõem-se ao sistema estabelecido, operando como heterotopias ao passo que buscam denunciar a realidade atual das cidades e oferecer

<sup>48.</sup> WISNIK, depoimento a JORNAL NEXO. Op. cit.

<sup>49.</sup> Um exemplo evidente foi a série de publicações do coletivo Archigram.

<sup>50.</sup> WISNIK. *Projeto e Destino: De Volta à Arena Pública*. 2017.

<sup>51.</sup> O cinema e o teatro são exemplos claros de heterotopias, os quais sobrepõem utopias imaginadas (peças e filmes) a um local físico. FOUCAULT. *O Corpo Utópico, as Heterotopias*. 2013.

em troca alternativas melhores de como ela poderia operar.

Essas novas ocupações, portanto, assumem uma nova forma de luta pelo direito à cidade. Elas não esperam mais que o Estado concretize suas demandas em um futuro incerto, mas passam a agir no presente, pressionando os órgãos públicos, porém com autonomia em relação a eles<sup>52</sup>, permitindo desdobramentos reais rápidos, assim como o engajamento do restante da população no debate da construção da cidade. O uso atual do Elevado Presidente João Goulart como Parque Minhocão é um dos frutos dessas ocupações, decorrente do planejamento urbano de São Paulo voltado para acomodar os carros na cidade. Desde sua inauguração em 1971, foi fator de incômodo aos moradores de seu entorno, devido ao ruído e à poluição causadas pelos carros, assim como pela degradação visual da região. Em 1989, quando a então prefeita Erundina fechou o viaduto para o trânsito de carros durante o período da noite, moradores do entorno aproveitaram o grande espaço vazio disponível, ocupando e utilizando-o como área de lazer.<sup>53</sup> Essa ação perdurou até finalmente possibilitar o diálogo com a prefeitura que oficializou esse novo uso do Minhocão, abrindo, ao mesmo tempo, o debate sobre sua possível demolição ou na conversão completa em parque. Esse debate hoje compõe o PIU Minhocão, incluso no Plano Diretor Estratégico de São Paulo pela gestão Haddad, o qual prevê a “gradual restrição ao transporte individual motorizado no Elevado”.<sup>54</sup> Advinda de uma ação autônoma, a ocupação

<sup>52</sup>. WISNIK. *O ativismo urbano e o valor de uso do espaço público*. 2015.

<sup>53</sup>. LEVY. *O Parque Minhocão e o futuro da cidade*. 2021.

<sup>54</sup>. GESTÃO URBANA SP. *PIU Minhocão*. 2020.

do Minhocão criou uma ruptura na cidade que fomentou a discussão sobre o elevado, resultando atualmente em um espaço diverso e convidativo, ocupado pelas pessoas tanto à noite, a semana toda, quanto durante o dia todo, nos finais de semana. Na esfera pública, há também a elaboração de estudos oficiais, oficinas e audiências públicas para decidir seu destino.

*“Em torno de 2010, alguma coisa mudou que fez com que as pessoas comesçassem a ocupar intensamente o Minhocão aos domingos e usá-lo de fato como um espaço público, um parque. E tem um aspecto simbólico importante que é a ideia de que o Minhocão, quando ele foi feito, sacrificou o espaço público em nome do carro. E hoje é bonito você pegar essa estrutura do carro, de asfalto horrível, e sacrificá-la em nome do espaço público de novo. Então manter e falar, agora é parque!”*  
(WISNIK, depoimento a MONROY, 2019)

**Vago**

Embora o uso do Minhocão como parque tenha alcançado a esfera pública, ele configura apenas uma ação pontual na cidade, não sendo capaz — e nem pretendendo ser — de resolver o “carrocentrismo” de São Paulo<sup>55</sup>. Ainda sim, o debate levantado sobre a disputa do território urbano entre os carros e as pessoas atingiu desdobramentos

<sup>55</sup>. LEVY. *Op. cit.*

significativos na cidade, tornando-se um grande exemplo de ocupação do espaço público. O ponto de interesse nesse processo é a subversão de um local destituído de identidade e história, representado pela via elevada, em ponto de lazer e permanência em uma cidade como São Paulo. Enquanto existem ambientes que impõem certas atividades e formas de apropriação, projetados com a intenção de sediá-las e explorar seus desdobramentos, há também o seu contrário: espaços neutros, os quais não restringem nenhuma ação, embora não forneçam suporte para elas acontecerem.<sup>56</sup> A ausência de barreiras incentiva ocupações que não seriam possíveis ou que encontrariam resistência para ocorrer em outros lugares, fazendo-se possível não através de apoios advindos do ambiente, nesse caso inexistentes ou insuficientes, mas da ação das próprias pessoas, fabricando o espaço que elas estiverem dispostas a construir.

Em oposição ao lugar que possui história e identidade, aquele não as possui pode ser definido como não-lugar<sup>57</sup>. Embora se assemelhe etimologicamente à utopia em seu sentido de negação, o não-lugar nas cidades, fazendo uso do termo *non-place* empregado por Augè, se assume como existente e essencialmente real, intrinsecamente urbano. Dado que ele foge na norma de seu entorno, é possível entendê-lo como uma heterotopia, a qual cria aberturas para opor-se à realidade existente. Desprovido de significado, o não-lugar urbano ressona com aqueles que não enxergam propósito na cidade, por terem sido excluídos da mesma sem

qualquer perspectiva de acolhimento. Ao mesmo tempo, é um espaço sem hierarquias, tal qual o espaço público pretende ser. É vago, sendo ao mesmo tempo espacialmente vazio e simbolicamente ambíguo, evocando a expectativa do que pode se tornar. Aberto às experiências dispostas a serem sediadas nele, o não-lugar se torna as ações das pessoas, desligadas de expectativas e regras exteriores. Dessa forma, configura-se como a imagem negativa do sistema urbano, uma crítica tanto quanto uma possível alternativa, em contraposição ao poder que a cidade exerce<sup>58</sup>. Segundo Solà-Morales, “as partes mais atrativas de uma cidade são precisamente aquelas zonas onde ninguém fez nada”<sup>59</sup>, pois são onde há possibilidade tangível de futuro, de algo novo.

“Convidado para pronunciar-se no Círculo dos Estudos Arquiteturais de Paris em 1967, Foucault declararia que o espaço urbano não é vazio nem neutro, e sim um conjunto móvel de relações descontínuas. Passada a euforia neoliberal dos anos 1980-2000, movimentos antiglobalização ganharam força desde o início dos anos 2000. Até hoje, **diante das forças hegemônicas manifestam-se formas de heterotopia manifestadas por grupos que se apropriam de espaços públicos com reivindicações sociais e políticas ligadas aos próprios lugares por eles ocupados, na tentativa de humanizá-los.**” (WISNIK, 2017)

<sup>56</sup> SOLÀ-MORALES. *Terrain Vague*. 1995.

<sup>55</sup> Referência ao arquiteto Hans Kollhoff, diretor de Asas do Desejo (1987). WISNIK. *Dentro do Nevoeiro*. 2018.



<sup>60.</sup> WISNIK. *Projeto e Destino: De Volta à Arena Pública*. 2017.

<sup>61.</sup> “Mais que nunca, a cidade é tudo que temos”. Ver KOOLHAAS. *Op. cit.*

<sup>62.</sup> WISNIK. *Para onde ia o mundo no momento em que, de repente, ele parecia não ir mais a lugar nenhum?*. In.: WISNIK; VIEIRA. *Futuros em gestação: cidade, política e pandemia*. 2022. pp. 25-34.

O urbanismo modernista da tábula rasa e de desprezo pela escala humana recusou a cidade como ela verdadeiramente é, instável e imperfeita, porém real,<sup>60</sup> ignorando que a luta para construí-la de maneira realizadora ocorre no presente, não pelo gesto projetual de algum gênio solitário, mas através da ação coletiva de sua população. O descontentamento com a cidade contemporânea inspirou novas formas de resistir ao seu modelo, deixando de esperar que algo novo e melhor aparecerá para substituí-lo, passando a assumir a cidade pelo seu caos, só assim sendo capaz de discutir seu futuro a partir de ações no presente.<sup>61</sup> É nesse sentido que o sucesso do Parque Minhocão se apoia, apropriando-se do espaço vazio, tanto materialmente quanto de sentido e história, rompendo relações com o Estado e estabelecendo novas ocupações da cidade. Como Wisnik aponta, as ruas, responsáveis por sediar manifestações que lutam pelos direitos da população, assumem-se como “espaços de afirmação de liberdade e de identidades múltiplas”.<sup>62</sup> Ambos caracterizados como lugares indefinidos e em constante mudança, as ruas se diferem, no entanto, das megaestruturas e dos grandes galpões destinados a receber o capital nas suas mais variadas formas, operando contra o consumo que rege os espaços públicos e privados e construindo novas urbanidades.

Mais uma vez, a discussão do direito à cidade retorna; é necessário lutar por uma vida urbana digna e realizadora. Isso não ocorrerá passivamente, pois se isentar significa

permitir que o modelo atual das cidades se perpetue e se intensifique. É apenas entendendo a condição atual da cidade como ela realmente é que se pode começar a mudá-la. Ou, nas palavras de Nestor Garcia Canclini, “só através da reconquista criativa dos espaços públicos, do interesse pelo público, o consumo poderá ser um lugar de valor cognitivo útil e agir significativa e renovadoramente na vida social”.<sup>63</sup> O espaço vazio, produzido em série na forma de terrenos vazios, empenas cegas, estacionamentos e vias, pode não ser nada, representando o esvaziamento da vida nas cidades; mas pode também significar o espaço para novas ocupações, que desafiem o mesmo modelo que os produziu. Se esses ambientes são indefinidos, não restringindo ações, mas também não as incentivando, eles também são ambíguos, dependendo do debate coletivo para decidir como serão organizados.<sup>64</sup>

*“Num período em que os ideólogos discorrem abundantemente sobre as estruturas, a desestruturação da cidade, manifesta a profundidade dos fenômenos de desintegração (social, cultural). Esta sociedade, considerada globalmente, descobre que é lacunar. Entre os subsistemas e as estruturas consolidadas por diversos meios (coaçoão, terror, persuasão ideológica) existem buracos, às vezes abismos. Esses vazios não provêm do acaso. São também os lugares do possível. Contêm os elementos deste possível, elementos*

<sup>63.</sup> CANCLINI, Nestor Garcia *apud*. LESSA. *Cartas ao Mundo*. 2022.

<sup>64.</sup> ARRUDA. *Arquitetura da Liberdade: A Experiência do Comum*. 2016.

*flutuantes ou dispersos, mas não a força capaz de os reunir. Mais ainda: as ações estruturantes e o poder do vazio social tendem a impedir a ação e a mais simples presença de semelhante força. As instâncias do possível só podem ser realizadas no decorrer de uma metamorfose radical.” (LEFEBVRE, 2001)*

**Contra tudo e todos**

Essas ressignificações, porém, não se constroem sem resistência: ao perturbarem a hegemonia neoliberal, essa responde com uma grande onda reacionária. O simples ato de restringir onde e quando os automóveis individuais podem circular por si constitui como ataque direto ao sistema vigente. Durante o início da implementação do programa Paulista Aberta, tanto moradores quanto comerciantes da região se opuseram à medida que buscava criar um local acessível de lazer, por restringir o acesso de veículos e, presumidamente, diminuir o fluxo de clientes.<sup>65</sup> O próprio Ministério Público tentou barrar a implementação do programa, pretendendo aplicar multas de R\$ 50 mil toda vez que a prefeitura fechasse a via para carros.<sup>66</sup> O programa foi aprovado apenas após provar que nenhum desses fatores seria prejudicado,<sup>67</sup> deixando clara a hierarquia das atividades na cidade. A onda de ódio reacionário no Brasil recente não responde apenas à “perda” desses espaços, mas especialmente pela presença cada vez maior da população

pobre nos mesmos locais que eles, após um breve período de ascensão econômica dessa classe. Por isso, como Preta Rara afirma, não se surpreende ouvir do próprio ministro da economia do país a afirmação que trabalhadoras domésticas conseguem viajar à Disney era uma “festa danada”.<sup>68</sup>

**“Essa sua fala é triste, mas, de novo, não me surpreende.** Esse é o pensamento de grande parte da elite brasileira, que quer deixar “cada um no seu devido lugar”, que “não se mistura”, que acha um absurdo um pobre e/ou preto ter o mesmo direito que eles ao lazer, à educação, à habitação – e, como você [Paulo Guedes], fala sobre isso com a maior naturalidade, nem consegue se atentar ao absurdo dessas considerações.” (PRETA RARA, 2020)

O ministro Paulo Guedes representa a classe que não é capaz de compartilhar o elevador com o trabalhador, separando-o no elevador de serviço, muito menos se deparar com ele no aeroporto, não se envergonhando em afirmar: “ultimamente tem um monte de pobre no avião, sinto o cheiro de longe, nem viajar a gente pode mais tranquilo”.<sup>69</sup> A elite econômica passou a defender o modelo de país que não se limita a desmontar estruturas e políticas sociais conquistadas durante os governos Lula e Dilma, mas também de completamente destruí-las.<sup>70</sup> Desde os protestos de 2015 pelo impeachment da então presidenta Dilma Rousseff, intensificou-se o discurso de ódio ao

<sup>68</sup> PRETA RARA. Ministro Paulo Guedes, fui empregada doméstica e preciso te dizer uma coisa. 2020.

<sup>69</sup> CARTA CAPITAL. “Ultimamente tem um monte de pobre no avião, sinto o cheiro de longe”. 2020.

<sup>70</sup> WISNIK. Op. cit.

<sup>65</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. Fechar avenida Paulista é marketing e traz prejuízo, diz associação. 2015.

<sup>66</sup> G1. Ministério Público multa Prefeitura em R\$ 50 mil por fechamento da Paulista. 2015.

<sup>67</sup> Foi usado o argumento que restringir o trânsito de veículos na avenida prejudicaria o acesso aos hospitais da região, o que não se provou verdade, segundo esses próprios hospitais. CARTA CAPITAL. Uso da Paulista para manifestações ou lazer não é problema, dizem hospitais. 2015.

outro, desconstruindo valores de civilidade — defendendo o armamento e exaltando a ditadura militar, por exemplo — e estabelecendo uma nova normalidade onde políticas públicas, por mais falhas que fossem, são apenas memórias distantes.<sup>71</sup> Sempre houveram fortes objeções ao rumo que o país tomou, mas a opinião pública pouco importa frente ao Estado submetido ao mercado. Esse último, sentindo-se confrontado frente às novas ocupações da cidade, tomou a frente para silenciar a oposição e garantir sua liberdade.<sup>72</sup> Com o governo Bolsonaro, flerta-se constantemente com o autoritarismo, tornando-o instrumento para assegurar a implementação de suas pautas econômicas, contra tudo o que se construiu no país até então.

*“Eles sabem que necessitam de um poder disposto a intervir em todos os poros da vida social a fim de impedir o desenvolvimento da contestação e da crítica. Eles precisam de um Estado agora muito mais forte contra tudo o que lhe conteste, seja isto vindo da educação nacional, das artes ou das organizações sociais. [...] Neoliberais não suportam uma sociedade com contestação. Eles atiram quando o povo mostra seu descontentamento.”* (SAFATLE, 2019)

Ministérios, políticas públicas e empresas são dinamitados, sem serem substituídos por nada. “A Nova República acabou em 2016. O Bolsonaro foi só a pá de cal,

ele não começou nada”<sup>73</sup> O Bolsonarismo é a negação de qualquer possibilidade de construção: uma antifeminista no ministério que faz a política das mulheres, um presidente da Fundação Palmares que é negro e nega o racismo, um ministro do meio ambiente que promove políticas de desmatamento<sup>74</sup> e é investigado pela exportação ilegal de madeira<sup>75</sup>. O próprio presidente afirmou que seu plano de governo não era construir nada novo, mas sim desfazer aquilo que havia antes.<sup>76</sup> Personificando o ódio da elite econômica do país, alastrado nos últimos anos em resposta ao desenvolvimento social que vinha lentamente se construindo, “existe um sistema que diz concretamente que o Bolsonaro é o novo normal”<sup>77</sup>, como alerta Tainá de Paula.

Contudo, não é possível atribuir a ascensão do bolsonarismo apenas à reação da direita brasileira. O Estado, muito antes disso, não esteve presente nas periferias e nas favelas - ou melhor, quando estava, era na forma de repressão policial.<sup>78</sup> Como Raquel Rolnik bem coloca, a maior parte da população vive abandonada pelo poder público, em casas construídas autonomamente a partir dos piores espaços disponíveis das cidades. “É apenas com o esforço próprio que constrói algo. Assim, não há interesse em uma política vinda de cima, impositiva, que ignoram o modo de vida e organização dessas populações”<sup>79</sup> Parte dessa população adere então ao movimento antipolítico, não esperando nada mais do governo a não ser que pare de atrapalhar suas lutas individuais e diárias de sobrevivência.<sup>80</sup> Esse sentimento

<sup>73</sup> HADDAD. O país da corda esticada. In.: WISNIK; VIEIRA. Op. cit. pp. 319-340.

<sup>74</sup> PAULA, Op. cit.

<sup>75</sup> G1. Salles é investigado por suposto envolvimento em esquema de exportação ilegal de madeira. 2021.

<sup>76</sup> VALOR. Nós temos é que desconstruir muita coisa, diz Bolsonaro durante jantar. 2019.

<sup>77</sup> PAULA, Op. cit.

<sup>78</sup> Fala de G. Wisnik em CARVALHO. A importância do Estado em tempos difíceis. In.: WISNIK; VIEIRA. Op. cit. pp. 363-382.

<sup>79</sup> ROLNIK, Op. cit.

<sup>80</sup> Cometário agora de Laura Carvalho. CARVALHO. Op. cit.

<sup>81</sup>. FOLHA DE SÃO PAULO. *Eleição de Tiririca é caso de voto de protesto, diz analista*. 2010.

<sup>82</sup>. BOULOS, A esquerda na encruzilhada. In.: WISNIK; VIEIRA. Op. cit. pp. 405-427.

<sup>83</sup>. Diversos outros fatores contribuíram para a ascensão de Bolsonaro, os quais abrem espaço para outras discussões para além do escopo desse trabalho (ou desse capítulo, pois se discutirão as fake news no capítulo seguinte). O livro “Futuros em gestação” de Wisnik e Vieira, cujos textos foram citados diversas vezes aqui, possui várias frentes de debate nesse tema, como o texto de Vladimir Safatle, “Fazer a imaginação social andar para a frente”, no qual ele aponta como a relação não resolvida do Brasil com seu passado colonial, escravocrata, fascista e ditatorial reverbera em nosso cotidiano até hoje.

<sup>84</sup>. ROLNIK. Op. cit.

de aversão ao âmbito público cresceu dentro de todas as classes sociais, especialmente na última década, traduzida pela eleição de Tiririca como o deputado federal mais votado do país em 2010, sob o bordão “pior do que tá não fica”, mostrando que seus eleitores não estavam preocupados em eleger alguém para lutar por suas demandas dentro do parlamento, mas justamente em alguém que explicitamente não representasse pauta nenhuma, em forma de protesto.<sup>81</sup> Anos depois, essa falência da crença no sistema político, somada à crise econômica e social que o país vinha enfrentando, foi apropriada pela direita<sup>82</sup> para rechaçar qualquer governo progressista e então eleger Bolsonaro<sup>83</sup>.

**O movimento nasce na rua**

Frente a esse novo panorama político de destruição de qualquer bem coletivo construído até o momento, ressurge então a questão: como podemos construir cidades realizadoras? A resposta nunca será objetiva, mas a discussão levantada por Rolnik leva a um caminho importante. Reafirma-se a urgência de garantir direitos básicos de vida como ponto de partida mínimo, o que necessariamente implica no fim do modelo político do governo Bolsonaro. Contudo, para além disso, a resposta não está na volta ao modelo anterior, pois esse também era falho, mas sim em repensar a própria organização e construção da cidade.<sup>84</sup> Para isso, aponta-se novamente

à necessidade de mobilização da sociedade, através de movimentos sociais que ocupem a cidade para reivindicar os direitos da população. Os espaços livres necessariamente serão palco da construção de uma nova urbanidade. Esses são capazes de abrigar ocupações das mais diversas, de cotidianas até contra-hegemônicas, ambas tratadas como igualmente importantes. Embora esses espaços não sejam capazes de criar rupturas isoladamente, as ações sediadas neles têm a força para engajar a população e, com isso, conferir-lhe forças para conquistar reivindicações importantes. Como prontamente afirma Guilherme Boulos, “o movimento nasce na rua”,<sup>85</sup> sendo ele historicamente responsável pelas grandes conquistas de direitos sociais no mundo.

<sup>85</sup>. BOULOS, Op. cit.

“Com efeito, ainda que as ações concretas de urbanismo tático e resistência a projetos de privatização de espaços de interesse público promovidas por esse grupos ativistas sejam pontuais e insuficientes diante da escala e complexidade das grandes capitais brasileiras, elas são formadoras de uma nova e importante consciência cidadã. ‘A cidade é nossa, ocupe-a’, diz o slogan do Ocupe Estelita, ao lado de outro chamado ‘Recife cidade roubada’. Queremos as cidades de volta. Não por seus valores de troca, mas por seus valores de uso.” (WISNIK, 2015)



<sup>86.</sup> MACIEL. *Muito Além da Sombra do Viaduto*. 2015.

<sup>86.</sup> Entre diversos outros casos, ver G1. *Bolsonaro chama coronel Brilhante Ustra de 'herói nacional'*. 2019.

<sup>88.</sup> MARIZ *apud*. GRINOVER. *Simultâneo e Transversal: Desenho e Crítica - Apontamentos para Laboratórios de Ensino de Projeto na FAUUSP*. 2021.

“O valor de uma obra arquitetônica, como dizia Paul Valéry, está relacionado não à obra em si, mas nos desdobramentos que ela possibilita na sua ocupação por outras pessoas”.<sup>86</sup> A arquitetura tem o papel fundamental de projetar lugares de encontro, potencializando novas ocupações que não apenas aquelas ligadas aos interesses do mercado, inclusive muitas vezes com o objetivo de se opor a ele. Essa não é uma demanda utópica, mas histórica e constante. Com a redemocratização do Brasil, após o período da ditadura militar com qual o governo Bolsonaro flertou abertamente,<sup>87</sup> abriram-se experiências para se projetar junto à população, mostrando que a renovação social só foi possível através dos espaços livres da cidade, nos quais as disputas por uma nova agenda urbana teve o palco necessário para revisitar a discussão sobre o futuro das cidades.<sup>88</sup> Nesse processo, o Estado, embora tornado um agente de proteção do patrimônio privado, não deve ser renegado: através da pressão popular, tal como no exemplo do Minhocão, é ele quem poderá, institucionalmente, implementar políticas de interesse coletivo.

A cidade é tudo que temos. Para mudá-la, é preciso lidar com sua condição atual, entendendo os fatores que a moldaram, tanto positiva quanto negativamente, e não esperando que os problemas sejam resolvidos pelo Estado ou por entidades privadas sem pressão popular. Assim, é necessário ocupar os espaços residuais, frutos da produção urbana voltada a interesses unicamente econômicos, os

aceitando não como são ou pelo que representam, mas por comporem a paisagem atual da cidade e pelo grande potencial transformador que possuem. Lutar contra esse modelo através de suas frestas, fissurando-as para rompê-las. Nesse processo, a mobilização popular é definitiva para decidir os rumos da cidade, reivindicando direitos e batalhando por um futuro coletivo. Na cidade heterotópica, abrem-se janelas para novos mundos possíveis.



*distanciamento social: físico e digital*

(pg. anterior) Peter Bialobrzeski, *Lost in Transition* 20 (2005)

<sup>1</sup>. Traduzido livremente do inglês: “There is no cloud, it’s just someone else’s computer”. Frase comumente utilizada por programadores ligados a movimentos de software livre.

**“Não existe a nuvem, é apenas o computador de outra pessoa.” <sup>1</sup>**

**A experiência urbana**

A experiência urbana está diretamente ligada ao encontro com as diferentes pessoas da cidade, assim como aos lugares onde esses encontros acontecem. No ambiente urbano, estão situadas as lembranças que tecem as narrativas de nossas vidas, construindo as interpretações do mundo à nossa volta. É nele que se formam relações sociais, lidam-se com as diferenças e reivindicam-se os direitos da população, almejando a melhoria dessas cidades. A partir de suas múltiplas espacialidades, é o próprio território urbano que sugere e potencializa a maneira como ele é ocupado, tanto intencionalmente, determinando usos específicos de um local e dando apoio para esses ocorrerem, quanto na ausência desse planejamento, no esvaziamento de seu sentido ou mesmo na sua completa subversão. Nesse último caso, ao deixar de direcionar sua ocupação a um número fechado de atividades, abre-se a possibilidade de infinitas outras se manifestarem, especialmente aquelas que se opõem ao funcionamento normal — e por vezes imposto —

das cidades. A vida na cidade possui, portanto, uma relação inseparável com seu espaço físico.

“O homem habita quando pode se orientar e se identificar com um ambiente, ou, em suma, quando vivencia o ambiente como significativo”.<sup>2</sup> Uma cidade realizadora, segundo Norberg-Schulz, constrói uma relação de identificação e de pertencimento a esses espaços, de modo que seus habitantes sintam-se seguros e convidados a estarem presentes neles. Da mesma maneira, essa familiaridade abre a porta para o devaneio,<sup>3</sup> o qual permite conhecer a cidade para além do que se está acostumado e descobrir como ela e sua população se manifestam em diferentes lugares, formando novas relações sociais e espaciais. Por outro lado, a impossibilidade do devaneio restringe novas maneiras de habitar e conhecer a cidade, limitando a experiência urbana a um número limitado de lugares, especialmente ao trajeto casa-trabalho da classe trabalhadora. Para essas pessoas, tal como Lefebvre discute, a relação com a cidade torna-se sufocante, reduzida apenas à exploração do trabalho, sem a perspectiva de qualquer realização pessoal ocorrer nela.<sup>4</sup>

**O fim do espaço público**

No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (WHO) declara a caracterização da COVID-19 como pandemia, recomendando a adoção do distanciamento social e de quarentenas para mitigar as consequências

<sup>2</sup> Tradução dos autores. NORBERG-SCHULZ *apud* SOUZA; KÓS. *O habitar na pandemia da Covid-19: a transição para lugares virtuais*. 2020.

<sup>3</sup>. SOUZA; KÓS, *ibid.*

<sup>4</sup>. LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. 2001.

<sup>5</sup>. WORLD HEALTH ORGANIZATION. WHO announces COVID-19 outbreak a pandemic. 2020.

<sup>6</sup>. BEIGUELMAN. Coronavida: pandemia, cidade e cultura urbana. 2020..

<sup>7</sup>. WISNIK. Para onde ia o mundo no momento em que, de repente, ele parecia não ir mais a lugar nenhum?. In.: WISNIK; VIEIRA. Futuros em gestação: cidade, política e pandemia. 2022. pp. 25-34.

<sup>8</sup>. Número no momento em que essa passagem foi revisada. Ver <<https://covid.saude.gov.br>> Acesso em 29 nov. 2022.

<sup>9</sup>. RAMOS, Nuno. A destruição minuciosa de tudo. In.: WISNIK; VIEIRA. Op. cit. pp. 181-200.

<sup>10</sup>. Aqui, Beiguelman separa os janelões dos painéis, pelo emprego do último nos protestos pelo impeachment da presidenta Dilma Rousseff, quando “protestar pelas janelas era uma opção de quem decidiu não ir às ruas”. BEIGUELMAN. Op. cit.

da situação. Escolas, universidades e empregos passam a adotar o modelo remoto, sempre que possível.<sup>5</sup> O discurso pela ocupação das cidades é abruptamente interrompido e invertido, substituindo o encontro pelo medo e evitando-se ao máximo estar na presença do outro. Como Giselle Beiguelman aponta, anuncia-se “uma cultura urbana do isolamento, da ojeriza ao contato físico”, fazendo do espaço público a sua primeira vítima fatal.<sup>6</sup> Enquanto isso, no Brasil, a fobia ao outro se intensifica frente à parcela negacionista da população que escolhe desprezar o confinamento, abrindo mão não apenas de proteger a si mesmos, mas escolhendo ignorar qualquer mal que possam levar ao outro.<sup>7</sup> Esses negacionistas, muitas vezes os mesmos que antes da pandemia rechaçavam os espaços públicos pela sua possibilidade do encontro o diferente, passaram a ocupá-los com o objetivo de opor-se às recomendações de isolamento e proteção coletiva, reproduzindo o discurso bolsonarista de desdém à situação e, com isso, assumindo a postura genocida do governo que levou ao óbito de 689 mil brasileiros,<sup>8</sup> normalizando essas mortes.<sup>9</sup>

Diante do negacionismo por parte do próprio governo, a pandemia ganha um caráter político e ideológico. Na inviabilidade de protestar nos espaços públicos, nas ruas e calçadas, as manifestações se moveram para os edifícios, através dos “janelões” e de projeções audiovisuais nas fachadas e empenas cegas desses.<sup>10</sup> O principal ator desse movimento foi a rede Projetemos, sob o lema “se

organizar direitinho, todo mundo projeta”,<sup>11</sup> fazendo o uso das redes sociais para divulgar em massa as projeções realizadas em conjunto com outros artistas, assim como disponibilizando uma plataforma aberta para permitir com que qualquer um com acesso a um projetor também possa escrever mensagens e manifestar-se pelas empenas cegas, buscando a mesma horizontalidade antes encontrada nas ruas. Cria-se uma nova forma de apropriação das cidades, transformando seus espaços residuais, antes estáticos e vazios de significado, em palcos de manifestações em constante mudança, ancoradas no presente e respondendo a acontecimentos em tempo real.<sup>12</sup>

*“As insatisfações subiram, na forma de imagens, literalmente pelas paredes, e a empena foi convertida na nova ágora dos tempos da coronavírus. O confinamento deu vazão a outras formas de ativismo e as estéticas construídas através das janelas.”* (BEIGUELMAN, 2020)

### O fim da verdade

A janela é o portal para o mundo. Espaço de protestos durante o isolamento social, ela foi também, no começo da internet, usada para denominar os ambientes virtuais que estavam sendo criados, os quais passariam a nos abrigar durante a pandemia. Concebida inicialmente como um espaço próprio, além do mundo físico, a internet utilizou-

<sup>11</sup>. Ver Projetemos. Disponível em <<https://www.projetemos.org/>> Acesso em 29 nov. 2022.

<sup>12</sup>. Ver BEIGUELMAN. Op. cit. e MCQUIRE, S. The politics of public space in the media city. 2006.



<sup>13</sup>. SOUZA; KÓS. Op. cit.

se de termos espaciais como site, espaço, endereço, sala e janela para denominar seus diferentes ambientes,<sup>13</sup> os quais, similarmente ao espaço público, passaram a possibilitar trocas com outros indivíduos, porém sem a necessidade desses estarem presentes no mesmo local físico ou no mesmo tempo que eles. Ao passo que esses ambientes assíncronos vêm crescendo em número e em usuários desde a popularização da internet, é durante a pandemia, na impossibilidade de encontrar fisicamente outras pessoas, que essa forma de comunicação torna-se a única alternativa de contato externo com o mundo. Enquanto a vida se confinou diariamente aos mesmos cômodos, foi através dos ambientes virtuais que a vida cotidiana passou a ocorrer, de trabalhos remotos até conversas entre amigos e familiares.

Com o distanciamento social, a internet tornou-se para muitos o único contato com o mundo exterior, não apenas sediando relações sociais, mas servindo como fonte de informações importante para acompanhar as constantes mudanças dessa situação anormal.<sup>14</sup> Com a internet, as dúvidas que antes dependiam de ser respondidas por especialistas ou consultando bibliografias dedicadas e pouco acessíveis hoje têm respostas rápidas e amplamente disponíveis em sites de buscas, especialmente através das redes sociais, as quais não apenas disponibilizam as respostas desejadas, mas também facilita compartilhá-las com outras pessoas dentro de redes de contatos. É inegável que as redes sociais foram capazes de disseminar conteúdos benéficos à

situação, através de informações de especialistas do campo da saúde e de autoridades engajadas em mitigar a situação, de modo que o uso dessas redes esteve relacionado com a adoção de medidas mais preventivas por seus usuários.<sup>15</sup> Contudo, como essas redes possibilitam e, acima de tudo, encorajam a criação de conteúdos pelos seus usuários,<sup>16</sup> os quais muitas vezes não são especialistas na área; muitas das informações compartilhadas são equivocadas — ou mesmo propositalmente falsas —, tornando-se difícil encontrar e discernir fontes de informação confiáveis.<sup>17</sup> No caso brasileiro, com um ministério da saúde omissivo<sup>18</sup> e um presidente que constantemente debochou da fragilidade da situação,<sup>19</sup> nem mesmo as orientações feitas pelas autoridades oficiais do país puderam ser confiadas, obrigando sua população a garimpar por informações pela internet, sem a garantia de sua veracidade.

A guerra informacional cresceu exponencialmente nos últimos anos, com o aumento do alcance das redes sociais no debate público. As mídias tradicionais profissionais, como o jornal e a televisão, vêm perdendo seu espaço como formadoras de opinião pública para conteúdos criados autonomamente no meio digital. Nesse sentido, embora a internet tenha sido associada à democratização da informação durante sua popularização, nos anos 1990, rompendo justamente com o monopólio dominado por grandes veículos de comunicação tradicionais<sup>20</sup> e abrindo as portas para o debate público mais amplo e horizontal;

<sup>15</sup>. Id., *ibid*.

<sup>16</sup>. Frases como “o que está em sua mente?” (Facebook) e “o que está acontecendo?” (Twitter), convidam usuários a exporem pensamentos.

<sup>17</sup>. ELBARAZI et al. Op. cit.

<sup>18</sup>. O país atingiu 100 mil mortos enquanto o ministério da saúde ficou sem um ministro por 3 meses. Ver CARTA CAPITAL. Brasil completa três meses sem ministro da Saúde definitivo. 2020. Além disso, o Ministério da Saúde ignorou a oferta de vacinas que poderiam ter salvo milhares de vidas. Ver SENADO NOTÍCIAS. Representante da Pfizer confirma: governo não respondeu ofertas feitas em agosto de 2020. 2021.

<sup>19</sup>. Ver PODER360. 2 anos de covid: Relembre 30 frases de Bolsonaro sobre pandemia. 2022.

<sup>20</sup>. Fala de Wisnik em MELLO, Patrícia Campos. Política, imprensa e violência digital. In.: WISNIK; VIEIRA. Op. cit. pp. 341-362

<sup>14</sup>. ELBARAZI, I et al. The Impact of the COVID-19 “Infodemic” on Well-Being: A Cross-Sectional Study. 2022.

<sup>21</sup> Isso se mostra especialmente verdade no meio acadêmico. Ver CROSS. So, You Want Twitter to Stop Destroying Democracy. 2022.

<sup>22</sup> Ver MELLO. Op. cit.

<sup>23</sup> Ver BEIGUELMAN. Redes reais: arte e ativismo na era da vigilância compartilhada. 2019.

ela acabou se configurando apenas como um repositório de dados, o que por si só é bastante valioso, mas que por outro lado mostrou-se em maior parte desinteressada em abordá-los em discussões aprofundadas.<sup>21</sup> Pelo contrário: para a informação ganhar notoriedade no meio digital, essa deve ter a capacidade de gerar interesse instantâneo de forma concisa e superficial — em um *tweet* de 280 caracteres ou numa imagem no *feed* do Instagram —, ignorando qualquer discussão mais complexa à qual possa se apoiar. Enquanto isso, a veracidade das afirmações nas redes sociais parece estar relacionada à quantidade de compartilhamentos que ela recebe, ganhando aspecto de consenso e opinião pública, não importando se está necessariamente correta. Acaba-se por criar verdades fabricadas, discursos sem base teórica utilizados para atacar e discordar daqueles realmente fundamentados,<sup>22</sup> em prol da defesa um ponto de vista pessoal. Com isso, cria-se o cenário onde a fonte confiável e embasada, por ter alcance menor, possui menos credibilidade do que as opiniões de personalidades populares nas redes sociais,<sup>23</sup> não por pouco chamadas de “influenciadores digitais”.

*“Se antes as dúvidas que se tinha sobre os mais variados assuntos precisavam ser respondidas com base no conhecimento acumulado das pessoas, ou na busca de informações em enciclopédias volumosas e em bibliotecas, hoje, através da internet, essas*

*respostas são imediatas e assertivas, ainda que não necessariamente corretas. Assertividade autoconfiante que se prolonga e se propaga no comportamento mediano das pessoas nas redes sociais.”* (WISNIK, 2018)

**Manipulação política**

Transpondo o conceito de simulacro proposto por Jean Baudrillard para o contexto da “tela total”, composta pelas televisões, computadores e celulares; Ricardo Fabbrini apresenta o esvaziamento da experiência contemporânea, onde tudo está dado de maneira obscura e superficial, incapaz de se aprofundar além de seu sentido imediato.<sup>24</sup> Nesse sentido, o excesso de signos, os quais compõem as infinitas imagens que nos são bombardeadas incessantemente no meio digital, teria produzido paradoxalmente a “deflação de sentido” dos mesmos. No simulacro, o que se percebe como real é moldado por um modelo que o precede, enquanto a imagem se apresenta como verdade instantânea, aceita como tal sem questionamentos e ausente de qualquer reflexão sobre seu conteúdo, justamente porque esse foi esvaziado de significado. Ao mesmo tempo em que os avanços tecnológicos das últimas décadas tornaram o mundo complexo demais para ser compreendido por não-especialistas, a ampla disponibilidade de conteúdo instantaneamente acessível, blindada por sua assertividade profética, ambas são responsáveis por dar convicção sobre

<sup>24</sup> Fabbrini discute aqui “Simulacro e simulação”, de Jean Baudrillard. FABBRINI. Imagem e enigma. 2016, pp. 240-262.

<sup>25</sup> WISNIK. *Dentro do Nevoeiro*. 2018.

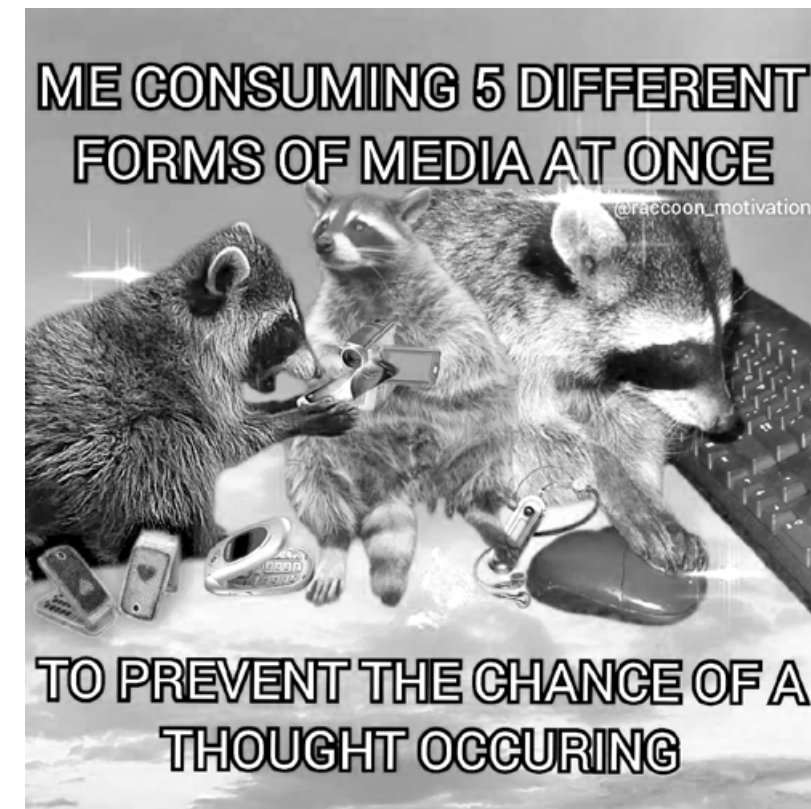
qualquer assunto que se deseje discutir hoje.<sup>25</sup> Se antes os debates eram prejudicados pela alienação, pela falta de conhecimento, hoje se percebe a situação contrária: o excesso de informação e a certeza de sua veracidade, mesmo que essa não seja comprovada. Prenunciado por Saramago em *Ensaio Sobre a Cegueira*, tornamo-nos cegos frente ao clarão branco leitoso da superexposição.

*“O território já não precede o mapa, nem lhe sobrevive. É agora o mapa que precede o território – precessão dos simulacros – é ele que engendra os territórios cujos fragmentos esvanecem sobre a extensão do mapa. É o real, e não o mapa, cujos vestígios subsistem aqui e ali, nos desertos que já não são os do império, mas o nosso. O deserto do próprio real.” (BAUDRILLARD. *Simulacro e Simulação*, apud FABBRINI, 2016)*

<sup>25</sup> Ver FABBRINI. *Op. cit.*

O real perde seu significado, deixando de ser definido por si mesmo para se submeter ao discurso que o precede.<sup>26</sup> Ao se pesquisar sobre algum assunto desconhecido, não se recorrem mais às fontes de especialistas no tema, mas às buscas de internet, capazes de fornecer respostas assertivas e concisas em milésimos de segundos, tornando esses resultados a concepção de verdade que a pessoa passará a ter. Por existir uma tendência geral das pessoas consultarem apenas os primeiros resultados apresentados nessas buscas,<sup>27</sup> esses podem ser manipulados por indivíduos ou grupos com

<sup>27</sup> Visto, por exemplo, no botão *I'm feeling lucky* do Google, o qual leva diretamente a um resultado escolhido pela plataforma.



poder econômico o suficiente, com anúncios pagos para alavancar a posição de páginas interessadas em vender seus produtos. Esse produto, no contexto político, pode ser sua versão fabricada de realidade, como no caso da produtora Brasil Paralelo,<sup>28</sup> empresa de comunicação responsável por pagar mais de três milhões de reais para promover seu próprio conteúdo através do Google e de redes sociais, como o Facebook. Seu objetivo é estabelecer-se como fonte

*“Esse fascínio pelo simulacro, pela imagem reduzida à materialidade do significante, de alta intensidade sensorial, que circula nos ‘jogos multimidiáticos’, é tomado por Baudrillard como ‘uma paixão niilista pelos modos de desaparecimento do real’: ‘Estamos fascinados por todas as formas de desaparecimento, do nosso desaparecimento. Melancólicos e fascinados, tal é a nossa situação geral numa era de transparência involuntária.’” (FABBRINI, 2016)*

*“Eu consumindo 5 formas de mídia ao mesmo tempo, para prevenir a chance de qualquer pensamento ocorrer”. Tradução livre do inglês.  
fonte: @raccoon\_motivation*

<sup>24</sup> Ver, por exemplo, FOLHA DE SÃO PAULO. *Produtora Brasil Paralelo é quem mais paga anúncios políticos do Google*. 2022.

alternativa ao jornalismo profissional e a qualquer material histórico, tratando ambos como falsos quando os convém, como em seu documentário autoral que pretende “recontar” a história da ditadura militar sob a perspectiva da extrema-direita,<sup>29</sup> legitimando as atrocidades do regime e servindo de base para outras pessoas também o fazerem.

Assim, como Guilherme Wisnik bem aponta, “surge o fenômeno da pós-verdade, com as *fake news*”,<sup>30</sup> no qual a verdade fabricada cria a percepção do real. O uso das ferramentas de busca e das redes sociais tornou-se instrumento de manipulação da verdade, passando a ser explorado especialmente em períodos eleitorais ao redor do mundo. Para se elegerem, candidatos usam o alcance que essas plataformas possuem para impulsionar informações enganosas que os beneficiem, elogiando a si próprios por feitos que nunca realmente aconteceram e, principalmente, atacando outros candidatos com discursos forjados com o intuito de estimular a rejeição deles por parte do eleitorado. Como no exemplo do Brasil Paralelo, para essa verdade fabricada se sustentar, é necessário desacreditar outras fontes de informação, como as mídias tradicionais, jornalistas profissionais e qualquer outro grupo que faça oposição a eles, acusando-os de ser quem realmente disseminam conteúdos falsos.<sup>31</sup> Criam-se assim múltiplas versões de verdades, sujeitando o eleitor a escolher em qual delas acreditar, escolha por vezes feita não com base no compromisso de suas fontes, mas optando pelo discurso

<sup>29</sup> Ver PIAUÍ; FOLHA DE SÃO PAULO. No Facebook, Brasil Paralelo é recordista de gastos com propaganda política. 2021.

<sup>30</sup> WISNIK. Op. cit

<sup>31</sup> Ver MELLO. Op. cit.

que está mais próximo à sua ideologia.

Como visto com Tainá de Paula no capítulo anterior, no contexto político brasileiro onde o Estado está distante de sua população, especialmente nas periferias urbanas, os ciclos sociais que escapam da esfera pública assumiram o papel de governança, através do tráfico, da milícia e do neopentecostalismo.<sup>32</sup> São esses quem estão mais próximos à realidade dessa população e, portanto, será a verdade deles que será absorvida: “o tiozão do WhatsApp é o sujeito que está na lida diária. Como eu vou questionar a verdade do tiozão, do meu pastor, do meu chefe da milícia, do meu chefe do tráfico, e estabelecer uma outra relação com uma outra verdade que não é a do meu cotidiano?”<sup>33</sup>

Nas eleições de 2018, a candidatura de Jair Bolsonaro esteve diretamente relacionada à área de influência de milícias no Rio de Janeiro, como mostrou uma análise do LabCidade.<sup>34</sup> Em desprezo ao processo democrático, sua ascensão ao poder apoiou-se na manipulação da opinião pública, fomentando o ódio coletivo ao seu principal adversário, Fernando Haddad do Partido dos Trabalhadores (PT), através da disseminação de *fake news*<sup>35</sup> por meio de uma rede coordenada de diferentes mídias, de canais de YouTube a programas de TV, tentando tornar essas narrativas plausíveis pela repetição.<sup>36</sup> Através do Gabinete do Ódio,<sup>37</sup> como é conhecido, também ocorreu o disparo em massa para grande parte da população por mensagens de WhatsApp, tentando alcançar pessoalmente o eleitorado.<sup>38</sup>

<sup>32</sup> PAULA. A necropolítica da periferia mundial. In.: WISNIK; VIEIRA. Op. cit. pp. 273-294.

<sup>33</sup> Id., *ibid.*

<sup>34</sup> LABCIDADE. Em áreas sob controle das milícias no Rio de Janeiro, Bolsonaro teve porcentagens de votos acima da média nas últimas eleições presidenciais. 2022.

<sup>35</sup> UOL. Das 123 Fake News Encontradas por Agências de Checagem, 104 Beneficiaram Bolsonaro. 2018.

<sup>36</sup> MAAKAROUN. Castro Rocha: ‘Bolsonarismo está se transformando em seita’. 2021.

<sup>37</sup> Ver CONGRESSO EM FOCO. Documento do STF Explica Como Funciona o “Gabinete do Ódio”. 2022.

<sup>38</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. WhatsApp admite envio maciço ilegal de mensagens nas eleições de 2018. 2019.



<sup>39.</sup> Id. *Maioria dos brasileiros confia em notícias via WhatsApp, diz estudo*. 2022.

Dentro desse aplicativo, composto por pessoas conhecidas, como colegas, amigos e familiares, estabelece-se um ambiente confiável e suscetível a recompartilhar as notícias falsas recebidas através dele, criando a impressão de que elas partiam de alguém conhecido e, portanto, deveriam ser verídicas; afinal, os usuários dessa rede não esperam que alguma pessoa próxima mentiria para eles.<sup>39</sup>

*“O problema suplementar, no caso, é que essas verdades fabricadas encontram na internet um meio de propagação que as blindam até certo ponto do confronto necessário com os fatos, uma vez que elas se veem impulsionadas pela autoridade conferida pelo próprio meio — o YouTube, o Facebook, ou os grupos de WhatsApp, por exemplo — e direcionadas a comunidades de pessoas particularmente inclinadas a acreditar nessas informações.”* (WISNIK, 2018)

### **Informação e poder**

O poder econômico sempre significou o poder de influenciar a opinião pública. Os veículos midiáticos tradicionais foram marcados pelo enviesamento silencioso de seu conteúdo na direção desejada, favorecendo notícias que reforcem seus posicionamentos políticos e dando menor destaque àquelas que os desfavoreçam.<sup>40</sup> Em contrapartida, a internet explode esse palanque e acaba com a hegemonia

<sup>40.</sup> Ver HADDAD, Fernando. *O país da corda esticada*. In.: WISNIK; VIEIRA. Op. cit. pp. 319-340.

dos veículos tradicionais, estabelecendo um ambiente onde todos possuem voz. Qualquer opinião pessoal pode encontrar um discurso consonante nas redes sociais e, quando essas são apenas indagações cegas e genéricas, esse discurso pode corroborar para moldá-las em opiniões políticas formadas, o que, tal como se mostrou padrão até aqui, pode ser explorado para ganhos políticos. A era das mídias sociais entregou a tão prometida democracia da informação: agora qualquer um pode ser o enviesador. Contudo, enquanto as mídias tradicionais limitam-se a estruturar seu conteúdo para ser visto igualmente por todos seus consumidores, a internet cria a possibilidade de personalizá-lo individualmente para cada usuário, permitindo com que anúncios políticos sejam direcionados àqueles mais suscetíveis a acreditar neles.<sup>41</sup> Não apenas isso, ao passo que a tecnologia e a comunicação virtual se tornam intrínsecas à vida cotidiana, essas propagandas se ocultam entre as interações sociais comuns, misturando-se ao lado de memes engraçados e notícias cotidianas.<sup>42</sup>

A Cambridge Analytica provou que esse não é mais apenas um cenário possível, mas real e devastador para qualquer democracia. A empresa de análise de dados reuniu informações pessoais detalhadas de mais de 50 milhões de usuários de Facebook nos Estados Unidos, representando mais de um quarto do potencial eleitorado do país, o qual foi aproveitado pela campanha presidencial de Donald Trump, em 2016, para conquistar uma base sólida de apoiadores e, com isso, manipular o resultado final da eleição.<sup>43</sup> Mediante

<sup>41.</sup> GOULD. *Are you in a social media bubble? Here's how to tell*. 2019.

<sup>42.</sup> THE GUARDIAN; RAWNSLEY. *Politicians can't control the digital giants with rules drawn up for the analogue era*. 2018.

<sup>43.</sup> Ver THE GUARDIAN; CADWALLADR; GRAHAM-HARRISON. *Revealed: 50 million Facebook profiles harvested for Cambridge Analytica in major data breach*. 2018.

o pagamento à Cambridge Analytica, essa base de dados era capaz de mapear o perfil de cada usuário, filtrando aqueles mais suscetíveis a engajar com certos anúncios políticos ou grupos de Facebook que os induzam ao posicionamento político desejado pelo contratante. Uma base de dados tão extensa quanto essa é capaz de simular, prever e influenciar os caminhos de países inteiros,<sup>44</sup> tornando impossível mensurar o quanto a manipulação digital está moldando as democracias no mundo.<sup>45</sup> “Vivemos, portanto, de acordo com Crary, em uma era pós-política, na qual a subjetividade, integrada à continuidade constante de um capitalismo global em regime 24/7, é reinventada por corporações internacionais”.<sup>46</sup> O debate público morreu. A própria sociedade se converte em uma grande bolsa de valores, na qual grandes empresas e figuras políticas são suas acionistas, e a informação a sua moeda.

“Nós também extraímos perfis de Facebook, procurando por padrões para construir um algoritmo de rede-neural que nos ajudaria a fazer previsões. **A Cambridge Analytica miraria naqueles mais suscetíveis a raiva impulsiva ou teorias conspiratórias do que cidadãos comuns**, introduzindo narrativas através de grupos de Facebook, anúncios, ou artigos que a empresa sabia por testes internos serem prováveis de inflamar a estreita parcela de pessoas com esses traços. CA queria provocar as pessoas, para fazê-las engajarem.”<sup>47</sup> (WYLIE, 2019)

<sup>44.</sup> WYLIE. *How I Helped Hack Democracy*. 2019.

<sup>45.</sup> THE GUARDIAN; RAWNSLEY. *Op. cit.*

<sup>46.</sup> Na citação, Wisnik faz referência ao livro de Jonathan Crary, *24/7 Capitalismo Tardio e os Fins do Sono*. WISNIK. *Op. cit.*

<sup>47.</sup> Traduzido livremente do inglês.

**Bolhas sociais**

Assim como anunciava a ficção científica do século passado, o avanço das tecnologias digitais foi responsável pela humanidade adentrar em novas realidades paralelas, porém não da maneira como se esperava. Um fator que agrava a disseminação de notícias falsas é a criação de pequenos universos dentro das redes sociais — fenômeno conhecido como bolhas sociais<sup>48</sup> — onde o conteúdo que será apresentado para cada usuário é filtrado por algoritmos próprios de cada veículo, com base na rede de contatos, nos interesses que esse possui e em suas atividades online, filtrando o que será mostrado e o que será omitido para cada pessoa.<sup>49</sup> Esses filtros são construídos a partir de todas as informações que cada usuário fornece, a maioria delas passivamente, como, entre muitas outras, detalhes pessoais, históricos de busca, postagens visualizadas, curtidas e compartilhadas e a sua rede de contatos. Os algoritmos também mostram os interesses em comum entre esses contatos, criando a percepção de que outras pessoas compartilham de suas mesmas ideias. Para aumentar essa rede, esses sites também podem sugerir “seguir” outras pessoas de perfil similar ao seu, dessa vez fora do círculo próximo de amigos e de familiares, tecendo uma rede de pessoas com um discurso alinhado. Ocultando-se entre as interações virtuais cotidianas, constituem-se assim as bolhas sociais, onde os usuários acabam recebendo cada

<sup>48.</sup> Em inglês aparecendo normalmente como *Filter Bubbles* ou *Social Bubbles*.

<sup>49.</sup> GOULD. *Op. cit.*

vez mais conteúdos que reafirmem o que eles esperam encontrar, criando a percepção de que suas ideias são a opinião pública e limitando suas visões de mundo a esse recorte artificial.

*“Se você vir Mais relevantes acima dos comentários em uma publicação, isso significa que os comentários são classificados e que há mais chances de ver comentários de alta qualidade relevantes para você. Provavelmente você verá o seguinte primeiro: Comentários ou reações de amigos; Comentários de Páginas e perfis verificados; Comentários com mais curtidas e respostas.”*  
(FACEBOOK, s.d.)

Da mesma maneira que o WhatsApp estabelece um ambiente familiar, suscetível a seus usuários acreditarem mais facilmente em notícias compartilhadas através dele, as bolhas sociais empobrecem as discussões que ocorrem nesses meios, eliminando discordâncias e deixando de estimular reflexões capazes de transformar essas ideias e de chegar a novos acordos,<sup>50</sup> processo o qual esvazia o próprio conceito de esfera pública.<sup>51</sup> Ao ouvir sempre o mesmo lado de uma história, esse parece se tornar realidade irrefutável, ao passo que qualquer novo discurso que apareça para contestá-la é recebido automaticamente como mentira.<sup>52</sup> Esse fenômeno não se restringe às redes sociais, pois, embora as notícias e informações que rodam nessas bolhas

possam ser averiguadas através de fontes externas, tendo o potencial de levar a novos pontos de vista dissonantes ao original, na era da internet sempre haverá uma fonte correspondente à realidade que se espera confirmar. Os algoritmos não são capazes de discernir entre uma notícia verdadeira e uma falsa. O funcionamento das ferramentas de busca está preocupado em levar seus usuários ao resultado que estão procurando, o que, por consequência, reafirma aquilo que já acreditam.<sup>53</sup>

*“O que mudou a natureza da democracia foi a comunicação de massa. Nos anos 1930, o rádio; nos anos 2010, a internet e suas redes sociais, que são um rádio piorado do ponto de vista de manipulação, porque permitem segmentar mensagens para públicos específicos. A radiodifusão é uma só mensagem para todo mundo, a rede social são mensagens segmentadas para você ouvir o que quer, o que te soa bem, o que agrada aos seus ouvidos, e muitas vezes na direção errada.”* (HADDAD em WISNIK; VIEIRA, 2022)

**O mundo da internet ubíqua**

Existe a pré-concepção de que os algoritmos, por serem apenas códigos de computador, são autônomos e imparciais. No entanto, essa ideia não leva em consideração que são programados e constantemente reestruturados

<sup>53</sup> Ver CORDEIRO. Novas questões para sociologia contemporânea: os impactos da Inteligência Artificial e dos algoritmos nas relações sociais. In.: Inteligência Artificial: Avanços e Tendências. 2021.

<sup>50</sup>. WISNIK. Op. cit.

<sup>51</sup>. BEIGUELMAN. Op. cit.

<sup>52</sup>. Ver BBC. How algorithms and filter bubbles decide what we see on social media. 2020.

<sup>54</sup>. Id., *ibid.*

<sup>55</sup>. CROSS. *Op. cit.*

<sup>56</sup>. O termo se refere a diversos comportamentos em sociedade herdados da pandemia, desde interações sociais virtuais, interesse desse trabalho, mas também da continuação do uso de máscaras e da convivência com o vírus, crendo que essa nunca irá embora totalmente.

<sup>57</sup>. Comentário de Wisnik como entrevistador em ROLNIK, Raquel. *Utopias e Distopias Urbanas em Tempo de Pandemia*. 2020.

<sup>58</sup>. Franks discorre sobre essa questão sobre uma visão jurídica. Ver FRANKS. *Beyond the Public Square: Imagining Digital Democracy*. 2021-2022.

para refletir o interesse das empresas de comunicação que os utilizam, exercendo o poder de moldar as interações digitais sediadas por elas.<sup>54</sup> O caso Cambridge Analytica também deixou claro que o espaço virtual não está sujeito apenas a essas corporações, mas a qualquer entidade com poder econômico o suficiente para interferir nele. Dessa maneira, fazer das interações digitais a única janela para entender o mundo pode ser algo gravemente desastroso.<sup>55</sup> É compreensível que, durante o isolamento social imposto nos últimos anos pela pandemia, a internet se tornasse a única forma de contato social possível, confinando as relações sociais a esse meio; no entanto, esse não pode se tornar o “novo normal”<sup>56</sup> das cidades, tão anunciado durante esse período por diversas pessoas prevendo o futuro pós-pandêmico. O entendimento do ambiente digital como espaço público, comum durante a popularização da internet, mostrou-se uma mentira.<sup>57</sup> São propriedades de empresas bilionárias, voltadas para o lucro e os interesses das mesmas.<sup>58</sup> Não se encontra no digital a pluralidade das cidades como elas realmente são; pelo contrário, montam-se entendimentos fragmentados e fechados em bolhas sociais, simulacros que criam diversas versões isoladas de reais fictícios.

Mesmo quando a pandemia obrigou a maior parte da população a se encontrar exclusivamente na internet, ainda não foi possível caracterizá-la como espaço público, dado que os encontros diversos e espontâneos são característica

apenas desse último, em oposição aos algoritmos que regem as interações online. Os dois são espaços distintos, não apenas pela sua materialidade — ou pela falta dela —, mas pelas próprias relações que se estabelecem neles. Um não é a ausência do outro: ambos constituem de maneira híbrida e indissociável o mundo contemporâneo da internet ubíqua,<sup>59</sup> fenômeno o qual precede a pandemia, através de aparelhos que misturam o gerenciamento de contas bancárias, memes engraçados, notícias catastróficas, paqueras e trabalho em uma interface única e contínua.<sup>60</sup> Como Wisnik afirma, “passamos a perceber o mundo através da internet, para nos localizar, para nos comunicar, para lermos notícias, e o real acaba sendo cada vez mais sujeito às informações que existem nesse outro mundo”.<sup>61</sup>

O número crescente de serviços digitais evidencia essa simbiose entre o físico e o digital, com aplicativos como o Google Maps, que sugere como navegar pelas cidades, quais estabelecimentos visitar e em que horário o fazer. A vivência urbana se sujeita à forma como esses serviços escolhem mostrar tais informações, evidenciando estabelecimentos dispostos a pagar por anúncios, enquanto os lugares não registrados nas plataformas tornam-se virtualmente invisíveis. O próprio pensamento está sujeito à lógica do algoritmo, o qual sugere até as palavras que usamos para nos comunicarmos, desde em conversas informais pelo celular, até mesmo para escrever artigos acadêmicos pelo Google Docs.

<sup>59</sup>. SOUZA; KÓS. *Op. cit.*

<sup>60</sup>. WISNIK. *Op. cit.*

<sup>61</sup>. Id., *ibid.*

Cabe, portanto, questionar a abertura desse capítulo: a vida urbana ainda possui relação inseparável com seu espaço físico? No mundo da internet ubíqua, o digital acompanha todos os aspectos da vida, ao passo que seu fluxo de informações torna-se elemento constante e incessante da vida contemporânea. Tudo está intrinsecamente conectado, do trabalho ao lazer, em um patamar muito além do que Lefebvre foi capaz de prever em sua defesa ao direito à cidade.<sup>62</sup> O mundo, assumido cada vez mais como simulacro, depende da camada virtual para se afirmar como real, processo traduzido pela necessidade de se fotografar todo lugar e acontecimento para lhes atribuir “mais realidade”.<sup>63</sup> O limite entre o real e o digital se esfumaça e a internet se assume como nuvem, rede de dados sempre presente e passível de ser acessada.<sup>64</sup> Porém, assim como afirmam os programadores do movimento Software Livre que militam contra o controle do mundo virtual pelas grandes empresas de comunicação: a nuvem não existe, ela é apenas o computador de outra pessoa<sup>65</sup> — no caso, os imensos servidores dessas organizações.

Smart Cities

A vida se tornou o sonho distópico das *smart cities*. Assim como nos termos de serviço das redes sociais, as “cidades inteligentes” têm como premissa a coleta massiva de dados da população sob a promessa genérica do melhoramento de

seus serviços, assumindo que a informação e a tecnologia solucionarão sozinhas os problemas estruturais dessas cidades.<sup>66</sup> Mas o problema do ideário das *smart cities* se estende para além de sua vigilância panóptica, pois, embora sejam capazes de reconhecer que existem problemas reais nas cidades contemporâneas, ignora-se que esses estão ligados à sua histórica submissão ao mercado financeiro. Com isso, esses problemas são combatidos com soluções que não questionam modelo estrutural que lhes deu origem, perpetuando-se atrás de uma nova máscara.<sup>67</sup> Não é surpresa, portanto, que um dos principais escritórios de planejamento urbano que conduzem pesquisas nesse campo, o Sidewalk Labs, tenha nascido como um braço do Alphabet, conglomerado responsável pelo Google. Na cidade de Toronto, seu projeto para a região de Quayside foi duramente criticado por sua proposta de monitorar de absolutamente tudo — de faixas de pedestres até o uso de bancos —, descontentamento o qual resultou no cancelamento do projeto.<sup>68</sup> As *smart cities* são mais uma proposta conceitual do que um projeto dedicado às verdadeiras necessidades sociais e urbanas, preocupadas em oferecer serviços, consultar seletivamente consumidores e ser veículo de concretização de ideias, porém sem se perguntar se essas realmente deveriam ser implementadas. Enquanto as cidades se transformam cada vez mais em mercadorias,<sup>69</sup> as *smart cities* são apresentadas apenas como mais um objeto de consumo com novas funcionalidades

<sup>66</sup> BEIGUELMAN. *Op. cit.*

<sup>67</sup> BEIGUELMAN; DEAK. *Smart Cities, Smart Virus: tecnoutopias do novo normal*. 2020.

<sup>68</sup> JACOBS, Karrie. *Toronto wants to kill the smart city forever*. 2022.

<sup>69</sup> Ver HARVEY. *O Direito à Cidade*. In.: *Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*. 2014. pp. 27-66.



<sup>70</sup>. BEIGUELMAN; DEAK. Op. cit.

divertidas e cativantes, porém intrinsecamente destituídas de história e despreocupadas com as interações sociais de um espaço público.<sup>70</sup>

O grande embarque ao digital também levanta novas formas de desigualdade social. Executar ações do dia a dia vem dependendo cada vez mais das interações virtuais - atividades tão simples quanto olhar o cardápio de um restaurante, agora escondidos atrás de QR codes -, o que exclui não apenas as pessoas não letradas neste meio, mas especialmente aquelas mais socialmente vulneráveis que não possuem os aparelhos digitais ou o acesso à internet necessários para acessar essa nova camada virtual. A pandemia deixou essa desigualdade ainda mais nítida, pois, enquanto o isolamento social forçou o trabalho remoto, não eram todos aqueles que possuíam cômodos próprios para ingressar em chamadas de vídeo ou sequer a possibilidade de exercer seu trabalho à distância, nesse último caso sendo obrigados a arriscarem suas vidas para sustentar suas famílias.<sup>71</sup> A população não enxerga o futuro da cidade pela tecnologia, pois não é ela que resolverá seus problemas. As *smart cities* são o sonho das grandes empresas de controlar cada aspecto da vida urbana, tornando-a monotonamente previsível e ignorando os elementos que realmente a qualificam: as interações sociais, a diversidade de pessoas e usos e, com isso, a imprevisibilidade.<sup>72</sup> Concebido durante o fim do isolamento social, o novo projeto para a região de Quayside, agora não mais de autoria do Sidewalk Labs,

reflete esse paradigma e diverge da utopia tecnológica proposta anteriormente, em busca de um plano que valorize a natureza e os espaços livres, os encontros desconectados e reais.

### **Espaços de acolhimento**

A esse ponto, levantam-se alguns questionamentos: com o fim do isolamento social, como então deveriam ser as cidades pós-pandêmicas? Frente ao aprofundamento da ubiquidade da internet, subordinando o entendimento do mundo real às dinâmicas virtuais e instaurando problemas tão profundos para a sociedade, deveríamos renegar essa camada das cidades? Seria ingênuo simplesmente afirmar que sim, significando ignorar não apenas a interdependência que o mundo real e virtual estabeleceram, mas que a internet também trouxe benefícios inegáveis, como o encontro à distância e o amplo acesso à informação, ambos os quais mitigaram em parte os efeitos do distanciamento social durante a pandemia. Não apenas isso, a internet tem o potencial de levar as pessoas a culturas e maneiras de pensar as quais não estariam normalmente acessíveis em suas realidades cotidianas: comunidades virtuais permitem com que os internautas descubram e explorem suas próprias personalidades, conectando-os a outras pessoas de interesses e pensamentos em comum.<sup>73</sup> Embora esse contato seja desfrutado principalmente na esfera do

<sup>71</sup>. BEIGUELMAN, Giselle. *Coronavida: pandemia, cidade e cultura urbana*. 2020. Ver também WISNIK, Guilherme. *Para onde ia o mundo no momento em que, de repente, ele parecia não ir mais a lugar nenhum?*. In.: WISNIK; VIEIRA. Op. cit. 2022. pp. 25-34.

<sup>72</sup>. JACOBS. Op. cit.

<sup>73</sup>. Ver SOUZA; KÓS, Op. cit.

entretenimento, é através dele que surgem comunidades compostas por grupos normalmente marginalizados, restringidos de se manifestarem publicamente por preconceitos enraizados na sociedade, porém encontrando na internet a voz e o acolhimento para se expressarem e realmente entenderem a si mesmos, fenômeno que pode ser visto na grande presença LGBTQIA+ em redes sociais. Aqui, o interesse dessas comunidades não é formar espaços limitados ao âmbito digital, mas a partir deles se mobilizar junto a iguais e reivindicar seu espaço de direito no mundo real.

*“A partir do momento que eu entro pra militância – antes de militância trans, entro para a militância LGBT como bissexual, que eu sempre fui – e **dentro da militância LGBT eu vou me emponderando desse espírito de luta, desse espírito de tenho que mudar o mundo para que eu caiba nesse mundo, para que esse mundo saiba respeitar a mim e quem é igual a mim.** Dentro desse espírito, em determinado momento eu me sinto no direito de fazer minha transição, reivindicar das outras pessoas que aprendessem a me renomear, a me chamar de outra maneira, e essas pessoas aprendem e falam ‘ok, você tem esse direito de reivindicar um outro nome, reivindicar um outro gênero.’” (MOIRA, 2015)*

Assim como no caso de Amara Moira, cujas redes sociais tiveram papel fundamental na sua militância, movimentos sociais em todo o mundo, da Primavera Árabe ao Occupy Wall Street, utilizam essas plataformas para impulsionar seu alcance, mostrando que elas, “ainda que pertencentes a grandes monopólios midiáticos, são também passíveis de serem reprogramadas pelo uso que seus participantes lhes dão”.<sup>74</sup> Assim, Beiguelman identifica as redes sociais como espaços para mudanças culturais efetivas através da militância de seus usuários, onde é possível questionar as relações de poder normalizadas no mundo real, reforçando a simbiose que o físico e o digital hoje possuem. Com todas suas falhas, é entendendo esse meio que ele poderá ser utilizado com um potencial positivo e transformador.

Contudo, ao mesmo tempo em que as redes potencializam os movimentos sociais, depender delas para se mobilizar acaba por criar uma dependência direta às suas dinâmicas de origem capitalista, o que retoma a discussão dos algoritmos feita anteriormente: o alcance orgânico de páginas políticas ou movimentos organizados tornou-se dependente da monetização de seu conteúdo para receber visibilidade. Esse espaço, que poderia democratizar a voz de diferentes grupos, independente de sua condição financeira ou poder político, no fim evidencia justamente os grupos cujos interesses estão alinhados ou são diretamente patrocinados por grandes empresas, em detrimento de grupos contra-hegemônicos e autônomos, cujos recursos são limitados.<sup>75</sup>

<sup>74</sup> BEIGUELMAN. *Espaços de Subordinação e Contestação nas Redes Sociais*. 2012.

<sup>75</sup> Ver ROMANCINI. Paolo Gerbaudo: *a mídia digital e as transformações no ativismo e na política contemporânea*. 2020.

### Alternativas possíveis

A informação se tornou o recurso mais valioso da atualidade. Dessa maneira, é esperado que grandes potências econômicas busquem a controlar, utilizando-a para moldar o espaço digital segundo seus interesses. Esse processo precede o período de popularização da internet, acompanhando a própria história da computação desde os anos 1970, quando o capitalismo passava pela reestruturação que culminaria no avanço do neoliberalismo nas décadas seguintes, o qual, segundo Aracele Torres, resultou na “comoditização de bens intangíveis, como a ciência e a tecnologia, que foram transformados, de forma artificial, em bens rivais e exclusivos”.<sup>76</sup> Ou seja, a informação que faz funcionar os sistemas e programas de aparelhos eletrônicos foi privatizada, tornando impossível para qualquer um, fora as empresas que os controlam, saber como eles funcionam. No atual mundo da internet ubíqua, isso significa que existe um complexo sistema de comunicações e trocas cujo funcionamento é desconhecido pela imensa maioria das pessoas, apesar dela afetar diretamente suas vidas. Nesse contexto, opondo-se a esse modelo de “software proprietário”, surgiu o movimento *software* livre, o qual defende o compartilhamento do código de programas para o acesso de todos com o intuito de criar uma cultura de produção colaborativa. Em prol do interesse comum, qualquer interessado pode fazer modificações e

contribuir para o avanço de um projeto, conferindo uma “responsabilidade social na sua manutenção como uma obra aberta e coletiva, pertencente a todos”.<sup>77</sup> Para proteger esse bem comum, instituiu-se a licença GPL (*General Public License*, ou Licença Pública Geral), a qual obriga que qualquer novo projeto originado de um aberto herde a mesma licença de distribuição adotada pelo autor original do programa. Assim, o movimento *software* livre hoje se estabelece como uma alternativa à privatização da informação, expressando-se em uma filosofia de vida digital aberta e colaborativa.

<sup>77</sup> Id., *ibid.*

“O movimento *software* livre é hoje um importante campo de batalha para garantir o direito de todo cidadão ao livre acesso e ao livre compartilhamento de informações. Para este movimento, a adoção de um sistema aberto e o modelo de *software* compartilhado refletiria, portanto, um direito e uma responsabilidade social que está acima dos interesses capitalistas individuais. [...] É uma tentativa de resgate de uma lógica de colaboração para que a sociedade prospere com a ajuda de todos, uma chamada para que todos assumam a responsabilidade por essa prosperidade, desempenhando papéis solidários em vez de papéis de dominação e exploração.” (TORRES, 2019)

Pautadas algumas das questões que abrangem a vida virtual, entendendo, especialmente, que o mundo da internet

<sup>76</sup> TORRES. *Software livre e a lógica comunitária e solidária de construção do conhecimento*. 2019.

ubíqua tornou o real e o virtual inseparáveis, ainda é possível sonhar com uma internet “comum” e democrática, tal como se prometia durante sua popularização? Embora diversas consequências positivas tenham aflorado no ambiente virtual, esse ainda se mostra um ambiente fortemente controlado por empresas de comunicação, ofuscando até mesmo os esforços que lutam pela descentralização desse poder. Há ainda um longo caminho para tornar a internet um espaço horizontal. Ainda que os problemas levantados até o momento sejam demasiados complexos para serem resolvidos através de soluções únicas, exigindo discussões que abordem campos disciplinares muito além dos discutidos dentro deste trabalho, mostra-se necessário de pronto a imposição de limites sobre os mecanismos que atacam os interesses populares das cidades. O livre arbítrio do qual as empresas gozam para tratar seus usuários como consumidores, extraindo deles toda e qualquer informação com o aval de termos de uso enigmáticos, as garantiu também o poder de manipular a política para consolidar e perpetuar esse poder. É urgente a regulação rígida desse mercado pelo Estado, antes que esse seja extirpado da força política capaz de impô-la — processo o qual, como é possível ver atualmente com o avanço da extrema-direita no mundo, já está em curso.

Hoje, a democracia no mundo depende das decisões dos CEOs das grandes empresas de comunicação, em especial o Google, o Twitter e o Meta, responsável pelo Facebook,

Instagram e WhatsApp. Vítima do bombardeamento de fake news em 2018, expressivamente pelo WhatsApp, Fernando Haddad comenta como o Brasil poderia não estar vivendo uma crise política tão devastadora quanto a de hoje, caso a empresa tivesse barrado essa prática desde início.<sup>78</sup> Restou às próprias campanhas de candidatos como Haddad desmentirem as *fake news* contra eles, esforço o qual se mostrou inefetivo, pois elas já estarão plenamente difundidas antes de qualquer reação possível. Dessa forma, ao mesmo tempo em que é imprescindível responsabilizar efetivamente os grupos responsáveis por conduzir esses ataques virtuais, é preciso também criar instrumentos que previnam a disseminação desse conteúdo junto com as próprias redes sociais que são usadas como meio. Como exatamente fazer isso é uma discussão por si só, pois existe uma linha tênue entre regular conteúdos nocivos e utilizar essa ferramenta como arma para regimes autoritários atentarem contra a liberdade de expressão de seu próprio povo,<sup>79</sup> como recentemente no corte do acesso à internet no Irã durante protestos contra o governo, para impedir tanto a mobilização da população quanto a denúncia das violências praticadas pelo Estado.<sup>80</sup>

A discussão pela regularização das redes vem sendo construída desde sua popularização, quando os provedores de internet, em uma versão mais rudimentar da que hoje é conduzida pelos algoritmos, dificultavam o acesso a certos conteúdos online, através da cobrança de taxas extras ou

<sup>78</sup> HADDAD, Fernando. Op. cit.

<sup>79</sup> Ver MELLO. Op cit.

<sup>80</sup> Ver BURGESS. *Iran's Internet Shutdown Hides a Deadly Crackdown*. 2022.

<sup>81</sup> Neutralidade de Rede, em português. WU, Tim. A Proposal for Network Neutrality. 2002.

<sup>82</sup> FALCON. Can we keep the internet mutual?. 2021.

<sup>83</sup> G1. Marco Civil da Internet entra em vigor nesta segunda-feira. 2014.

<sup>84</sup> OPENDEMOCRACY. Suspicious algorithms: time to tame crime-predicting police technology. 2022.

<sup>85</sup> MIT TECHNOLOGY REVIEW. LinkedIn’s job-matching AI was biased. The company’s solution? More AI. 2021.

da redução de velocidade nesses domínios, favorecendo a visibilidade de seus próprios produtos e prejudicando a concorrência. A luta contra esse controle expressou-se mais proeminentemente com a *Network Neutrality*,<sup>81</sup> proposta originalmente em 2002 por Tim Wu, professor de direito da Universidade de Columbia, com a intenção de proibir os fornecedores de internet de controlar como seus clientes navegariam nas redes. Atualmente, com diversas interações sociais se tornando cada vez mais dependentes da internet, da educação ao trabalho, a conexão livre e irrestrita tornou-se fundamental para garantir a igualdade de oportunidades da população.<sup>82</sup> Foi com esse entendimento, nos mesmos moldes de vários outros países, que o Brasil aprovou em 2014 a lei do Marco Civil da Internet,<sup>83</sup> regulando não apenas os provedores de internet, mas o armazenamento e o uso dos dados de usuários por serviços online.

Hoje, embora a *Network Neutrality* tenha trazido igualdade de acesso à internet nos países que a adotaram, seu modelo não foi capaz de tornar as redes realmente neutras, com a exposição de conteúdos sujeita à manipulação de algoritmos e a coleta abusiva de informações pessoais online. A confiança cega depositada nos algoritmos tem consequências além do âmbito das comunicações digitais, afetando diretamente grupos minoritários, ao serem utilizados para vigilâncias policiais racistas,<sup>84</sup> oportunidades de trabalho divulgadas majoritariamente aos homens<sup>85</sup> e reconhecimentos faciais que frequentemente confundem

os rostos de pessoas racializadas.<sup>86</sup> Assim, evitando o termo “inteligência artificial”, para não atribuir um caráter crítico que falta a esses sistemas, muito menos personificá-los, o que retiraria dos seus criadores a responsabilidade pelas suas ações; os algoritmos inauguraram problemas significativos para a sociedade e, como resultado, leis para regular seu uso já estão em discussão. É o caso do AI Act, atualmente em discussão na União Europeia para responsabilizar seus donos e até banir esses sistemas de serem utilizados, dependendo de seus fins.<sup>87</sup> A proposta busca permitir que as empresas, cujos algoritmos possuam usos indevidos, sejam processadas por aqueles afetados, o que, embora seja um passo importante, atribui a essas pessoas a tarefa de provar o abuso, algo que, para a vasta maioria leiga nesse assunto, pode ser praticamente impossível, mostrando que ainda há importantes discussões a serem feitas sobre esse tema.<sup>88</sup>

**A Guerra comunicacional**

É fundamental regulamentar a maneira como os algoritmos são programados e implementados. Contudo, esse é um processo extremamente lento, durando anos para ser discutido e efetivamente implementado, de modo que esperar pacientemente a sua conclusão, ou mesmo confiar que ela eliminará toda e qualquer manipulação virtual gerada através das redes sociais, seria desastroso. Trata-se de uma luta contra um inimigo que está em constante

<sup>86</sup> THE WASHINGTON POST. Federal study confirms racial bias of many facial-recognition systems, casts doubt on their expanding use. 2019.

<sup>87</sup> Ver HEIKKILÄ, Melissa. A quick guide to the most important AI law you’ve never heard of. 2022.

<sup>88</sup> Heikkilä cita aqui as preocupações de Ursula Pahl, Vice-Diretora-Geral da Organização Europeia do Consumidor. Id. The EU wants to put companies on the hook for harmful AI. 2022.



mutação, exigindo não apenas leis sólidas e fortes, mas também flexíveis e capazes de responder a novas demandas em tempo real.

A extrema-direita é proficientemente articulada como máquina de comunicação, criando discursos para fundamentar sua própria realidade e desacreditar de qualquer outra informação contrária, tornando obsoletas e ineficazes as formas de comunicação tradicionais. Durante o período eleitoral, o mais crítico para o futuro do país, utilizar-se das mesmas táticas de campanha usadas em democracias saudáveis é um atestado de derrota contra essa direita mobilizada. Tornou-se necessário combater os discursos de forma imediata e incisiva, deixando de depender que as redes barrem esses conteúdos ou que as autoridades eleitorais mandem retirá-los do ar, pois até que essas medidas surtam efeito, ele já estará disseminado e o estrago feito. Nessa guerra comunicacional, como Letícia Cesarino denomina,<sup>89</sup> é imprescindível para a esquerda saber se articular virtualmente tal como a direita, não através dos disparos em massa ou do abuso de dados pessoais para veicular notícias falsas, mas entendendo o meio digital por onde se comunica, sabendo como amplificar a sua voz e se mobilizar através das redes sociais.<sup>90</sup>

Com um resultado desapontador para a esquerda no primeiro turno das eleições brasileiras de 2022, que esperava eleger Luiz Inácio Lula da Silva sem a necessidade do segundo turno, essa mobilização pareceu ganhar força: o

<sup>89</sup>. CASTRO, Carol. Entrevista: 'Em Estado de Exceção, Vale a Lógica da Guerra da Comunicação', Diz Letícia Cesarino Sobre Vídeo da Maçonaria. 2022.

<sup>90</sup>. Ver ROMANCINI. op. cit.

discurso migrou de apenas se defender contra *fake news* para atacar a direita nos assuntos que mais lhe dizem respeito. Um acontecimento que ganhou bastante notoriedade, sendo capaz de furar as bolhas sociais, foi a divulgação em massa de um vídeo que mostra a presença de Bolsonaro, candidato à reeleição, em uma loja maçônica,<sup>91</sup> grupo fortemente rechaçado pelos católicos e evangélicos - sua maior base eleitoral. Antes disso, o deputado federal André Janones já havia ganhado destaque por confrontar figuras bolsonaristas diretamente, utilizando os mesmos métodos delas para expor as contradições em seus discursos,<sup>92</sup> mostrando um claro entendimento do funcionamento das redes sociais para fazer campanha contra o candidato à reeleição.<sup>93</sup> Enquanto isso, a campanha de Lula soube produzir peças midiáticas capazes de se difundirem organicamente em aplicativos como o TikTok e o Kwai, duas redes relativamente novas e com enorme poder de viralizar conteúdos;<sup>94</sup> tática similar à bem sucedida campanha de Guilherme Boulos para a prefeitura de São Paulo, em 2020, a qual foi capaz de explodir sua intenção de votos de 6%, no primeiro turno, para 40%, no segundo.<sup>95</sup> Todas essas ações apontam em direção a uma nova forma de se fazer política, não abandonando os comícios e panfletagens tradicionais, mas utilizando-se das mesmas plataformas digitais responsáveis pela ascensão da extrema direita na internet para defender e amplificar o alcance das ideias do campo da esquerda.<sup>96</sup>

<sup>91</sup>. O GLOBO. Campanha 'Bolsonaro maçom' explode fora da esquerda e pressiona aliados do presidente na largada do 2º turno. 2022.

<sup>92</sup>. Ver UOL. Carlos Bolsonaro aciona STF contra Janones que ironiza: 'Liberdade de expressão'. 2022.

<sup>93</sup>. Ver PIAUÍ; FOLHA DE SÃO PAULO. O Inflamável. 2022.

<sup>94</sup>. Id. Kwai e TikTok chegam às eleições com poder viral e campanhas fora de época. 2022.

<sup>95</sup>. Ver UOL. Sucesso na web, campanha de Boulos hackeou sistema com memes e bom humor. 2020.

<sup>96</sup>. Ver CASTRO, Op. cit.

### O resgate do real

Ter o domínio da mobilização online é imprescindível para impedir que a internet se consolide como mais um instrumento de controle das sociedades e do modo de produção urbana. Ao mesmo tempo, não se pode negar que suas dinâmicas estão diretamente ligadas aos interesses econômicos das empresas de comunicação, donas das redes sociais e dos algoritmos que as regem, empresas as quais podem, a qualquer momento, boicotar os movimentos sociais que tentam crescer através de suas plataformas — mesmo que indiretamente, dando mais espaço às visões que reforcem visões contrárias a elas.<sup>97</sup>

O espaço virtual se mostrou um campo de batalha decisivo, mas não por isso deve se perder o foco de retomar os espaços públicos, onde se exerce a verdadeira cidadania, a própria vida. O digital não pode ser um mero refúgio do real, conformando-se em viver escondido em comunidades virtuais. É necessário reivindicar as cidades, ocupando as ruas e exigindo o direito de habitá-las. No contexto de reabertura urbana pós-pandemia, resgata-se, portanto, a defesa feita pela mobilização política como instrumento para construir cidades verdadeiramente realizadoras e que correspondam aos interesses do povo. E, novamente, esse movimento não deve ocorrer em direção a um modelo anterior de cidades, cujo entendimento e percepção tornaram-se sujeitos às dinâmicas virtuais da “tela total”. Apenas o retorno ao real,

fora do tempo imediato da internet, permitirá observar o mundo novamente com clareza, esforço o qual requer “a espera e a lentidão, o ralenti ou o adiamento”,<sup>98</sup> uma luta contra a hegemonia do imediatismo que não permite a visão de longo prazo ou tão pouco coletiva, discutindo verdadeiramente o futuro das cidades.

*“A Cidade Genérica é a cidade liberada do cativo do centro, da camisa de força da identidade. A Cidade Genérica quebra esse ciclo destrutivo de dependência: é nada além de um reflexo da presente necessidade e presente capacidade. É a cidade sem história. É grande o suficiente para todos. É fácil. Não precisa de manutenção. Se ficar muito pequena ela apenas expande. Se ficar muito velha ela apenas se auto-destrói e renova. É igualmente interessante — ou desinteressante — em todo lugar. É ‘superficial’ — como um estúdio de Hollywood, ela pode produzir uma identidade nova a cada segunda de manhã.”*<sup>99</sup> (KOOLHAAS, 1995)

*A quarentena da Covid-19 nos tornou mais digitais do que nunca, mostrando que muito do lado prático da vida humana pode acontecer virtualmente e que vários locais físicos que existem para uso prático podem se tornar obsoletos quando suas atividades são transferidas para locais virtuais. Por outro*

<sup>98</sup> FABBRINI. Op. cit.

<sup>99</sup> Traduzido livremente do inglês.

lado, também enfatizou que os lugares físicos são importantes pelas experiências corpóreas que proporcionam, que não podem acontecer virtualmente. Isso aponta na direção do que será relevante no projeto de lugares físicos no futuro: **criar lugares que, além de atender às necessidades práticas, se concentrem em fornecer experiências corpóreas positivas e satisfazer os desejos subjetivos das pessoas que os habitam.**” (SOUZA; KÓS, 2020)

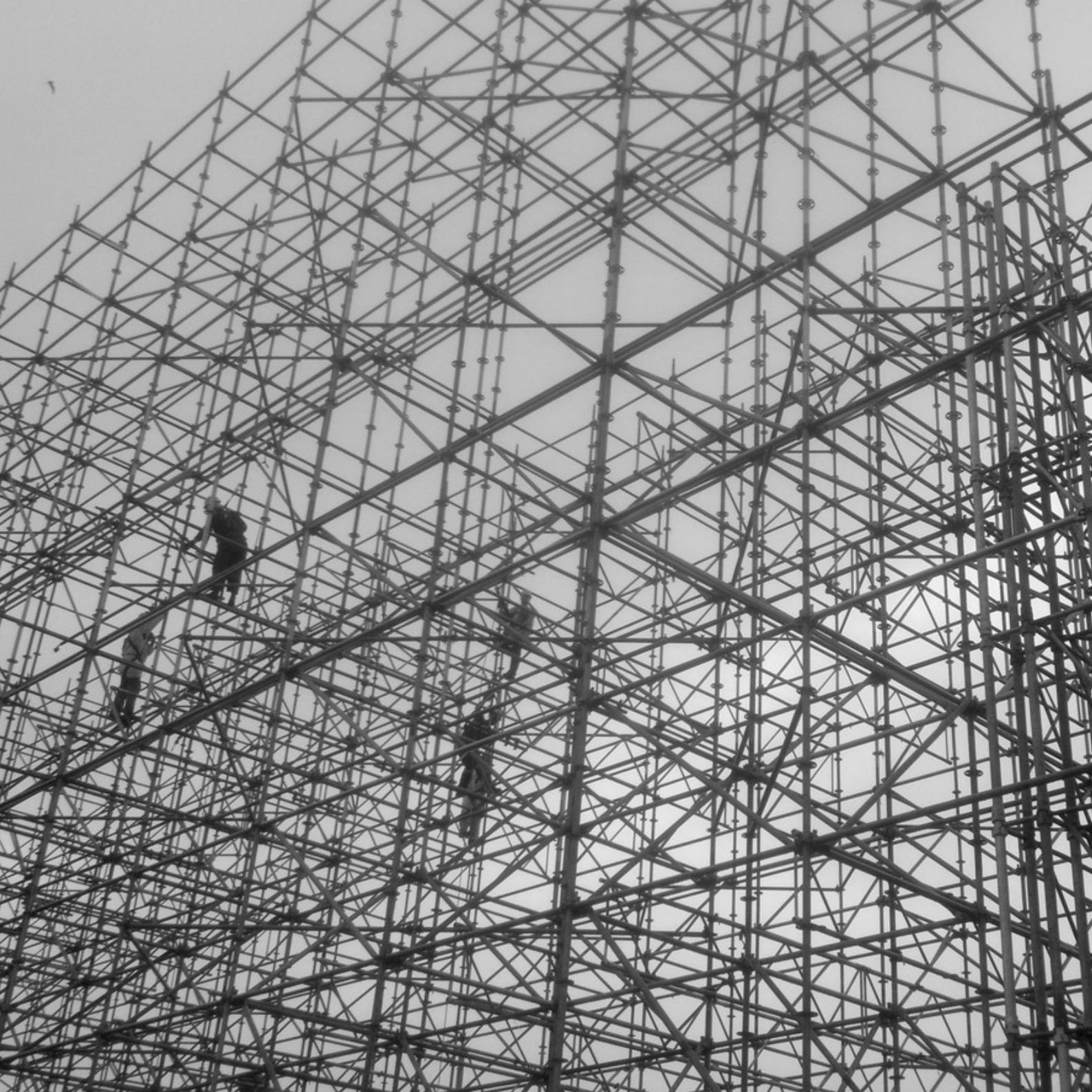
Com a pandemia da COVID-19, novas formas de nos comunicarmos e nos conectarmos surgiram através de ambientes digitais. A expressão “novo normal” surgiu em vários espaços de discussão sobre como será a vida após o fim da pandemia e o regresso à vivência na cidade. Enquanto essas discussões revelavam formas positivas e negativas de se lidar com a vivência digital, o mercado foi bem sucedido em adentrar em nosso cotidiano de forma ainda mais agressiva, ditando e influenciando todo o conteúdo que passasse pelas telas de nossos aparelhos. Assim, o novo normal anunciado durante a pandemia - da sociabilidade por meio das redes sociais, do *home office*, da submissão aos instrumentos de controle digitais e do entendimento raso do mundo, assim como das bolhas sociais, das *fake news* e das manipulações de dados pessoais - não produzirá cidades realizadoras, ele será apenas capaz de produzir Cidades Genéricas, tal como Koolhaas nos alerta, uma cidade sedada, percebida em

posição sedentária.<sup>100</sup> Assim, como Giselle Beiguelman nos alerta, “o coronavírus comprova uma velha tese aristotélica: o homem é um ser político. Seu lugar é a pólis, a rua, a cidade. Não atrás da tela”.<sup>101</sup>

<sup>100</sup>. Ver KOOLHAAS. *The Generic City*. 1995.

<sup>101</sup>. BEIGUELMAN. *Coronavida: pandemia, cidade e cultura urbana*. 2020.





*novas ocupações contra o novo normal*

(pg. anterior) Construção do Pavilhão  
Humanidade 2012, de Carla  
Juaçaba e Bia Lessa.  
Foto: Leonardo Finotti.  
Fonte: Archdaily Brasil

**“Meu corpo é como a Cidade do Sol, não tem lugar, mas é dele que saem e se irradiam todos os lugares possíveis, reais ou utópicos.”**

Michel Foucault. O corpo utópico, as heterotopias.

### O novo normal

O novo normal se anuncia. Fenômeno agravado durante a pandemia de COVID-19, a vida migra para o âmbito digital. O encontro com o outro passa a ser mediado por algoritmos, fechado em bolhas sociais onde se criam realidades paralelas, noções de mundo limitadas a recortes artificiais e ausentes de reflexão, pois na internet a informação é dada e recebida como verdade absoluta. *Fake news* fomentam visões de mundo que beneficiam interesses políticos, ao mesmo tempo em que tornam seus opositores em inimigos declarados, dividindo a população e fazendo cada lado lutar um contra o outro. No Brasil, esse processo vem acompanhado pela descrença no papel do Estado, tanto pela elite econômica reacionária, a qual advoga pelo fim de qualquer direito social, a não ser da defesa da propriedade privada; quanto pelos mais pobres, os quais conhecem a ação pública apenas através da violência sistêmica. É esse cenário que ajuda a explicar a ascensão da extrema-direita ao poder, cujo projeto foi o desmonte de todas as políticas

públicas conquistadas em uma longa história de batalhas. A violência se normaliza e passa a fazer parte do cotidiano brasileiro. Ao passo que a vida urbana é substituída pelo ambiente virtual, a experiência individual sobrepõe a coletiva, processo traduzido pelo abandono e deterioração dos espaços públicos, tornados meros resíduos.

Contudo, o novo normal é apenas o ápice de um processo anterior. As cidades já sofriam ataques aos seus espaços públicos, convertidos em espaços para carros e aos poucos sendo abandonados em prol de experiências em ambientes privados, como shoppings e centros comerciais, inaugurando uma legião de edifícios fechados em si mesmos, sem qualquer interesse em se relacionarem com seu entorno. Na ausência do encontro físico, a internet, espaço alternativo ao real, passou a sediar importantes dinâmicas sociais, tornando-se um ambiente voltado não apenas para entretenimento e conversas com amigos próximos, mas para praticar até mesmo embates políticos. Foi nesse sentido que ela se tornou um local de refúgio de grupos sociais marginalizados, onde esses passaram a se encontrar e instaurar comunidades nas quais a identidade deles se expressasse livremente, como no caso de grupos LGBTQIA+. Como Paolo Gerbaudo comenta, “a ideia é que você não pode mudar o sistema capitalista, o sistema dominante, mas você pode criar seu próprio pequeno enclave de resistência dentro desse espaço”.<sup>1</sup> Assim, a capacidade da internet de proporcionar novas interações

<sup>1</sup> ROMANCINI. Paolo Gerbaudo: a mídia digital e as transformações no ativismo e na política contemporânea. 2020.



sociais gerou grandes grupos de pessoas com interesses e objetivos comuns, sem que essas nunca precisassem se encontrar presencialmente. Nesse processo, o mundo passa a ser fortemente vivenciado pela internet, a qual não apenas se desvincula de acontecimentos reais, mas passa a enviesá-los e assumir-se mais autêntica que eles, aspirando ela própria se tornar o verdadeiro real.

Mas, se a internet oferece novos mundos a serem descobertos, igualmente no caos da cidade tudo é possível acontecer, pois ao passo que cada nova arquitetura se isola e acaba em si mesma, manifestando-se em experiências completamente distintas umas das outras, esses espaços são capazes de abrigar desde atividades comerciais em constante mutação ou até mesmo ações que se oponham à própria organização urbana que lhes deu origem. Com o fim da pandemia e do distanciamento social, a população está reocupando as cidades e, com isso, tem a oportunidade de questionar como se dará esse processo. Ela voltará ao modelo anterior de espaços residuais isolados uns dos outros, conectados tenuemente por uma camada virtual, ou se apropriará desse território, transformando-o conforme uma nova agenda urbana?

### **Substituição e adição**

Desafiar o novo normal, no entanto, não é algo trivial. Como Wisnik nos mostra, a camada virtual tornou-se indissociável

do mundo real, pairando sobre ele como um nevoeiro que borra o entendimento do mundo que se apresenta diante de nós.<sup>2</sup> Mas não apenas isso, pois, se a internet ubíqua passou a protagonizar o real, esse, por sua vez, está fazendo o caminho contrário: a virtualização da realidade. Tal como um aplicativo, a cidade do capitalismo tardio almeja cada vez mais a atualização e renovação instantâneas, traduzidas pela mobilidade e adaptabilidade através de espaços indefinidos onde uma atividade possa se instalar, sofrer mutações e logo depois abandoná-los, sendo substituída pouco depois por outra ocupação completamente distinta. Esse processo é encubado dentro dos grandes edifícios comerciais, nos quais universos isolados se abrigam em cada andar sem a menor relação entre si, “uma cidade vertical sem coesão interna, cujos elementos de conexão — o elevador e a escada rolante — não são espacialmente articulantes”.<sup>3</sup> Em paralelo aos avanços tecnológicos, responsáveis por reunir todos os aspectos da vida em um único aparelho celular, a cidade parece se desmaterializar, pois agora nem a arquitetura possui estabilidade, nem a própria vida ocorre mais em seu espaço físico.<sup>4</sup>

É essencial reconhecer a situação atual das cidades para atuar nelas efetivamente. Se sua ocupação é altamente volátil, o mercado foi rapidamente capaz de atender a essa demanda através da grandeza dos edifícios, cujos interiores são concebidos para lidar com uma instabilidade programática constante, “a única arquitetura que projeta o imprevisível”,

<sup>2</sup> Ver WISNIK. *Dentro do Nevoeiro*. 2018.

<sup>3</sup> *Id.*, *ibid.*

<sup>4</sup> Além da citação anterior, ver também SOUZA; KÓS. *O habitar na pandemia da Covid-19: a transição para lugares virtuais*. 2020.

<sup>5</sup>. Traduzido livremente do inglês. KOOLHAAS. *Bigness of the problem of Large*. In.: *Small, Medium, Large, Extra-Large*. 1995.

<sup>6</sup>. Essa discussão é bem delineada em KOOLHAAS. *Whatever Happened to Urbanism?* 1995.

<sup>7</sup>. Ver MVRDV. *In an existing structure you have more freedom: Jacob Van Rijs on #Reuse in architecture*. 2021.

<sup>8</sup>. Ver ORTEGOSA. *Cidade e memória: do urbanismo “arrasa-quarteirão” à questão do lugar*. 2009.

como Rem Koolhaas bem descreve.<sup>5</sup> Em paralelo, para criar lugares capazes de responder às novas demandas urbanas atualizadas em tempo real, tornou-se inevitável abrir mão do permanente. Assim, o novo não será mais a criação de algo inédito e original, mas a potencialização de ocupações distintas em um mesmo lugar, transformando e dando continuidade àquilo que já existe.<sup>6</sup>

Nesse cenário, abrangendo tanto edifícios comerciais quanto a arquitetura como um todo, o tema do reaproveitamento do existente se fortaleceu e hoje é fundamental para garantir o sucesso e a longevidade de um edifício, não apenas em relação às novas construções, idealizadas desde o início como receptáculos abertos para receber usos diversos, mas também àquelas já existentes, cujas estruturas podem ser reutilizadas para abrigar fins diferentes do original pretendido.<sup>7</sup> Defendendo essa pauta, o escritório MVRDV enxerga na maleabilidade de usos a chance de estender o tempo de vida dos edifícios, evitando sua demolição e, conseqüentemente, o apagamento do seu passado,<sup>8</sup> algo apenas possível ao assumir a condição efêmera da arquitetura contemporânea. Por meio de construções compostas por partes independentes e renováveis, as quais conversam entre si através de uma estrutura única articuladora, o edifício passa a ser visto quase como uma *Plug-in City* em escala reduzida. Esse projeto, idealizado pelo grupo Archigram entre 1962 e 1966, investigou levar a condição da descartabilidade da arquitetura para toda a

cidade, imaginando a possibilidade dela ser inteiramente estruturada em prol da mudança e da obsolescência programada. No entanto, em contraste à *Plug-in City*, para além da questão fundamental da escala, o reaproveitamento, tal como discutido pelo MVRDV, se insere na condição atual, real e exequível da arquitetura, produzindo edifícios verdadeiramente atualizáveis e apresentando-se como alternativa ao apagamento da memória, preservando-a e garantindo que novas vivências possam ocorrer sob uma mesma estrutura; não como uma substituição completa, mas como uma continuidade de acontecimentos, tal qual um palimpsesto urbano.

Um escritório de arquitetura que foi capaz de captar perfeitamente a essência desse “novo”, da apropriação e da valorização do passado, foi a dupla francesa Lacaton & Vassal, ganhadores do prêmio Pritzker em 2021. Enquanto o mundo contemporâneo é cada vez mais destituído de significado, esse percebido de forma instantânea e rasa, pois nele tudo está obscenamente dado<sup>10</sup>; os arquitetos convidam, através de sua obra, a olhar atentamente para o existente e enxergar nele o seu valor, escondido ao olho nu, podendo ser entendido através da percepção lenta e gradual feita ao longo do tempo em que a vida se desenrola. Assim, as ações da dupla consistem em preservar tudo aquilo que pode ser mantido e ressignificado, trocando o gesto da substituição pelo da adição, honrando o pré-existente e conferindo-lhe continuidade.<sup>11</sup> É o exemplo da transformação das 530

<sup>10</sup>. Ver FABBRINI. *Imagem e enigma*. 2016.

<sup>11</sup>. PRITZKER. *Laureates – Anne Lacaton and Jean Philippe Vassal*. 2021.

unidades habitacionais em Bordeaux, projeto no qual, em vez de demolir o edifício original e construir outro em seu lugar, foi realizada a recuperação da sua estrutura original e a ampliação da área dos apartamentos, com a construção de uma grande varanda que valoriza a luz natural e a vista privilegiada do entorno. Há, no trabalho dos arquitetos, a valorização do cotidiano, da forma como o espaço é ocupado e, conseqüentemente, como ele é constantemente modificado pelos seus habitantes, não por meio de sua materialidade, mas nos significados que lhe são atribuídos e nas memórias que ele carrega.<sup>12</sup> Essa forma de trabalho parte da premissa que o existente é apenas uma condição presente e momentânea, diariamente renovada e que, portanto, requer observação constante para notar as suas variações e adaptar-se a elas. Portanto, a boa arquitetura, seguindo os passos de Lacaton & Vassal, é aquela aberta, definida pela liberdade e possibilidade de ocupações; mas também aquela familiar, que preserva sua história ao invés de interrompê-la.

*“A vida leva um longo tempo para se estabelecer e crescer. Os tempos de crescimento, ocupação e habitação são extremamente preciosos, não podendo ser reconstituídos. É urgente parar de demolir, eliminar, atrasar, cortar; e partir da cidade como ela é, exatamente como ela é. Fazer ou inventar é tudo que nós temos.”*<sup>13</sup> (LACATON, depoimento a PRITZKER, 2021)



*Transformation of 530 dwellings,  
block G, H, I - Lacaton & Vassal.  
Foto: Philippe Ruault  
Fonte: Lacaton & Vassal*

<sup>12</sup> Lembrar aqui a discussão sobre memória urbana feita brevemente no primeiro capítulo. Ver ORTEGOSA. Op. cit. e LEFEBVRE. *Semantics and Semiology*. 2014. p. 117-128.

<sup>13</sup> Tradução livre do inglês.

### Arquitetura efêmera

A arquitetura deve abrir mão do seu protagonismo e assumir-se como suporte para a vida, tendo as ações do cotidiano e o imprevisível como seu foco principal.<sup>14</sup> O permanente não é mais desejável. No contexto da perda das bases sólidas na arquitetura virtualizada, traduzida pelos edifícios de programa indefinido e mutável, assim como pela constante metamorfose da paisagem urbana;<sup>15</sup> o novo será o ressignificado, uma ocupação fortemente ancorada no presente — o próprio cotidiano. Esse cotidiano, que no passado podia esperar da cidade maior estabilidade e permanência que a da vida humana, hoje se define de modo contrário: o ciclo da cidade encurtou-se a tal ponto que o existente é apenas uma condição momentânea, em constante mudança. Frente a essa condição, não apenas a maneira como a arquitetura é ocupada, mas sua própria materialidade parece se converter em algo temporário.

Processo inaugurado pela Revolução Industrial, como aponta Marta Bogéa, os próprios componentes de um edifício passaram a ser compreendidos como móveis, valorizados mais por seus aspectos dinâmicos do que estáticos. Hoje, essa condição faz parte da própria premissa da arquitetura que busca a montagem veloz e em larga escala, responsável por rapidamente montar edifícios capazes modificar a paisagem da cidade e, após algum tempo, sumir como se nunca houvessem existido. “Dissolvem-se assim,

num fragmento de tempo, as bases fixas de uma paisagem que a princípio era referência estável para a experiência humana: a cidade imóvel cede lugar a um território em movimentação”.<sup>16</sup> Ao se libertar de suas bases imóveis, essa arquitetura passa a se moldar respondendo a demandas imediatas, incorporando o cotidiano em sua forma e em sua própria razão de ser, desfazendo e reconstruindo a si própria conforme o necessário. No princípio da obsolescência programada, da cidade contemporânea como objeto de consumo descartável, essa se tornou efêmera, sendo possível acompanhar suas mudanças em tempo real.<sup>17</sup>

A arquitetura de pavilhões é um retrato claro dessa prática. A Exposição Universal em Londres, em 1851, foi pioneira ao ser sediada em um imenso edifício cuja premissa principal era a possibilidade de desmontá-lo e reerguê-lo em outra localização, em um curto espaço de tempo;<sup>18</sup> uma arquitetura que almeja, pela primeira vez, se deslocar.<sup>19</sup> O projeto capaz de responder a essa demanda foi o Palácio de Cristal elaborado por Joseph Paxton (1803-65), originalmente um construtor de estufas, utilizando peças pré-moldadas de ferro, as quais poderiam ser facilmente transportadas da fábrica ao local do evento, assim como posteriormente para quaisquer outros destinos. Com ele, instaurou-se um novo método de projeto e execução<sup>20</sup>, não preocupado em produzir um edifício perene, mas um cuja qualidade se revela por sua técnica e materiais construtivos, uma “aceitação franca dos produtos fabricados em série e rígidas limitações econômicas que,

<sup>16</sup> BOGÉA. *Cidade errante: arquitetura em movimento*. 2006.

<sup>17</sup> Ver WISNIK. Op. cit.

<sup>18</sup> BENEVOLO. *Engenharia e arquitetura na segunda metade do século XIX*. In.: *Historia da Arquitetura Moderna*. 1976.

<sup>19</sup> BOGÉA. Op. cit.

<sup>20</sup> ARGAN. *A Arquitetura dos Engenheiros*. In.: *Arte Moderna*. 1992. pp. 84-91.

<sup>21</sup> BENEVOLO. Op. cit.

desta vez”, como aponta Benevolo, “desempenharam um importante papel no resultado arquitetônico”.<sup>21</sup> Após seu sucesso, o projeto do Palácio de Cristal inaugura uma série de edifícios expositivos em ferro pela Europa, como o Glass-Palast em Munique em 1854, as Galeries des Machine de Paris em 1878 e 1889, e, mais proeminentemente, durante a Exposição Universal de 1889, a Torre Eiffel, uma estrutura temporária que perdura até hoje na paisagem de Paris.

*“[A Torre Eiffel] é uma construção tecnicamente funcional, cuja única finalidade, porém, é dar visibilidade e magnitude aos elementos de sua estrutura: sua inegável função representativa [...] se cumpre na representação de sua funcionalidade técnica. [...] Na Torre Eiffel, e justamente por não ter outra função além de visualizar a própria funcionalidade técnica, vê-se claramente como a pesquisa estruturalista, no campo da arquitetura, era o equivalente da pesquisa impressionista da pintura.”* (ARGAN, 1992, pp. 84-91.)

<sup>22</sup> Ver IAB. Concurso Público Nacional de Arquitetura e Expografia para o Pavilhão do Brasil na Expo Osaka 2025. 2022.

<sup>23</sup> Por exemplo, o concurso para a Expo Osaka de 2025 se iniciou em 2022. Id., ibid.

A Exposição Universal até hoje é responsável por reunir pavilhões, cada um buscando promover a cultura de seu país de origem, um retrato atual representado em edifícios temporários.<sup>22</sup> Mas há um grande problema: o concurso que decide qual projeto representará esse retrato geralmente ocorre três anos antes de sua construção,<sup>23</sup> quando o cenário inteiro de um país pode mudar profundamente, como o Brasil

provou ser o caso durante a última década. Ao passo em que a vida urbana se tornou essencialmente efêmera, a única arquitetura capaz de representar um retrato verdadeiramente atual dela é aquela assumidamente temporária. É o caso das estruturas de andaimes, as quais compõem a paisagem de cidades que estão passando por metamorfoses, tornando-se elas próprias sinônimo dessa transformação. Essas estruturas metálicas são compostas por peças padronizadas, capazes de criar infinitas configurações para se adequar a diferentes intenções; um sistema baseado não apenas no reaproveitamento, mas especialmente na sua flexibilidade, podendo ser livremente reorganizado durante seu tempo de vida.<sup>24</sup> Assim, os andaimes podem ser avistados naquilo que é essencialmente temporário, como em edifícios em construção, renovações, eventos culturais, entre outros. O efêmero, aqui, declara-se como linguagem, reconhecendo que tudo aquilo que ele constrói um dia acabará e retornará aos seus componentes básicos, os quais poderão posteriormente dar forma a uma espacialidade completamente distinta.

<sup>24</sup> BOGÉA. Op. cit.

*“Embora as metálicas sejam construções muito simples — e em geral não identificadas como arquitetura, mas como estruturas a receber roupagens distintas que as transformarão em arquiteturas específicas — sua variabilidade ensina que mais do que projetar para o permanente, o que as faz suscetíveis a variáveis é a premissa de constante reorganização.”* (BOGÉA, 2006)



### **Mutável, maleável, adaptável**

Para abrigar um conjunto de atividades para a Rio+20, a Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável de 2012, a diretora e cineasta Bia Lessa foi comissionada para a realização de um pavilhão temporário, localizado no Forte de Copacabana, rodeado pelo mar e pelas praias do Rio de Janeiro. Em alinhamento às atividades do evento, o projeto do Pavilhão Humanidade 2012, como foi nomeado, buscou desde início incorporar o tema da sustentabilidade em sua própria arquitetura, desafio para o qual Lessa convidou a arquiteta Carla Juaçaba para colaborar. Enxergando em sua efemeridade a necessidade de uma solução capaz de se erguer, sediar o evento e logo depois se desfazer sem deixar resíduos, escolheu-se realizar a construção em andaimes, não apenas respondendo às questões levantadas através de uma estrutura autoportante, mas também por produzir uma edificação permeável e translúcida, propositalmente exposta à natureza que a rodeia.<sup>25</sup> Os ambientes fechados também evocam o caráter temporário do projeto, sendo esses compostos por painéis e outros elementos provisórios comumente utilizados em obras, como tapumes, lonas e estruturas elevatórias. O pavilhão não esteve preocupado em se tornar o protagonista do evento, mas em evidenciar, através de seu método construtivo, as decisões de projeto que produziram seus espaços, elegendo o “como fazer” o verdadeiro interesse

<sup>25</sup> JUAÇABA. *Humanidade 2012*. 2015.

da construção.<sup>26</sup> Assim, após uma desmontagem que não deixou rastros visíveis de sua existência, o Humanidade 2012 assumiu que não seria o projeto do edifício que entregaria mudanças concretas ao mundo, mas sim os temas discutidos durante a Rio+20 e as ações subsequentes de seus participantes, fazendo das pessoas o real interesse do seu espaço.

*“Por um lado, a arquiteta se vale de um sistema construtivo industrializado, disponível no mercado, os andaimes, deslocando-o de suas funções anteriormente previstas, como um ready-made, no qual a rapidez da montagem, bem como da desmontagem, **demonstram uma possibilidade de arquitetura que se constitui no tempo, se concretizando somente durante o evento em questão, sem deixar quaisquer vestígios.**” (BONETTI, 2022)*

Através dos andaimes, o Humanidade 2012 transmitiu a mensagem de sustentabilidade pretendida, tanto em decorrência do caráter reutilizável do sistema, fazendo da transitoriedade o seu grande potencial, quanto por tornar o foco de sua existência a paisagem natural que o rodeava e as ações das pessoas que o ocupavam. O andaime aflora como sinônimo de momentâneo e transitivo, assim como de flexibilidade. Foi durante a pandemia de COVID-19, no entanto, que essas características foram colocadas a

<sup>26</sup> Ver BONETTI. *Assemblage: projeto como montagem na arquitetura brasileira*. 2022.

Pavilhão Humanidade 2012, Carla  
Juaçaba e Bia Lessa.  
Foto: Leonardo Finotti  
Fonte: Archdaily Brasil



Anfiteatro de La Concordia,  
Colab-19, Colombian Society of  
Architects e Taller Architects.  
Fonte: Harvard University



prova: ao passo que o distanciamento social esvaziou os locais fechados, novos espaços de encontro foram erguidos temporariamente para substituí-los, considerando as condições excepcionais do momento. Um grupo que se destacou nesse processo foi o Colab-19, composto de maneira remota pelos arquitetos colombianos Alejandro Saldarriaga e o urbanista German Bahamon, fazendo grande uso de estruturas metálicas temporárias e materiais de fácil acesso, montagem e reuso para construir um espaço de refeições, um anfiteatro para sediar eventos e até uma igreja, todos erguidos ao ar livre para evitar contágios.<sup>27</sup> O anfiteatro de La Concordia foi projetado especialmente como uma estrutura aberta, com a intenção de abrigar diversos programas, fazendo o uso dos andaimes como uma solução rápida e barata para reviver a vida urbana na cidade de Bogotá. Assim como seus projetos, a dupla se dissolveu com o fim da pandemia e do distanciamento social, porém seus trabalhos revelaram o potencial de soluções efêmeras para lidar efetivamente com as mudanças rápidas do cotidiano.

### **Em construção**

Se o Palácio de Cristal inaugura uma arquitetura que busca se desmaterializar, não mais fixa a uma única localização, mas podendo se desmontar e reerguer em outra,<sup>28</sup> os andaimes incorporam essa premissa por

<sup>27</sup> Ver HARVARD UNIVERSITY.  
Design collaborative colab-19 is  
changing how we think about  
post-pandemic architecture. 2021.

<sup>28</sup> Ver BOGÉA. Op. cit.

completo, elegendo o efêmero como a sua razão de ser. Retrato de uma condição passageira e imediata, os andaimes se erguem como estruturas temporárias e versáteis, como no Pavilhão Humanidade 2012 e no Anfiteatro de La Concordia, desaparecendo no momento que essa condição se esgota. Sem rastros, suas existências tornam-se apenas memórias, um sonho do qual se acorda, cujo único resquício são as memórias das ações que ocorreram neles e as peças padronizadas que poderão vir a compor a próxima estrutura, invocando nela um *deja-vu* familiar.

Ao mesmo tempo, os andaimes carregam consigo a estética da construção, do inacabado, de algo que está em processo de nascer, seja um edifício ou mesmo uma experiência. Eles representam algo que não está dado, mas, aproximando-se da arquitetura de Lacaton & Vassal, que deve ser percebido através do olhar atento ao longo do tempo — uma construção que não atrai por aquilo que revela, mas pelo que poderá ser, levando o observador a imaginar a sua continuidade.<sup>29</sup> Com um entendimento claro da realidade contemporânea, manifestada por experiências imediatas e supersaturadas decorrentes da virtualização do mundo real, são as poéticas do embaçamento e do retardamento aquelas capazes de se opor ao regime de nitidez intensificado pelo novo normal.<sup>30</sup>

Notoriamente temporárias, as estruturas em andaimes são capazes de conferir significado àquilo que inevitavelmente desaparecerá, implantando uma experiência momentânea

sob o pré-existente. Enquanto o mundo da internet ubíqua é regido pela camada virtual, aqui, por contraste, se inaugura uma nova camada essencialmente real, a qual se justapõe à normalidade cotidiana como uma heterotopia que sobrepõe um recorte temporal a outro: o território existente e o espaço passageiro.<sup>31</sup> As *Recetas Urbanas* de Santiago Cirugeda operam nesse sentido, explorando as brechas das cidades, tanto espaciais quanto de caráter legal, para instalar estruturas transitórias sobre o espaço público. Valendo-se da legislação local que autoriza a permanência temporária de andaimes na fachada de edifícios, uma dessas estruturas, denominada *Andaimio* (andaime), faz uma releitura dessa permissão para instalar durante três meses uma pequena cápsula habitável em frente a um edifício protegido pelo patrimônio<sup>32</sup>, fornecendo um olhar renovado a essa paisagem histórica consolidada e estática. Como Bogéa aponta, seu sucesso se dá justamente pelo reconhecimento desse pré-existente, “não para redesenhá-lo no tempo, mas para subverter a lógica dada”,<sup>33</sup> fazendo as reflexões levantadas sobre o local ocupado mais duradouras que a permanência física da instalação.

De forma similar à arquitetura de Lacaton & Vassal, porém com caráter passageiro, as *Recetas Urbanas* de Cirugeda consideram o pré-existente como princípio para a ocupação de um local, operando sobre as situações presentes para então refletir sobre elas. Tanto o trabalho da dupla de arquitetos franceses quanto o do artista renovam

<sup>31</sup> Ver FOUCAULT. *O Corpo Utópico, as Heterotopias*. 2013.

<sup>32</sup> CIRUGEDA. *Andamio*. 1998.

<sup>33</sup> BOGÉA. *Op. cit.*

<sup>29</sup> Ver FABBRINI. *Op. cit.*

<sup>30</sup> Ver WISNIK. *Op. cit.*

o cotidiano através da transformação do espaço, seja pela continuidade de memórias atreladas a um lugar, opondo-se a uma arquitetura do apagamento, que almeja cada vez mais criar espaços sem história, impessoal e estéril; seja pelo reconhecimento da efemeridade das cidades, tencionando essa condição para questioná-la e apresentar alternativas à forma como o espaço urbano é produzido. No caso das *Recetas Urbanas*, essas espacialidades são capazes de se aproximar mais diretamente do cotidiano em questão, não apenas pela redução da escala e duração do projeto, mas também por se inserir diretamente no espaço público, dentro do trânsito letárgico dos pedestres como que para acordá-los.

### **Apropriar o inimigo**

Na cidade genérica, entre os edifícios autônomos que compõem o tecido urbano sem qualquer relação entre si, afloram espaços residuais, como empenas cegas, lotes vazios e estacionamentos, espaços sem memória ou identidade.<sup>34</sup> A discussão elaborada nos capítulos anteriores evidenciou que resistir à produção violenta das cidades significa ocupar e reivindicar o direito de verdadeiramente habitá-las. Elaborar planos utópicos de como produzir cidades ideais pode servir como base para o planejamento urbano, mas apenas em um futuro incerto e, no capitalismo, somente caso o mercado julgue essas ideias lucrativas o suficiente

<sup>34</sup>. Ver KOOLHAAS. *The Generic City*. 1995.



Santiago Cirugeda, *Andamio*,  
*Recetas Urbanas* (1998).  
Fonte: Veredes



<sup>35.</sup> Cabe aqui a definição de contemporâneo de Giorgio Agamben, trazida por Wisnik: “Agamben observa que o contemporâneo é quem mantém fixo o olhar no seu tempo, ‘para nele perceber não as luzes, mas o escuro’. Isto é, contemporâneo é, justamente, ‘aquele que sabe ver essa obscuridade, que sabe escrever mergulhando a pena nas trevas do presente.” WISNIK. Op. cit

<sup>36.</sup> Lembrar a discussão do primeiro capítulo. Ver HARVEY. O Direito à Cidade. In.: Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana. 2014. pp. 27-66.

<sup>37.</sup> Traduzido livremente do inglês. KOOLHAAS. Whatever Happened to Urbanism? 1995.

<sup>38.</sup> AUGÉ. From Places to Non-Places. In.: Non-Places: Introduction to an Anthropology of Supermodernity. 1995. p. 75-115.

ou se a população for capaz de se mobilizar e conquistá-las. Embora seja urgente reivindicar políticas públicas de longo prazo através da luta popular, deve-se também ocupar a cidade contemporânea<sup>35</sup> para instaurar mudanças agora, no presente. Porque, se a cidade se renova constantemente, frente às novas demandas do capital e para absorver os excedentes da força de trabalho de sua população,<sup>36</sup> é apenas atacando suas deficiências em tempo real que não se permitirá com que elas se perpetuem. E, se no caos urbano tudo é possível acontecer, seu território pode então se tornar um laboratório que reimagine sua relação com as pessoas, através de novas ocupações contra o novo normal anunciado. “Redefinido, o planejamento urbano não será mais apenas, ou majoritariamente, uma profissão, mas um modo de pensar, uma ideologia: aceitar o que existe”, pois, como aponta Koolhaas, “mais que nunca, a cidade é tudo que temos”.<sup>37</sup>

Tal como no exemplo do Minhocão, nas apropriações de ruas informais em bairros periféricos, ou mesmo por meio de instalações como as de Santiago Cirugeda, é a partir das brechas, as sobras abandonadas durante o processo de produção das cidades, que novas ocupações poderão aflorar. As pessoas que adentram esses não-lugares estão livres dos determinantes que regem o restante da cidade, convertendo esses espaços nas atividades que elas se propõem a experimentar no momento.<sup>38</sup> De forma libertadora, em contraste à cacofonia urbana, aqui se experiencia o vazio,

onde o novo tem significados que não se diluem entre os excessos da cidade, podendo assumir a identidade desejada. “Se o espaço depende de decisões de seus usuários para existir, ele então fomenta um debate sobre como se dará essa ocupação”.<sup>39</sup> Torna-se, portanto, o portal para um novo mundo sobreposto ao existente, heterotópico. São nos vazios urbanos, como defende Solà-Morales, onde é possível sonhar com o diferente, o alternativo ao modelo existente,<sup>40</sup> sendo eles, nas palavras de Wisnik, “reservatórios de possibilidades de uso não confinadas pelos instrumentos de poder e pela razão abstrata”,<sup>41</sup> onde a ação das pessoas se torna o interesse maior.

“Pegar o escombros e fazer do escombros a linguagem. Tudo aquilo que seria o resíduo, o lixo, a sobra. Pegar os restos da cidade, do carro, pegar o outdoor. **Apropriar o inimigo. [...] Essa cidade foi construída dessa maneira, então vamos apropriar isso, ao invés de apagar.**” (WISNIK in LESSA, 2022)

De empenas cegas a edifícios abandonados, são os espaços vazios que verdadeiramente compõem a paisagem de cidades como São Paulo, vastamente distribuídos pelo seu território como estrias do seu crescimento descontrolado. Banalizados, esses lugares sem identidade se proliferaram e passaram a fazer parte do cotidiano da cidade, compondo, paradoxalmente, parte de sua história. De lotes vazios a

<sup>39.</sup> ARRUDA, Marcella. Arquitetura da Liberdade: A Experiência do Comum. 2016.

<sup>40.</sup> SOLÀ-MORALES. Terrain Vague. In.: Terrain Vague. 1995, pp. 118-123.

<sup>41.</sup> WISNIK. Op. cit.



Hoje é comum ver bares e festas se abrigando em lotes vazios, galpões abandonados e fábricas desativadas, exaltando justamente a condição desses espaços como parte de sua experiência.

Fonte: Carlos Capslock

Foto: Shotgun



Ocupação do baixio do Viaduto Júlio Mesquita Filho, no trabalho Arquitetura da Liberdade.

Fonte: Marcella Arruda



estacionamentos, fábricas e galpões abandonados, a vida urbana paulistana se instaura nesses lugares por entendê-los não como resíduos indesejáveis, mas como parte intrínseca da memória da cidade, convertendo-os em espaços de encontro, como bares e locais de festas. Ocupar o vazio, nesse sentido, é se apropriar da própria cidade, atingir a sua essência.

A ocupação do baixio do Viaduto Júlio Mesquita Filho, no trabalho Arquitetura da Liberdade de Marcella Arruda, foi capaz de operar com essa realidade, abrigando nesse espaço indeterminado, nascido como resto de obra viária, uma série de manifestações culturais e de lazer para a população do entorno. Propondo o “aprofundamento crítico sobre a forma como a arquitetura foi historicamente estruturada enquanto disciplina”, o trabalho preocupou-se em não oferecer atividades fixas, sendo elas propostas e debatidas espontaneamente pelos moradores da região, concebendo uma arquitetura que não se define em propriedades, mas em potencialidades de uso.<sup>42</sup> Para o sucesso dessa ocupação, Arruda conta que a comunicação e o engajamento dos participantes foram fundamentais, estabelecendo vínculos entre eles com o objetivo comum de aferir a esse local um sentimento de pertencimento, convidando, assim, mais pessoas interessadas a integrar o projeto. O vazio se torna um espaço aberto para a interpretação e a construção, onde as pessoas se sintam convidadas a intervir nele.<sup>43</sup> Dessa maneira, provando que a cidade não precisa ser apenas

<sup>42</sup> Ver ARRUDA, op. cit.

<sup>43</sup> MACIEL. Muito Além da Sombra do Viaduto. 2015.

<sup>44.</sup> CANCLINI, Nestor Garcia  
apud LESSA. *Cartas ao Mundo*.  
2022.

passivamente consumida — pelo contrário, ela pode ser coletivamente criada —, a ocupação do baixio ressoa com a defesa de Nestor Garcia Canclini, mostrando-nos que “só através da reconquista criativa dos espaços públicos, do interesse pelo público, o consumo poderá ser um lugar de valor cognitivo útil e agir significativa e renovadoramente na vida social”.<sup>44</sup>

*“A anti-arte é a verdadeira ligação definitiva entre manifestação criativa e coletividade - há como que uma exploração de algo desconhecido: acham-se ‘coisas’ que se vêem todos os dias mas que jamais pensávamos procurar. É a procura de si mesmo na coisa - uma espécie de comunhão com o ambiente.”*  
(OITICICA, 1996)

“O museu é o mundo”, bem afirmou Hélio Oiticica ao levar a sua produção para fora das galerias, convertendo em palco o mesmo mundo que se manifesta por terrenos baldios e transformando o público nos atores da grande peça do cotidiano.<sup>45</sup> Em seu Programa Ambiental, a cidade é vista sob novos olhares: partindo da noção de que ela é repleta de significados escondidos em plena visão, basta encontrá-los através do olhar atento, uma filosofia capaz de fazer frente à experiência letárgica propiciada pela vida virtualizada.<sup>46</sup> As pessoas e as suas ações tornam-se o interesse, há um mistério em observá-las e descobrir os outros lugares que

<sup>45.</sup> Ver OITICICA. *Programa Ambiental*. In.: Hélio Oiticica. 1996, pp. 103-105.

<sup>46.</sup> Ver FABBRINI, Op. cit.

surgem delas a partir de suas interações entre si e com o ambiente.

“Meu corpo é como a Cidade do Sol, não tem lugar, mas é dele que saem e se irradiam todos os lugares possíveis, reais ou utópicos”.<sup>47</sup> Conferindo a possibilidade desses lugares utópicos se manifestarem sobre o mundo real, esse passará a ser uma construção realmente coletiva. O residual, aberto a todas as manifestações, entrega aquilo que a população estiver disposta a construir nele.

<sup>47.</sup> FOUCAULT. Op. cit.





*uma estrutura temporária*

### **Estrutura efêmera**

Em paralelo às discussões realizadas nos capítulos anteriores, este trabalho elaborou o projeto de uma estrutura temporária de andaimes, buscando explorar o potencial efêmero e mutável desse sistema construtivo. O partido do projeto foi a concepção de estrutura aberta, agindo como continuidade do espaço público, porém se expandindo em direção aos espaços residuais da cidade de São Paulo. Assim, pretendeu-se trabalhar diretamente os espaços que definem a cidade, não os seus edifícios históricos e consolidados, mas as empenas cegas, os lotes vazios, os estacionamentos e as coberturas de edifícios que compõem sua paisagem, para então ressignificá-los. Se as heterotopias de Foucault são em parte compostas por indivíduos não são absorvíveis pelo sistema capitalista, como nas prisões e asilos, a sobreposição de uma estrutura temporária sobre o território urbano busca um objetivo similar: mostrar novas formas de ocupar o território em contramão à norma estabelecida.

Aqui, partir da noção de espaço público não ocorre necessariamente pela espacialidade, mas sim pela maneira como a sua ocupação acontece. Ao trabalhar com não-lugares, espaços desprovidos de significados e de hierarquias, o projeto almeja eleger as ações das pessoas como seu interesse, tornando-se suporte de atividades, encontros e do próprio cotidiano. Sua efemeridade apenas reafirma essa convicção, não pretendendo se erguer como a solução dos

problemas da cidade, pelo contrário, aceitando que o projeto é apenas uma imagem passageira na paisagem amorfa de São Paulo, cujos únicos rastros serão as memórias sediadas em seu espaço. Quem sabe, ao reutilizar os componentes fundamentais dos andaimes, a estrutura possa reaparecer novamente em outros locais, em novos formatos e com objetivos outros, porém evocando uma memória familiar.

### **Reivindicar a terra**

Respondendo às ambições do projeto, procurou-se por um local para situar o projeto. De início, partiu-se do centro de São Paulo, dada a diversidade de pessoas que o ocupam diariamente. Para além de lotes vazios, a vasta quantidade de edifícios garagem na região também mostraram ocupações em potencial, por serem normalmente baixos em relação à quadra em que estão inseridos, revelando as empenas cegas formadas pelos lotes vizinhos. Construídos em grande parte nos anos 1950, com incentivo da legislação local,<sup>1</sup> a presença desses edifícios marcou o centro de São Paulo durante o auge de seu rodoviarismo, tornando-se símbolo da hegemonia dos carros na cidade. Hoje, como aponta Miguel Antunes Ramos, diretor de Banco Imobiliário, qualquer lote vazio se converte em estacionamento, esperando a valorização do seu lote para então se transformar em um edifício: “no fundo, o estacionamento é uma espécie de quase-prédio. Em um terreno que vai virar prédio, a coisa mais fácil a se fazer

<sup>1</sup> Ver MARTINS, G.A.X.T.:  
*Intervenção de Caráter Efêmero  
em Edifício Garagem no Centro  
da Cidade de São Paulo*. 2017.



<sup>2</sup> RAMOS. Banco Imobiliário. 2020.

é colocar carros lá enquanto se espera”.<sup>2</sup> Ocupar e deturpar esses estacionamentos de seu sentido original é, nesse sentido, não apenas fazer o caminho inverso que a cidade fez em sua modernização, tirando-a dos carros e devolvendo às pessoas, mas subverter uma prática comum da especulação imobiliária, direcionando-a para os interesses da população.

### **Reivindicar o céu**

Um dos espaços mais vastos da cidade, porém muito pouco explorado, são as coberturas dos edifícios. Em São Paulo, onde os espaços de lazer ocorrem majoritariamente dentro de edifícios, explorar essas coberturas abre a possibilidade de expandir a trama de espaços livres da cidade, seja criando “quintais” exclusivamente para os moradores de um edifício, seja destinando esse espaço para criar espaços públicos amplamente acessíveis.<sup>3</sup> Nos últimos anos, o escritório MVRDV vem pesquisando e realizando ações para apontar o potencial desses espaços em Rotterdam, trabalho compilado na publicação *Rooftop Catalogue* e implementado, por exemplo, no *Rooftop Walk*. Esse último, projetado junto ao grupo Rotterdam Rooftop Days, cria um percurso aéreo, partindo do espaço livre para caminhar sob o topo de um conjunto de edifícios, revelando não apenas uma vista ampla e favorecida da cidade, mas também conhecendo as próprias coberturas por onde o caminho passa, mostrando que elas também são passíveis de ocupação.

<sup>3</sup> MVRDV. *So much more is possible on our rooftops than we all think*. 2021.



MVRDV, Rotterdam Rooftop Walk (2022).

Fonte: Deezen

Foto: Ossip van Duivenbode



MVRDV, Rotterdam Rooftop Walk (2022).

Fonte: Deezen

Foto: Ossip van Duivenbode



<sup>4</sup> O documentário “Um lugar ao sol” mostra uma visão dessa realidade. Ver MASCARO. *Um Lugar ao Sol*. 2009.

<sup>5</sup> DORRIAN. *The aerial view: notes for a cultural history*. 2007.

<sup>6</sup> Ver MCQUIRE. *The politics of public space in the media city*. 2006.

<sup>7</sup> BEIGUELMAN. *Coronavida: pandemia, cidade e cultura urbana*. 2020.

A vista aérea, proporcionada pela ocupação dos topos dos edifícios, não é necessariamente nova: observar a cidade a partir de um ponto elevado é, historicamente, sinônimo de poder, relacionada a reis em seus castelos ou, atualmente, a ricos em seus apartamentos de cobertura, longe do restante da população.<sup>4</sup> Ocupar esses espaços, nesse sentido, significa popularizar essa perspectiva da cidade. Uma visão distanciada, posicionada em um mundo separado, liberando-se momentaneamente da experiência urbana cotidiana. Ao mesmo tempo, uma prospecção, olhando para frente em direção ao horizonte da cidade, imaginando futuros possíveis.<sup>5</sup>

### **Cidade viva**

Ocupar a cidade significa também ter que lidar com sua camada virtual e imaterial. O tempo da arquitetura, por mais efêmera que essa seja, não acompanha a velocidade das mudanças que ocorrem no âmbito digital.<sup>6</sup> Como, então, conciliar esses dois tempos? Um exemplo pode ser visto durante a pandemia de COVID-19, quando, na impossibilidade de se protestar nas ruas, empenas cegas e fachadas de edifícios por todo o Brasil se tornaram telas para projeções de cunho político, capazes de transmitir diversas mensagens em uma única noite, respondendo aos acontecimentos recentes.<sup>7</sup> O uso de projeções, porém, não é novo, tendo sido empregado, por exemplo, na Virada

Cultural de 2013 com o projeto Conjunto Vazio, do coletivo Colaboratório, que mapeou, através de canhões de luz, os imóveis desocupados no entorno do Largo do Anhangabaú. Através das projeções, como nesses dois casos, a cidade é convertida em interface, transformada em tempo real pela população.

Enquanto os dois trabalhos mencionados usaram a projeção com a intenção de comunicar mensagens pré-estabelecidas, reveladas através da luz, a instalação *Body Movies*, concebida em 2001 por Rafael Lozano-Hemmer, transforma a cidade em uma grande tela, desenhada não pela luminosidade, mas pela ausência dela, através das sombras das pessoas que interagem com o espaço. Intensificando esse efeito, uma segunda projeção que retrata figuras humanas, ofuscada pela forte luz branca da primeira, é revelada quando o posicionamento das pessoas correspondem à forma dessa imagens. Assim, caminhando na contra-mão de um mundo em processo de virtualização — com a popularização da internet e seu fluxo excessivo de informações —, a sombra, definida pelo negativo da luz, torna-se a responsável por revelar o sentido do trabalho.

No Brasil, de maneira espontânea, a ocupação do Palácio do Congresso Nacional, durante as manifestações de 2013, produziu um efeito similar ao *Body Movies*: a arquitetura, normalmente iluminada por holofotes, ganhou o desenho da sombra da população que subiu em sua cobertura, amplificando a sua presença.

Rafael Lozano-Hemmer, *Body Movies* (2001).  
Fonte: Rafael Lozano-Hemmer



Ocupação do Palácio do Congresso Nacional, durante as manifestações de 2013.  
Fonte: Mídia Ninja



## Suporte

Para lidar com a complexidade de uma cidade como São Paulo, cujo território está em constante transformação, a arquitetura também deverá ser assumidamente mutável. Como visto, a resposta do capitalismo para essa condição são os grandes centros comerciais, um receptáculo onde qualquer atividade pode se instalar e, pouco depois, ir embora, substituída por outra mais condizente com o tempo atual. Dentro desses edifícios, as ocupações operam isoladamente umas das outras, sem qualquer interesse de se comunicarem. A cidade é esquecida e abandonada, processo que transforma o espaço público do entorno em mero resíduo urbano.

O projeto elaborado neste trabalho, por sua vez, busca explorar a condição volátil da cidade no sentido contrário dos centros comerciais, criando uma estrutura amorfa e temporária justamente por conversar com o contexto urbano, respondendo a ele em tempo real. Aqui, não apenas as atividades abrigadas em seu espaço, mas a própria materialidade da construção é passível de atualizações. Com esse objetivo, o sistema construtivo de andaimes se reafirma como uma solução não apenas versátil, capaz de se modificar ao longo do seu tempo de vida, mas também familiar, por serem os mesmos andaimes aqueles responsáveis por anunciar que a cidade está passando por uma transformação. Agora, no entanto, essa transformação

não se refere à sua paisagem, como de rotina, mas à própria maneira como o espaço urbano é enxergado e ocupado.

Tal como as projeções realizadas no espaço urbano, ou mesmo as ocupações heterotópicas da cidade, organizadas por grupos independentes; o legado que a arquitetura efêmera entrega à cidade não é o da materialidade, a qual aqui é inexistente ou passageira, mas as memórias e as reflexões que ela deixa para trás. Assim, o projeto se assume como uma estrutura mutável, nunca finalizada, passível de críticas e fruto de uma construção coletiva e contínua. Efêmera, ela aceita que o seu destino é acabar, porém confiante que a sua breve passagem será capaz de deixar marcas. Marcas essas invisíveis, correspondentes às memórias das atividades lá realizadas. Uma arquitetura que reconhece ser apenas o suporte para as ações das pessoas, essas sim as quais serão verdadeiramente responsáveis por impactar o futuro da cidade.





*contexto*



### *o local*

O local escolhido para o projeto foi a República, no centro da cidade de São Paulo.

A decisão foi feita por três fatores principais, sendo o primeiro a diversidade de pessoas que passam diariamente pela região, diversidade essa que busca ser refletida no projeto.

Além disso, a República possui uma grande oferta de transporte público, de linhas de metrô a frotas de ônibus, tornando a região bastante acessível.

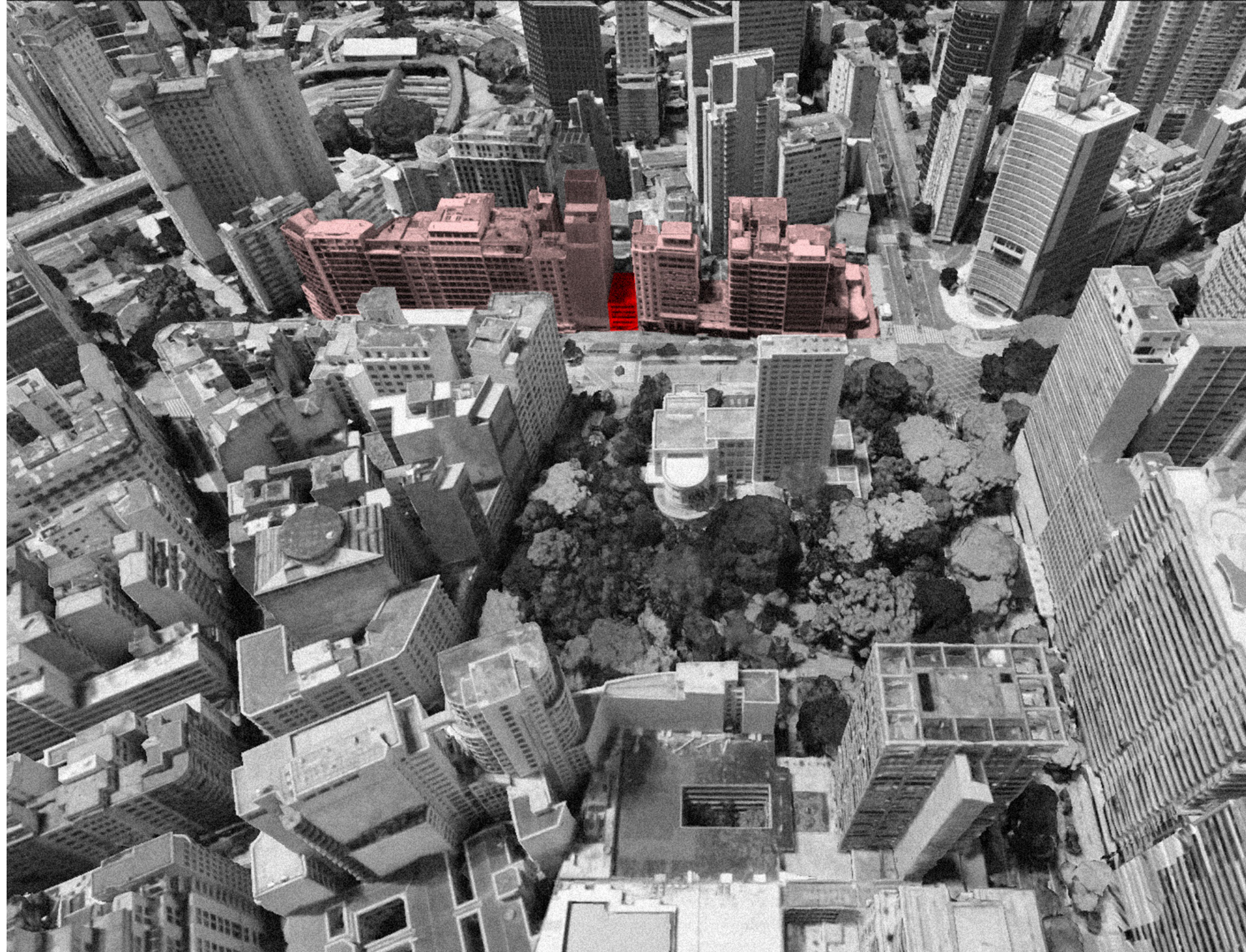
Por fim, um grande fator considerado foi a paisagem da região, um bairro que não apenas abriga uma série de edifícios importantes, mas também uma série de espaços vazios, em especial empenas cegas e edifícios-garagem, os quais são objeto de estudo deste trabalho.





### *a quadra*

O projeto ocupa a quadra na Rua da Consolação, em frente à Biblioteca Mário de Andrade e à Praça Dom José Gaspar. Nela, um pequeno estacionamento se encontra quebrando o gabarito regular formado pelos prédios vizinhos, revelando assim duas imensas empenas cegas em ambos os seus lados. A abertura formada pela praça é aproveitada tanto de dentro do estacionamento, criando uma série de vistas amplas da cidade em diversas alturas, quanto de fora, fazendo com que a estrutura seja claramente visível de vários pontos no entorno. O gabarito regular é aproveitado para ocupar as coberturas dos edifícios, permitindo criar espaços planos e contínuos com facilidade. Atrás do estacionamento, um lote vazio cria uma conexão com a rua de trás, paralela à Consolação.





### *o estacionamento*

Localizado no centro de São Paulo, palco de grandes disputas territoriais, a presença deste estacionamento na região não se justifica, dado não só os melhores usos que o lote poderia abrigar, mas também a oferta exagerada de outros edifícios-garagem no entorno.

Assim, o edifício foi escolhido para abrigar o projeto. Em um primeiro momento, seu espaço é adequado para abrigar a estrutura temporária de andaimes, tal como se tornar próprio para receber pessoas, com melhores condições de ventilação e iluminação naturais.

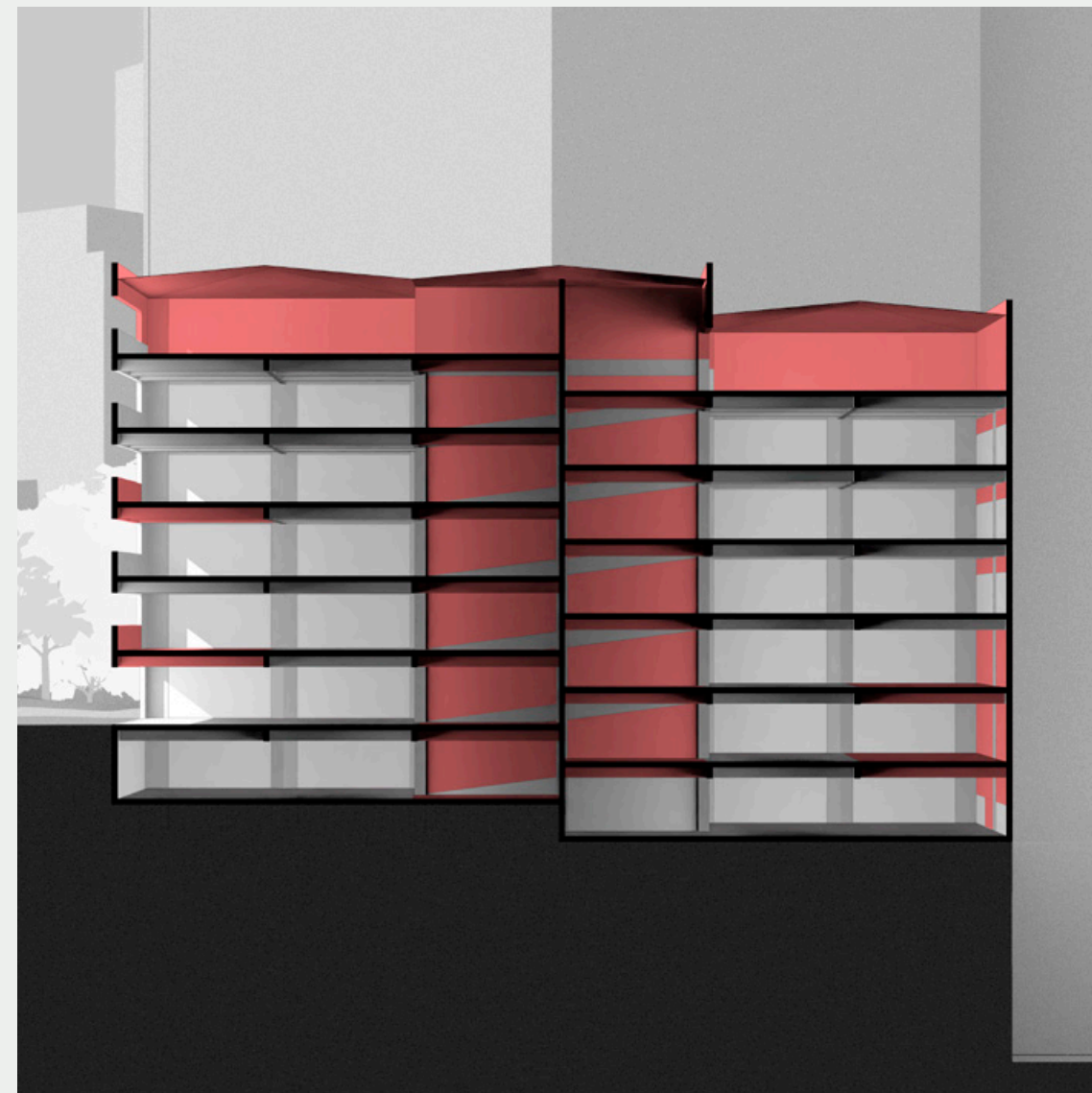
Em um segundo momento, após a desmontagem da estrutura de andaimes, caberá à população decidir o seu futuro: ele poderá continuar de pé, abrigando novas atividades mais pertinentes, ou ser demolido, abrindo espaço para uma construção totalmente nova.



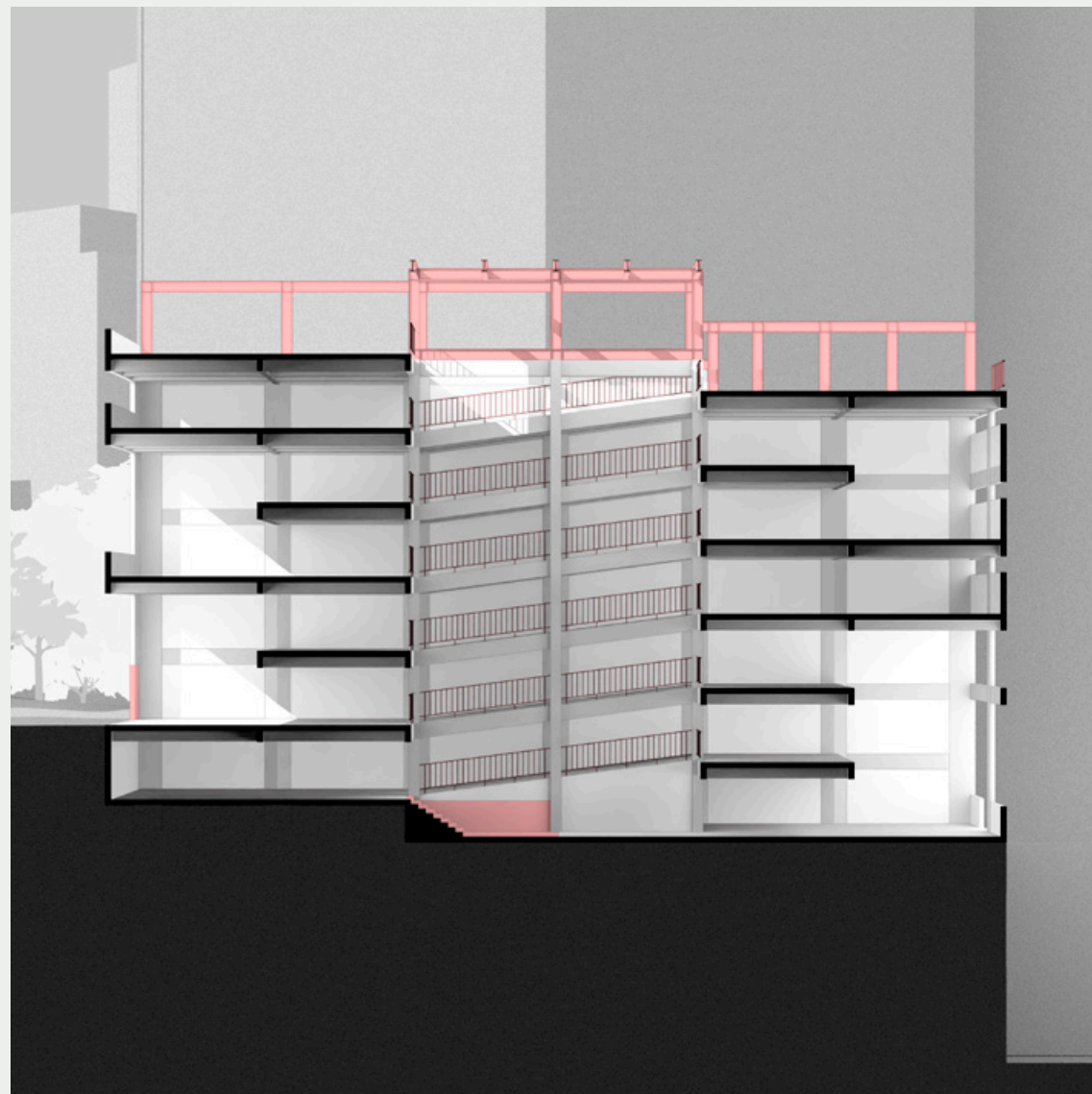




*Situação original.* A estrutura original do estacionamento foi estimada com base em visitas de campo, um modelo da cidade gerado pelo BlenderGIS, e vistas do Google Earth e Street View. O estacionamento foi projetado para abrigar carros, resultando em espaços com iluminação e ventilação precárias.



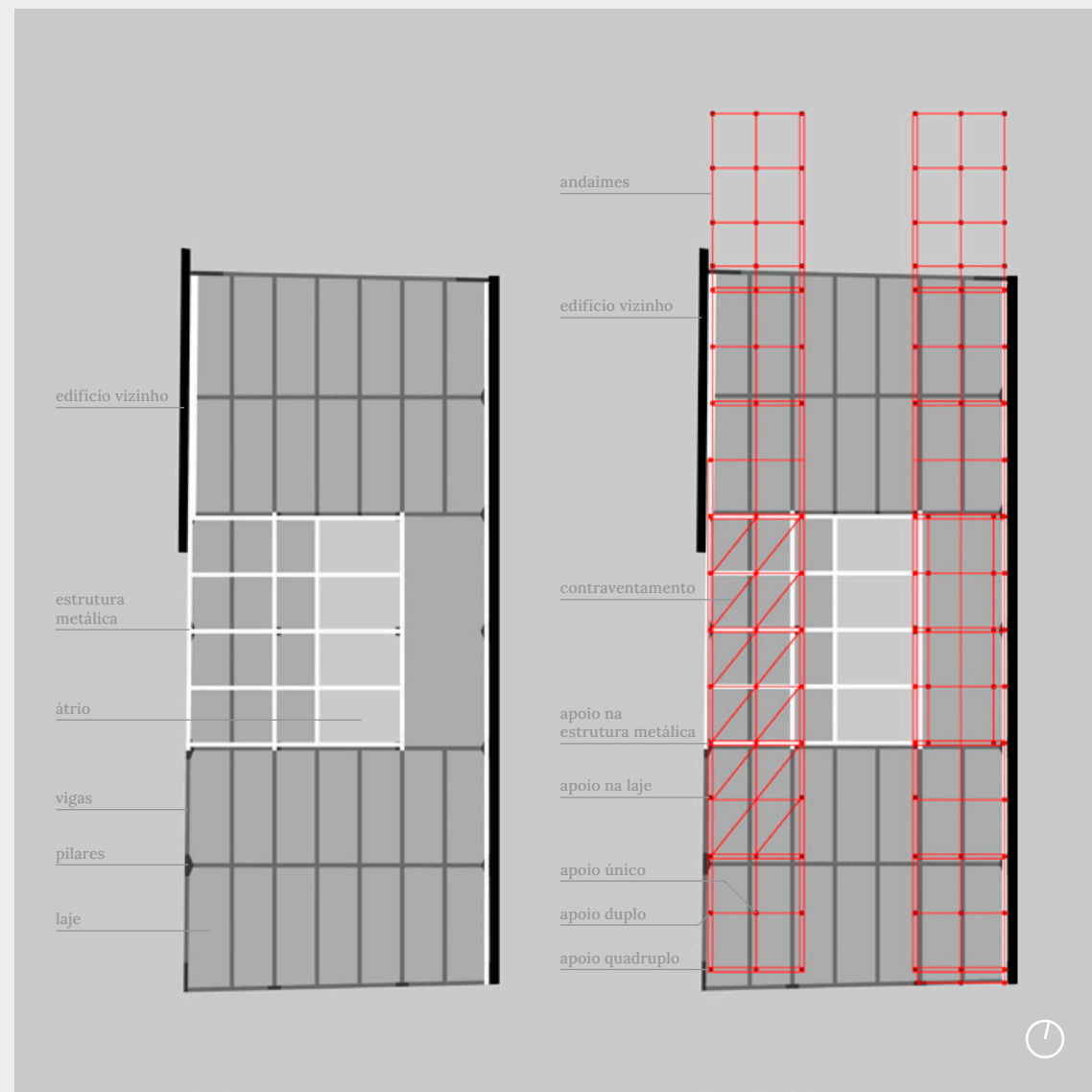
*Demolido.* Buscando tornar o espaço mais aberto, tanto espacialmente quanto para melhorar as condições de conforto, partes do edifício que não comprometessem a sua integridade estrutural foram demolidas, preparando ele, ao mesmo tempo, para receber a instalação de andaimes.



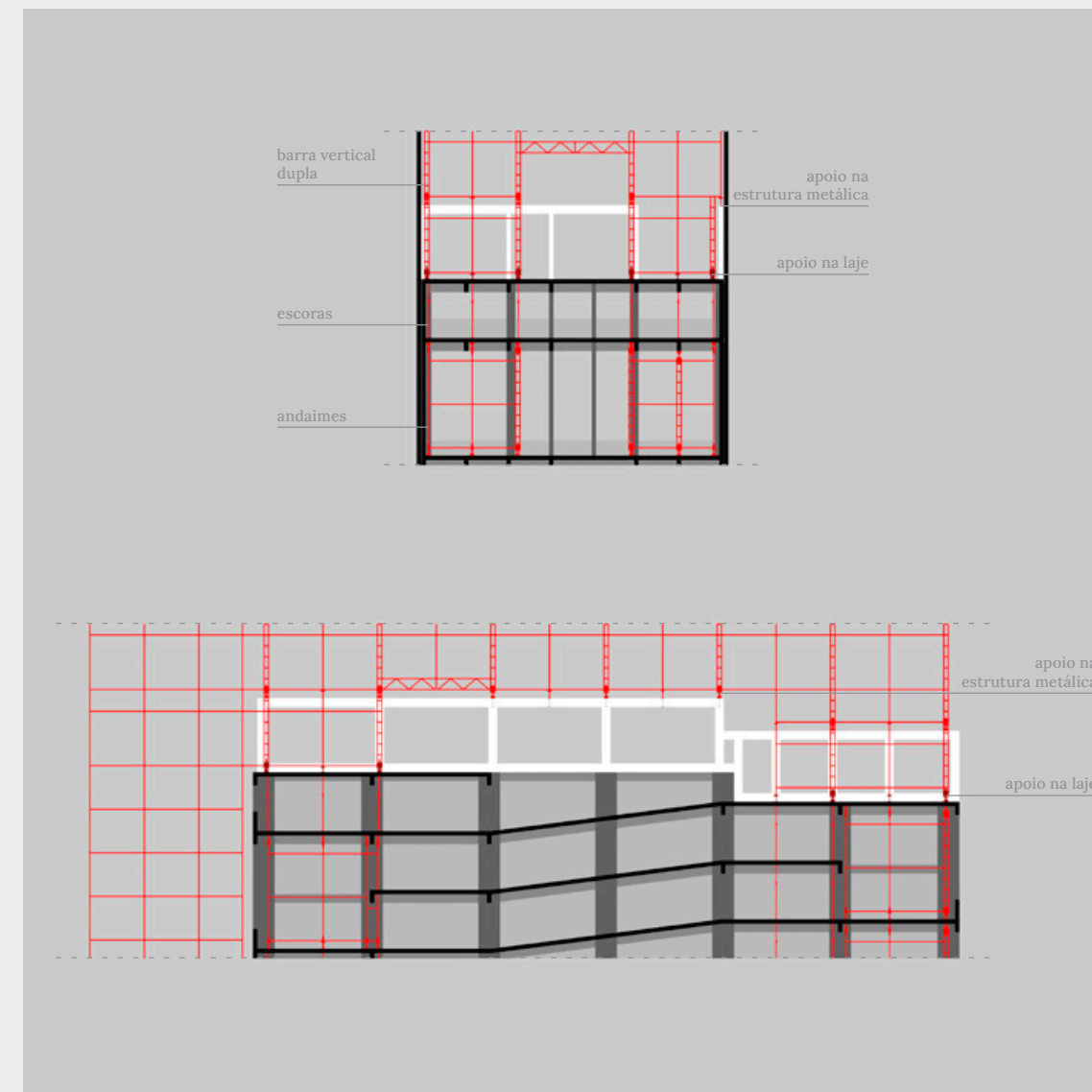
*Construído.* Um grande átrio interno foi aberto no edifício, o qual recebeu guarda-corpos e uma escada que afere continuidade ao subsolo. Uma estrutura metálica foi construída no último pavimento para receber a estrutura de andaimes, transferindo sua carga para a estrutura do estacionamento.



*Situação final.* Após uma intervenção simples, o edifício agora oferece espaços diversos, sejam eles amplos ou reduzidos, abertos ou fechados. Dessa forma, mesmo depois da desmontagem da estrutura de andaimes, ele pode ser reaproveitado para receber novos usos.

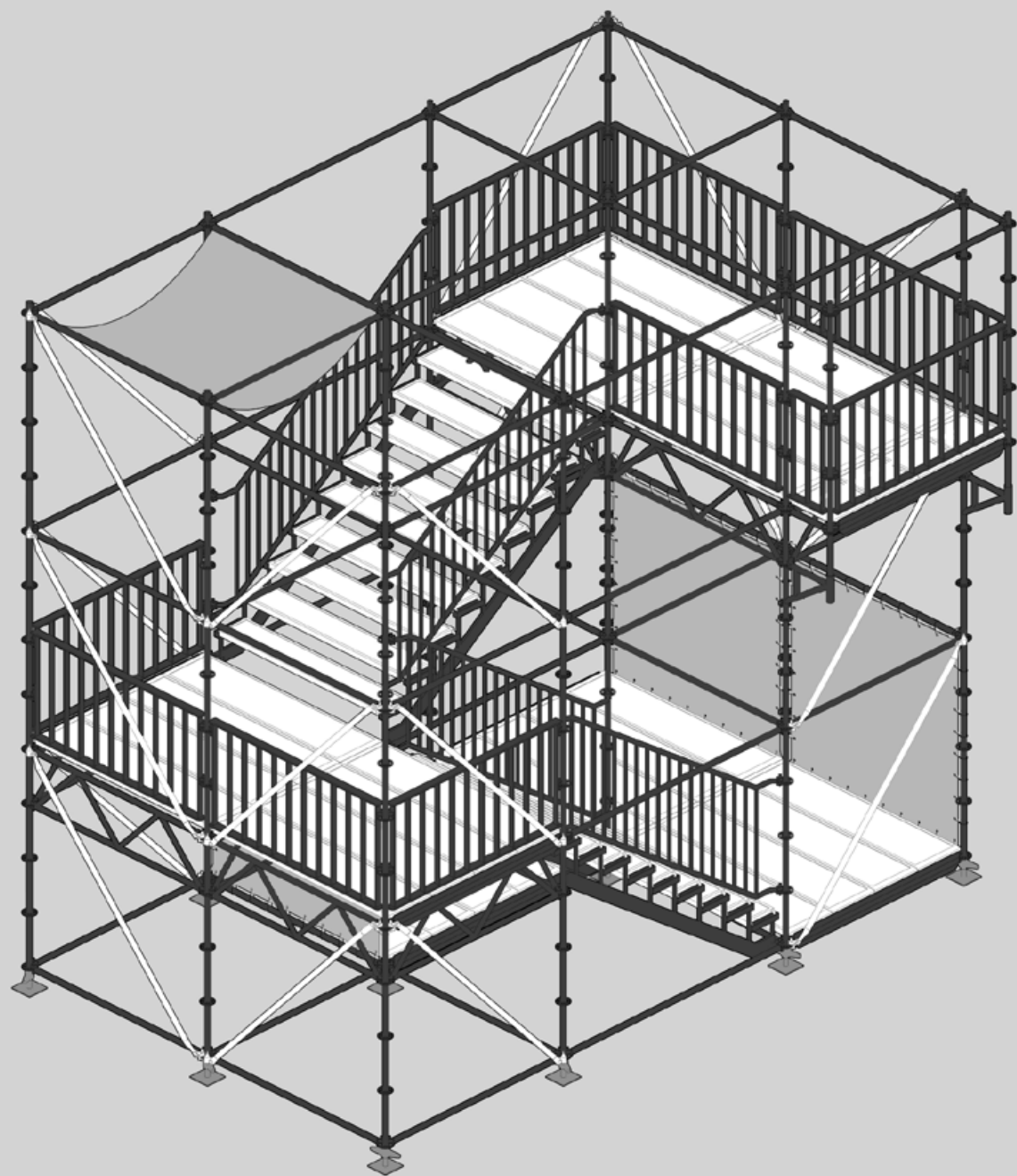


**Compatibilização.** A modulação dos andaimes foi projetada tentando compatibilizá-la ao máximo com a estrutura do estacionamento, com o auxílio da estrutura metálica para distribuir as cargas. Como o edifício não é ortogonal, os andaimes precisam se apoiar diretamente na laje em alguns momentos.



**Transferência de carga.** Caso a estrutura metálica não consiga transferir a carga dos andaimes para a estrutura do estacionamento, quando eles se apoiam diretamente na laje, estruturas adicionais de andaimes e escoras são colocadas em todos os andares, levando os esforços até o solo.





*sistemas paramétricos*

### *Parametrização como metodologia*

A partir de uma família de peças modulares, as estruturas de andaimes podem assumir uma infinidade de arranjos, respondendo versatilmente às exigências que possam surgir. Assim, imagina-se que a estrutura apresentada nesse trabalho possa se modificar ao longo do tempo de sua ocupação, construindo novas espacialidades de acordo com cada nova atividade sediada em seu espaço.

A modularidade desse sistema faz com que as decisões de projeto não originem do desenho tradicional feito em planta e corte, como de costume no projeto de arquitetura, mas dos encaixes que são realizados no próprio momento de sua montagem, expandindo e remontando essas estruturas conforme as necessidades imediatas.

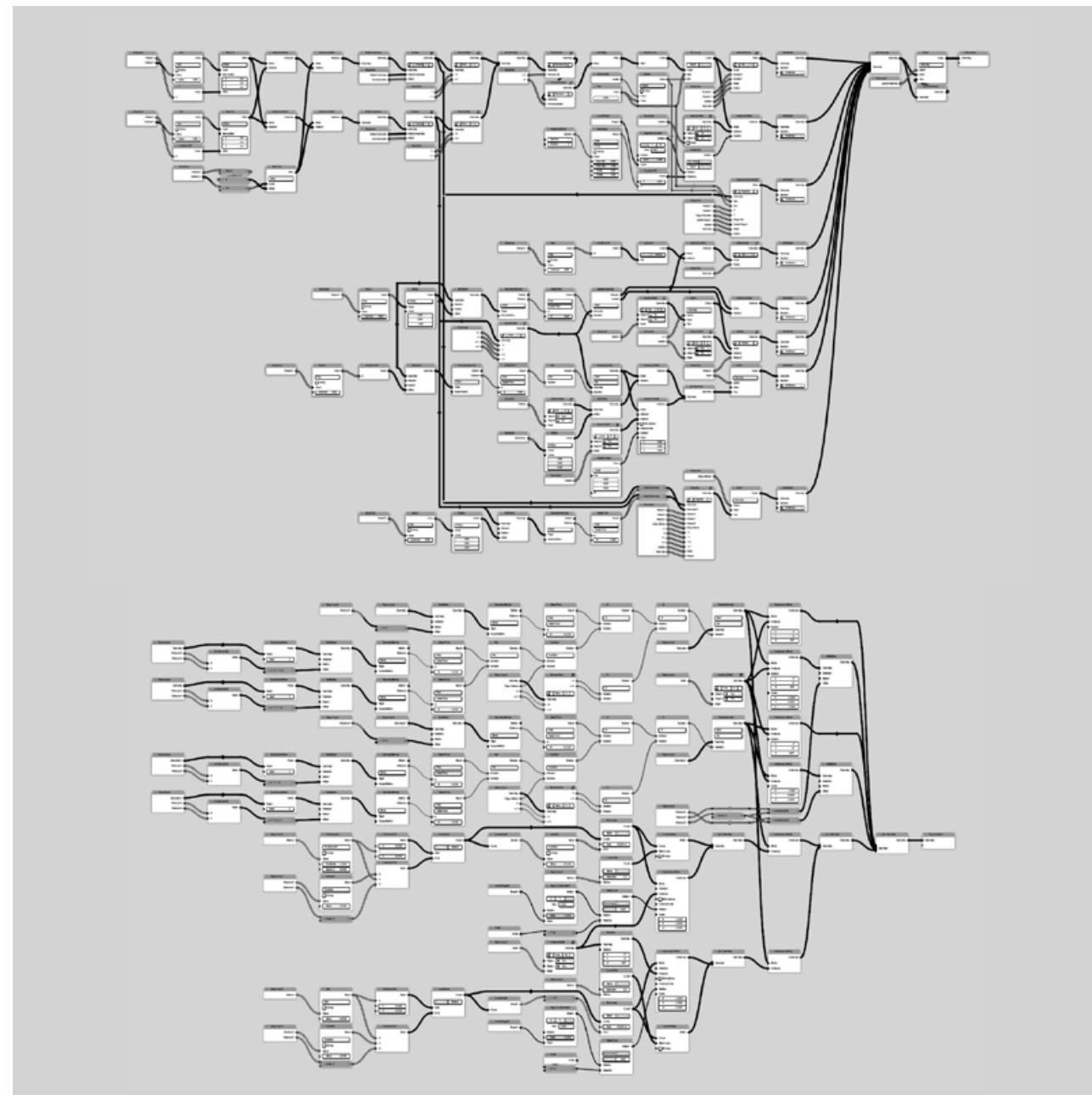
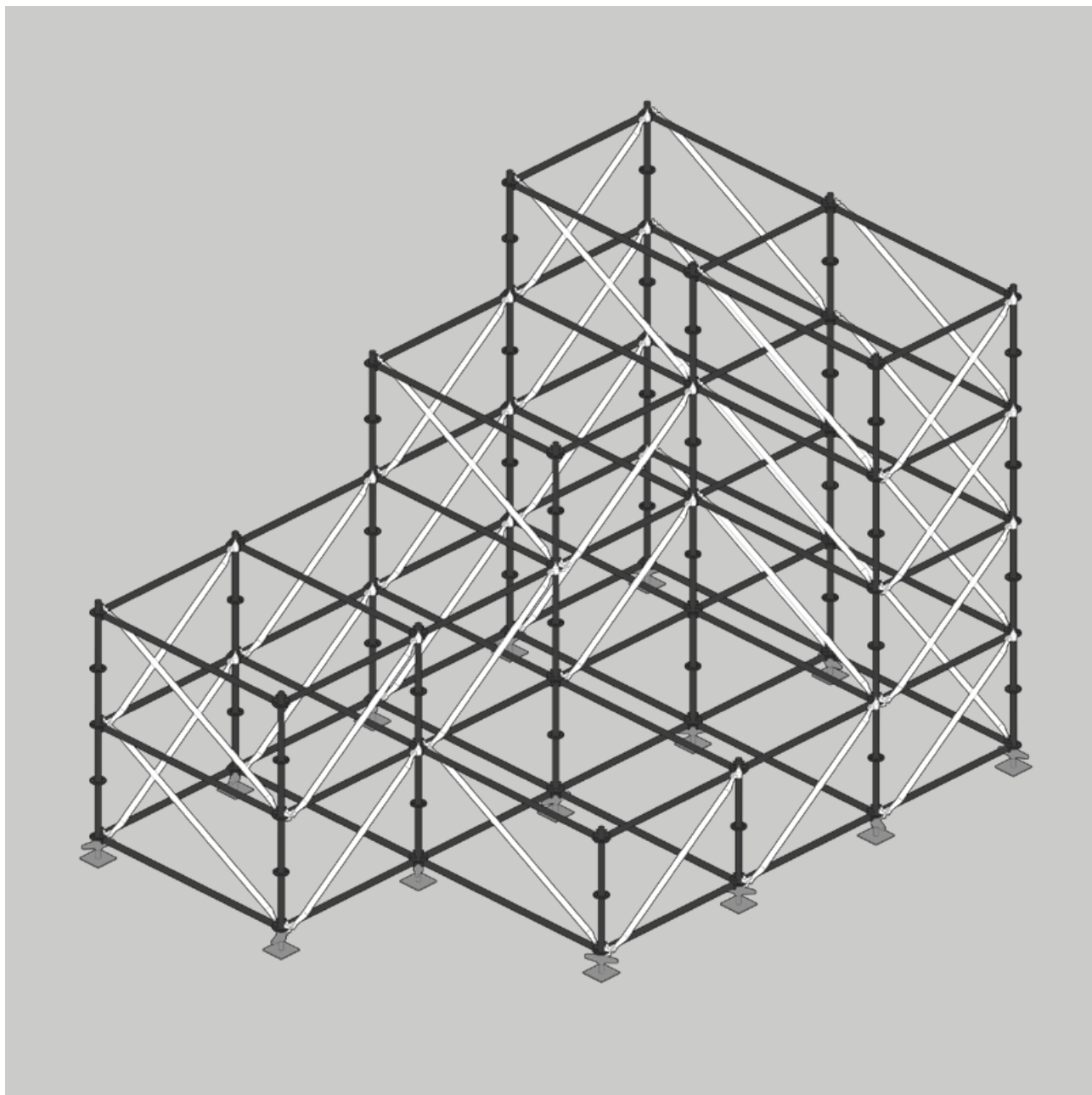
Desse modo, a concepção de projeto não se apoiou tanto em representações bidimensionais. Em seu lugar, foi feito o uso principalmente de modelos paramétricos tridimensionais, permitindo um desenho rápido, intuitivo e preciso das estruturas, prontamente organizadas segundo um conjunto de regras pré-estabelecidas, algo que seria quase impossível através do desenho à mão.

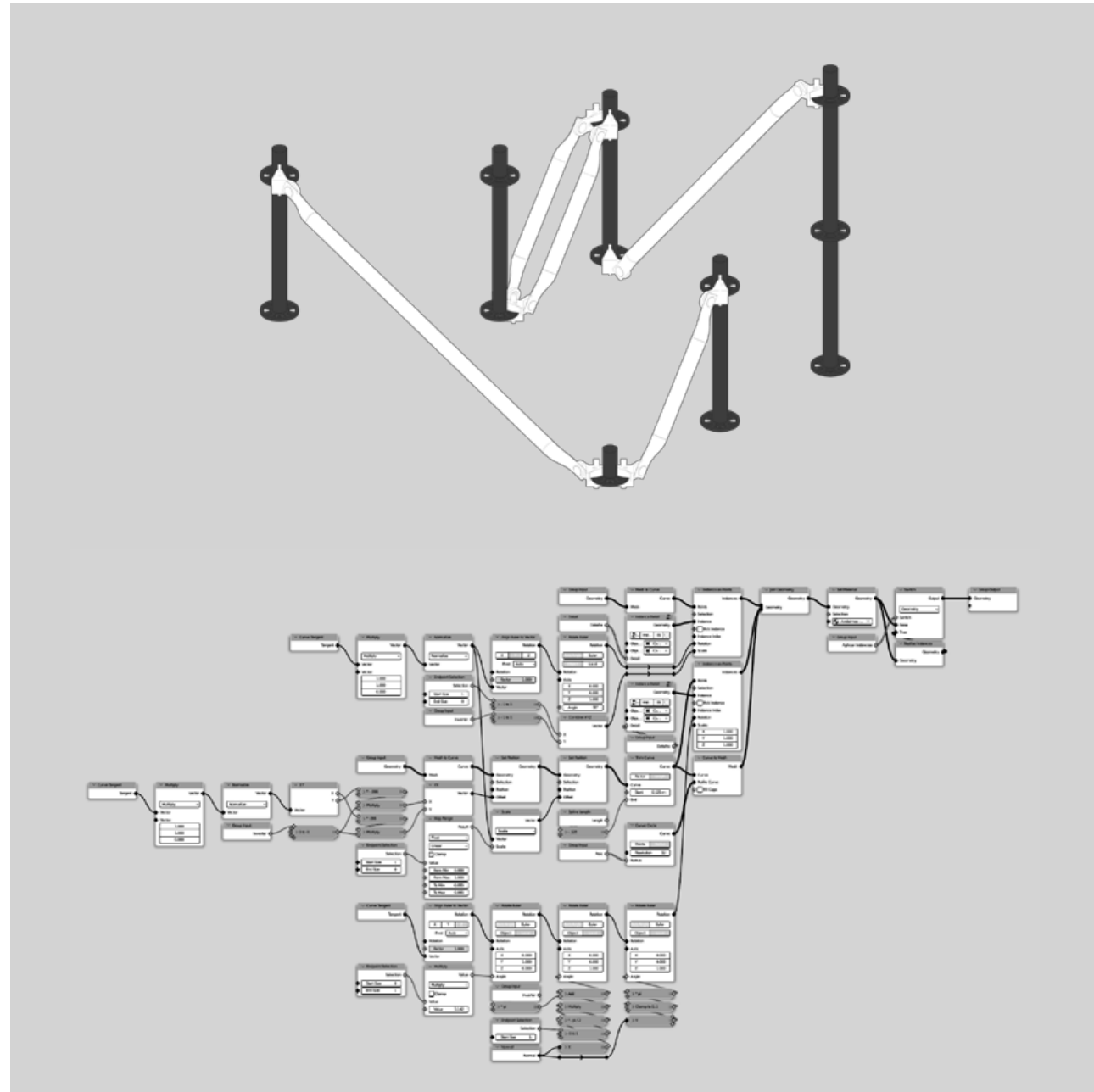
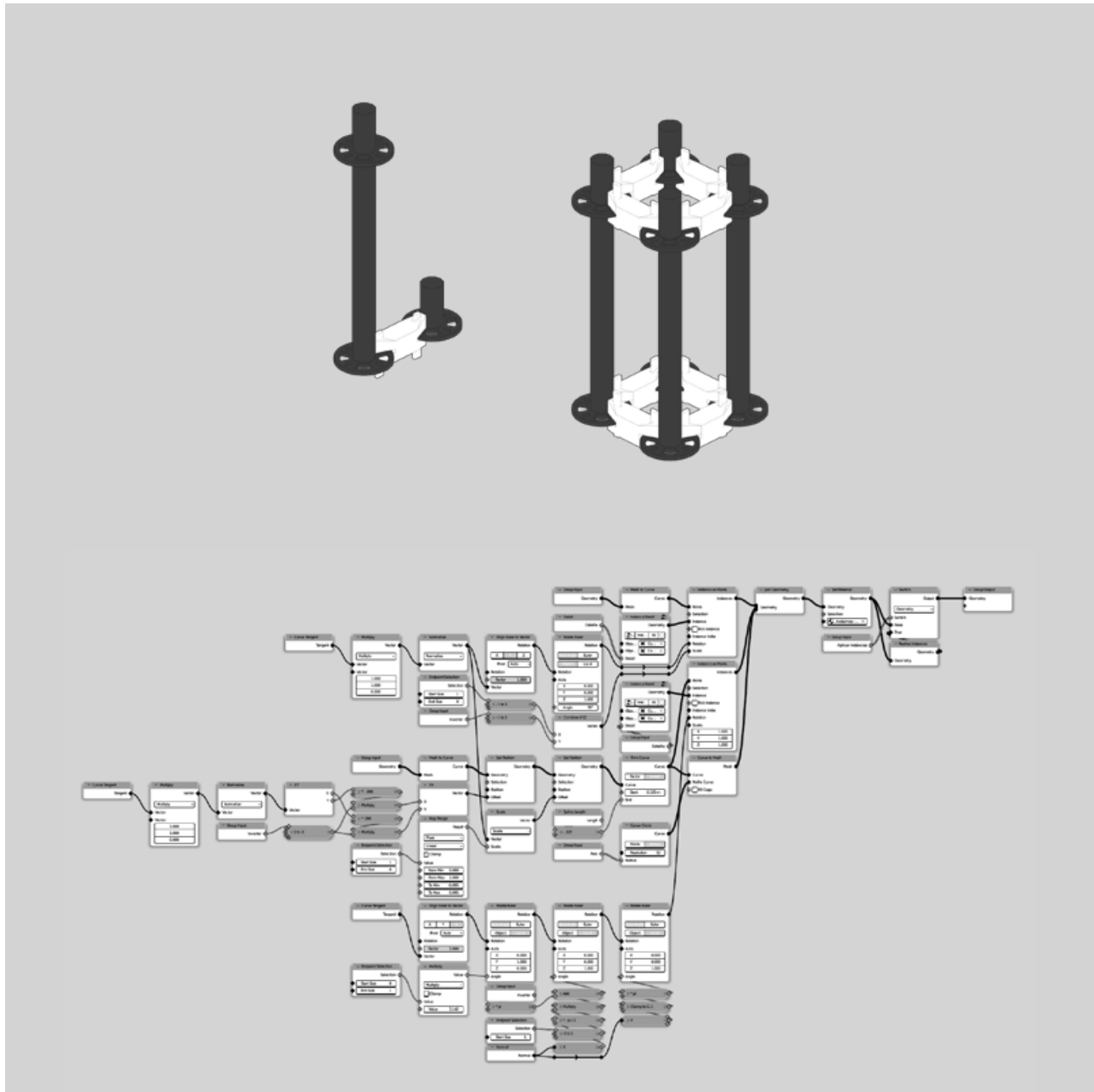
Por gerar automaticamente um modelo tridimensional, a parametrização permitiu com que a espacialidade do projeto pudesse ser visualizada desde o início de sua concepção, permitindo inserir-se dentro da estrutura para concebê-la do ponto de vista de quem a ocupa. Devido à natureza rápida

e intuitiva desses sistemas, mudanças profundas no projeto puderam ser testadas com a mesma facilidade que um traço é desenhado em uma folha de papel, tornando o processo criativo quase como que fazer uma série de croquis.

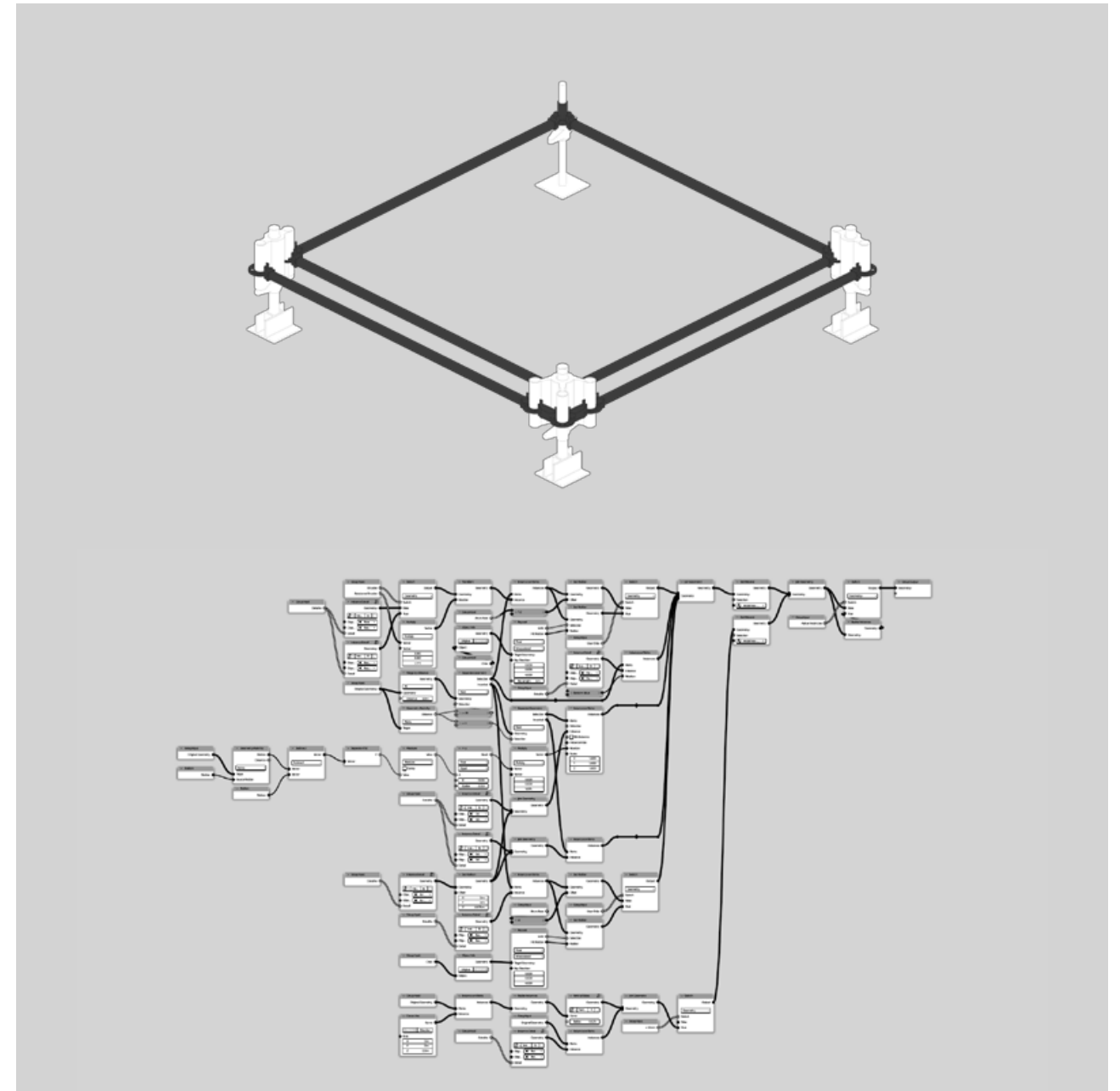
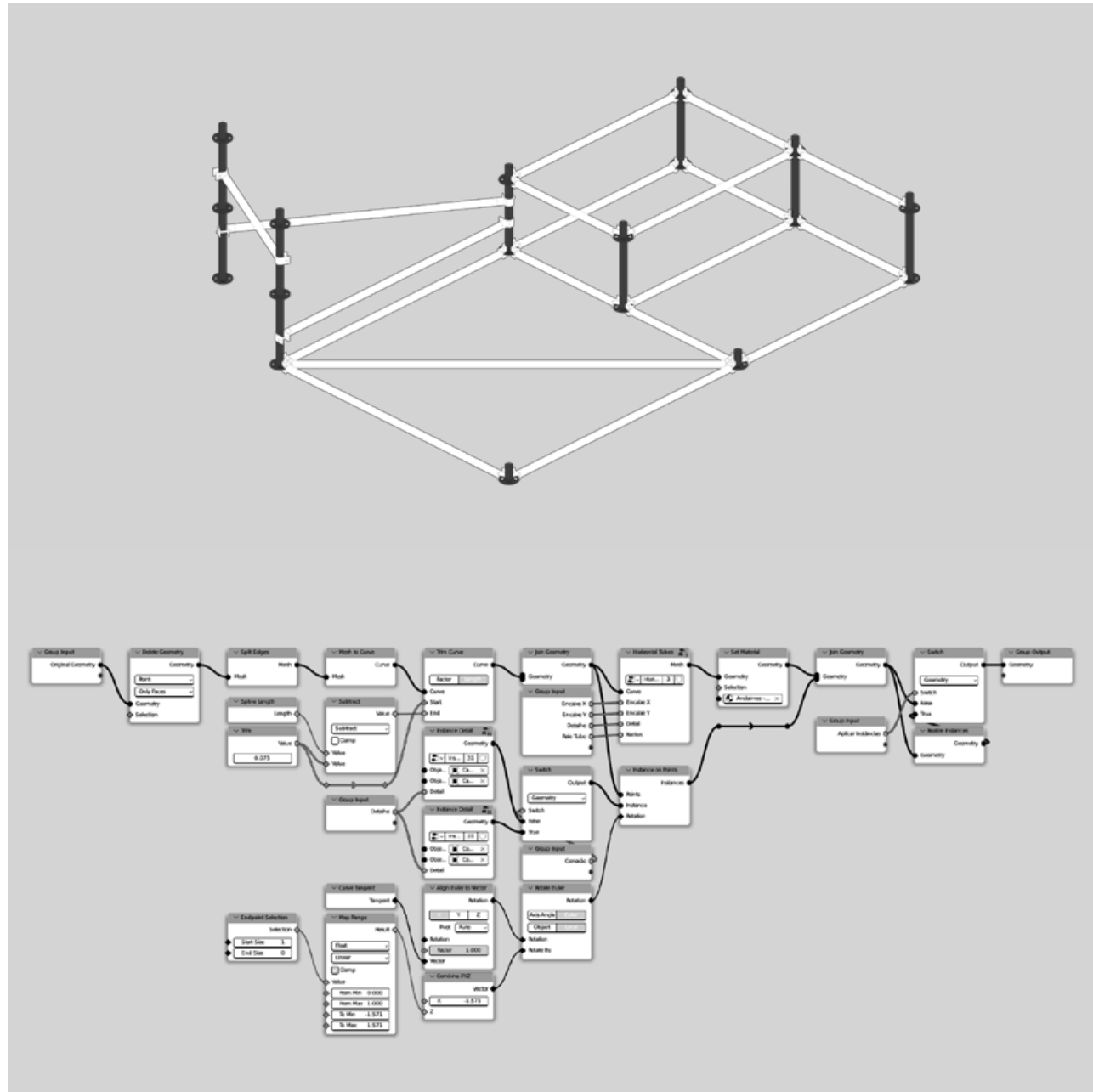
O programa utilizado para parametrizar os andaimes foi o Blender, fazendo uso do sistema de Geometry Nodes embutido nele. As peças foram baseadas no Sistema Multi-Direcional de andaimes da Layher, porém modificando a dimensão dos módulos para múltiplos de 50 centímetros, permitindo que um módulo maior pudesse se subdividir livremente em menores, sem que o restante da estrutura se desencontrasse, tornando-o mais versátil.

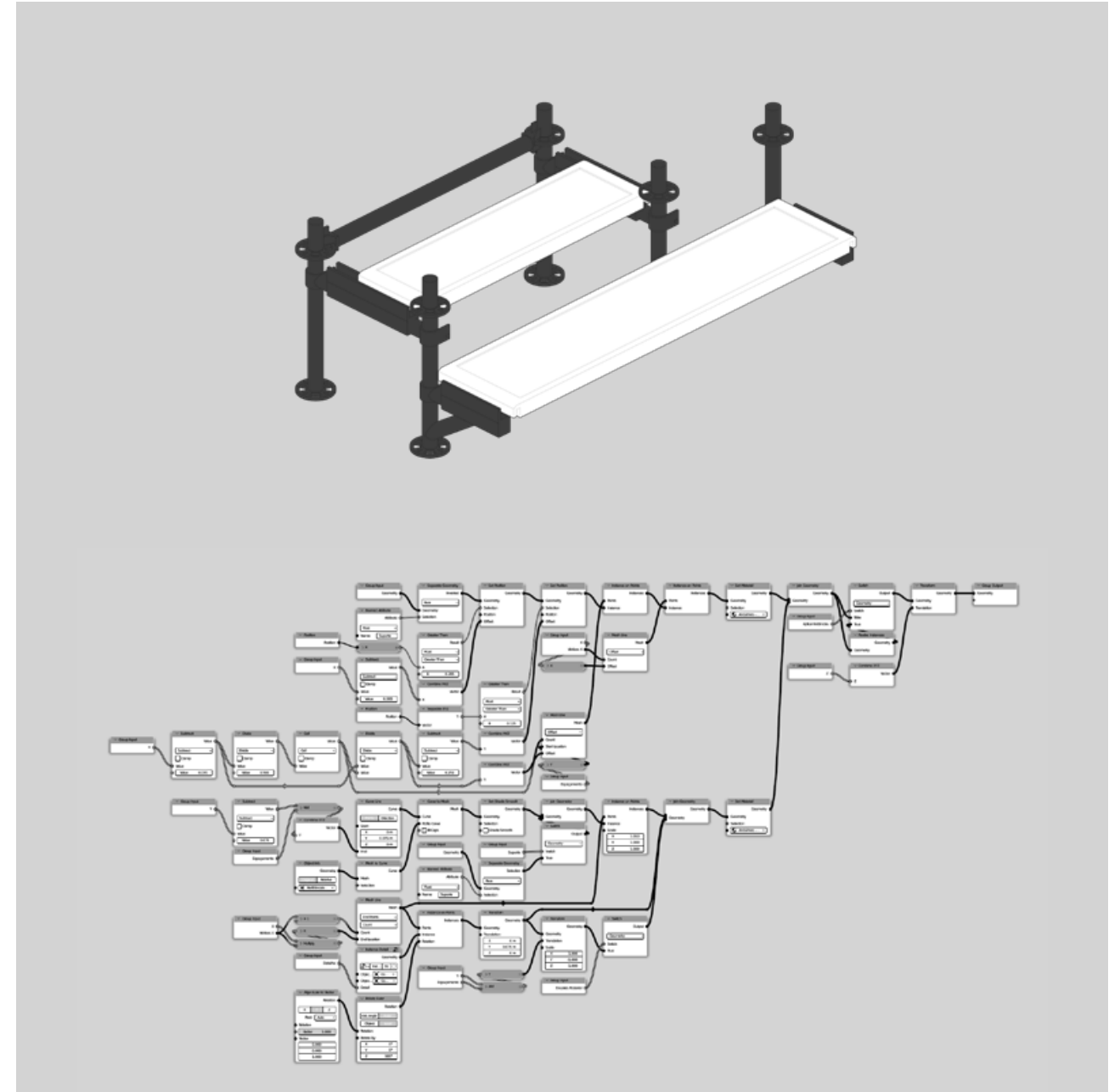
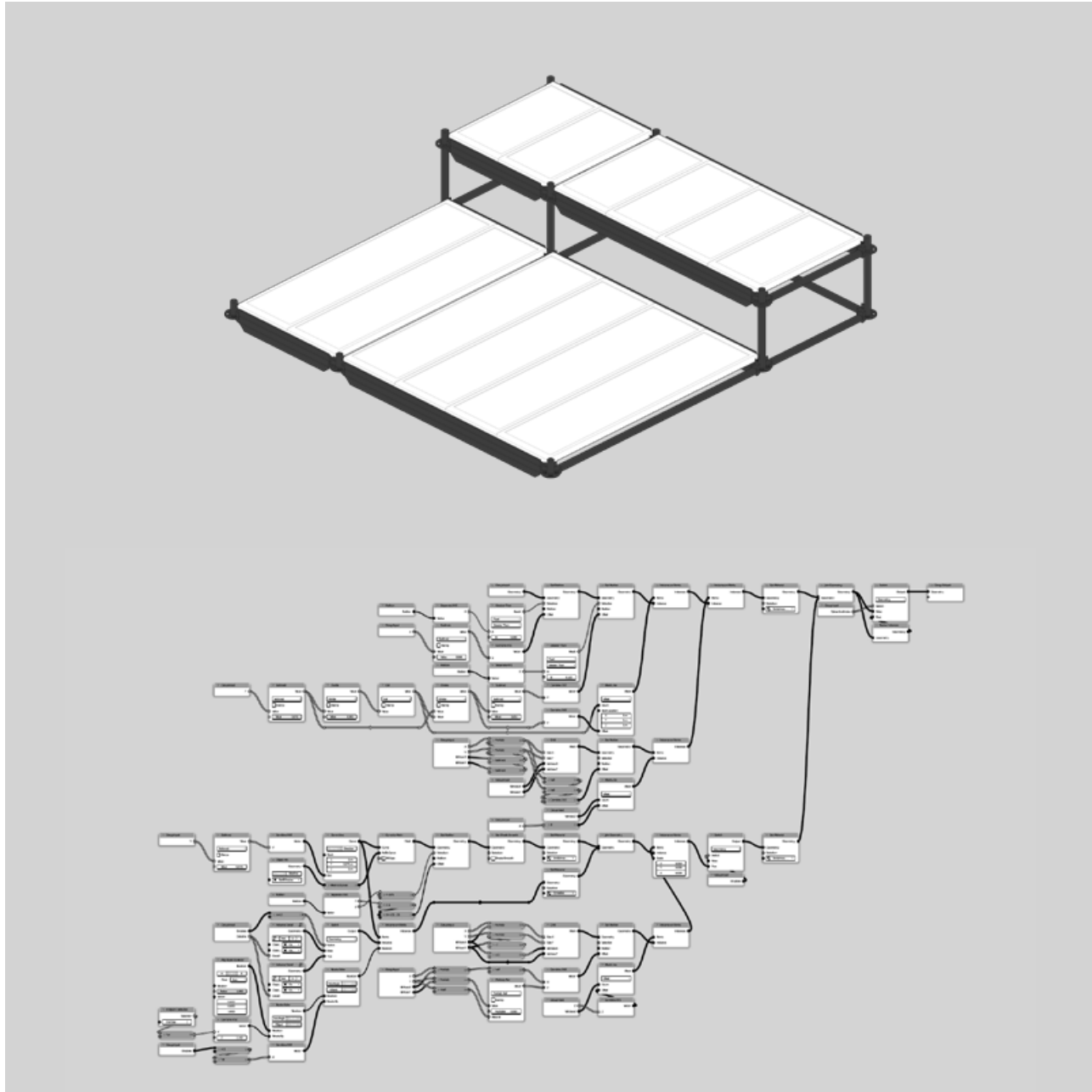
Em um primeiro momento, foi criado um sistema único, responsável por gerar o conjunto de uma estrutura de andaimes, incluindo desde as barras horizontais, verticais e diagonais, até as bases, os pisos e os encaixes. Pouco depois, no entanto, essa se mostrou uma solução limitada, pois todas as configurações produzidas pelo sistema se restringiam a “caixas”, dificultando produzir espaços mais complexos. Portanto, foram feitos em seguida sistemas individuais para cada peça, permitindo que suas especificidades pudessem ser exploradas ao máximo. Com isso, foram realizados ao todo mais de 13 sistemas paramétricos, os quais foram empregados na imensa maioria do projeto.

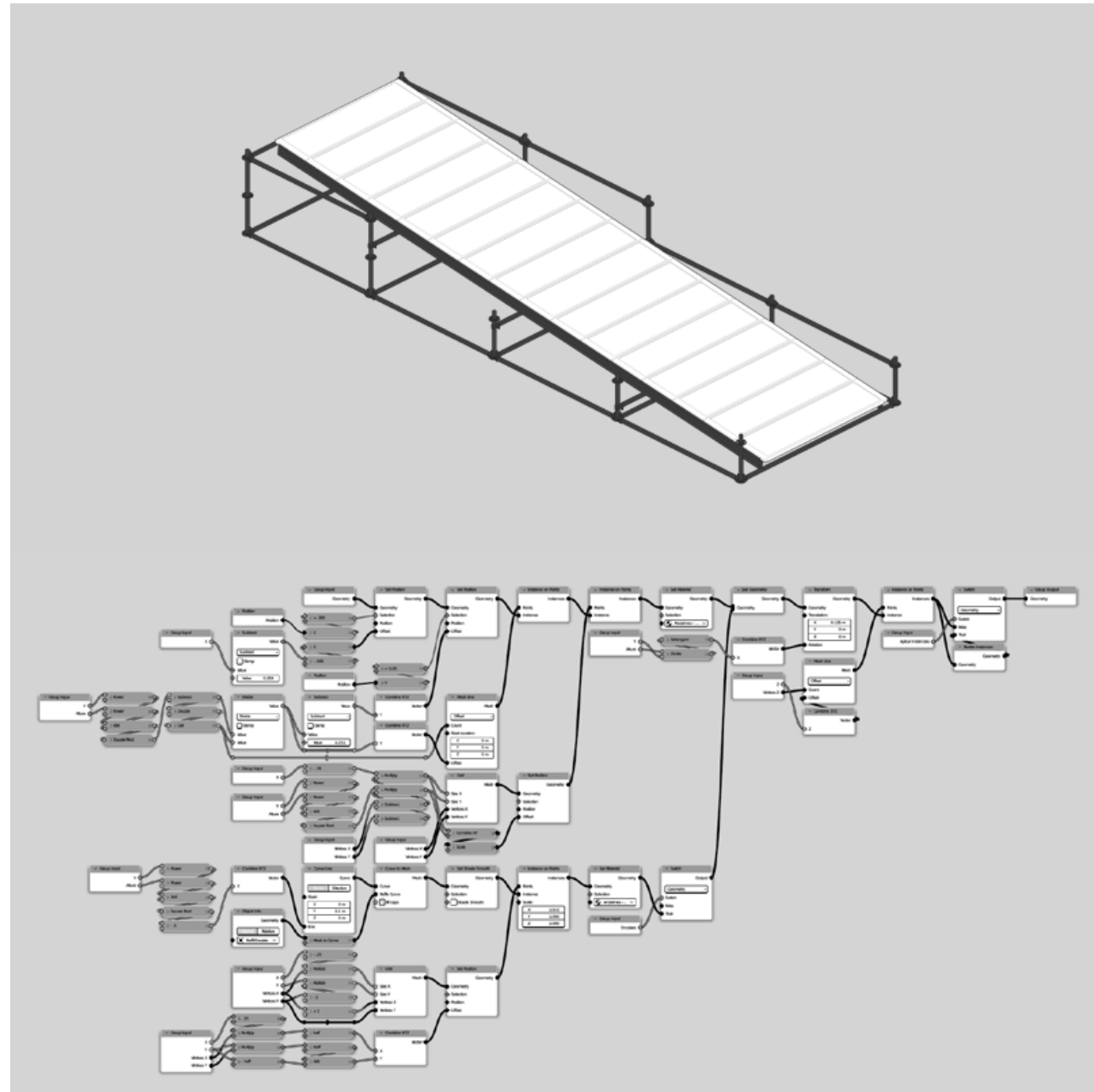
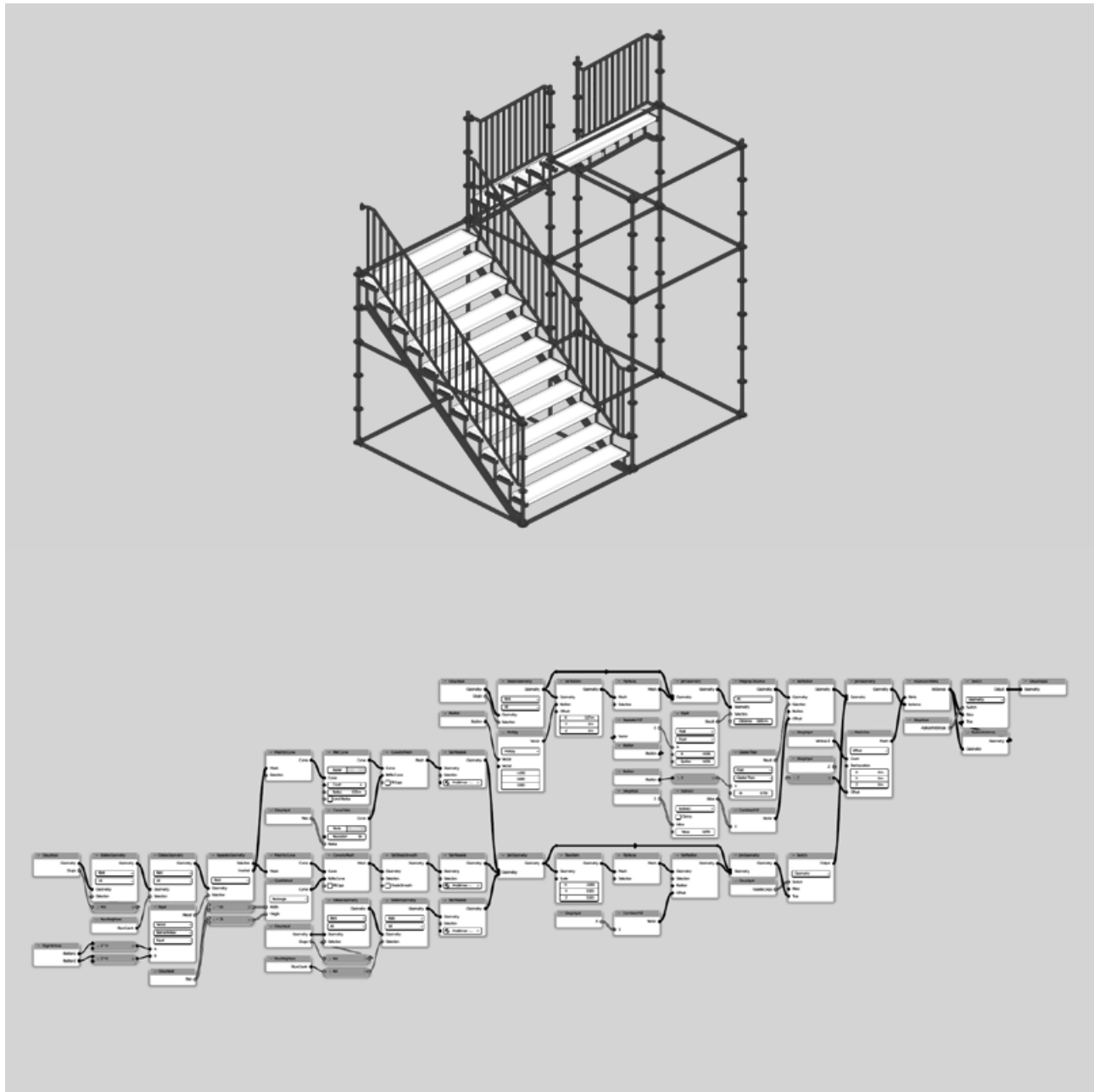


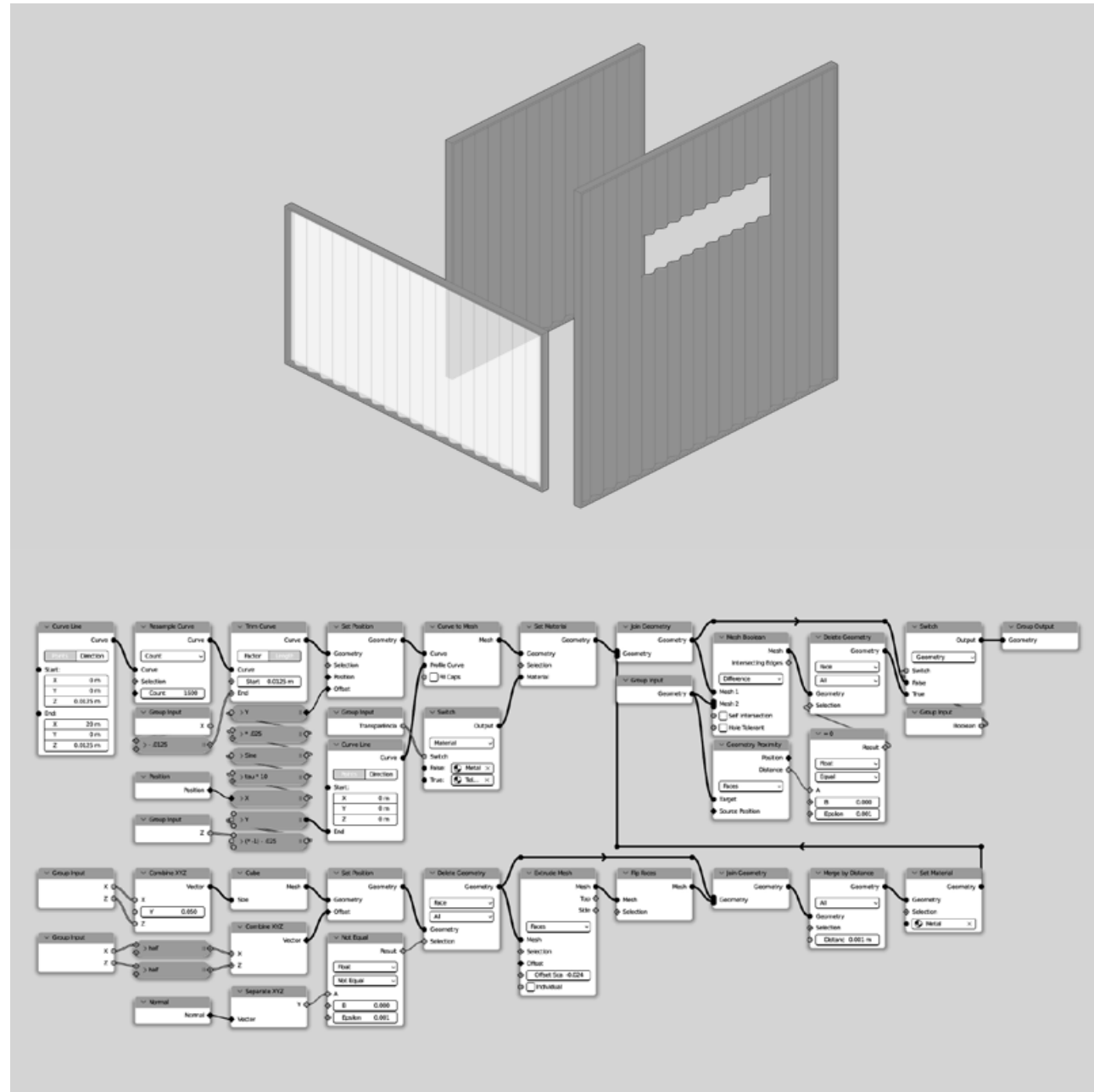
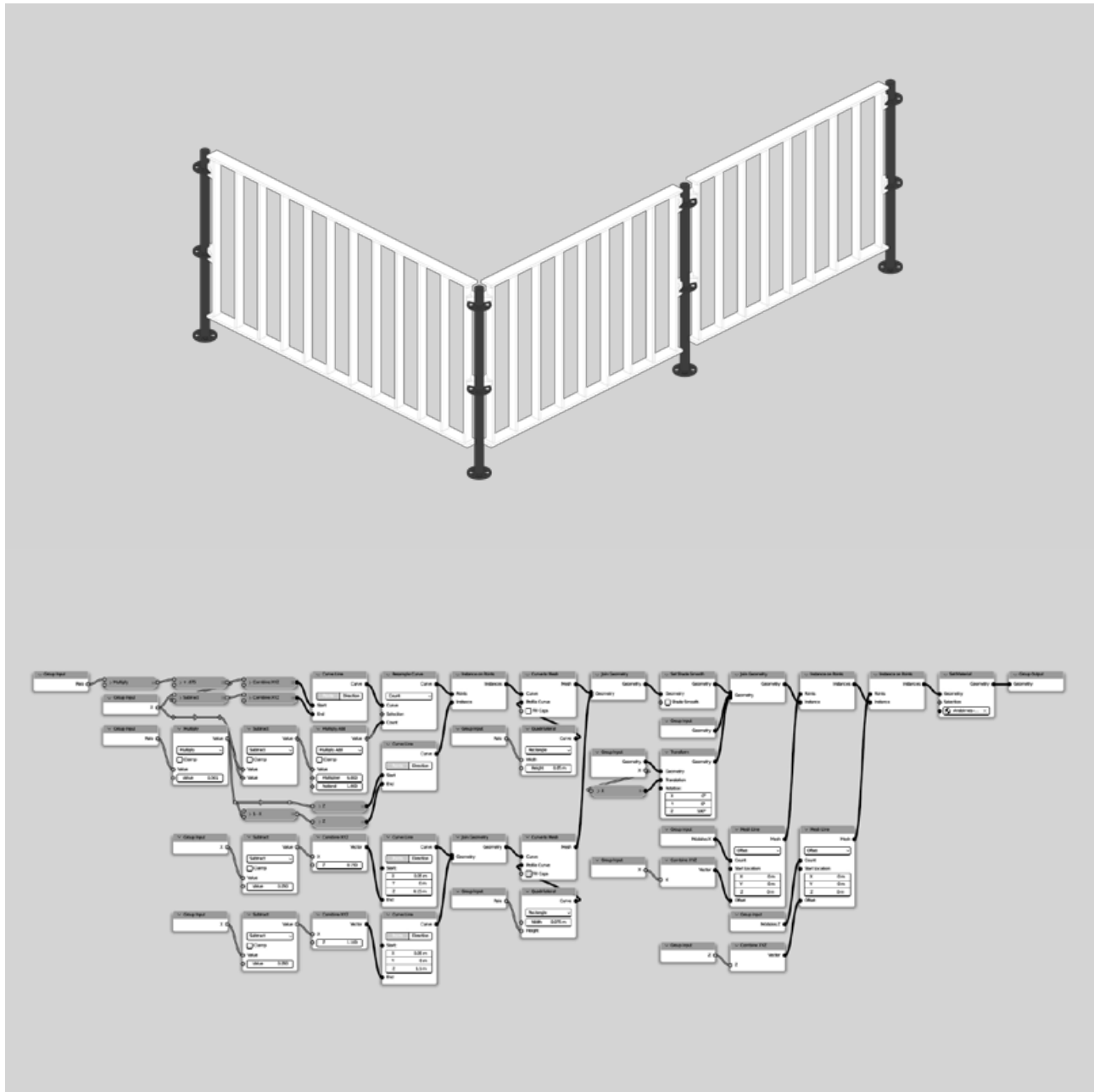




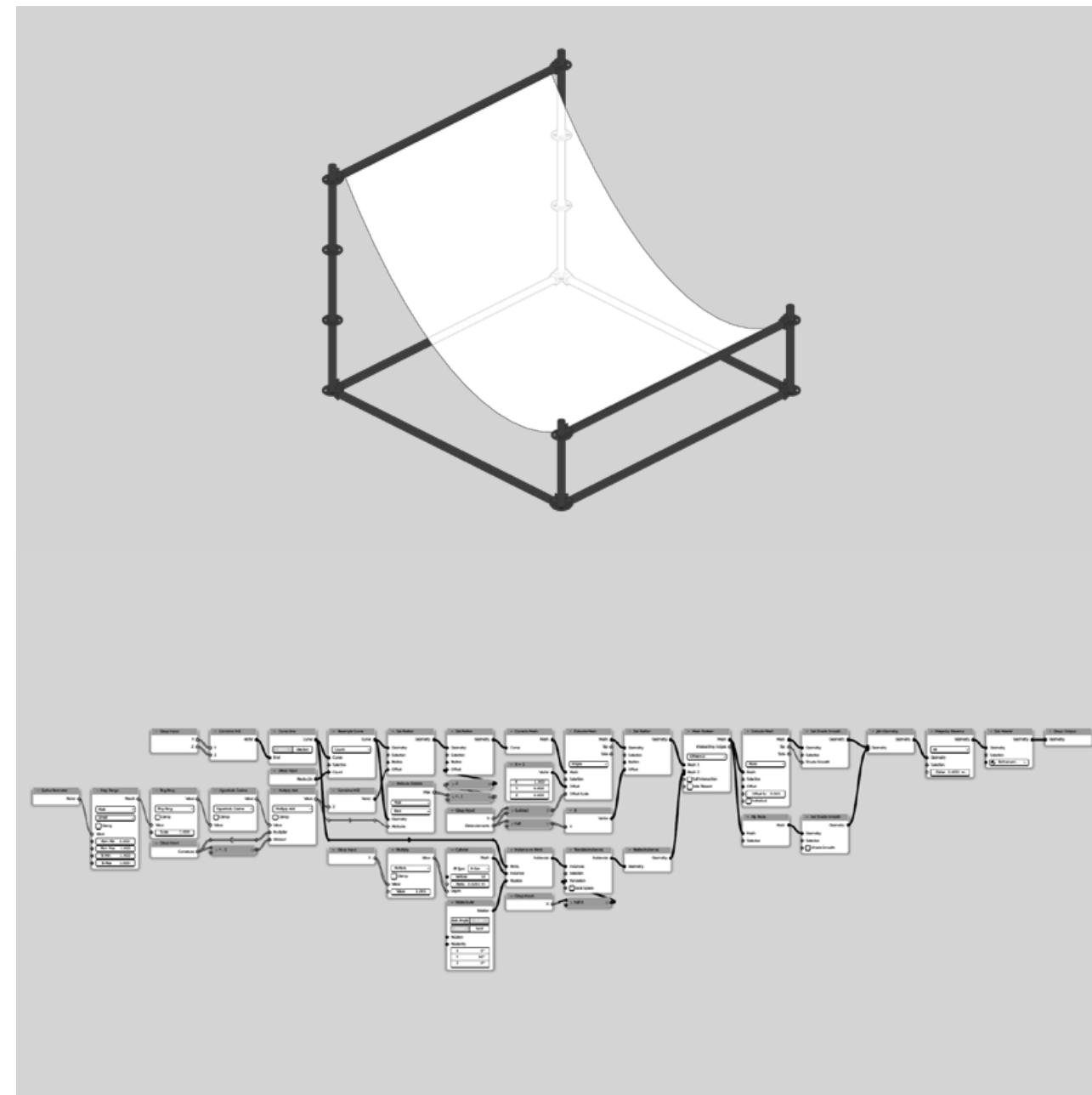
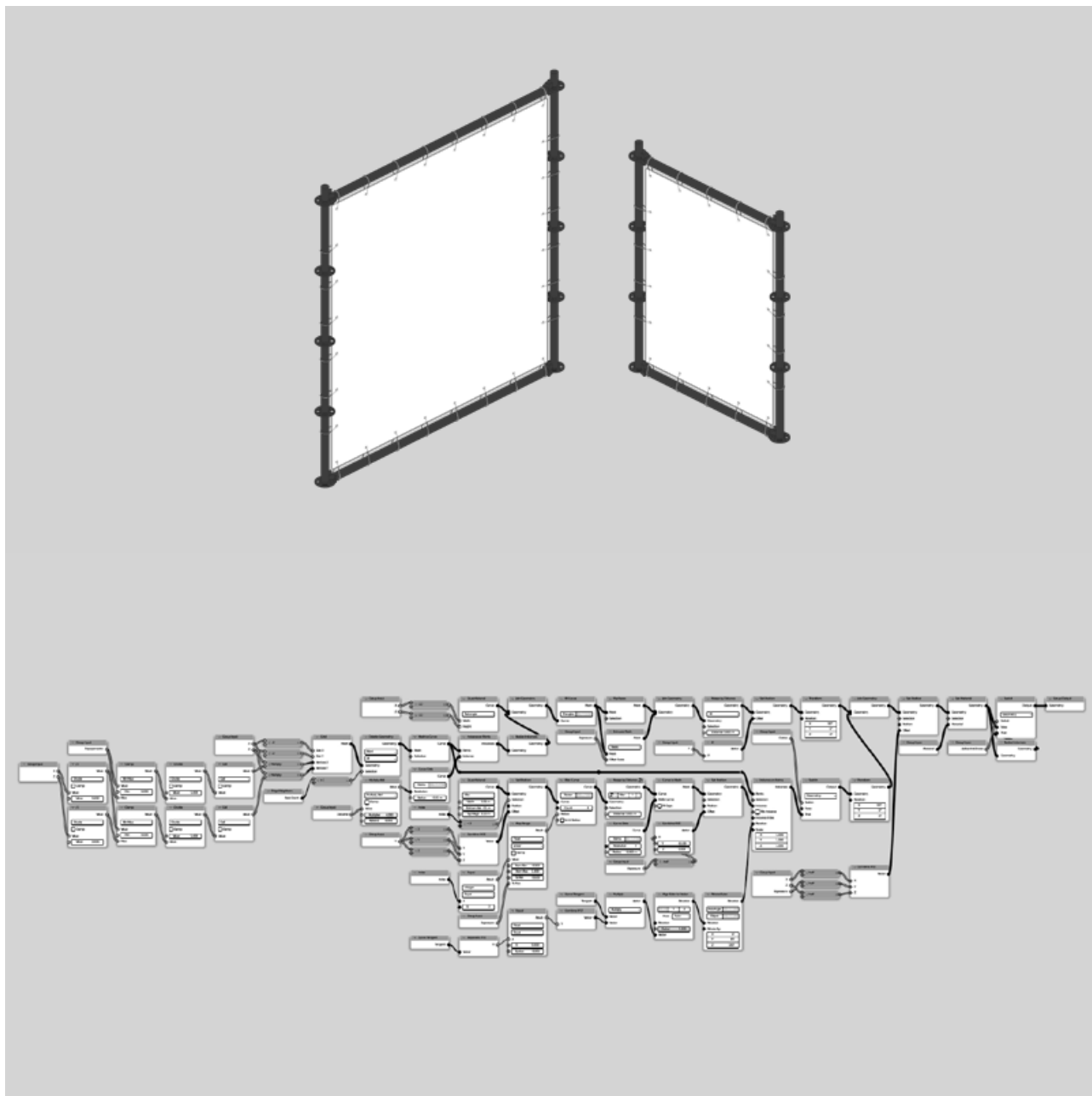


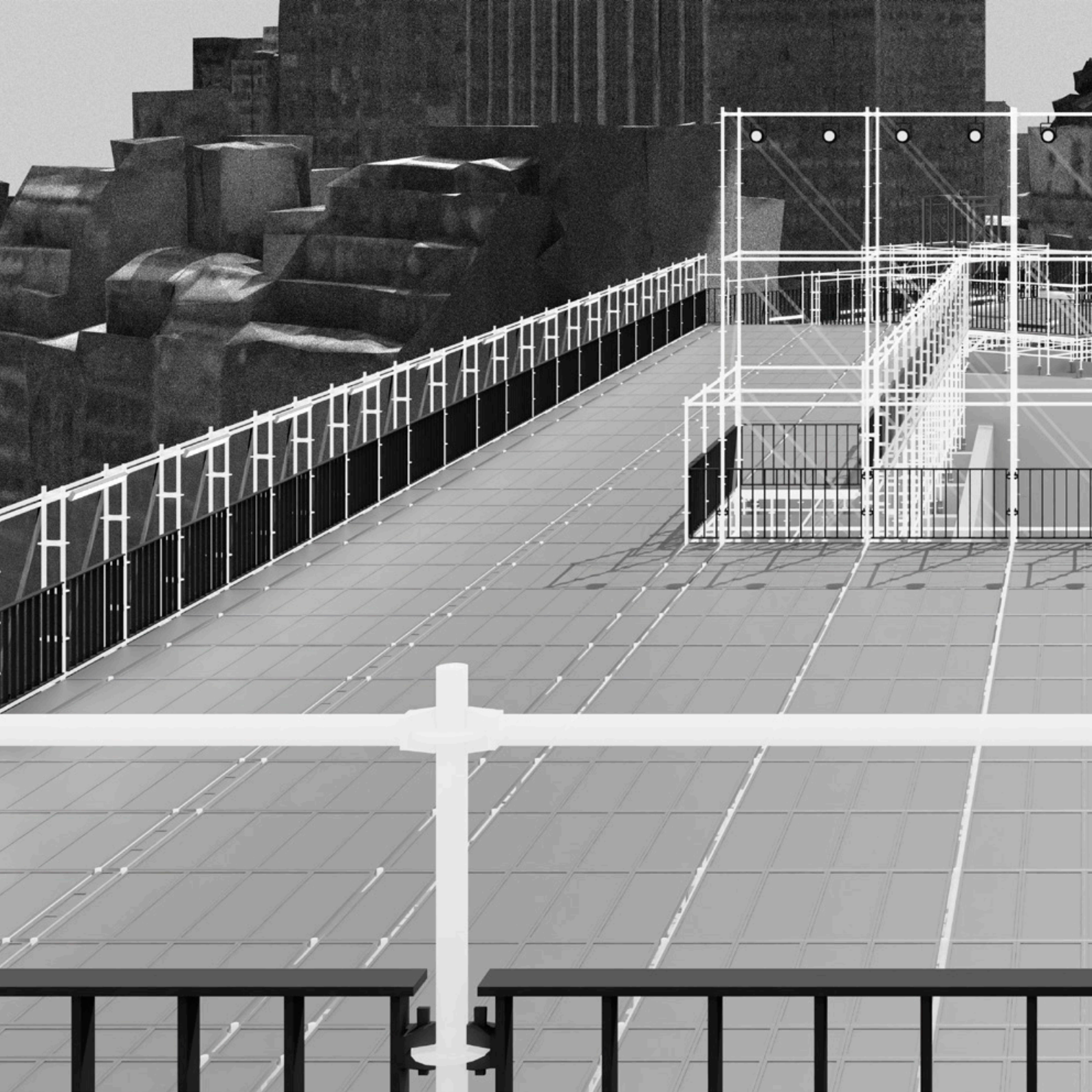






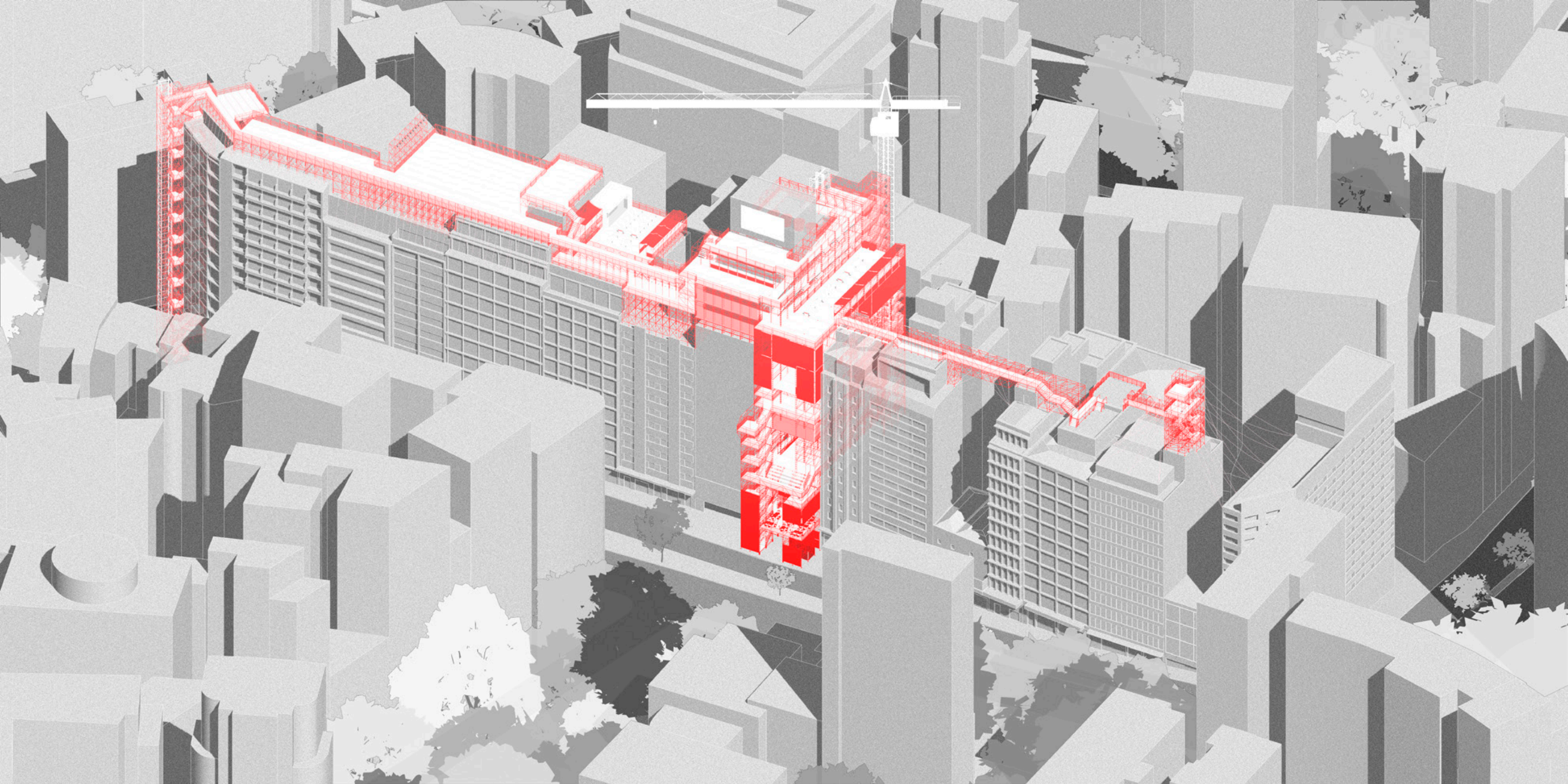






*a estrutura*







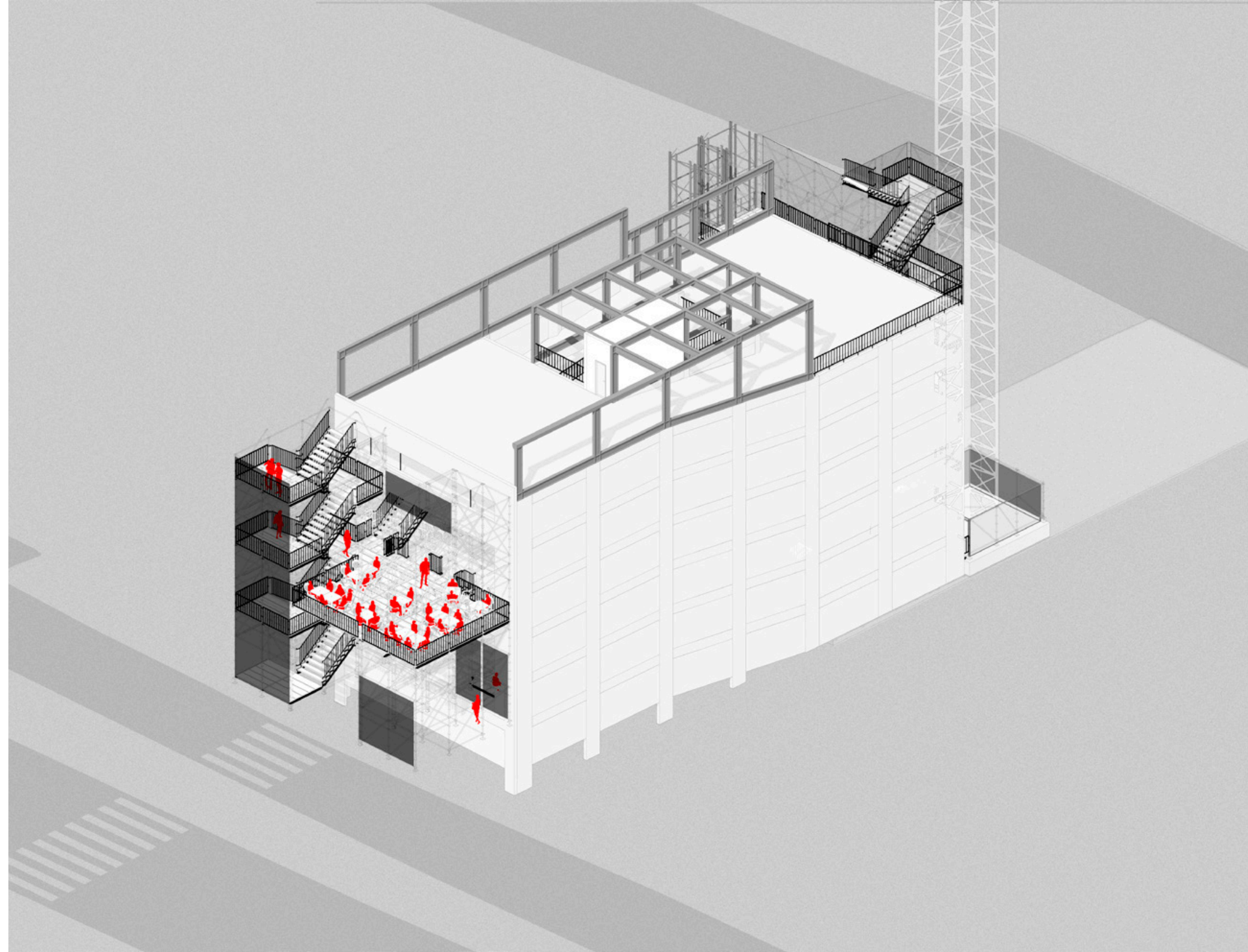
## *encontrar*

O primeiro momento do projeto ocorre no estacionamento, parasitado pela estrutura de andaimes.

O nível da rua é um espaço convidativo para os pedestres, oferecendo bancos de andaimes e redes de tecido para sentar e descansar.

Mais elevado, porém ainda mantendo uma relação com a rua, instala-se um bar/ restaurante, onde as pessoas possam se encontrar e compartilhar as histórias de seus cotidianos.

Junto à escada posicionada na calçada do lote, a rampa interna do estacionamento, utilizada originalmente pelos carros, faz uma conexão contínua da rua até os níveis superiores.





1. bar

2. descanso

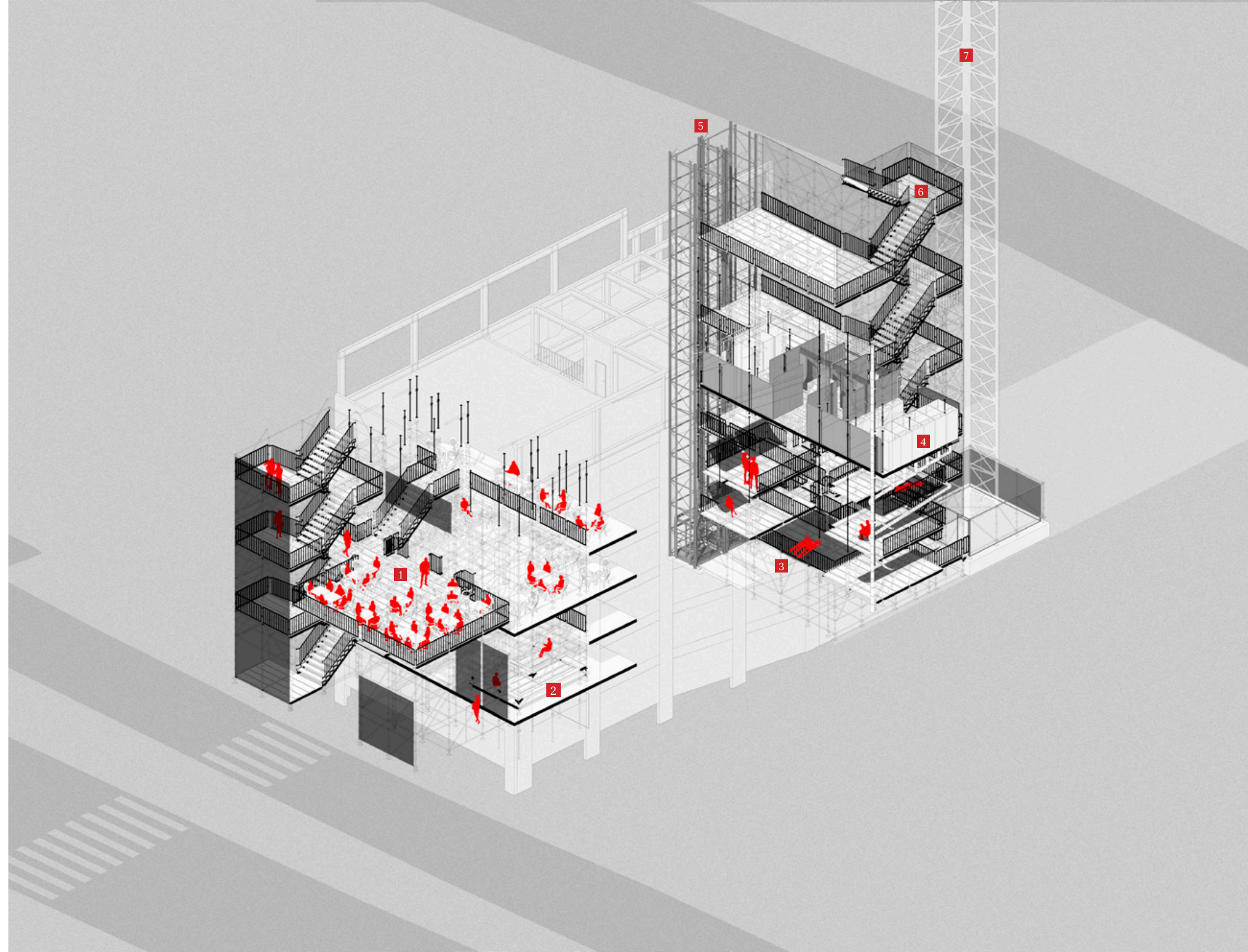
3. redário

4. banheiros

5. elevadores

6. escada de incêndio

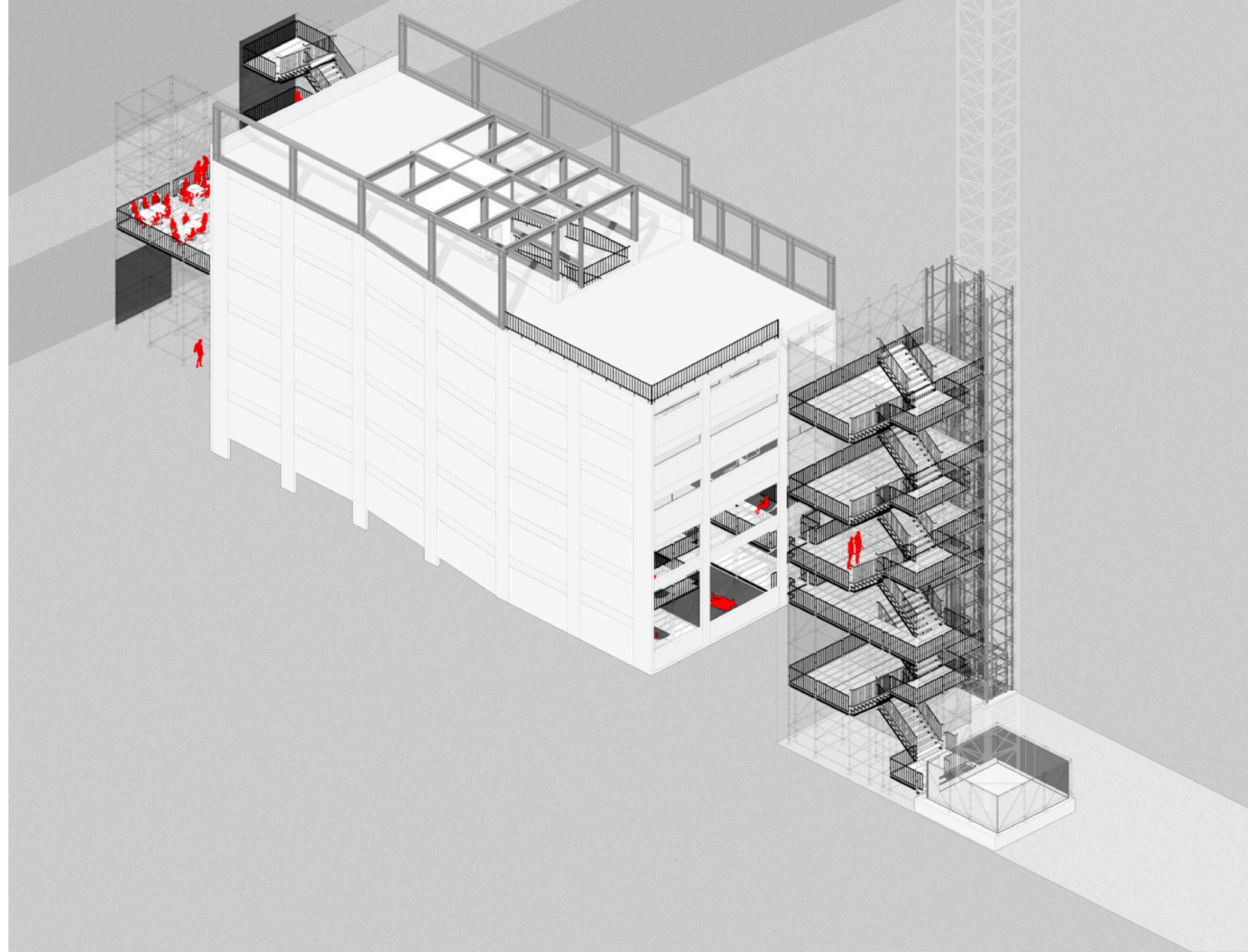
7. grua





### *encontrar*

No lado oposto à entrada principal da Rua da Consolação, o lote traseiro ao estacionamento, hoje vazio, também foi aproveitado. A rua onde ele está situado possui pouco movimento, sendo mais interessante aproveitar o espaço como apoio à estrutura principal. Nele, está posicionada uma escada de incêndio, assim como dois elevadores de obra que permitem a circulação vertical de pessoas de mobilidade reduzida e o transporte de cargas. Por fim, o espaço abriga uma grua, utilizada desde a montagem até a desmontagem da estrutura, presente ao longo da duração do projeto para auxiliar no transporte de carga para os níveis superiores. O restante do espaço é destinado à chegada de caminhões e outros serviços.





1. bar

2. descanso

3. redário

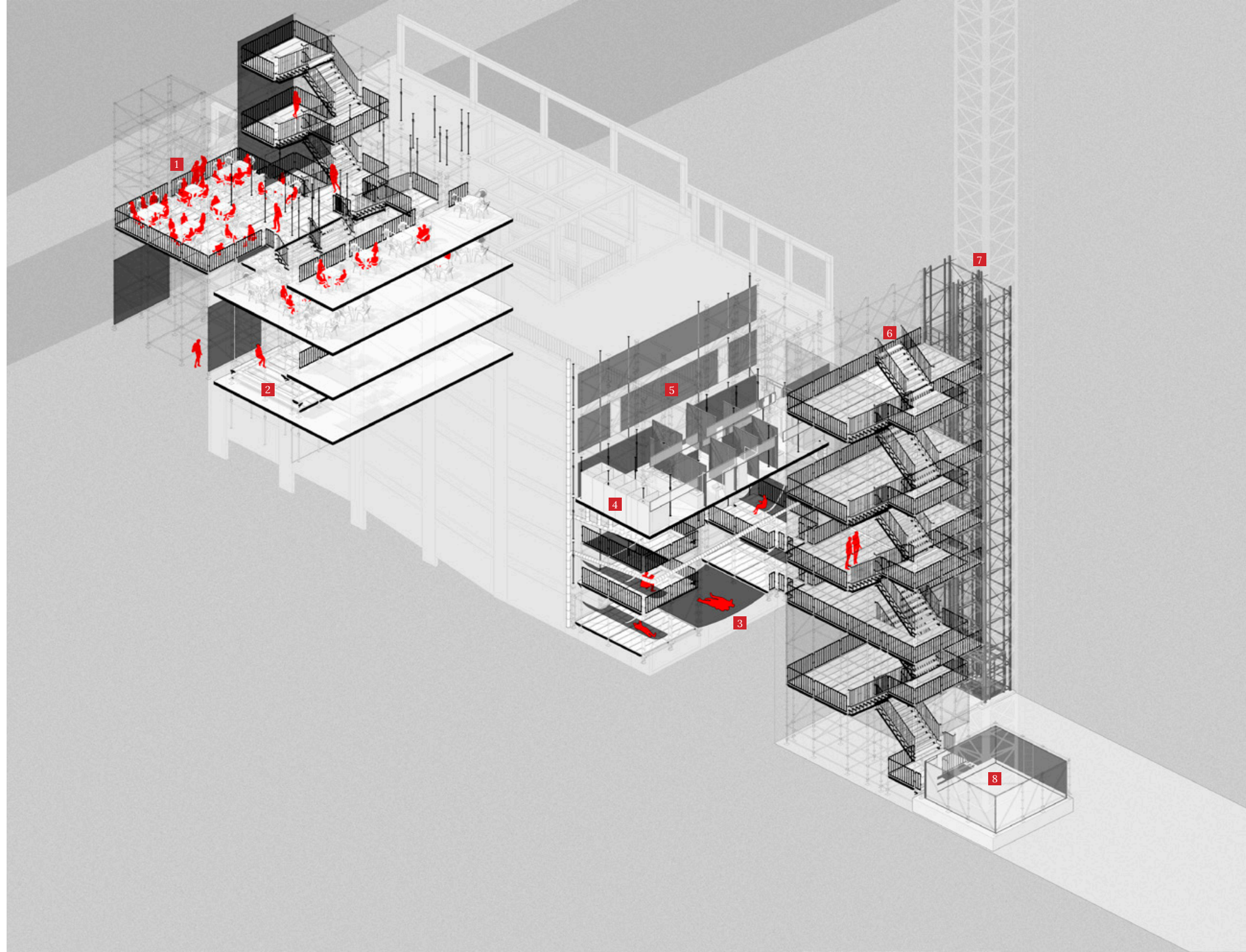
4. banheiros

5. cozinha

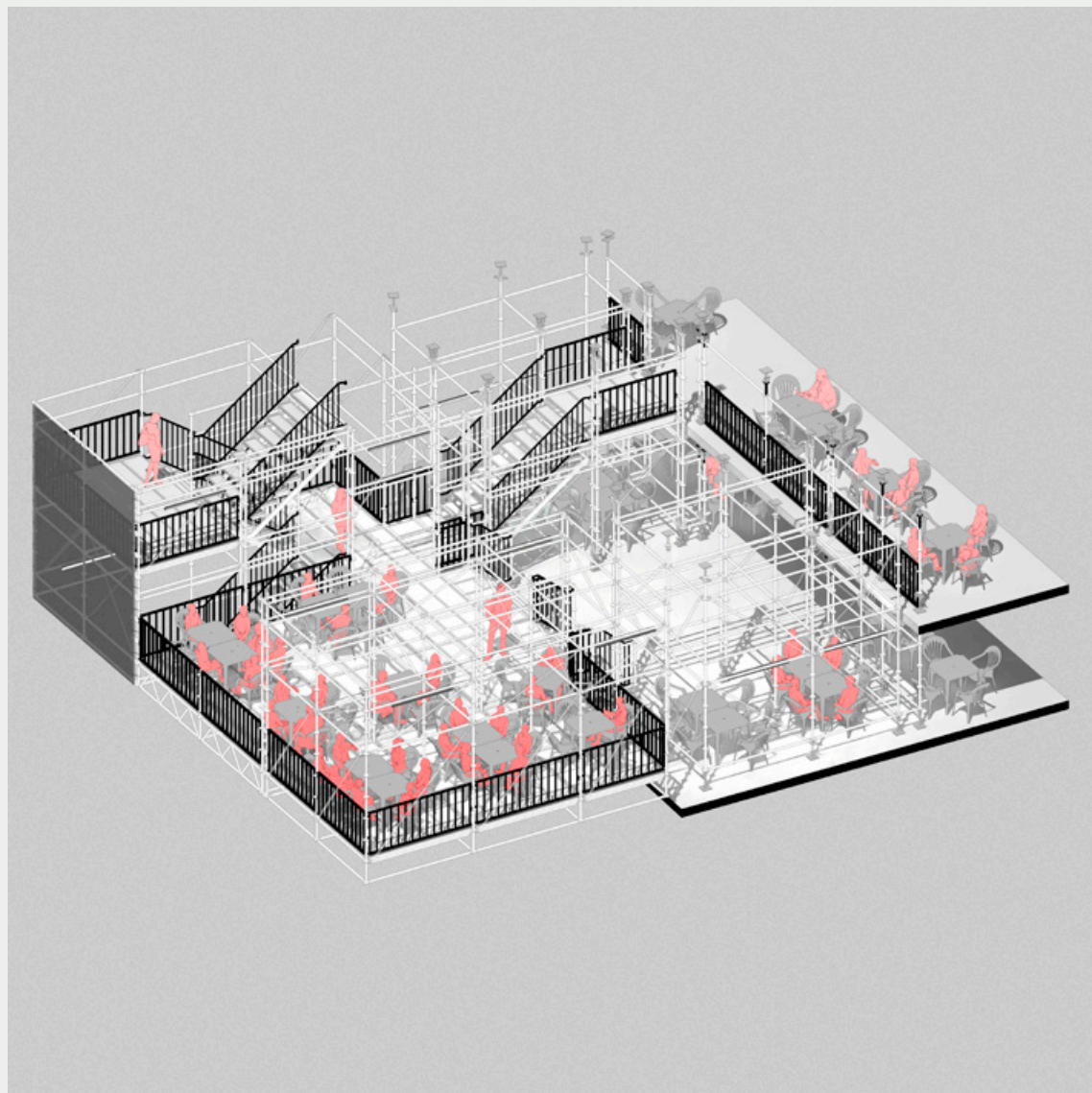
6. elevadores

7. escada de incêndio

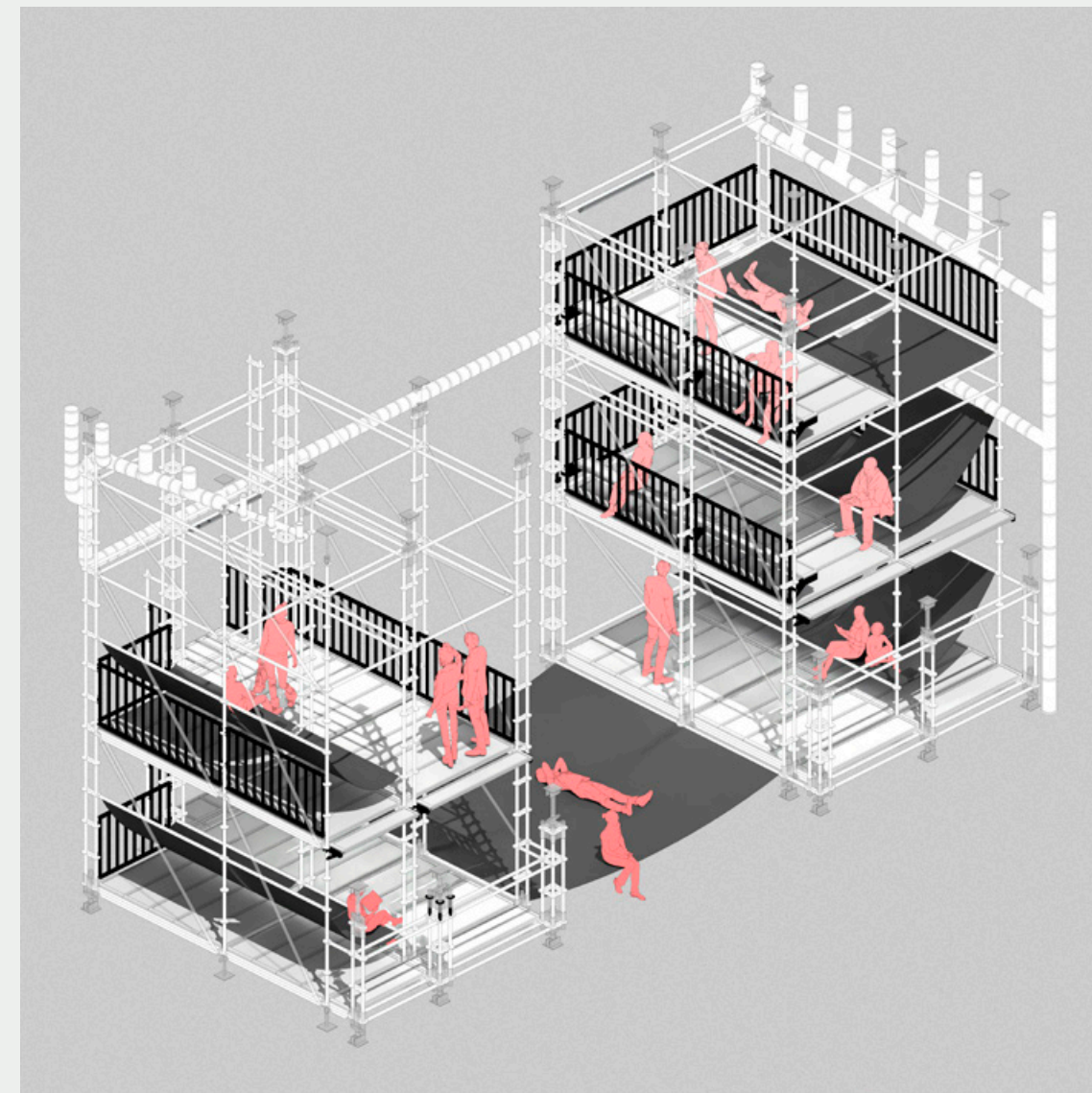
8. grua





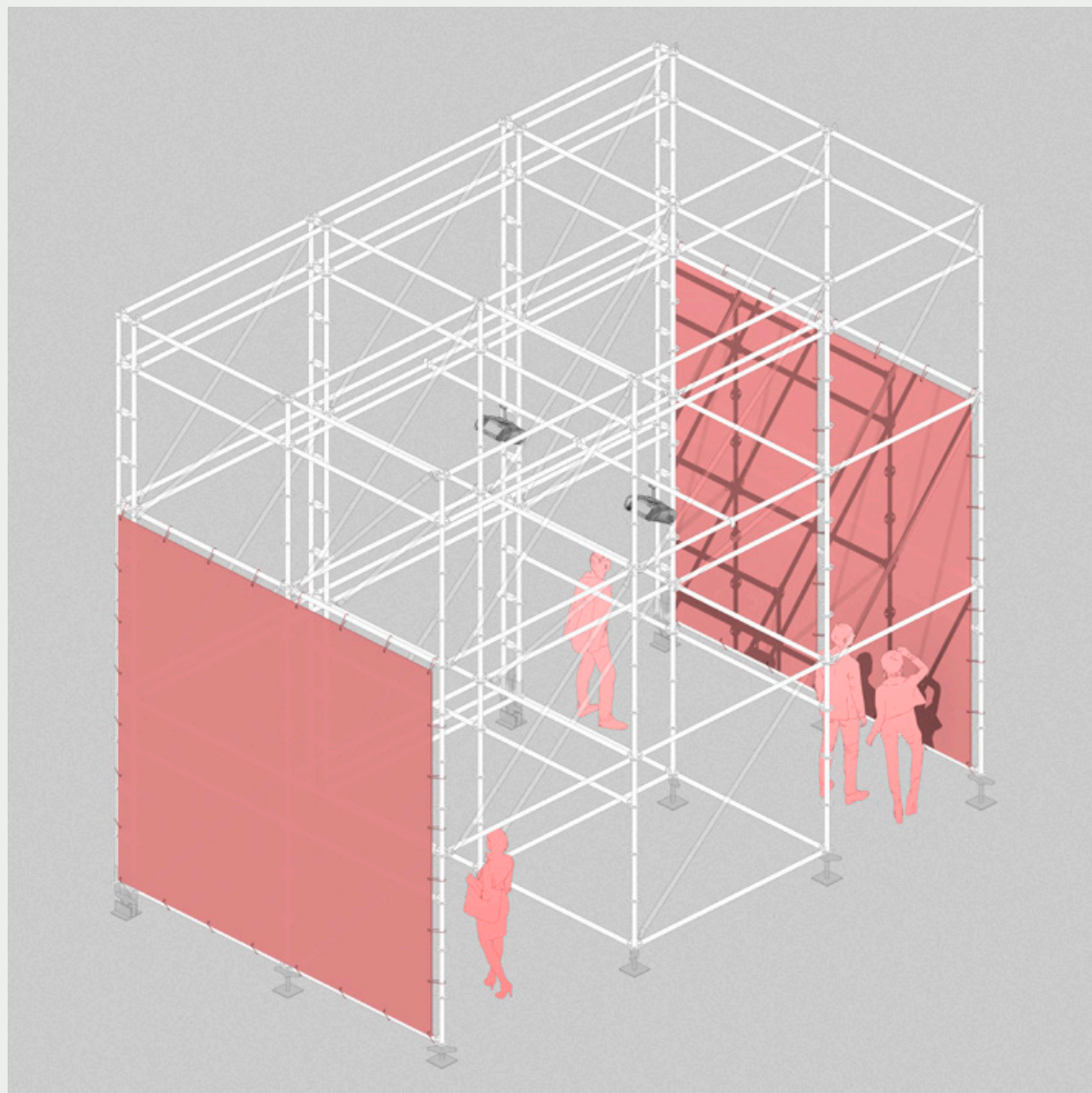


**Bar/ Restaurante.** A estrutura de andaimes parasita o estacionamento para criar o espaço do bar/ restaurante, gerando um espaço aberto, logo acima da calçada, e um fechado, o qual tem acesso aos banheiros e a uma cozinha, ambos localizados no lado oposto do lote.

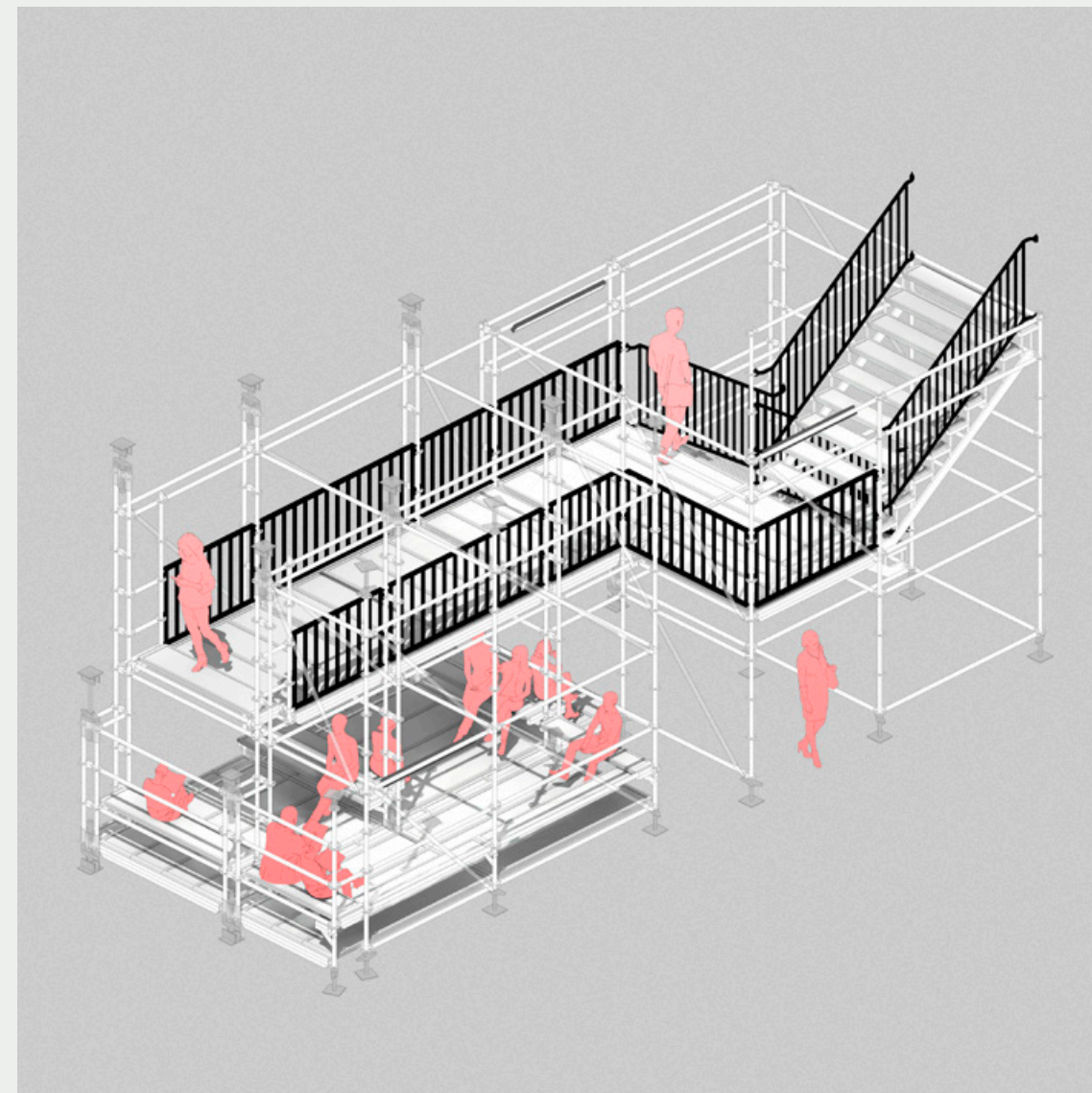


**Redário.** Aproveitando o pé direito triplo aberto no fundo da estrutura do estacionamento, ergue-se um conjunto de redes nas quais os visitantes podem parar para conversar, ler, descansar, ou até mesmo dormir, oferecendo uma pausa no ritmo agitado de São Paulo.

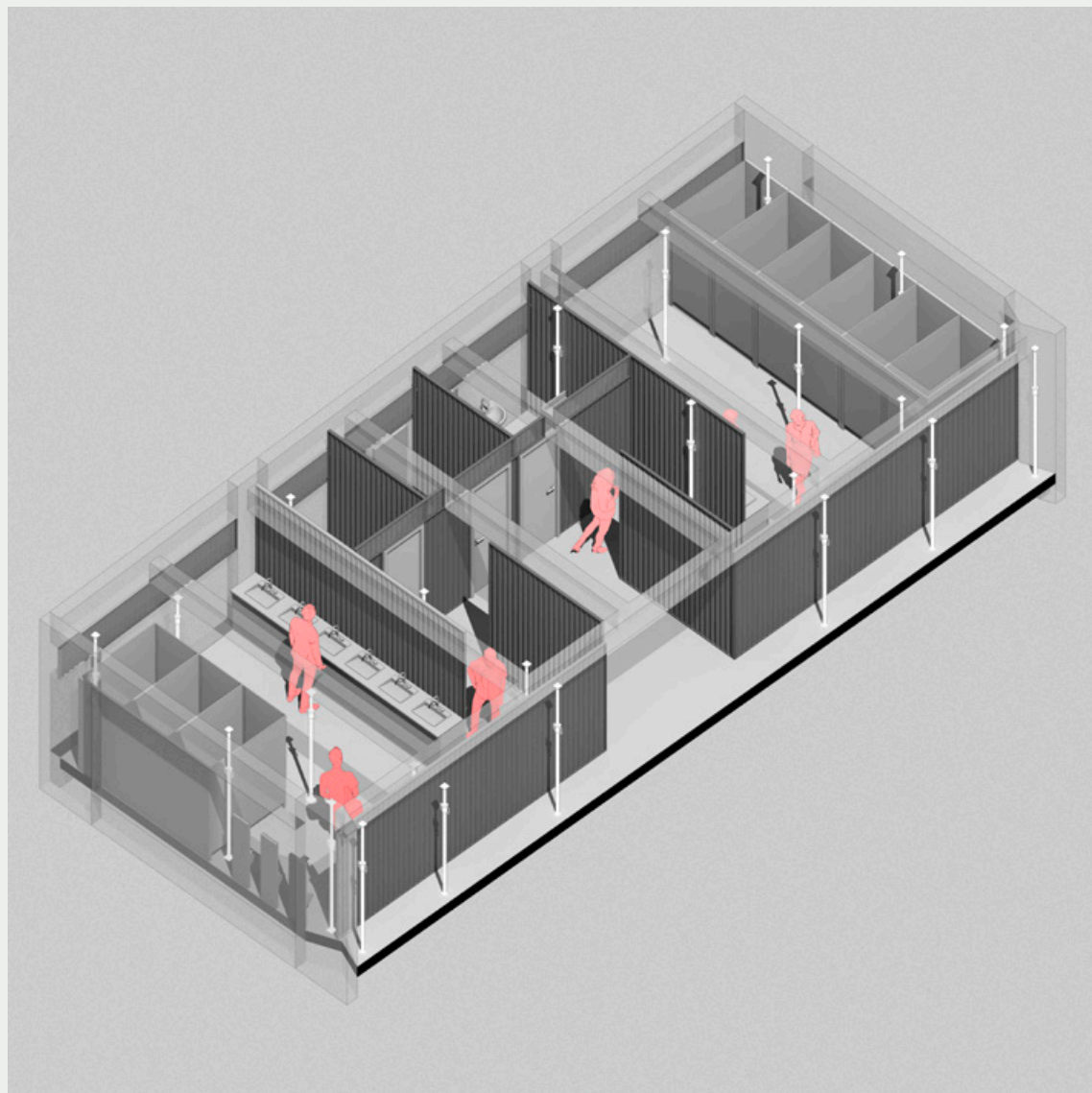




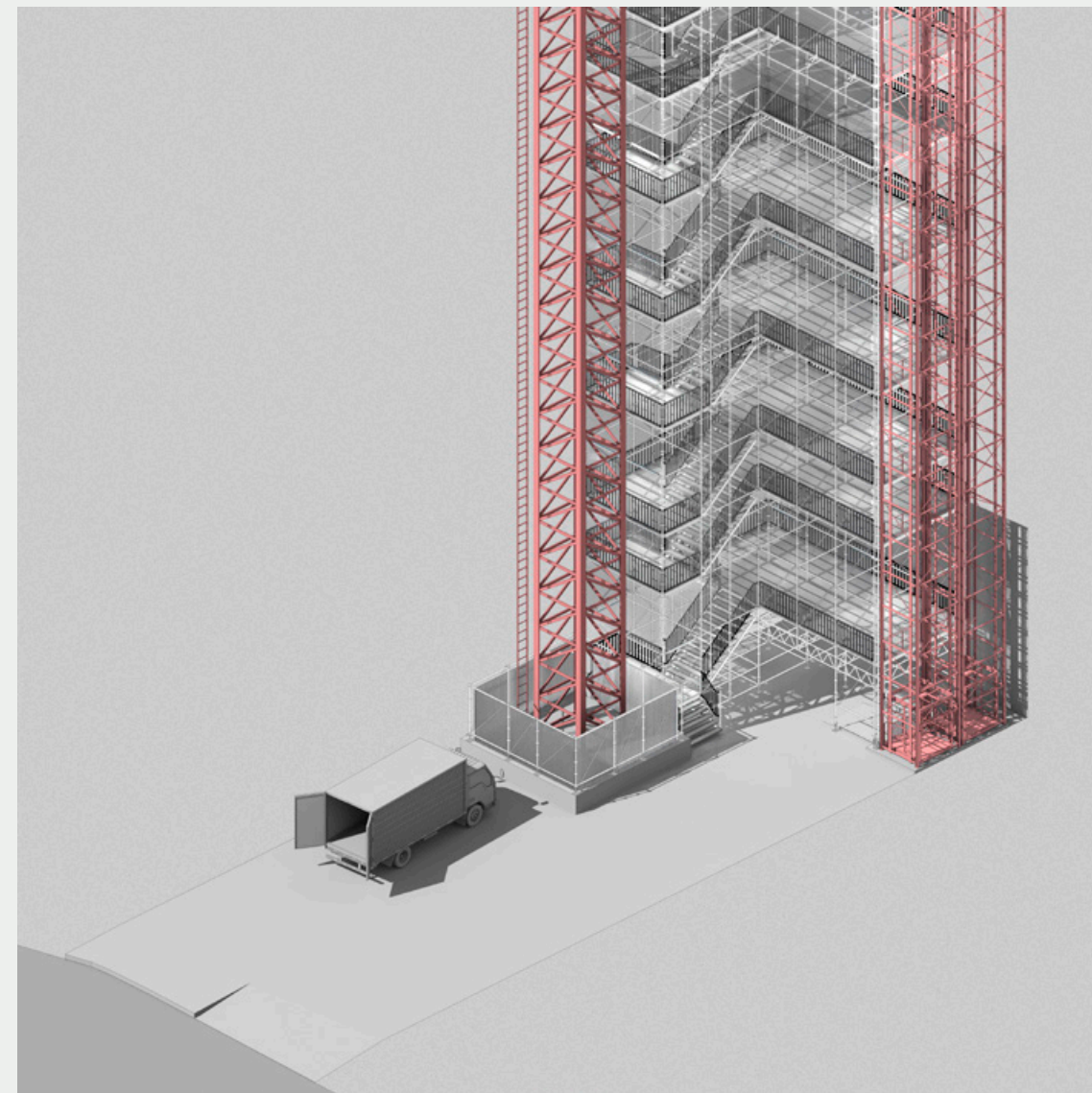
**Comunicação.** Na entrada do projeto, na calçada da Rua da Consolação, duas telas estão presas à estrutura de andaimes, nos as quais dois projetores projetam o programa de atividades da semana de maneira dinâmica e em renovação constante.



**Descanso.** Também na entrada do projeto, estão organizados dois espaços de bancos, posicionados de forma a convidar os visitantes tanto para descansar quanto para conversar. Sobre os bancos, uma passarela faz a conexão com o pavimento superior, estabelecendo relações espaciais verticais.



**Banheiros.** Os banheiros são organizados por fechamentos metálicos presos ao chão e ao teto. Além do feminino e masculino, dois banheiros acessíveis e unissex estão disponíveis, além de um depósito de materiais de limpeza. Telhas translúcidas permitem a entrada de luz natural e preservam a privacidade.



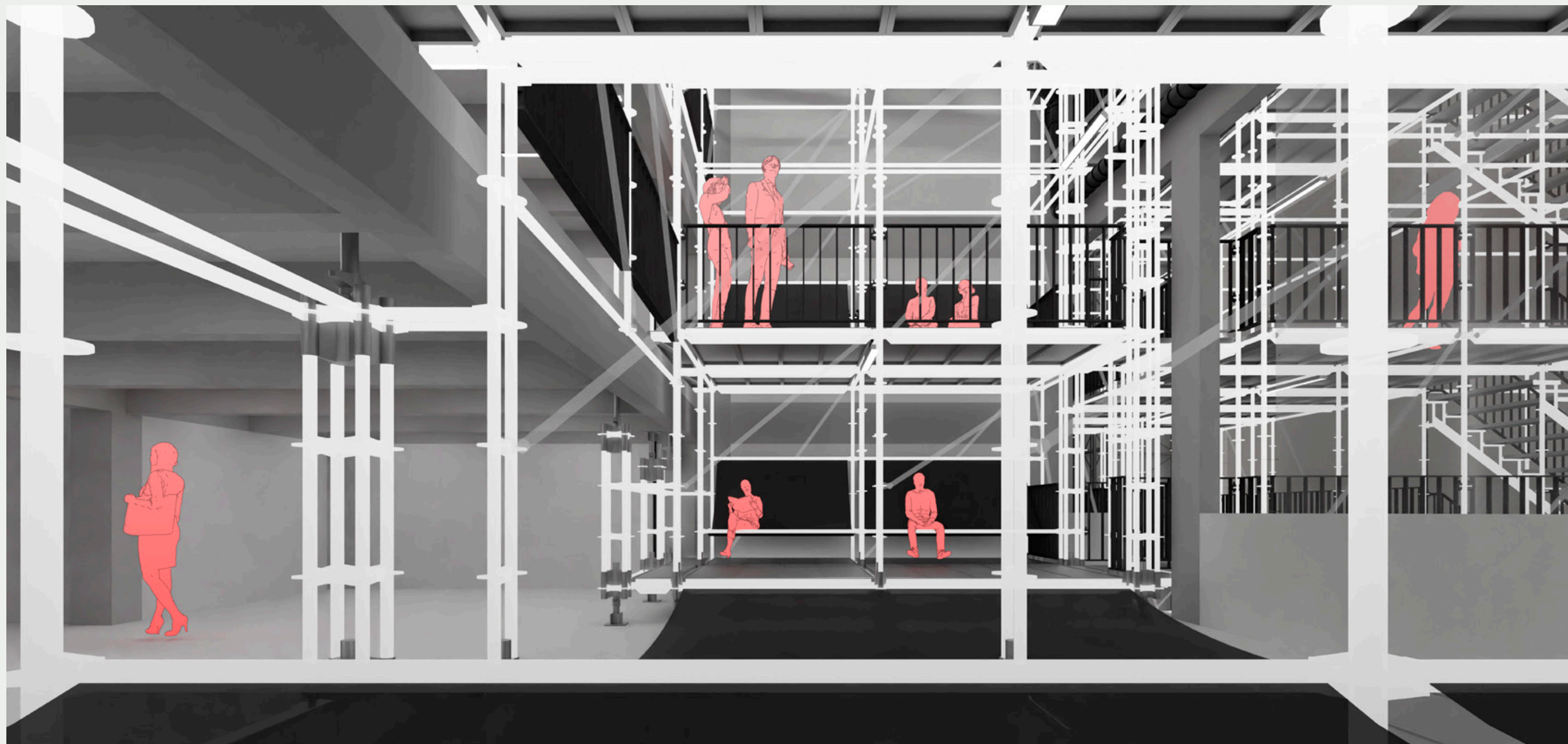
**Apoio.** No lote traseiro ao estacionamento, além da escada de incêndio, estão localizados os elevadores de obra e a grua, destinados ao transporte de carga para os níveis superiores. O espaço também permite a entrada de caminhões para a entrega de materiais e alimentos, assim como a coleta de lixo.











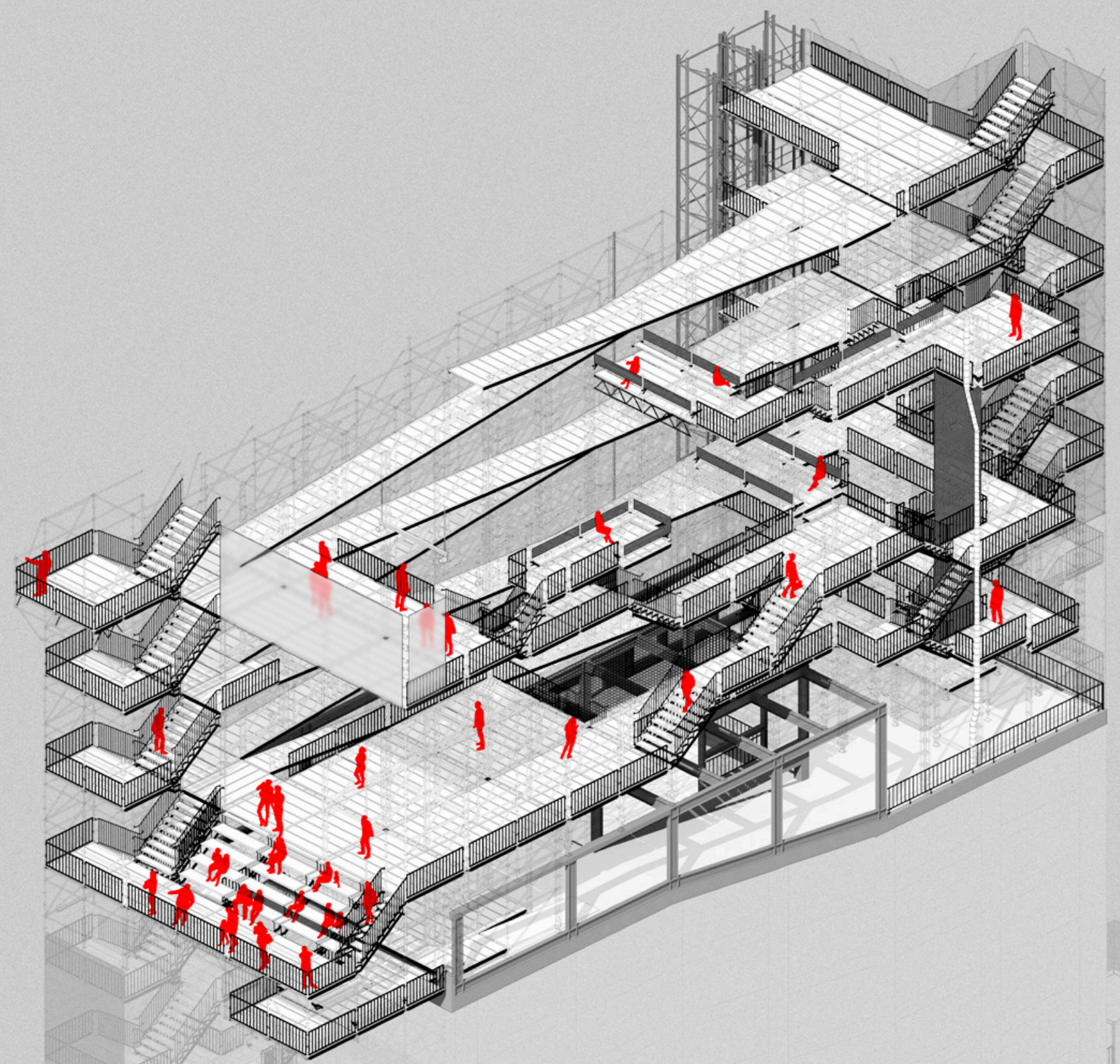


## *divagar*

O segundo momento do projeto se dedica ao devaneio. Erguendo-se sobre o estacionamento, um conjunto de caminhos permitem explorar e conhecer a estrutura de andaimes em seus diferentes pontos de vista.

Ao longo desses percursos, revelam-se alguns espaços para sentar, conversar, ou mesmo observar as demais pessoas que estão descobrindo o espaço à sua própria maneira.

Na fachada, um mirante observa a Praça Dom José Gaspar e a Biblioteca Mário de Andrade, localizadas em frente à estrutura. Uma tela translúcida se coloca em frente a um espaço iluminado por holofotes, criando desenhos dinâmicos na fachada a partir das sombras das pessoas que por lá passam.





1. mirante

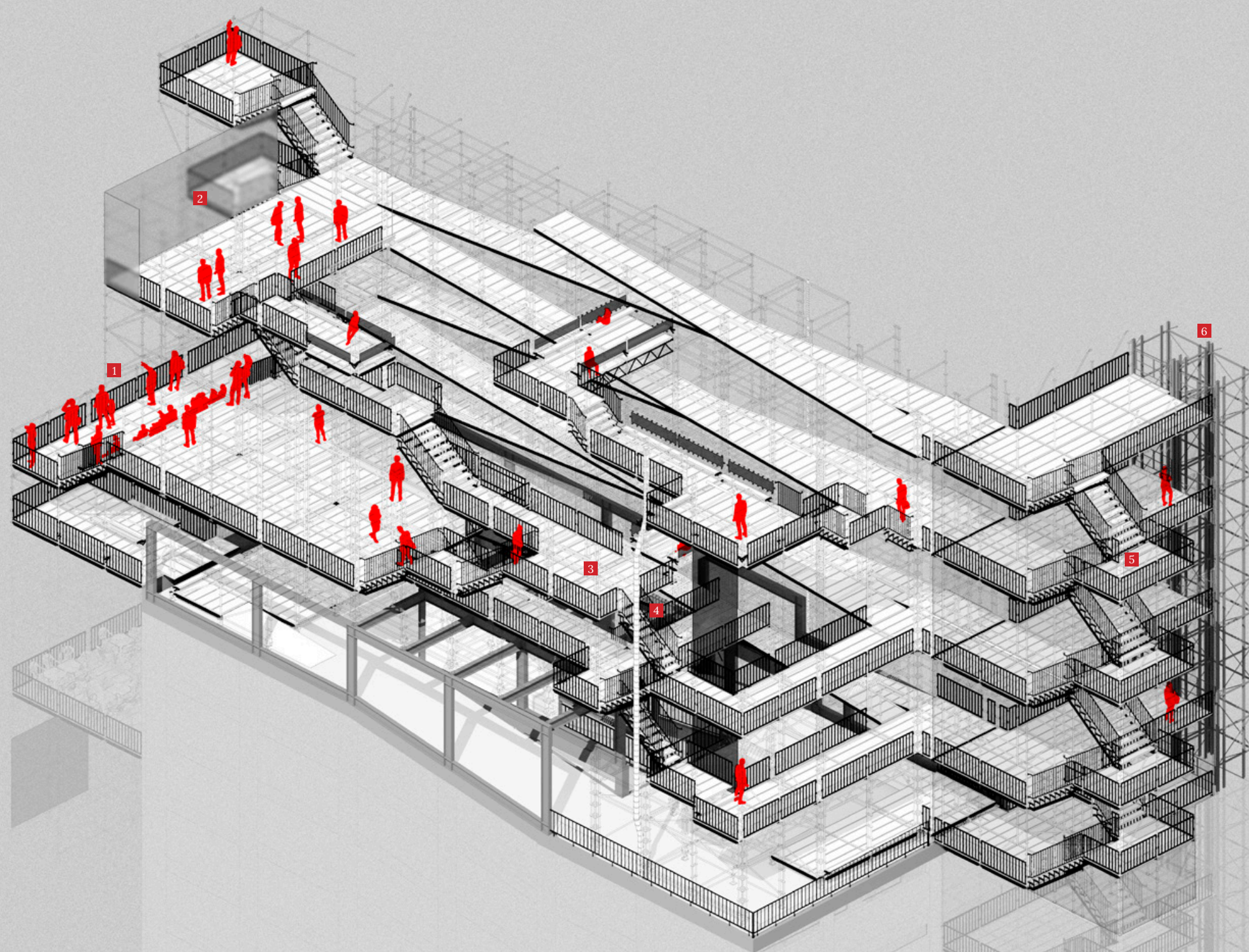
2. projeções

3. devaneio

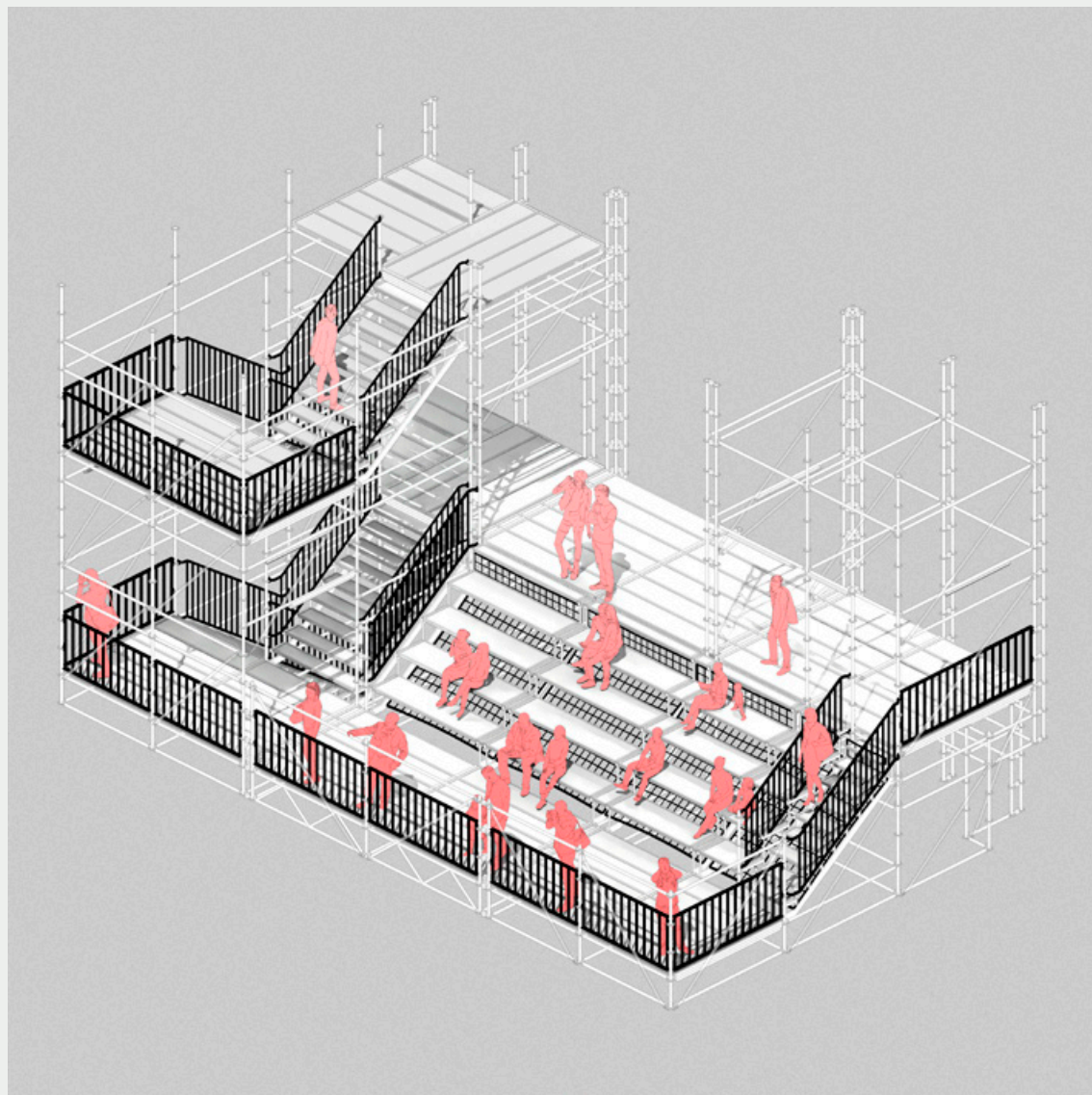
4. redes

5. escada de incêndio

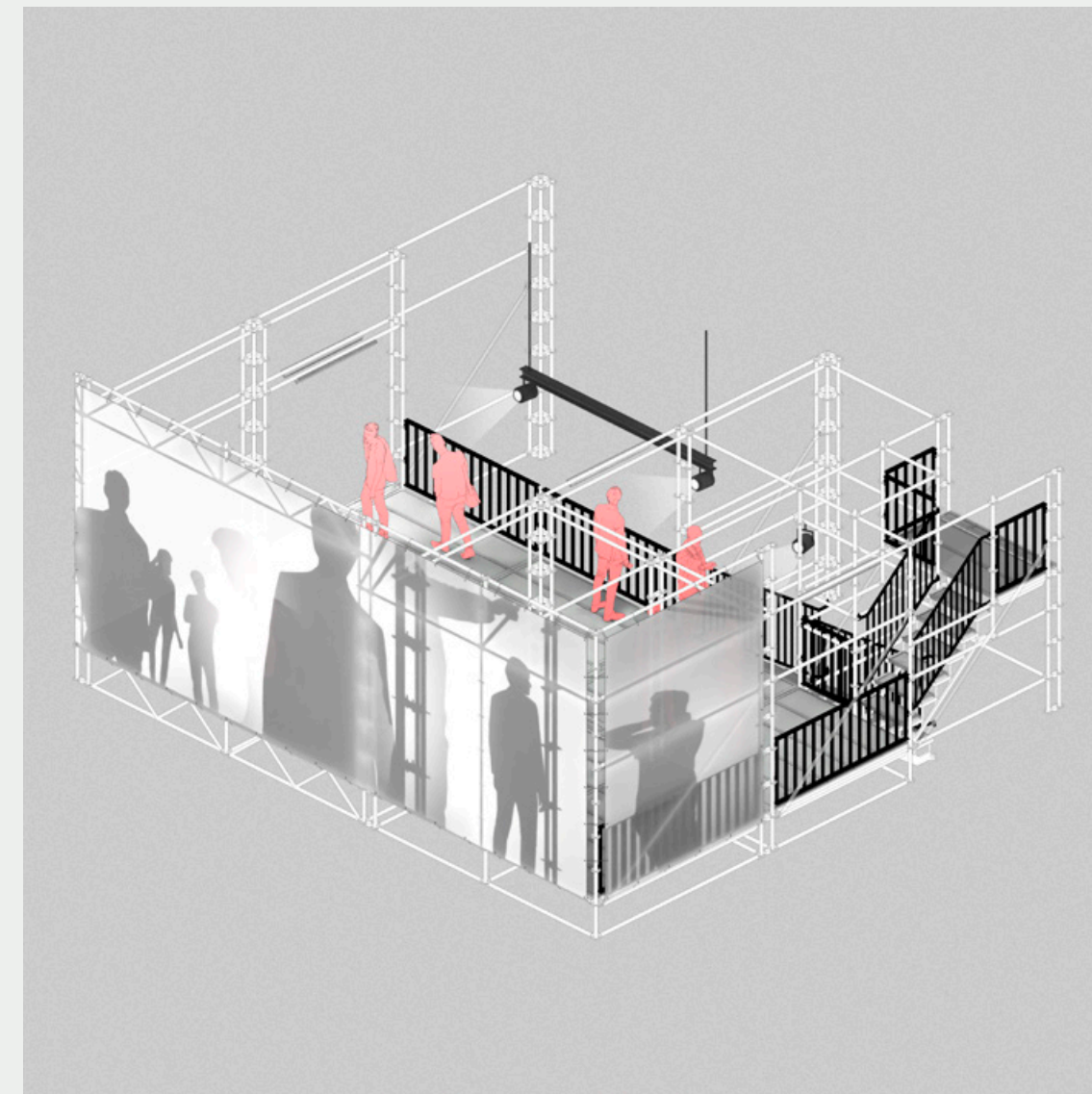
6. elevadores





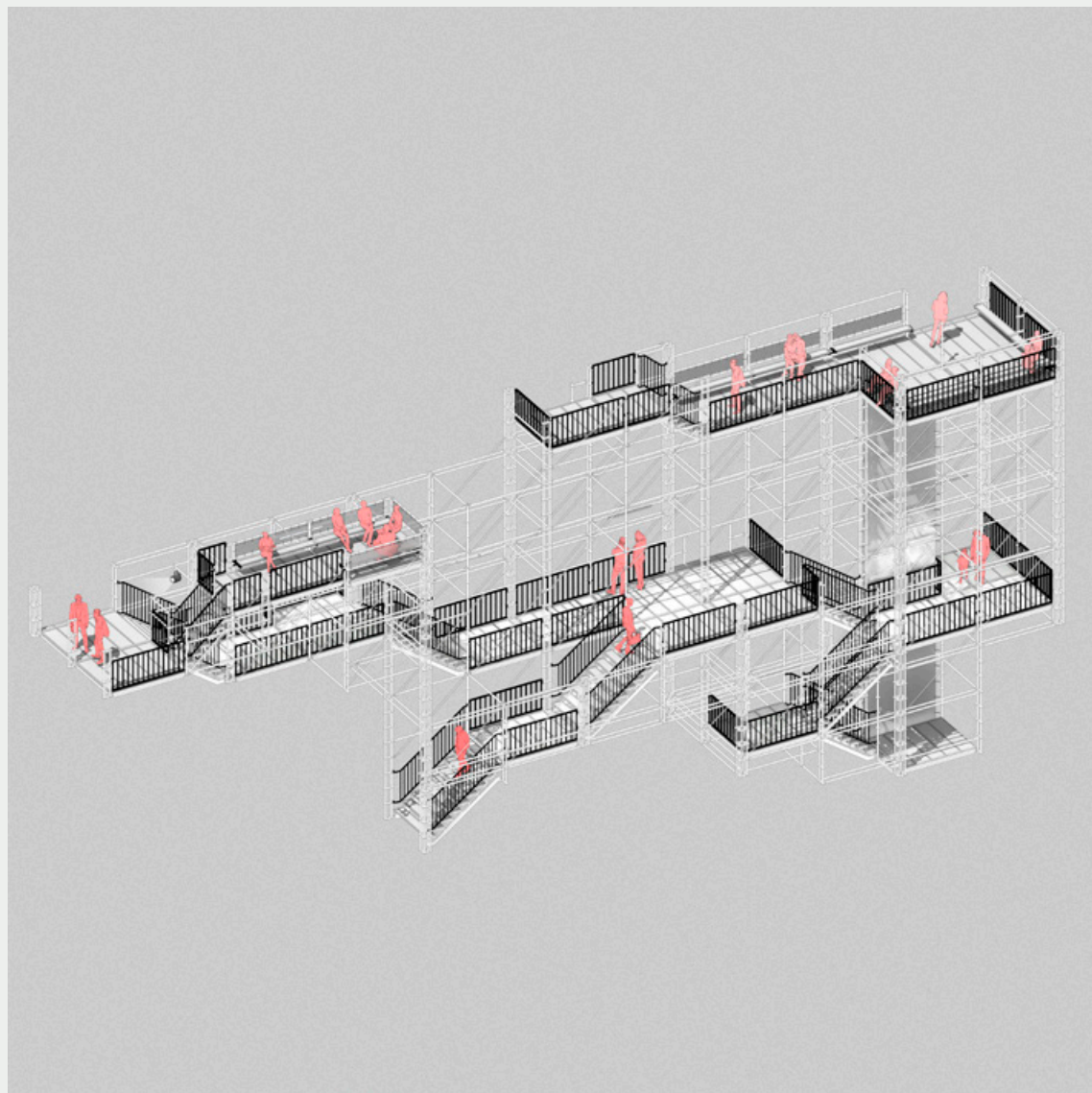


**Mirante.** Uma arquibancada acomoda as pessoas interessadas em contemplar a vista da cidade, amplamente visível devido à abertura proporcionada pela Praça Dom José Gaspar, localizada em frente ao lote da instalação.

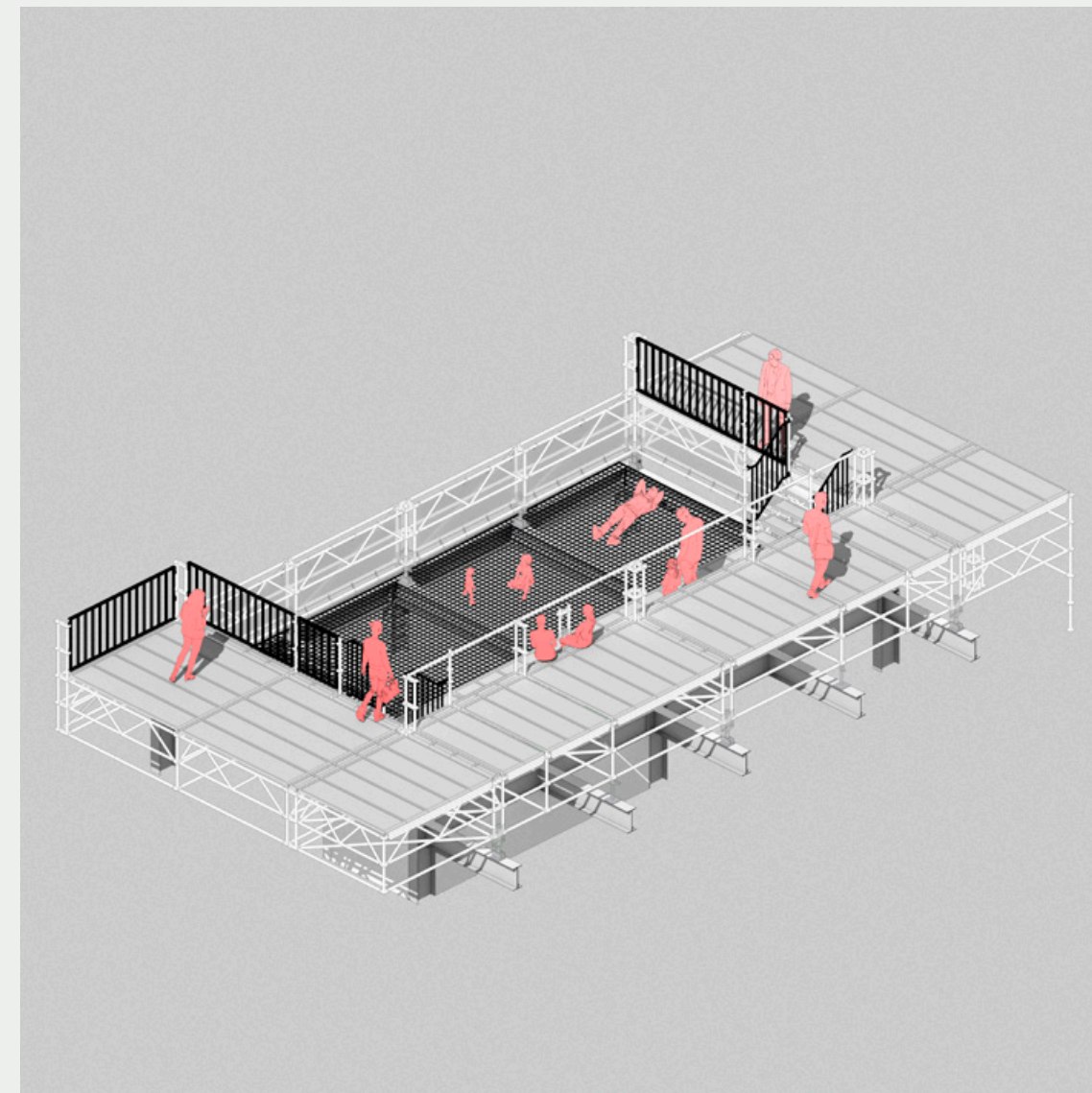


**Projeções.** Inspirado na instalação Body Movies de Rafael Lozano-Hemmer, um conjunto de holofotes iluminam as telas translúcidas posicionadas na fachada do projeto, criando um desenho dinâmico com as sombras das pessoas, o qual pode ser avistado da rua.





**Devaneio.** Consolidando-se como o primeiro contato com a estrutura puramente de andaimes, agora solta do estacionamento, um conjunto de pisos e escadas cria um caminho que adentra a estrutura, explorando a sua verticalidade e apresentando diferentes visões do espaço.



**Redes.** Na transição entre a estrutura metálica e a estrutura de andaimes, localizada sobre o átrio aberto durante a intervenção no estacionamento, encontra-se um conjunto de redes nas quais as pessoas podem se deitar, podendo ver e serem vistas por aqueles abaixo delas, dentro do estacionamento.









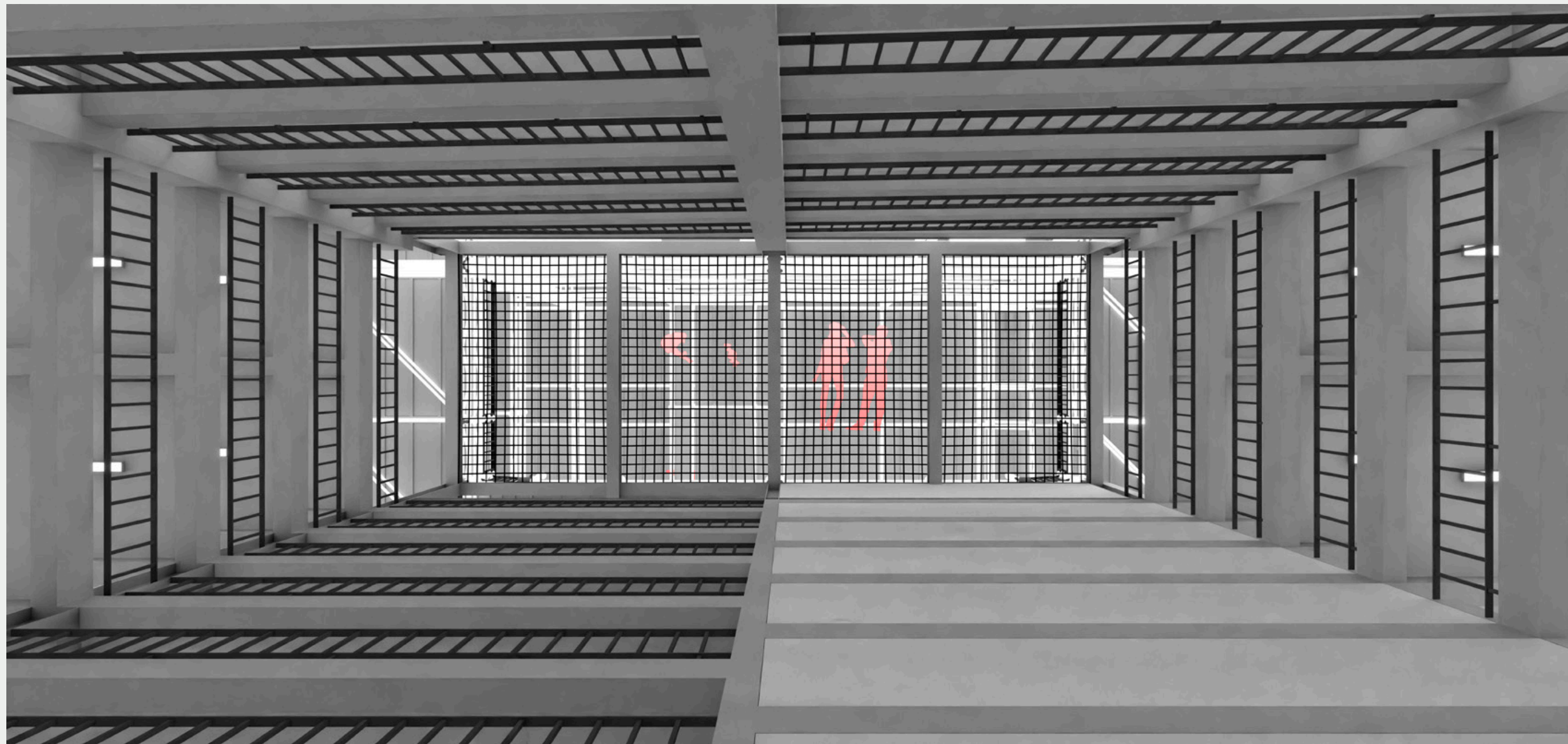








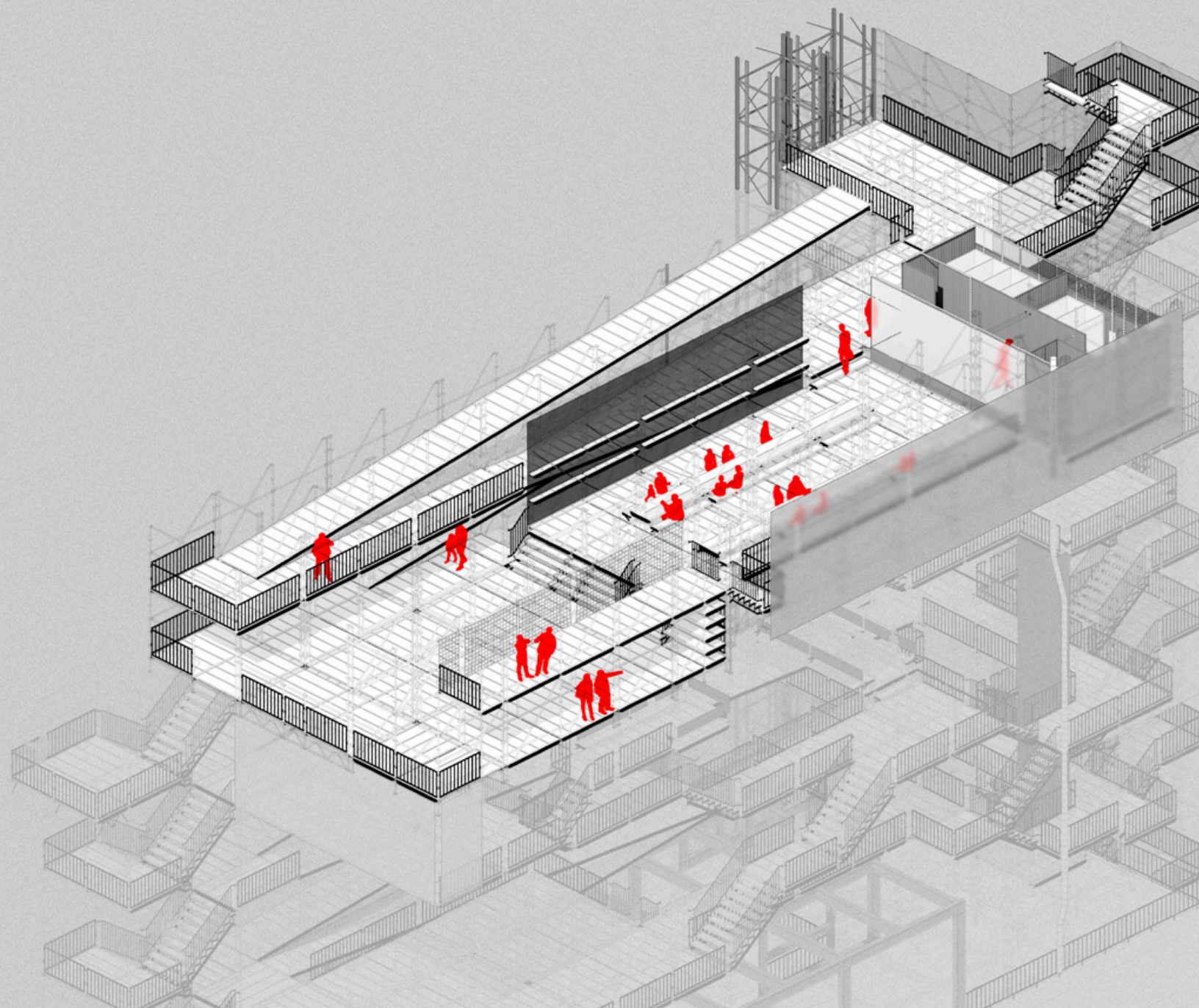






## *construir*

O terceiro momento é dedicado à criação, podendo abrigar tanto oficinas quanto debates. Duas mesas dispostas em linhas compõem um ambiente onde as pessoas são convidadas a interagir entre si, seja conversando, seja simplesmente observando o que está sendo criado ao seu redor. Além de um espaço amplo, que pode ser utilizado para atividades mais dinâmicas, o ambiente também aproveita a empena cega do edifício vizinho para criar um mural colaborativo, o qual permanecerá no local mesmo depois da desmontagem da estrutura, como resquício de sua existência.





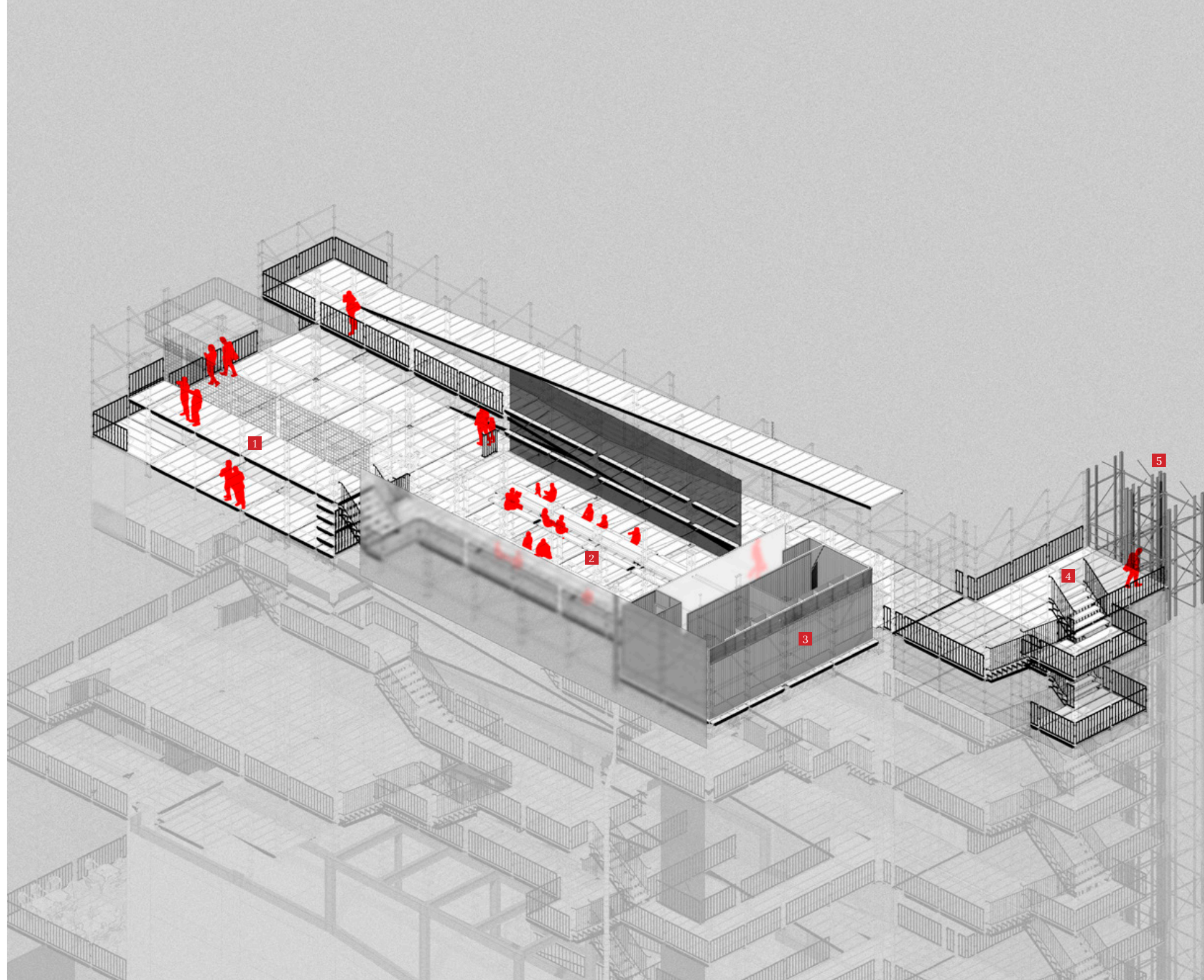
1. mural

2. oficinas

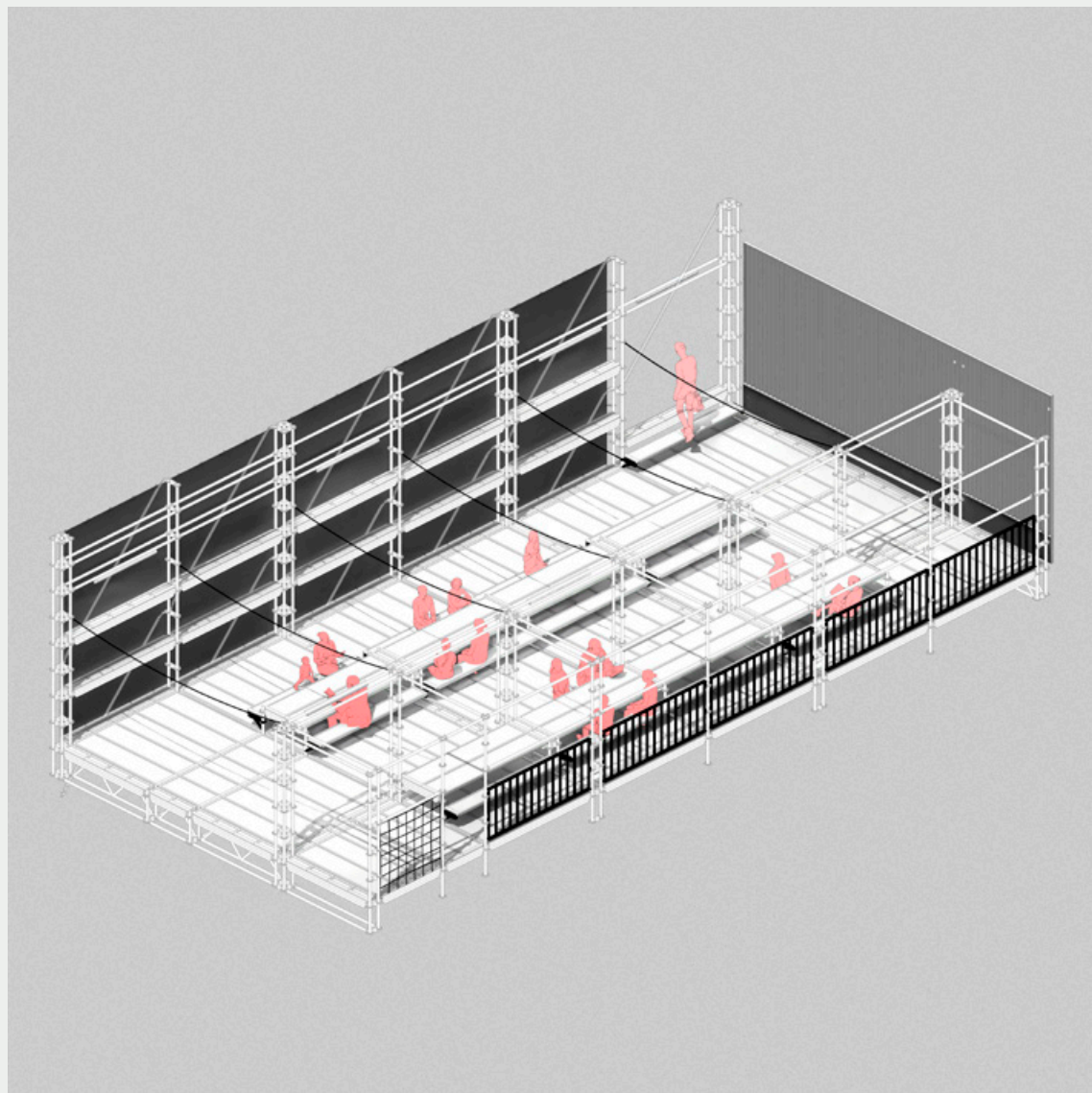
3. banheiros

4. escada de incêndio

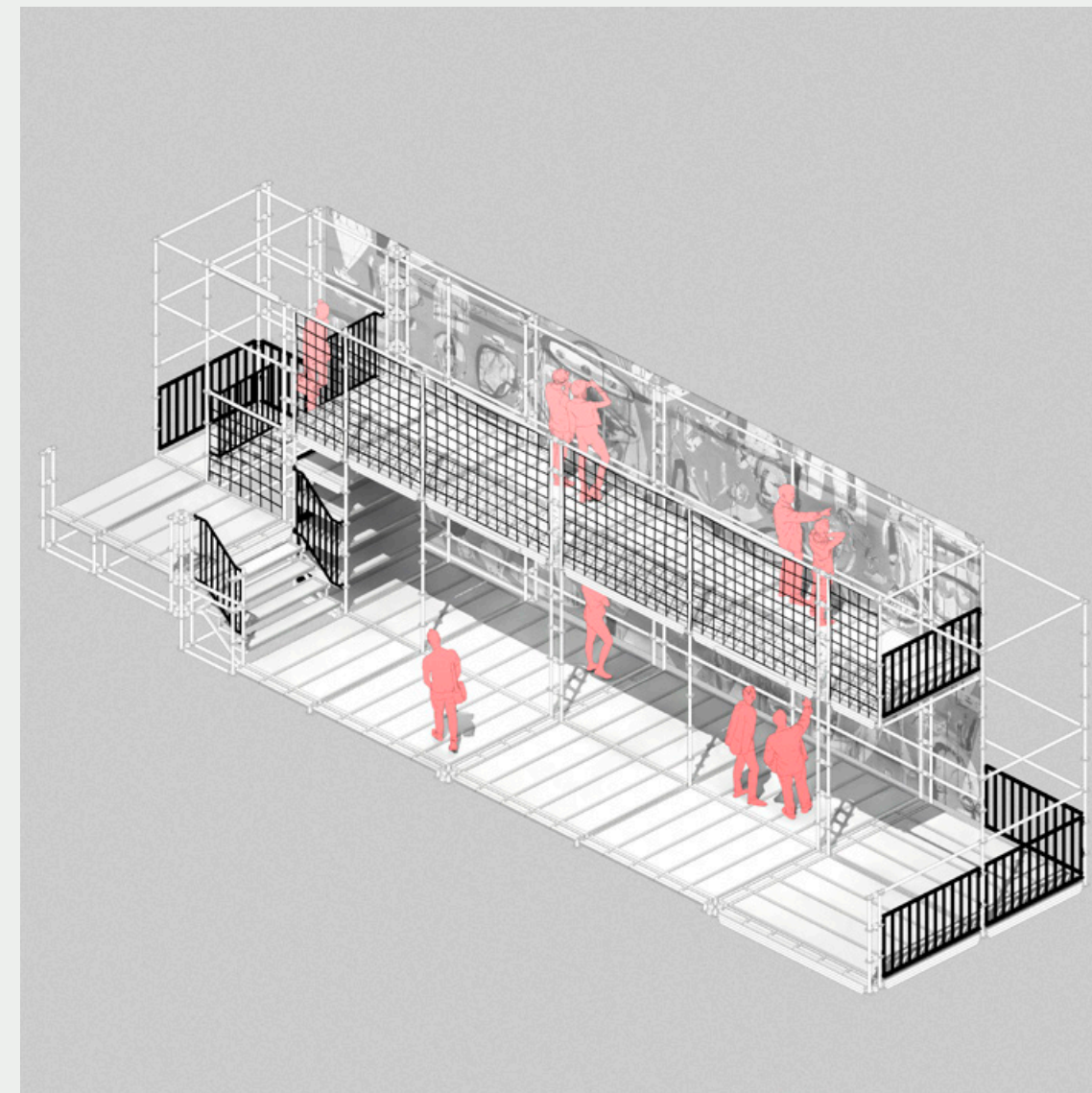
5. elevadores





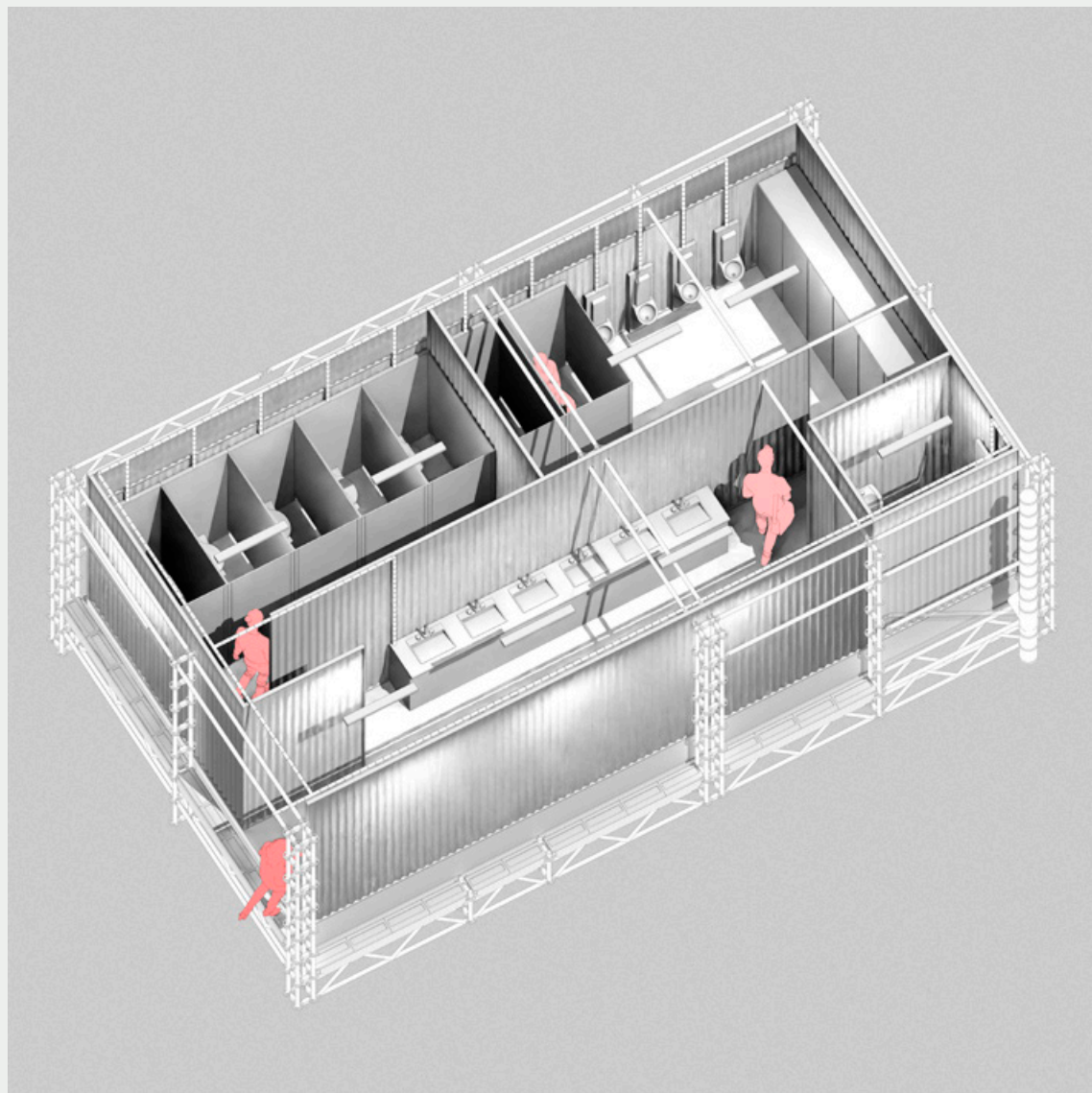


***Oficinas e debates.** Duas mesas compridas, compostas por andaimes, permitem atividades criativas em grupo. Uma série de linhas está posicionada acima delas, onde trabalhos podem ser pendurados para serem comentados ou expostos como resultado das oficinas realizadas nesse espaço.*

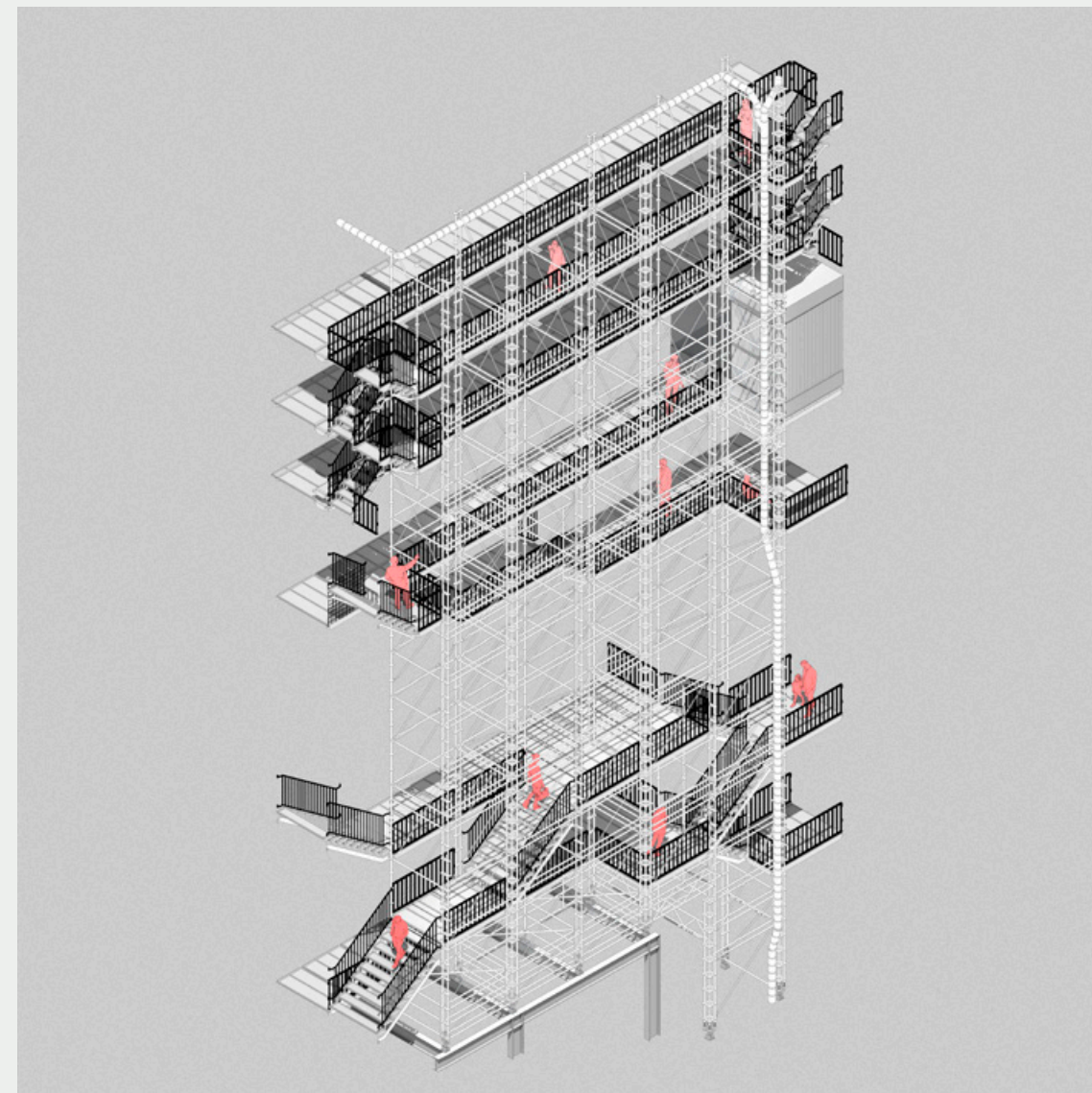


***Mural.** Inspirado na exposição Urbana, de Tec Fase, e aproveitando-se da empena cega do edifício vizinho, dois pisos convidam as pessoas a fazerem um mural colaborativo, o qual continuará presente mesmo após a desmontagem do projeto, como resquício de sua presença no local.*



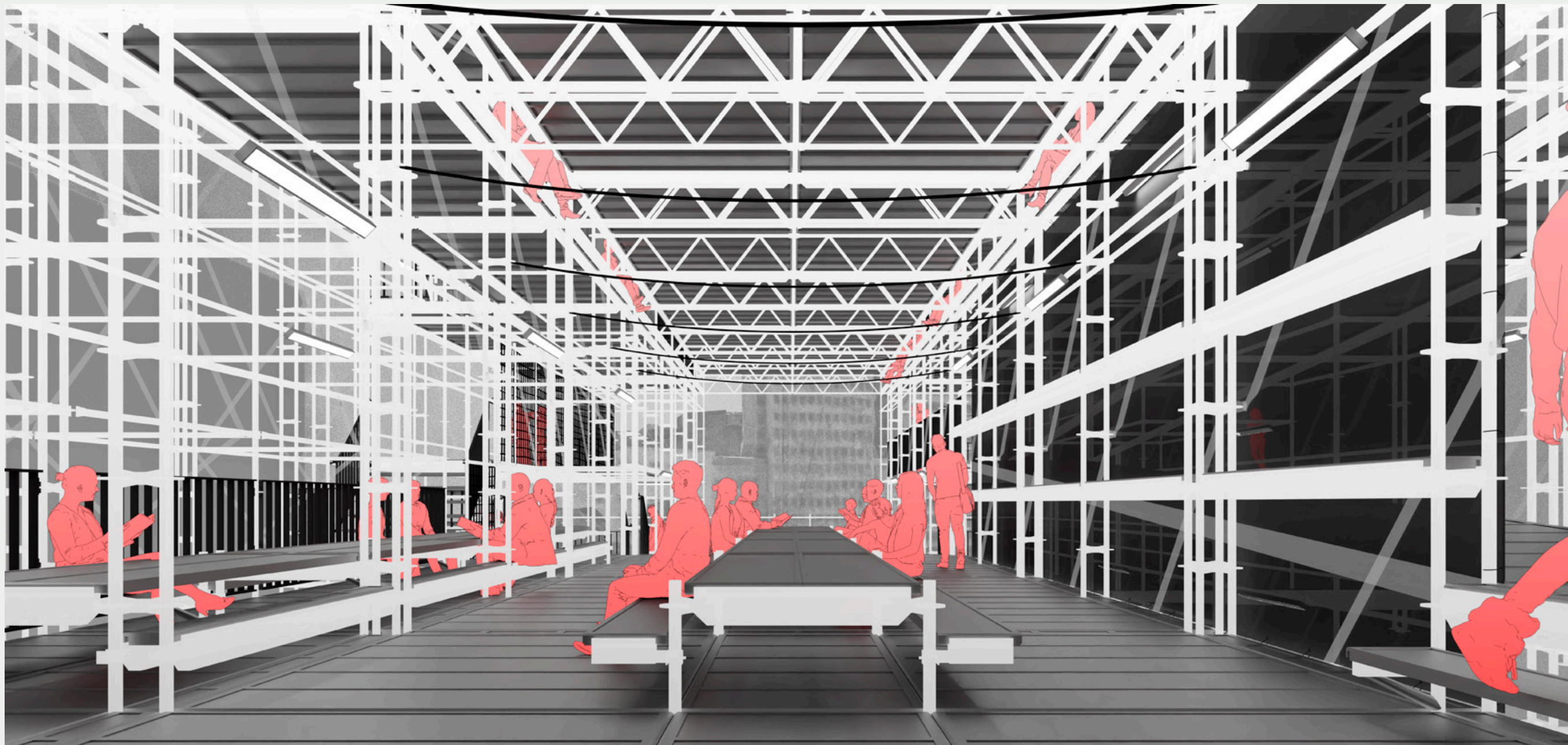


**Banheiros.** Os banheiros novamente se organizam por meio de paredes de telha metálica, essas dessa vez fixadas em um piso e um teto próprios, os quais também organizam a passagem da tubulação de água e esgoto. As paredes são furadas em alguns momentos para permitir com que os andaimes as atravessem.



**Vazio estrutural.** Tirando proveito da necessidade de estruturar parte do projeto mais rigidamente, mantém-se essa região livre, sem obstruções de pisos ou fechamentos, para que se possa ver as atividades que estão ocorrendo nos demais níveis.













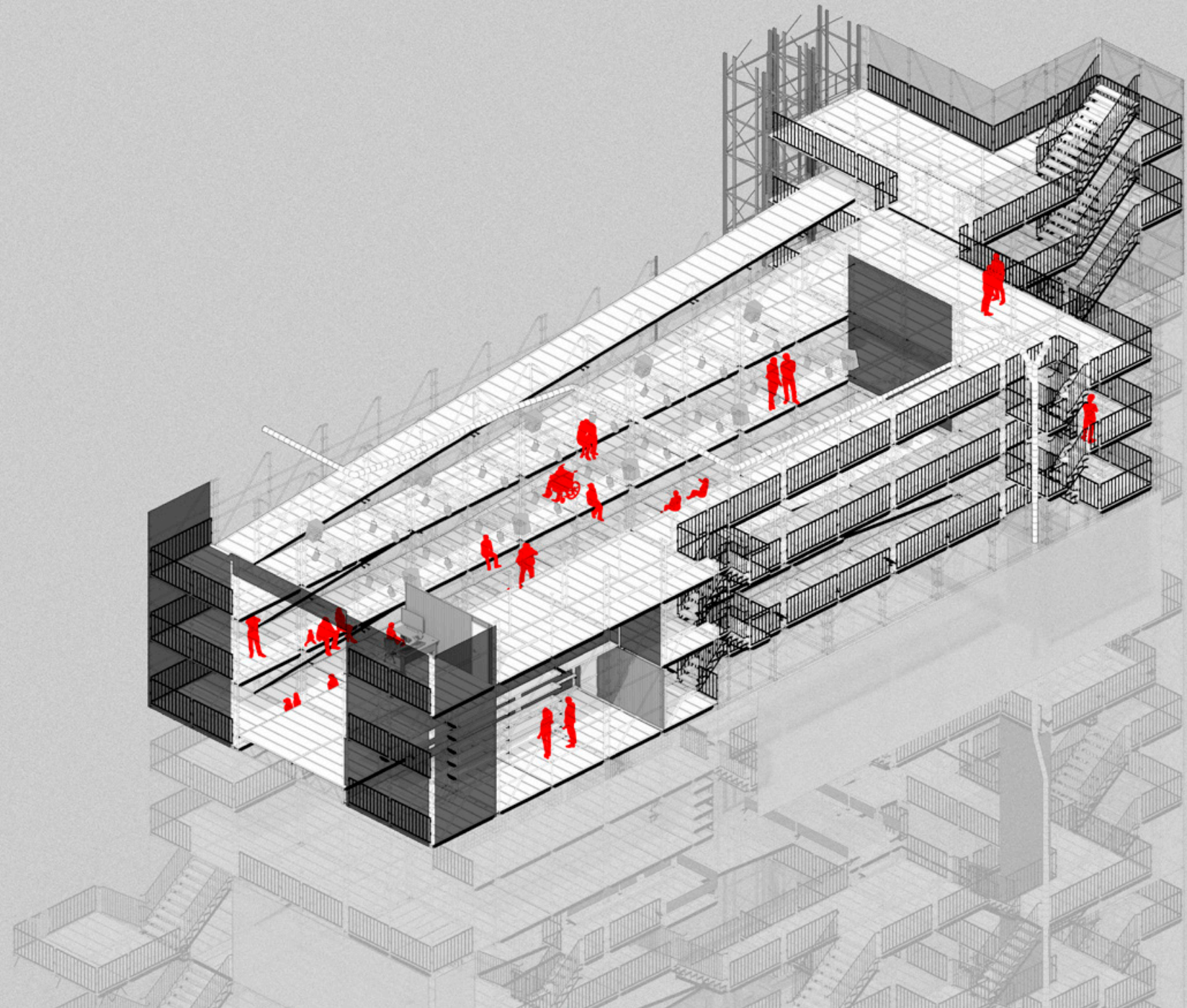


### *contar*

Inspirado diretamente no Teatro Oficina de Lina Bo Bardi e Edson Elito, o quarto momento toma a forma de um teatro, com um longo palco disposto no centro, circundado por pisos-plateias. Na ponta da fachada, um camarim abriga atores e seus figurinos, assim como um espaço técnico para controlar a iluminação e o som. Ambos esses espaços são fechados por paredes de telha metálica, presas à estrutura de andaimes.

Além de dois fechamentos na fachada, um tecido posicionado em frente ao palco pode se fechar ou se abrir, revelando a vista da cidade para compor o cenário da peça.

Além das rampas, presentes em todo a estrutura, duas pequenas escadas também permitem a circulação vertical por trás da plateia.





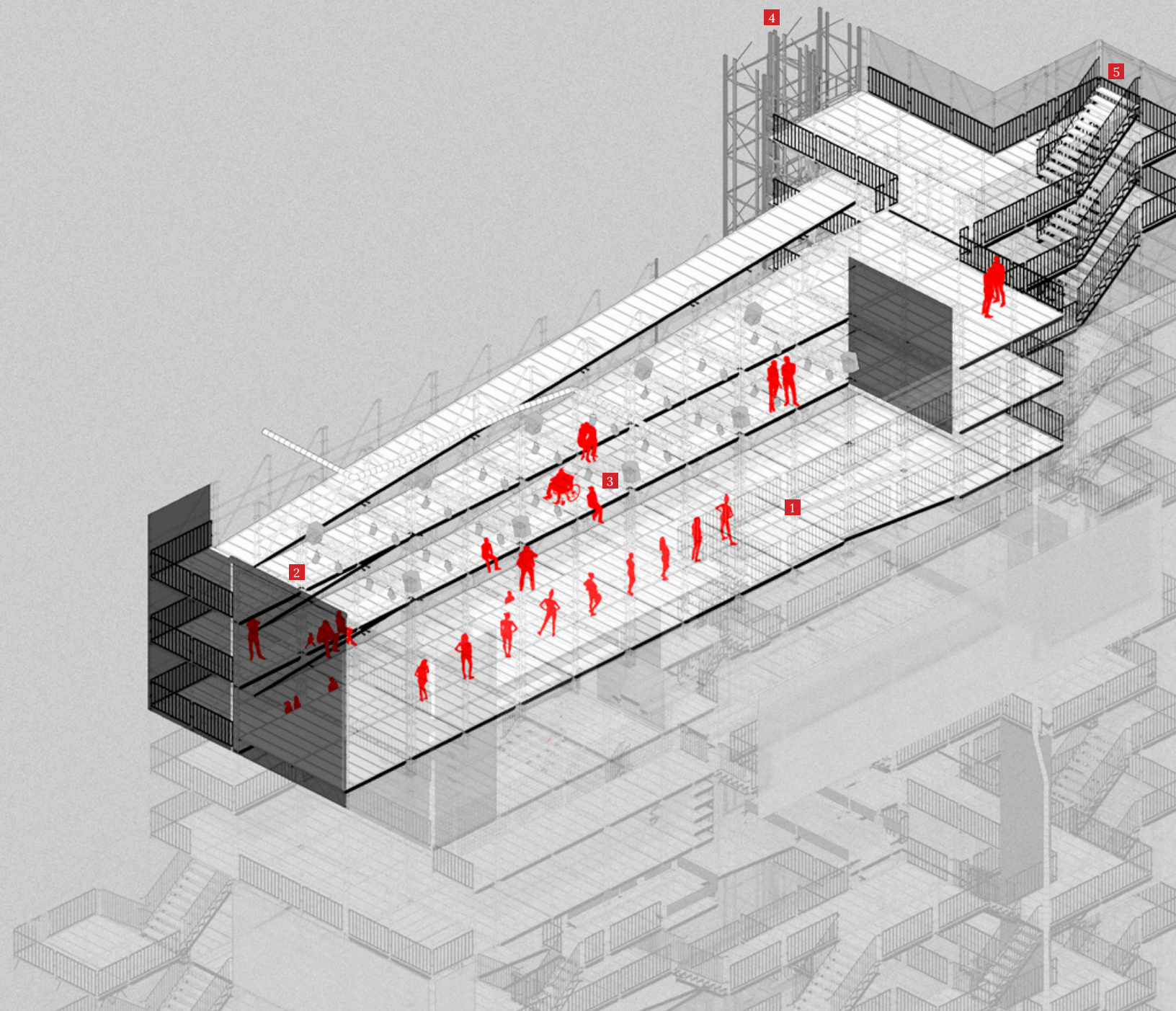
1. palco

2. fechamento móvel

3. plateia

4. elevadores

5. escada de incêndio





1. palco

2. fechamento móvel

3. plateia

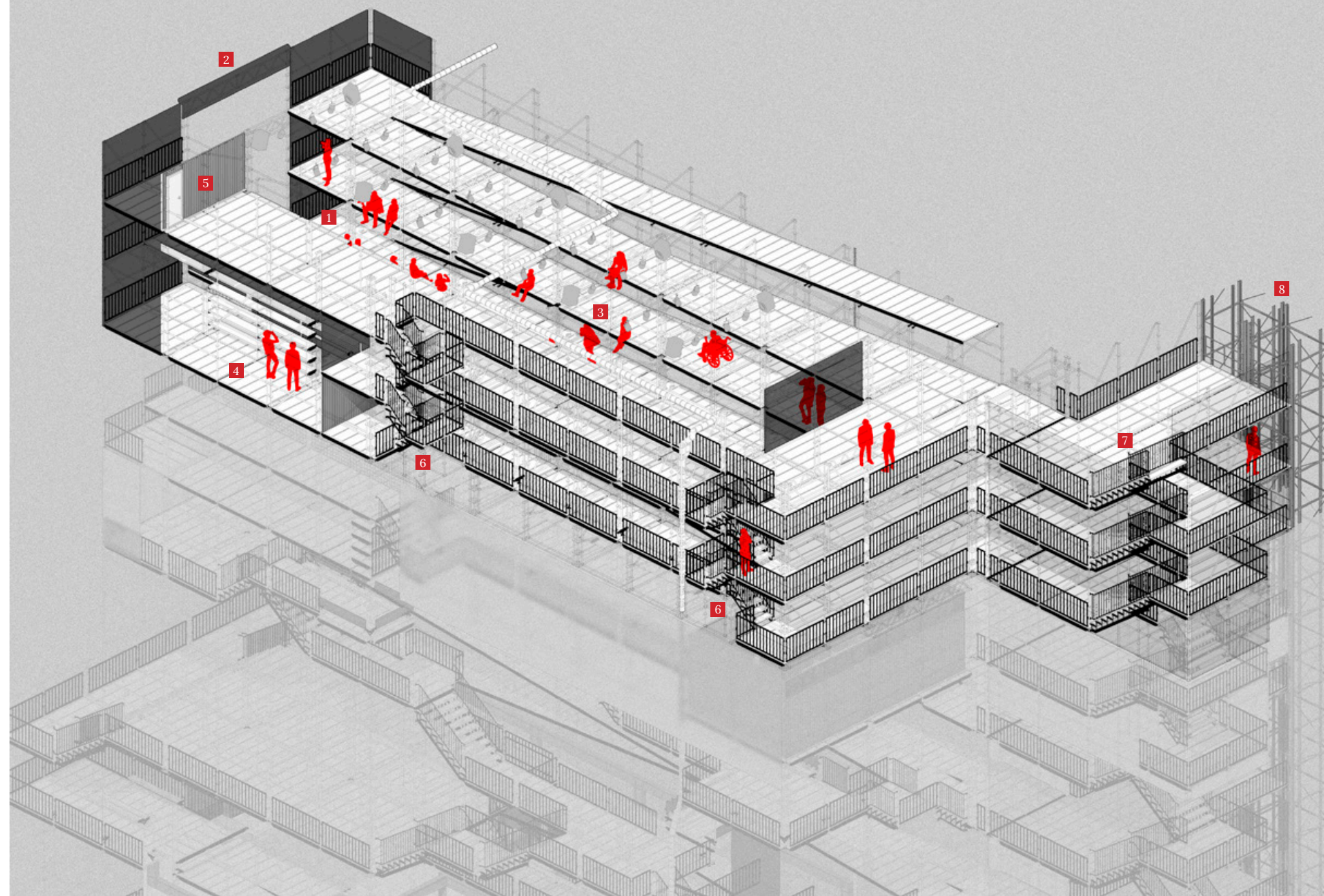
4. camarim

5. sala técnica

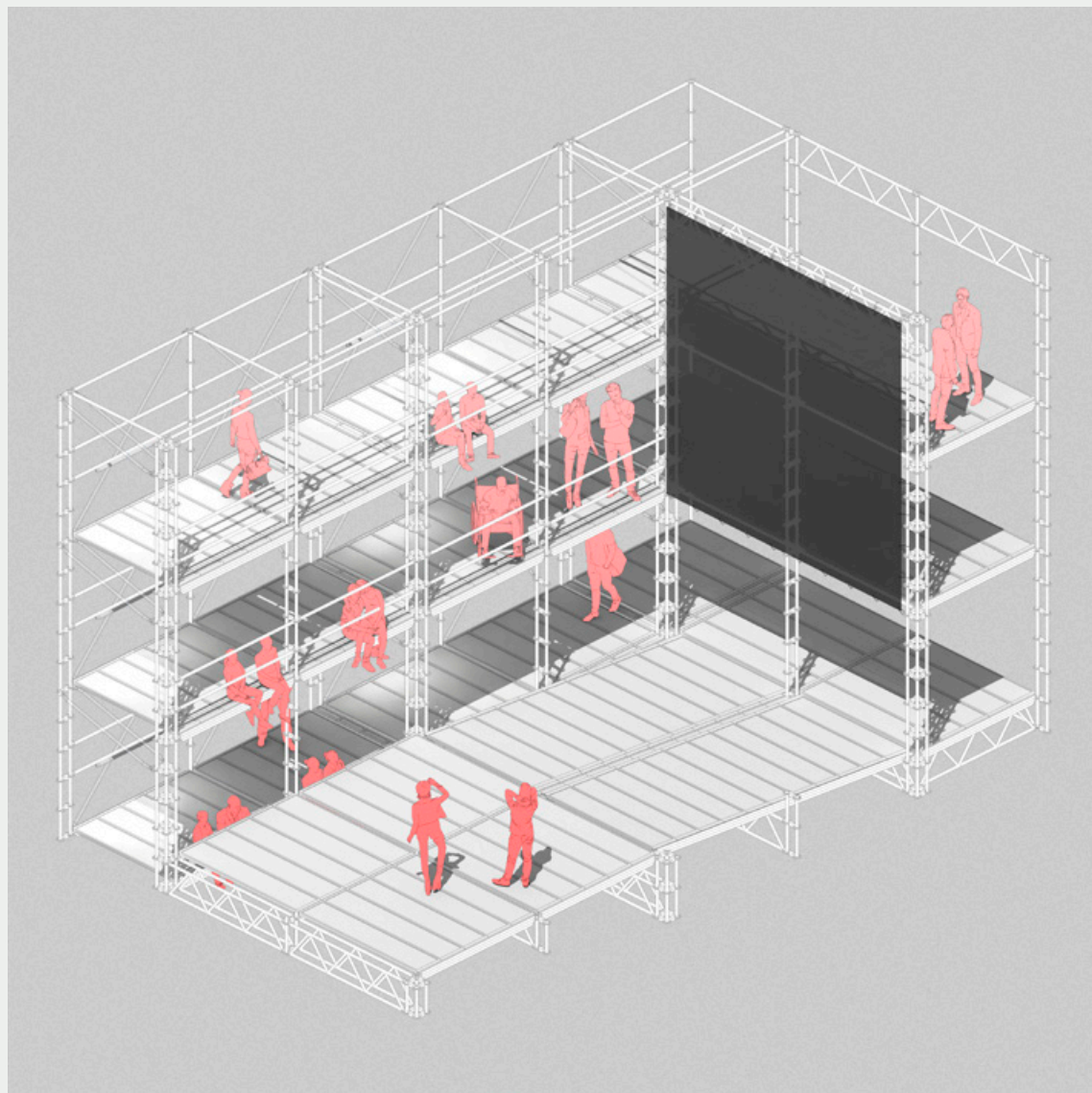
6. escadas

7. escada de incêndio

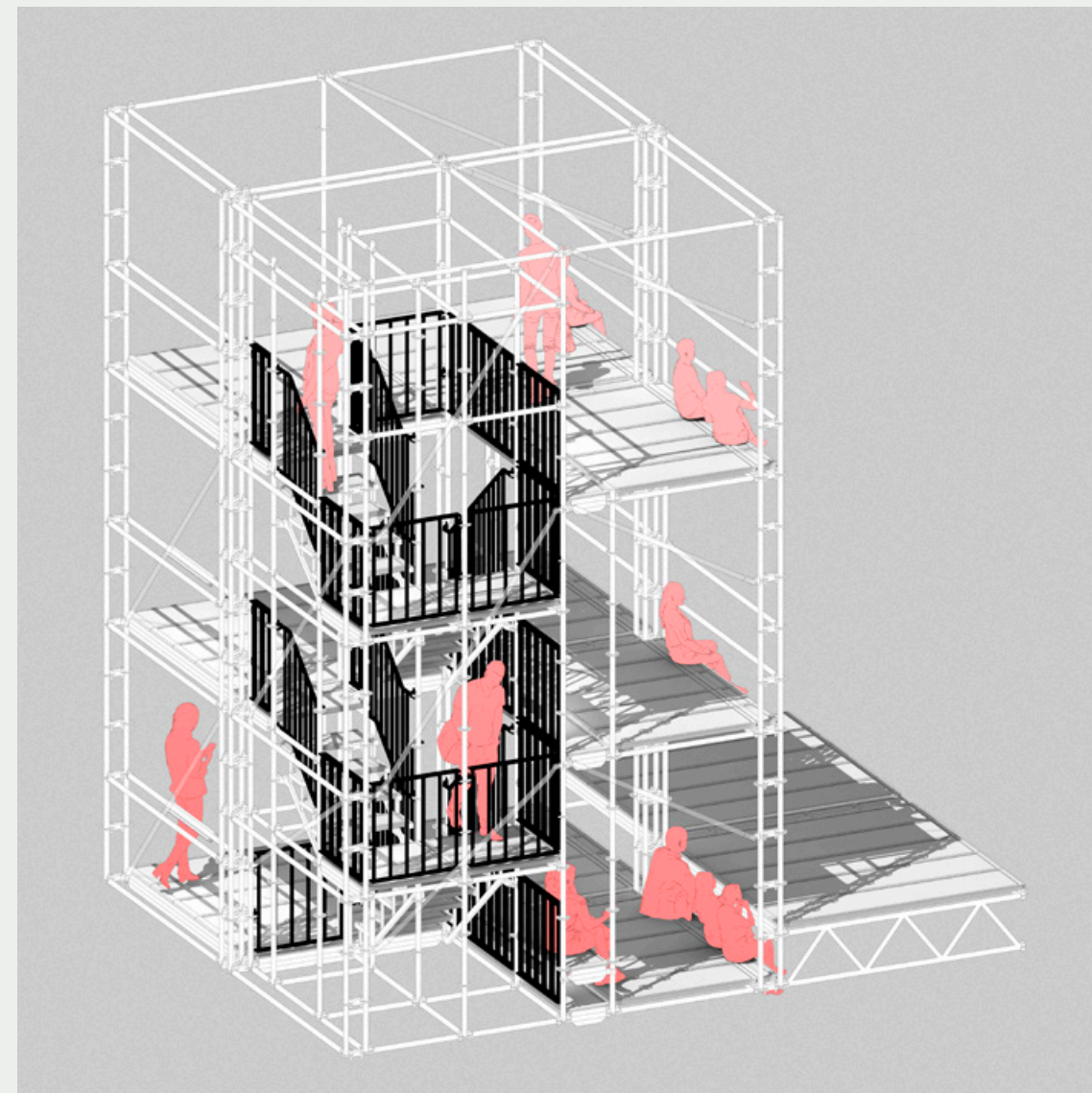
8. elevadores





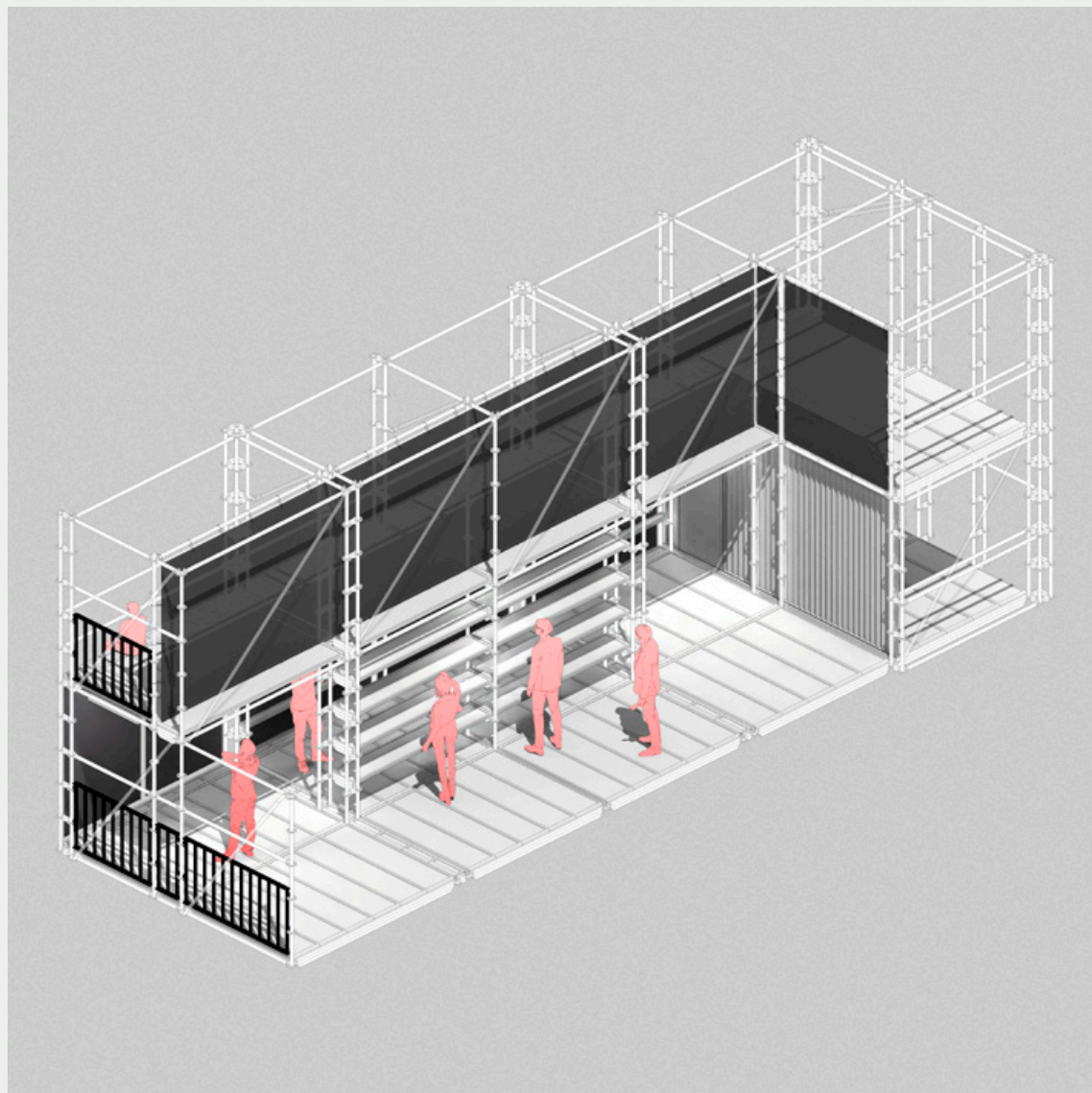


**Palco.** Inspirado no Teatro Oficina de Lina Bo Bardi e Edson Elito, o palco incorpora a extensão do lote para si, rodeado por três andares de pisos-plateias em ambos os lados. Sua entrada ocorre por meio de uma rampa, facilitando a entrada de elementos cenográficos no palco.

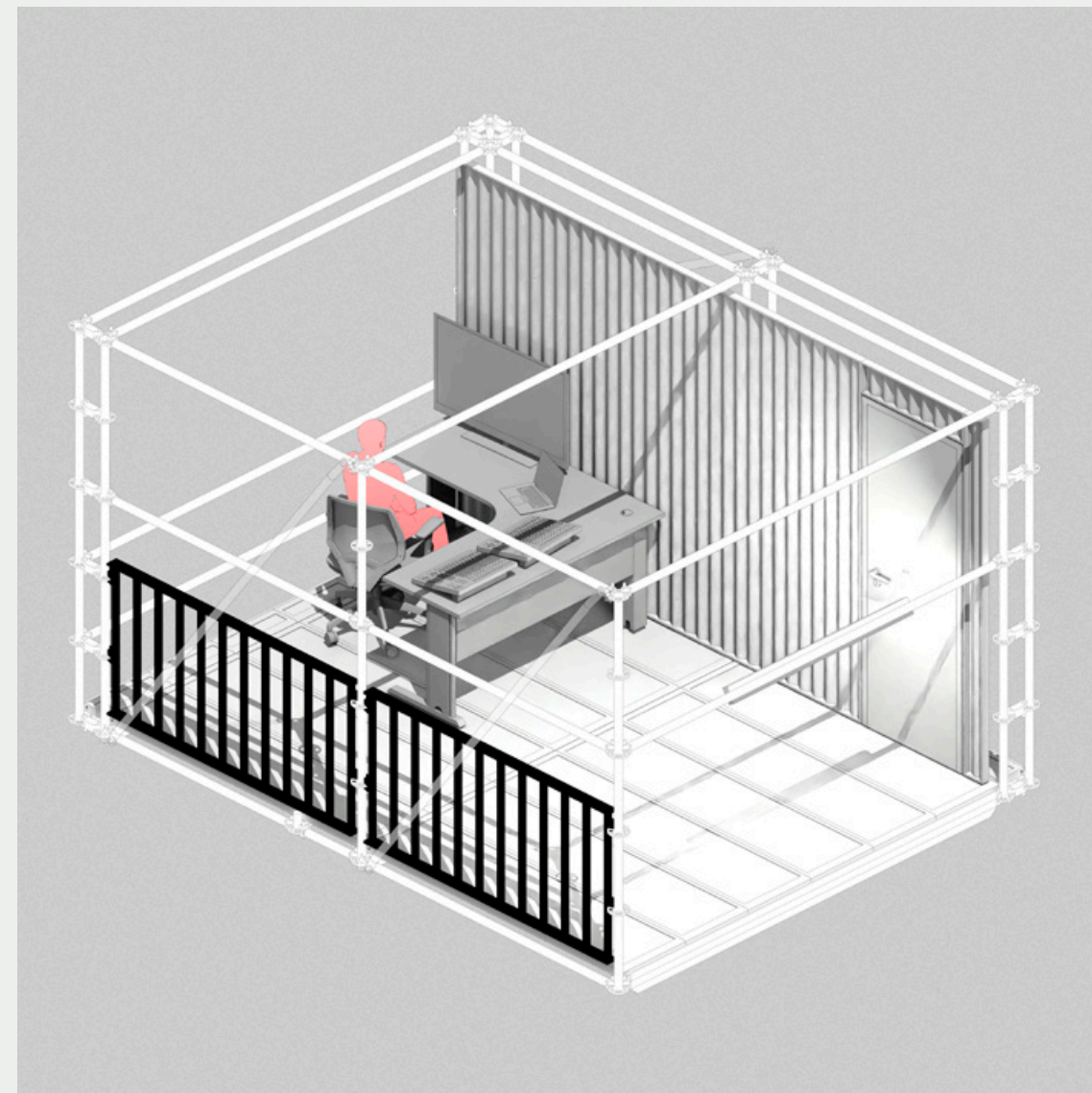


**Plateia.** A plateia está disposta em três níveis, cada um com 2,5m entre si. O nível inferior está em uma cota abaixo do palco, abrigando espectadores tanto sentados ao lado dele, quanto em bancos mais afastados. Duas escadas fazem a conexão secundária entre os níveis.



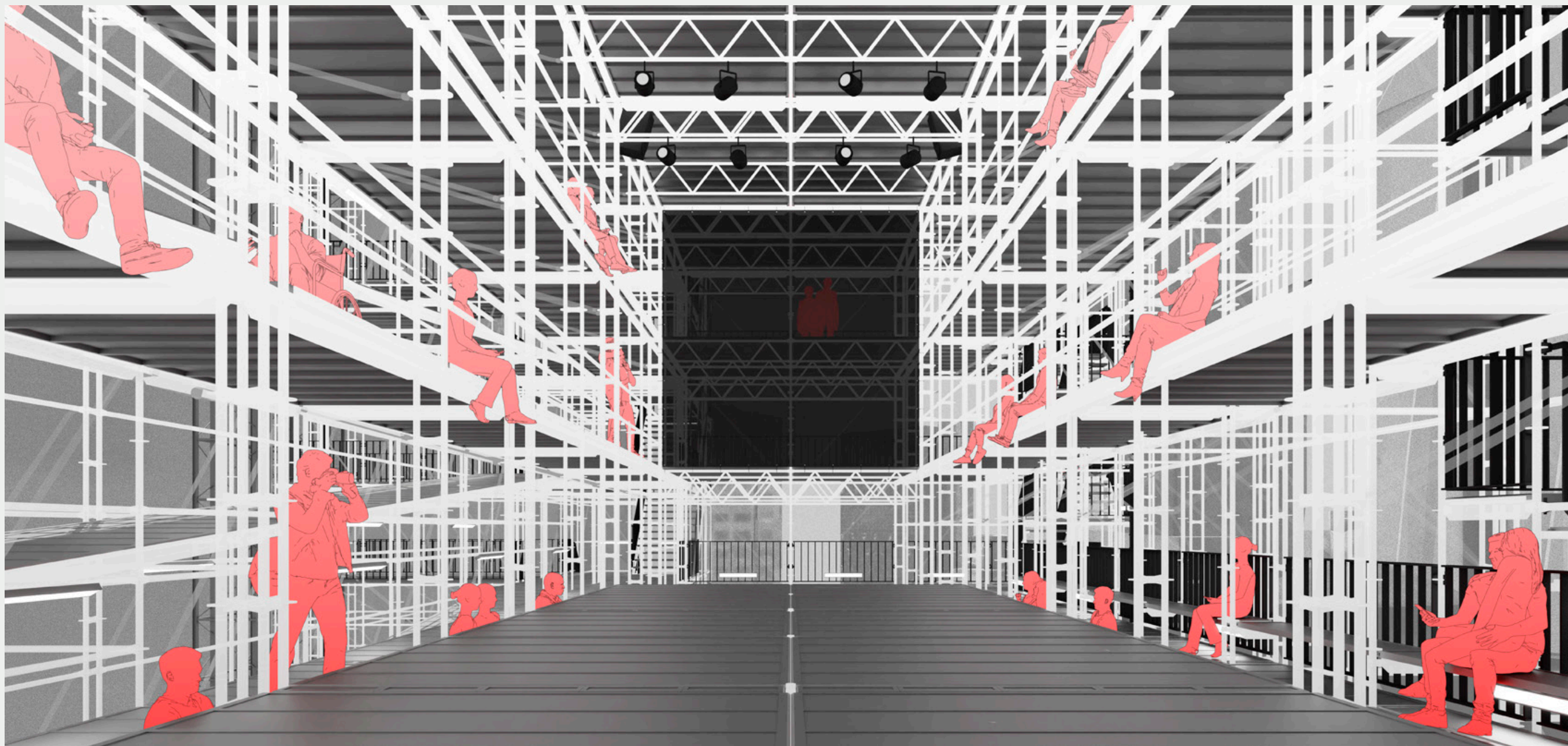


***Camarim.** O camarim abriga os atores e permite eles trocarem de roupa. Conjuntos de pisos sobrepostos compõem prateleiras para guardar os figurinos da peça e outros pertences pessoais. O espaço é fechado por uma telha metálica, presa aos andaimes, enquanto a entrada para o palco ocorre por uma cortina.*

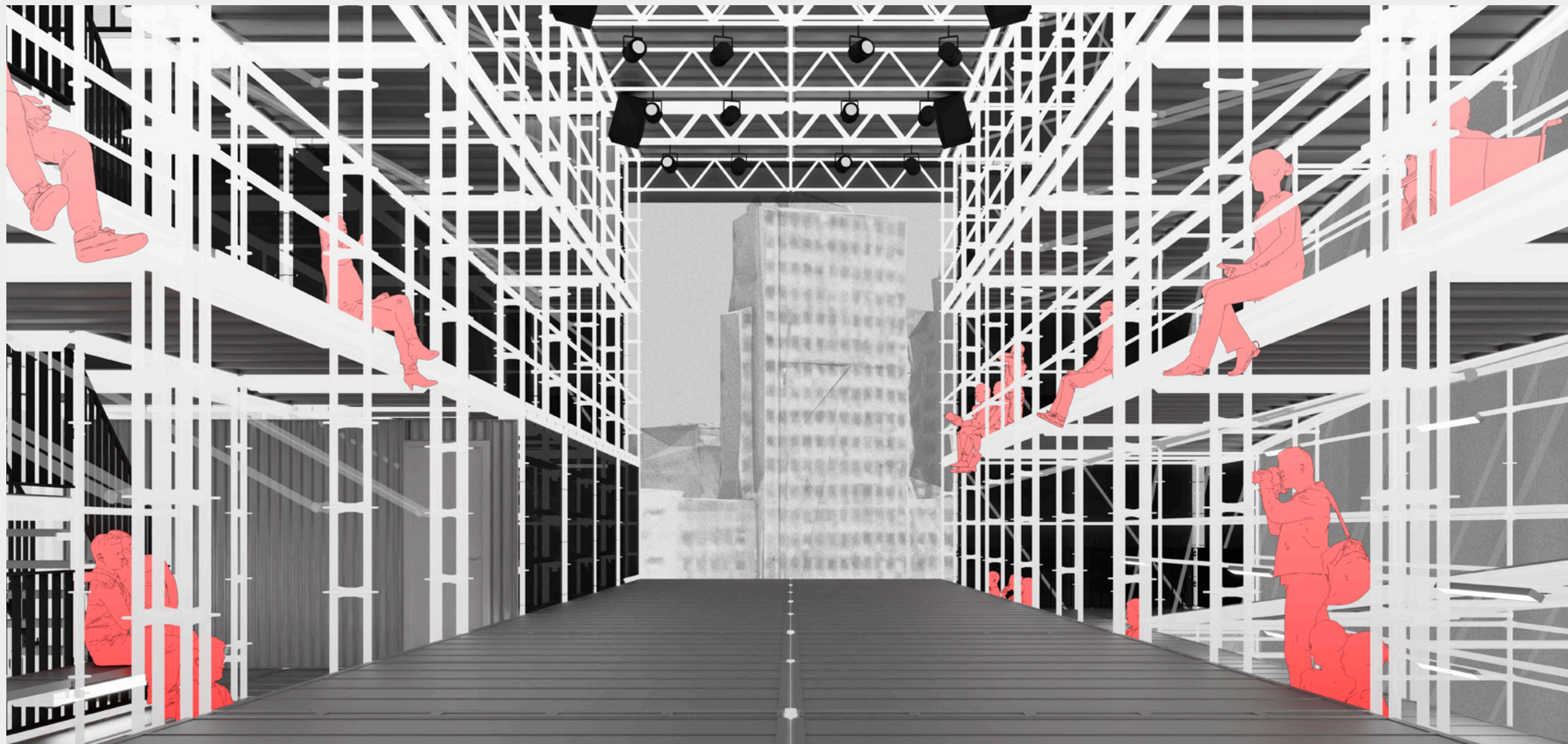


***Sala técnica.** Uma sala técnica abriga todos os equipamentos necessários para controlar as luzes e o som do espaço durante a peça. O local é fechado por uma parede de telha metálica, a qual é presa à estrutura de andaimes.*









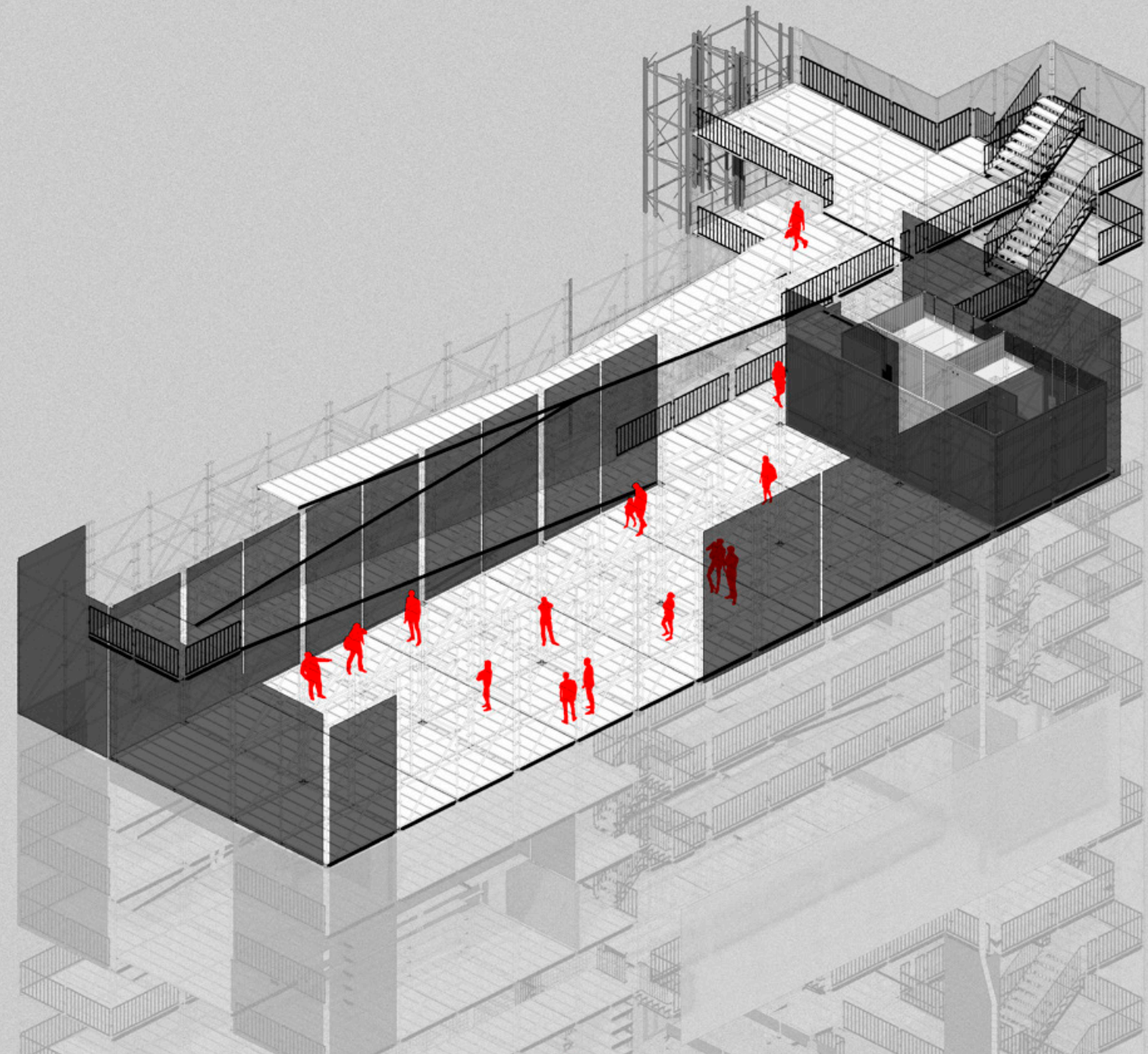






## *refletir*

O quinto momento é, em maior parte, um piso vazio destinado a receber exposições temporárias. O espaço se fecha em relação ao entorno, podendo, no entanto, ser aberto, caso esse seja o interesse da exposição atual. Por se tratar do último espaço coberto, o percurso das rampas também é fechado, construindo uma expectativa para avistar a paisagem da cidade, a qual será revelada no nível seguinte. Além da exposição, o espaço também abriga um banheiro.



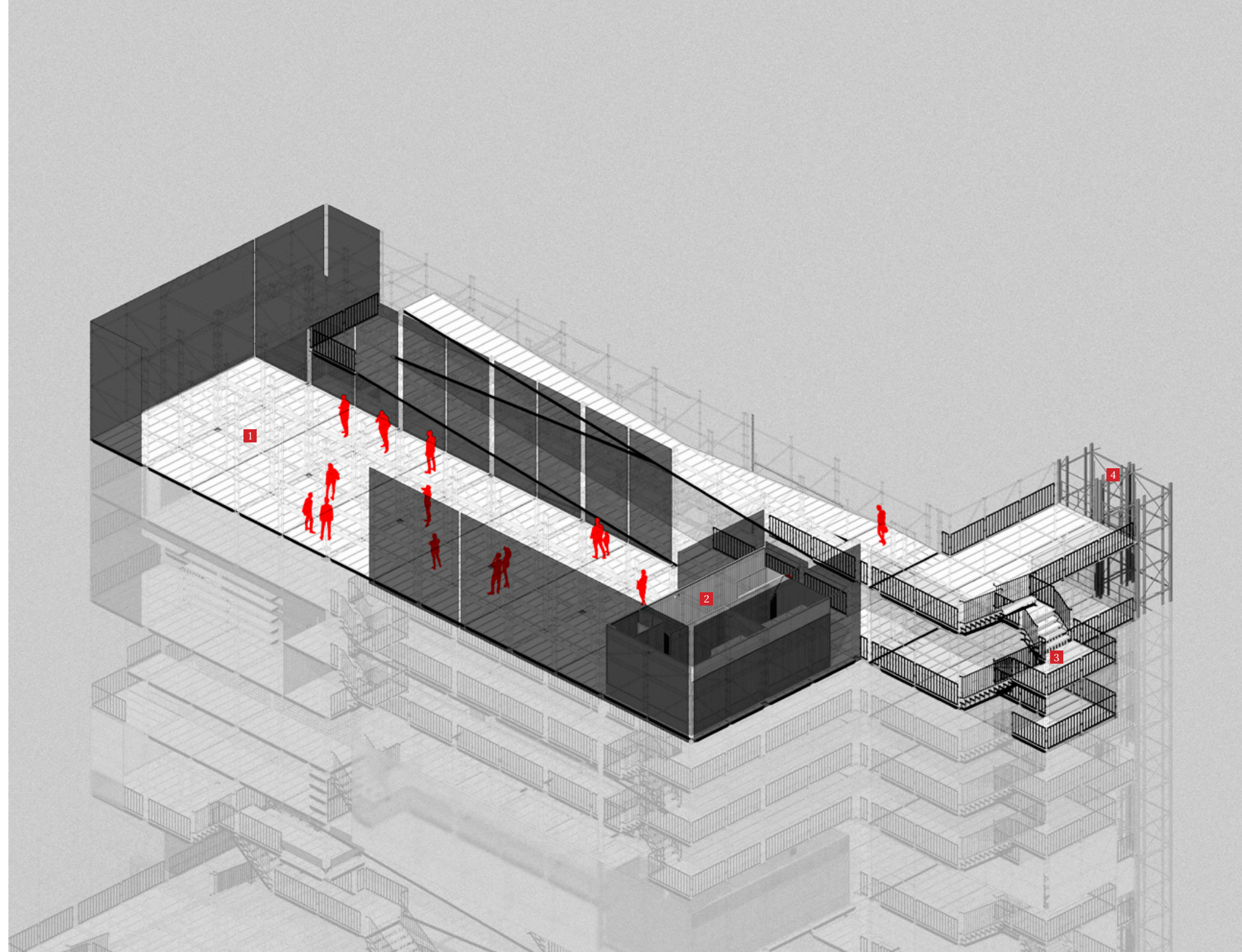


1. espaço expositivo

2. banheiros

3. escada de incêndio

4. elevadores













*trocar*

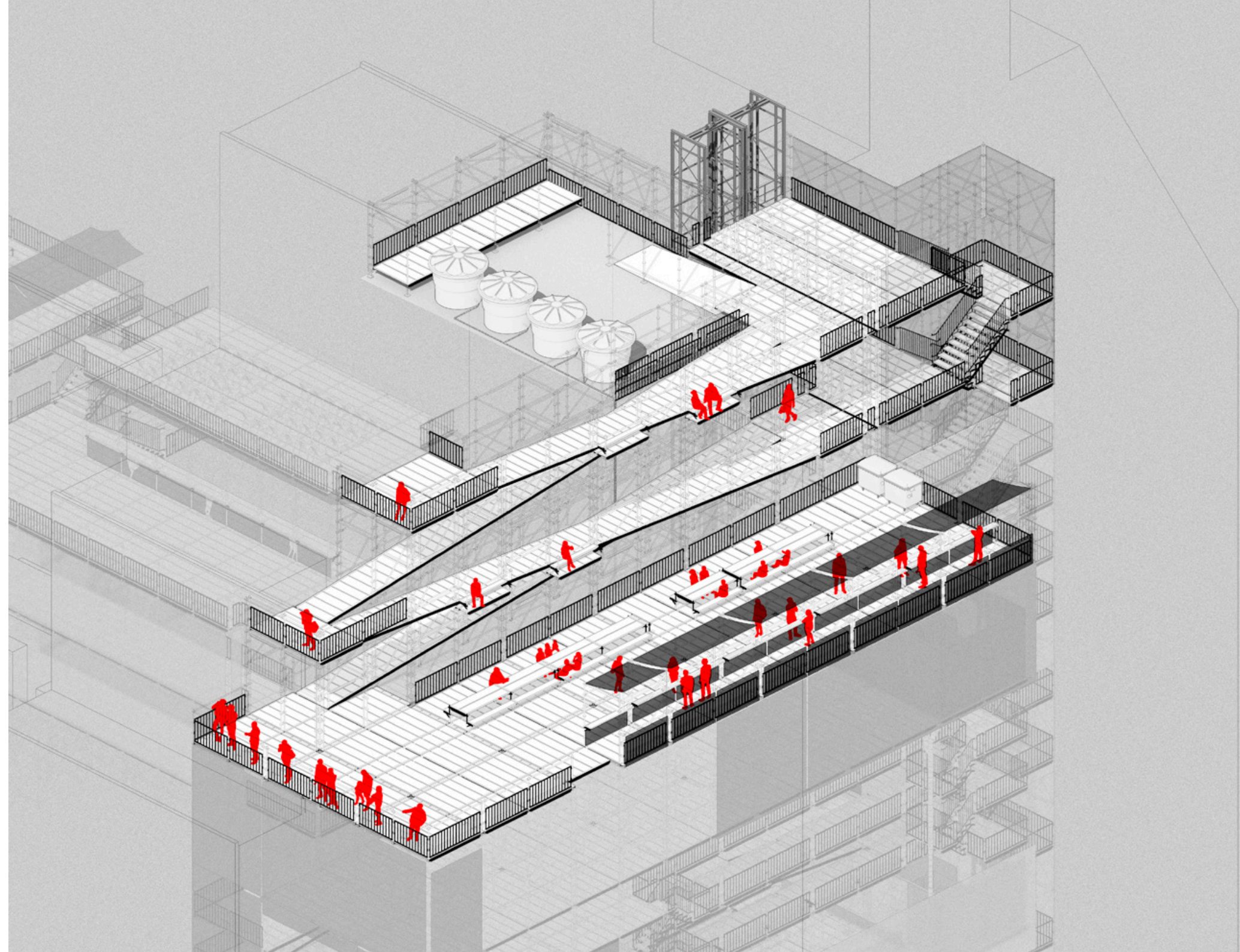
No sexto momento, a estrutura se abre para a cidade, criando um grande mirante.

O restante do espaço abriga um conjunto de barracas, as quais podem abrigar desde a venda de comida até feiras artísticas.

Como apoio, dois bancos extensos de andaimes estão dispostos ao longo do espaço.

As rampas continuam até dois níveis superiores, percurso no qual se acoplam alguns bancos, os quais também possuem vistas amplas para a paisagem.

No topo, fazendo uso da cobertura do edifício vizinho, encontram-se as caixas d'água que alimentam toda a estrutura.





1. mirante

2. barracas

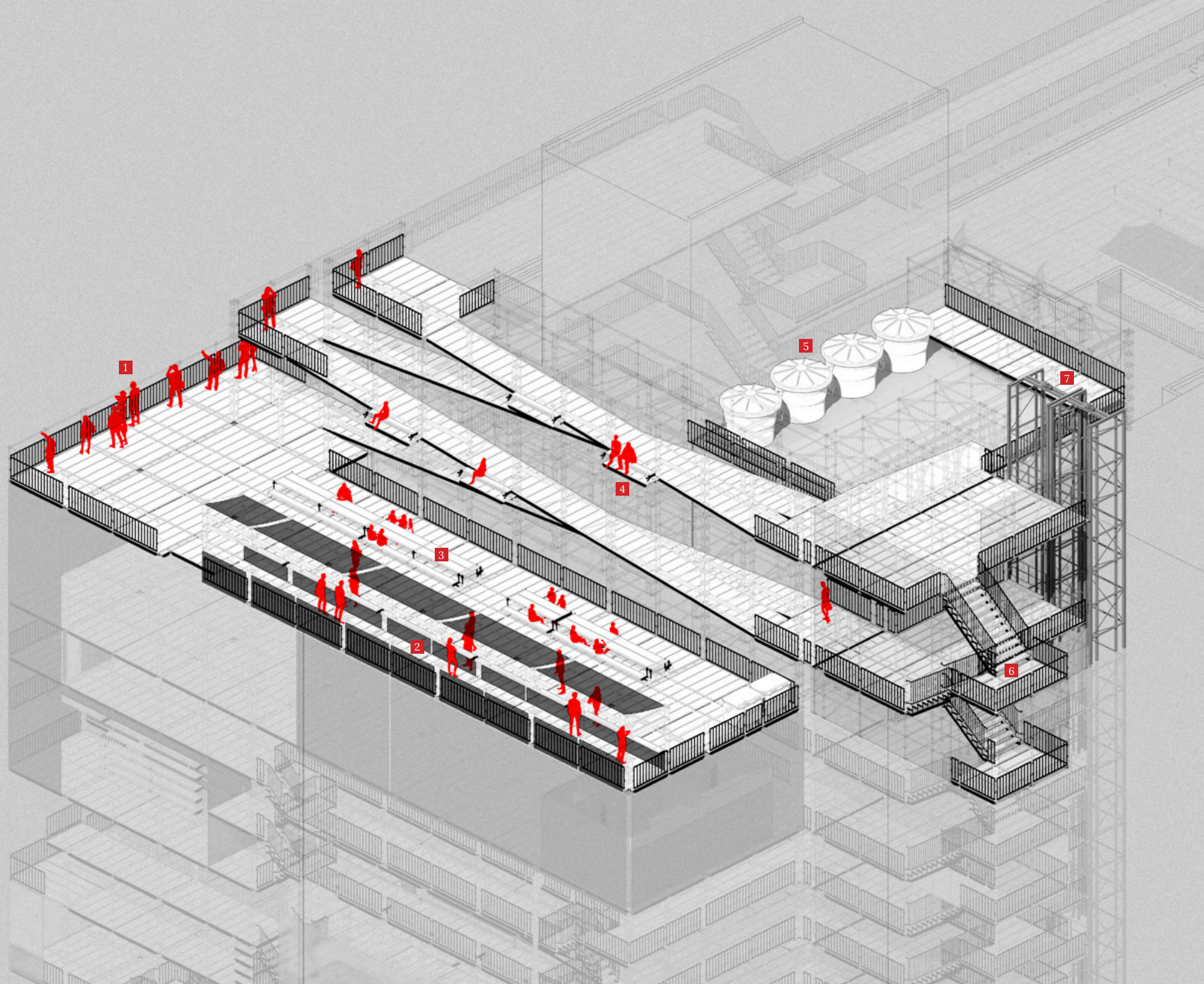
3. bancos

4. bancos-mirante

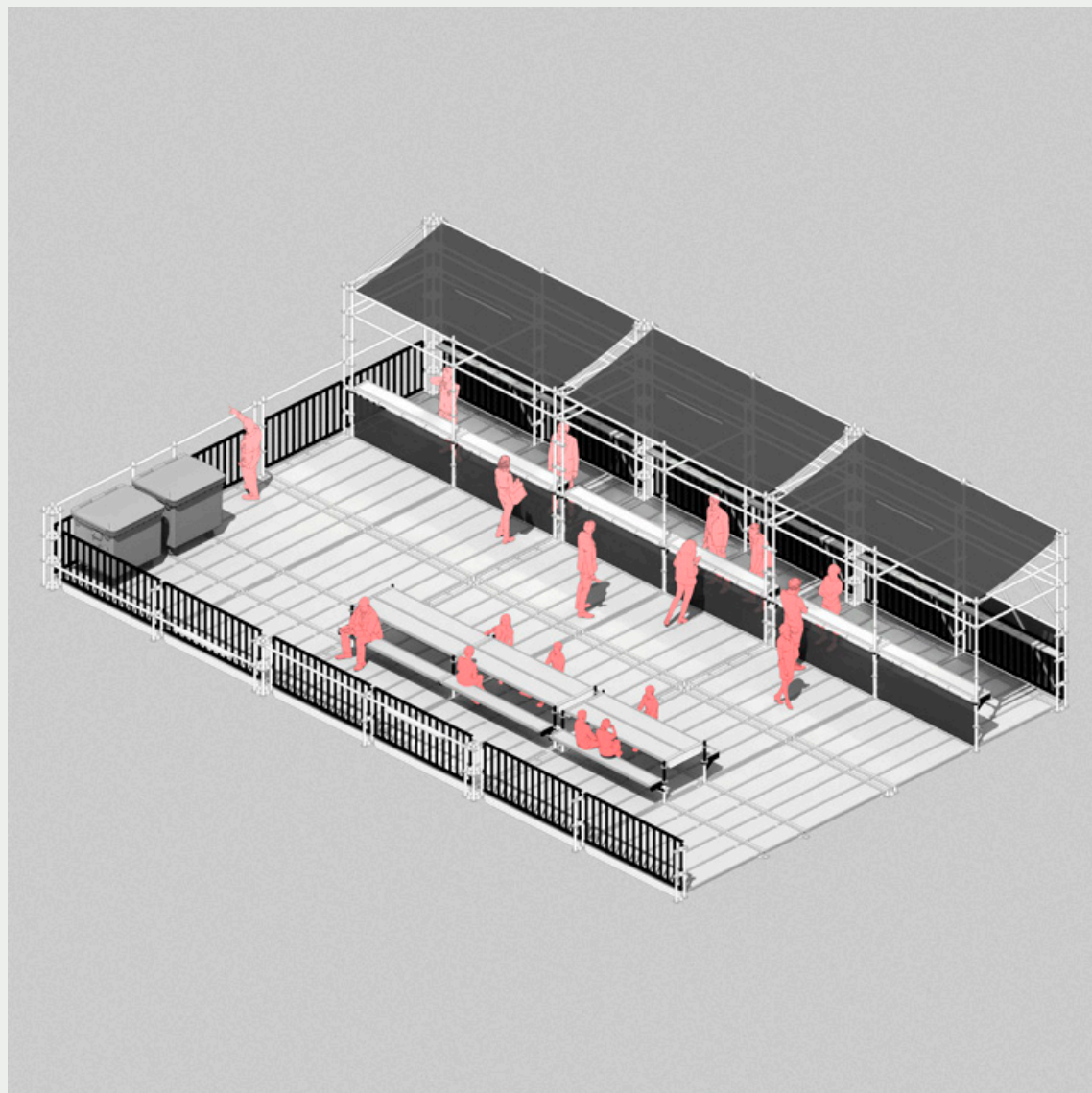
5. caixas d'água

6. escada de incêndio

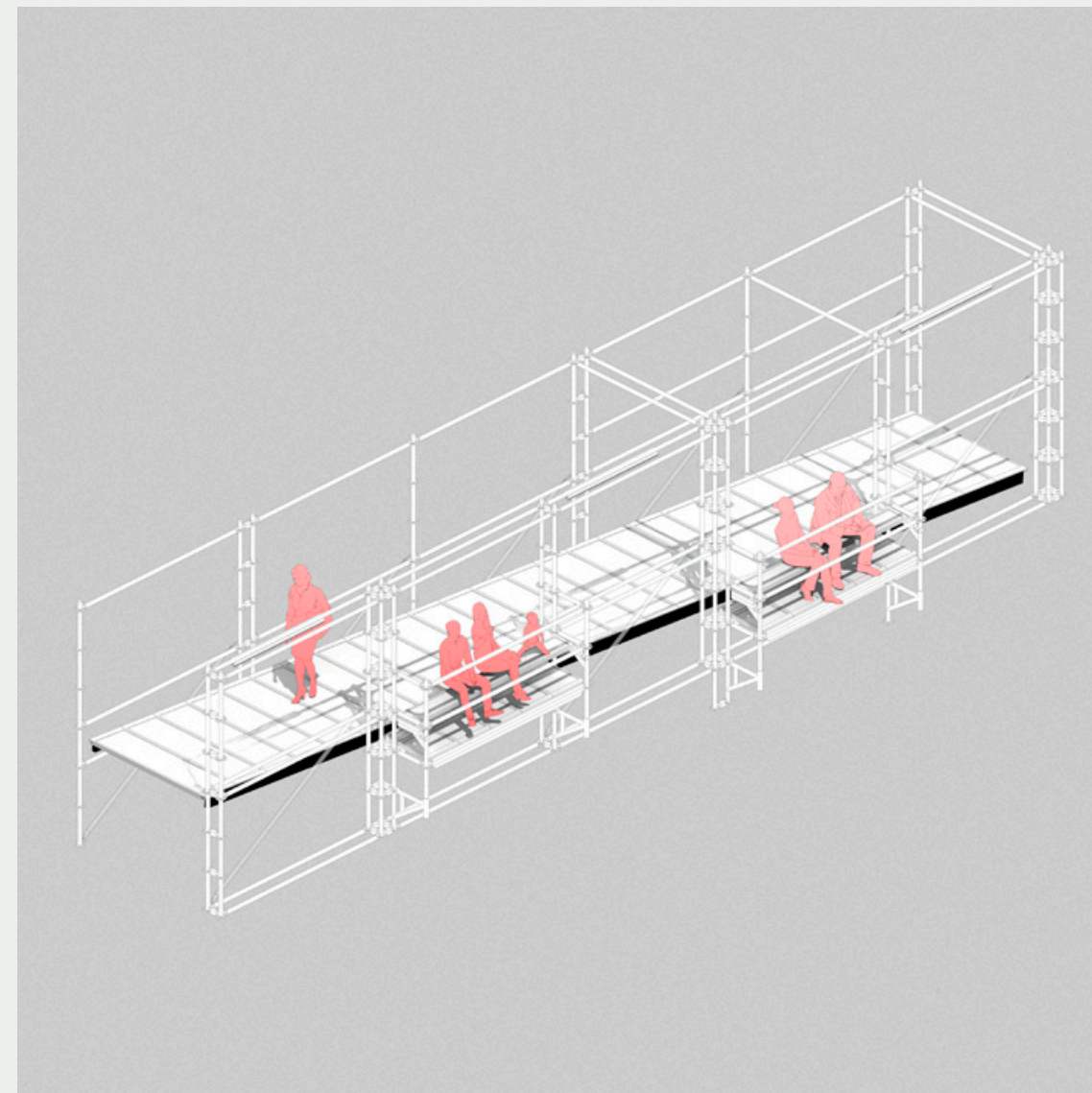
7. elevadores



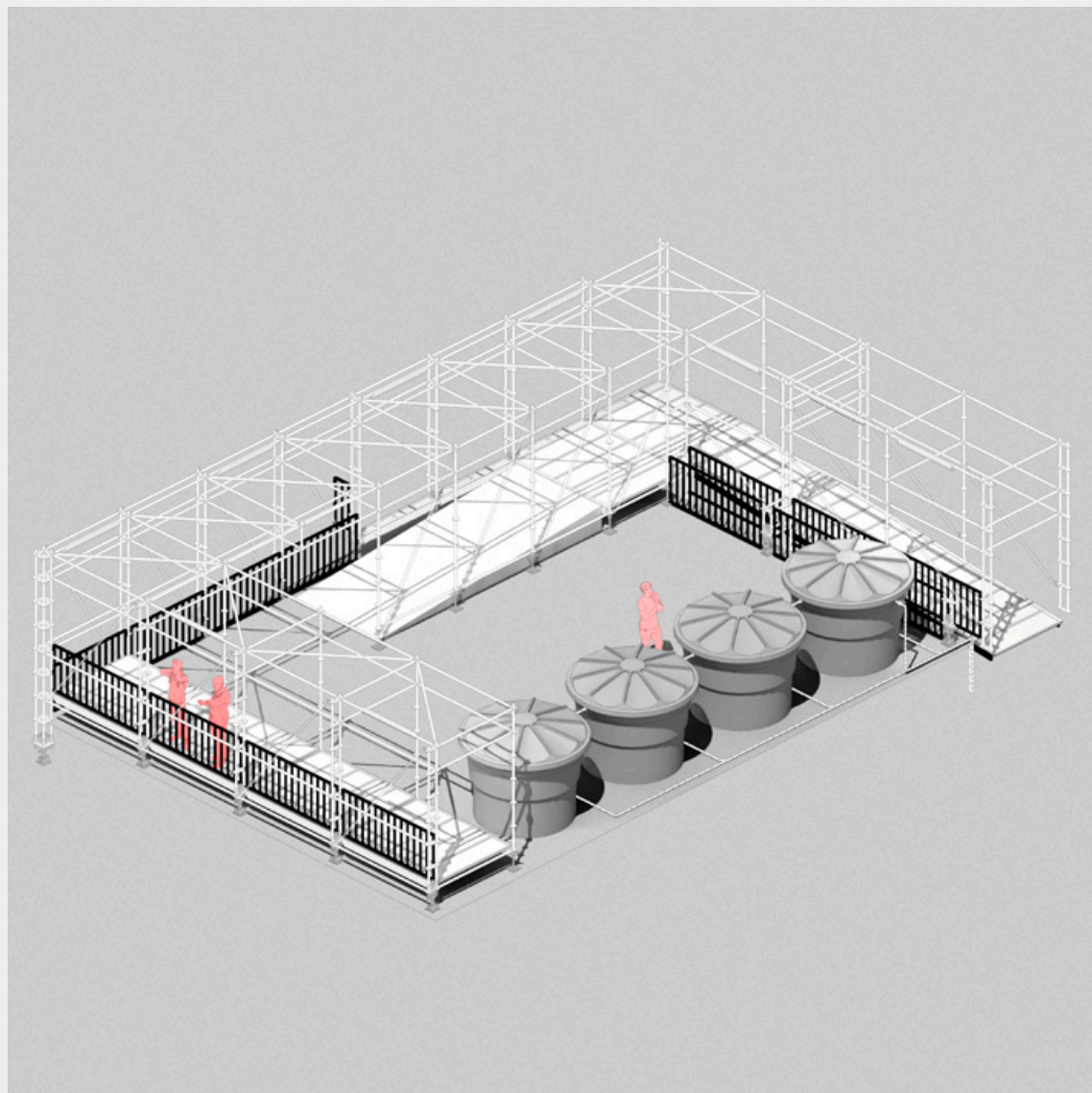




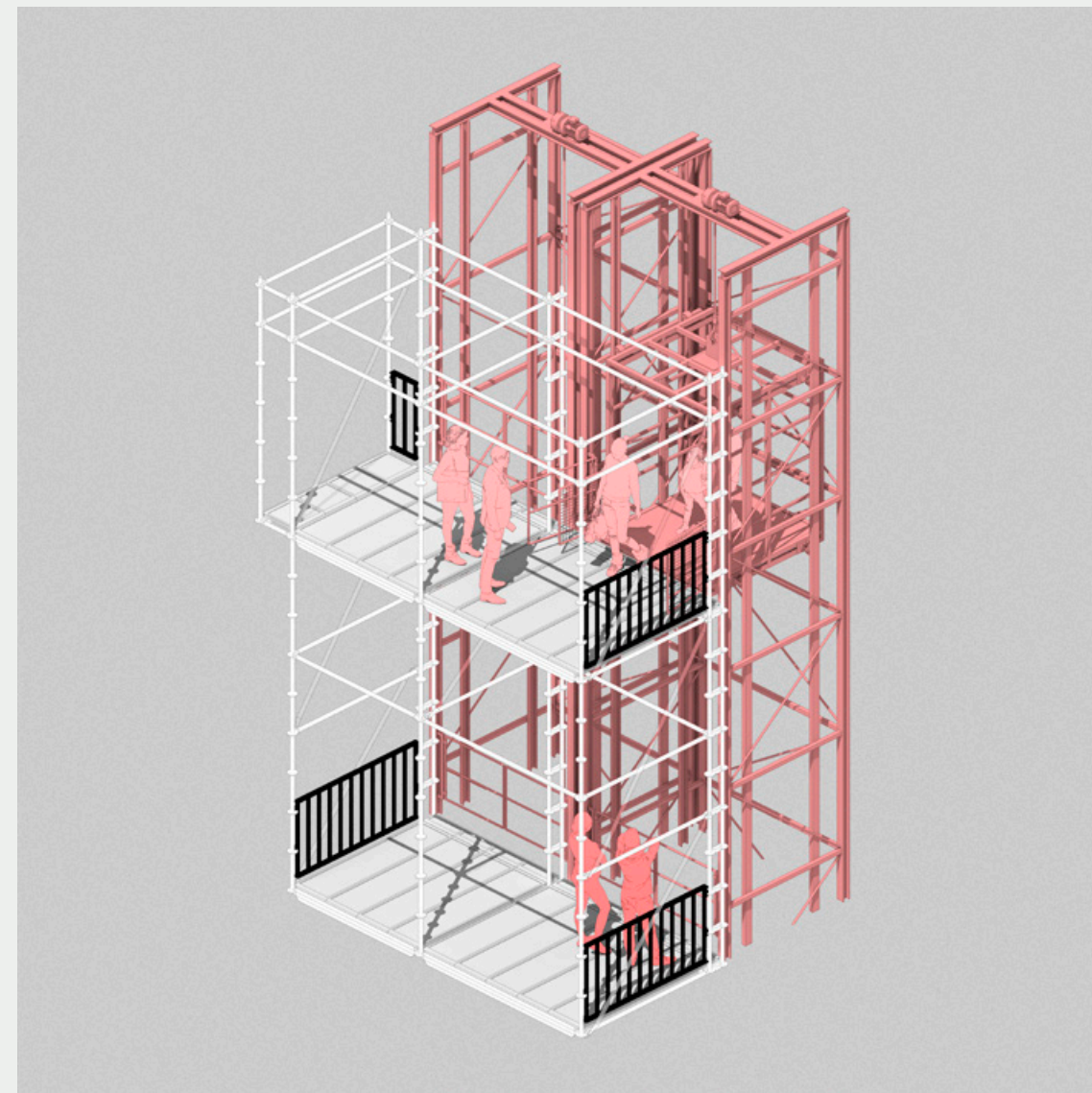
**Barracas.** O conjunto de barracas permite diversas de atividades, desde a venda de comidas, até feiras de artes e artesanatos. Como apoio, bancos estão dispostos ao seu lado, seja para comer, seja como extensão da feira.



**Bancos-mirante.** Tirando proveito da vista desobstruída, uma série de bancos estão acoplados às rampas dos níveis superiores, fornecendo não apenas um espaço de descanso, mas um pequeno mirante onde se possa olhar a vista junto aos amigos e à família.



***Caixas d'água.** Aproveitando a cobertura livre do edifício vizinho, localizada em uma cota elevada em relação ao restante do projeto, abriga-se aqui o conjunto de caixas d'água, as quais alimentam toda a estrutura.*

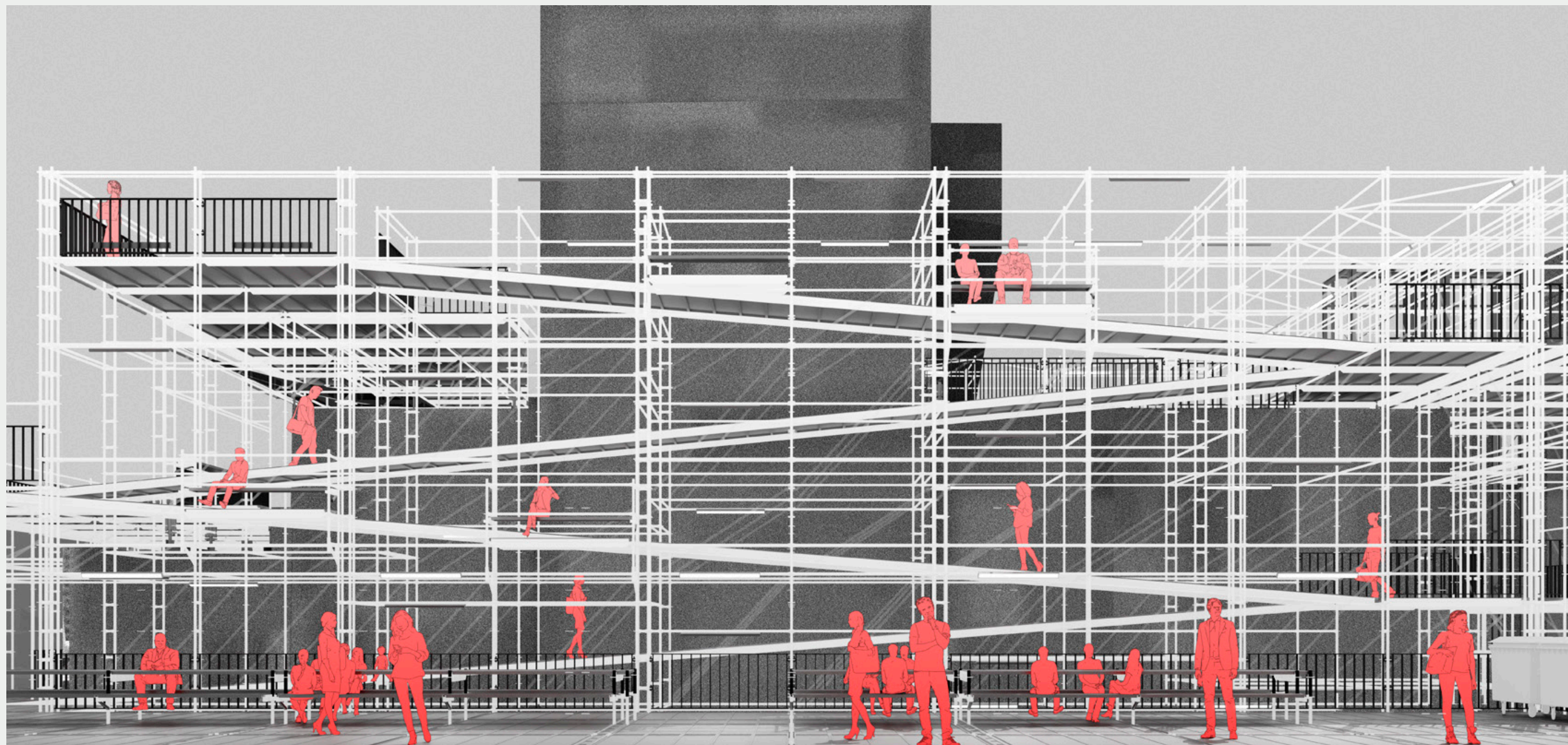


***Elevador.** Os dois elevadores de obra, os quais ligam todos os pavimentos do projeto, chegam aqui ao seu final. A escolha por dois elevadores se deu para, na eventualidade de um quebrar, outro ainda continuar em funcionamento, nunca deixando a estrutura carente de transporte vertical de carga.*















## *conviver*

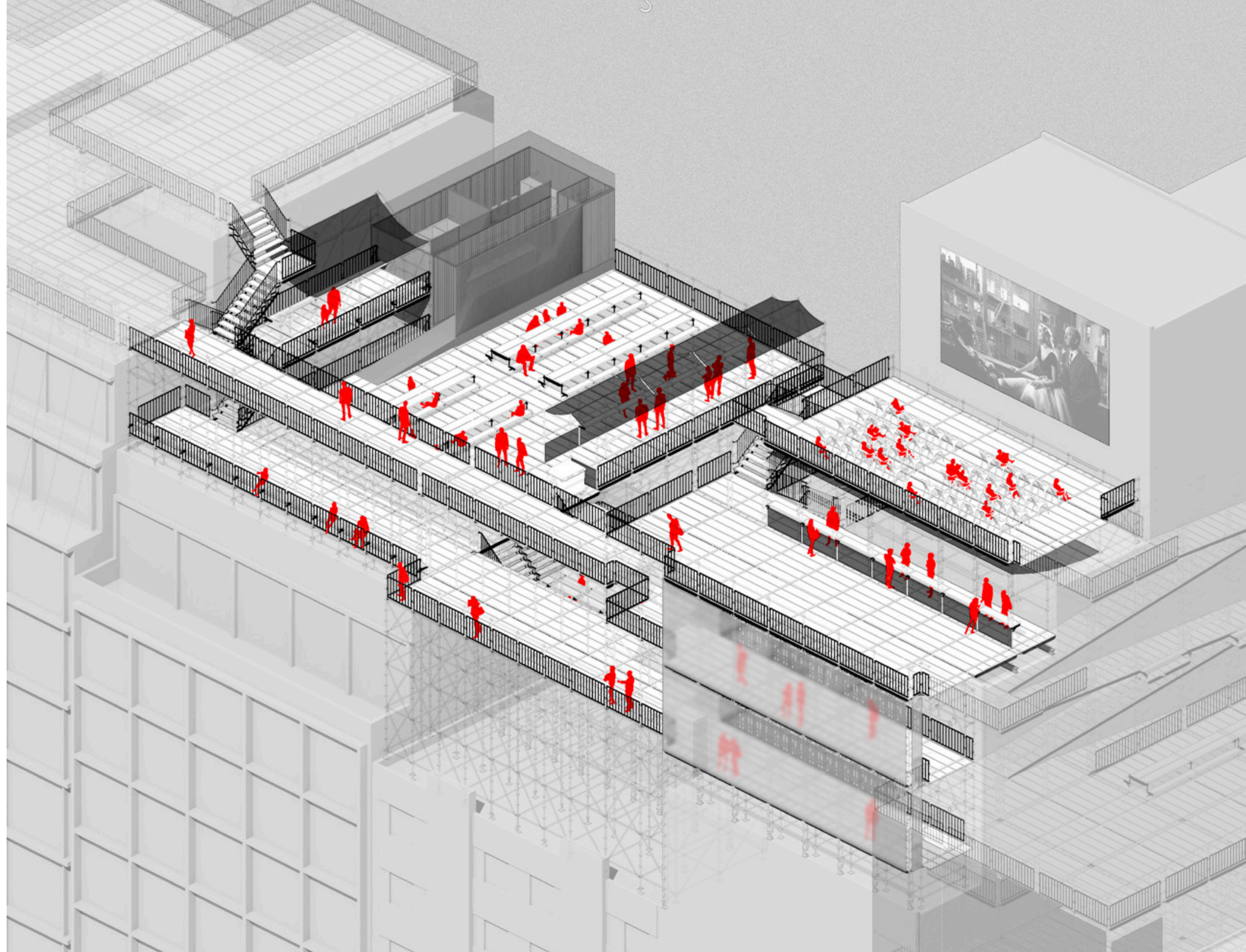
Ocupando os edifícios vizinhos, a estrutura agora consegue se organizar mais horizontalmente, construindo percursos que passam por espaços fechados e abertos, passarelas e aberturas.

Também se explora aqui a composição de espaços em diferentes níveis, delimitando-os sem criar barreiras visuais.

Aproveitando a empena cega de um dos edifícios, filmes podem ser projetados para criar um cinema ao ar livre.

As telas translúcidas reaparecem aqui, iluminadas por holofotes e criando desenhos com as sombras das pessoas que passam por trás delas.

Por fim, entre as barracas de comida e os banheiros, longas mesas aproximam as pessoas que se sentam nelas.





1. cinema

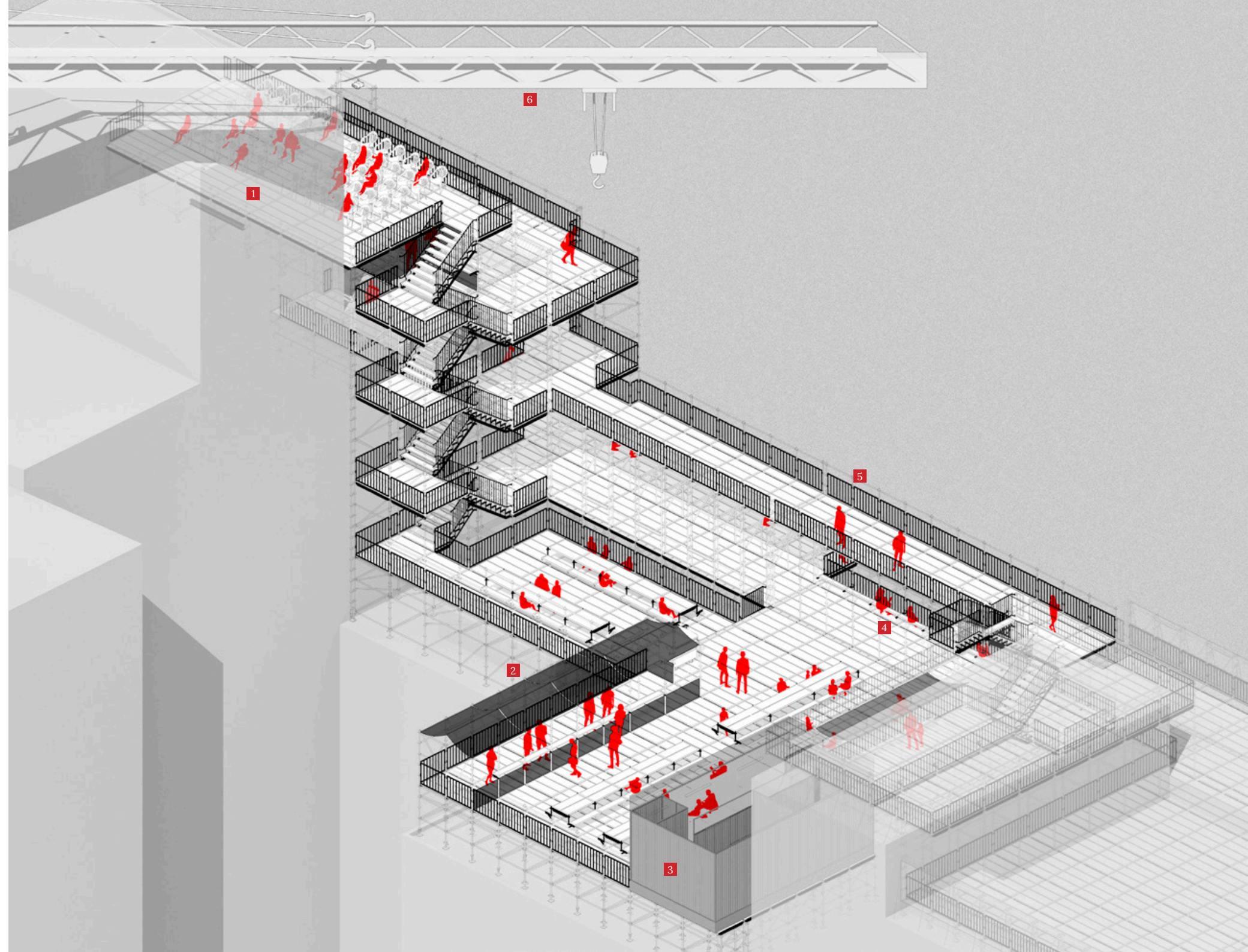
2. barracas

3. banheiros

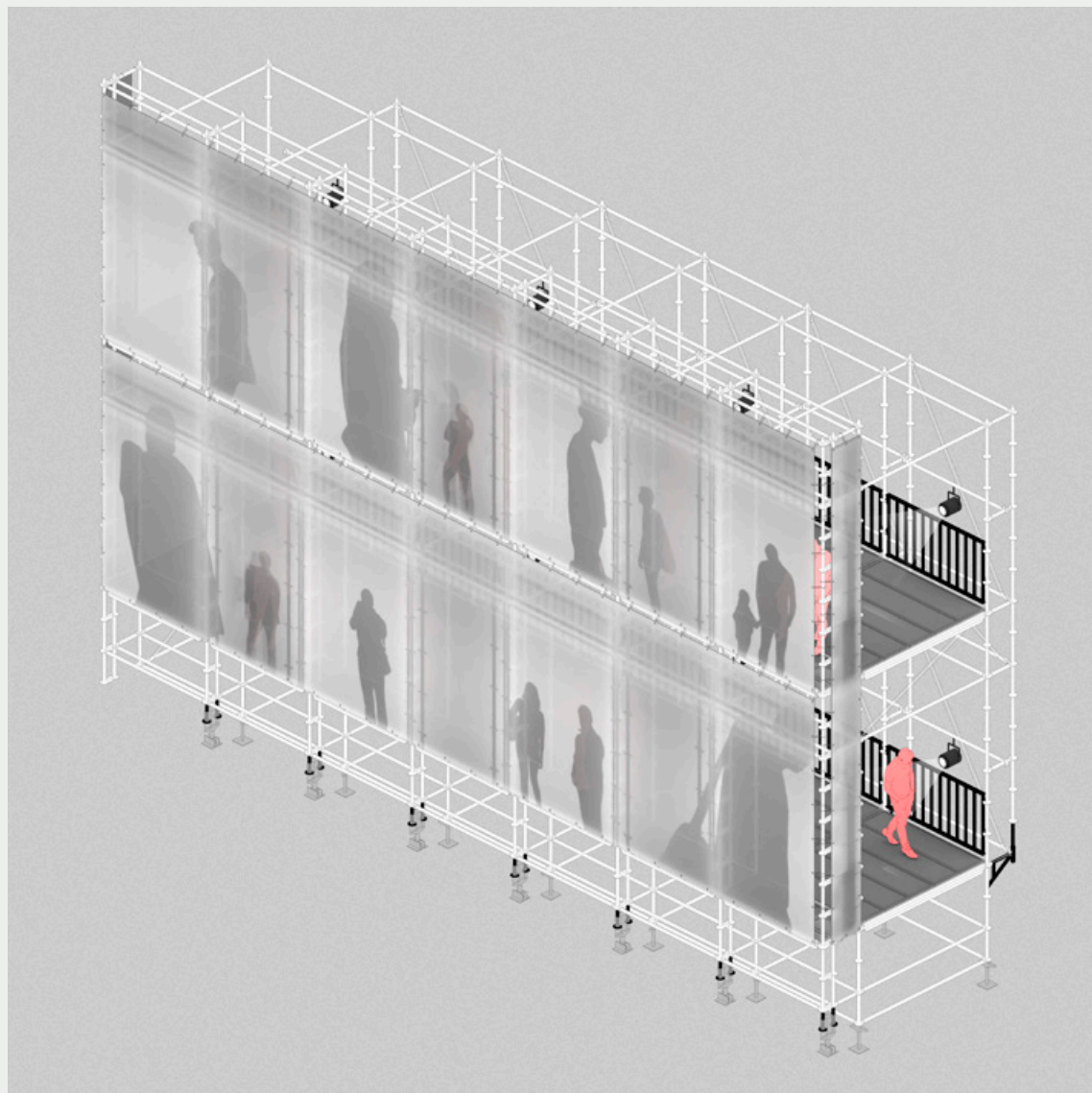
4. mirante

5. passarela

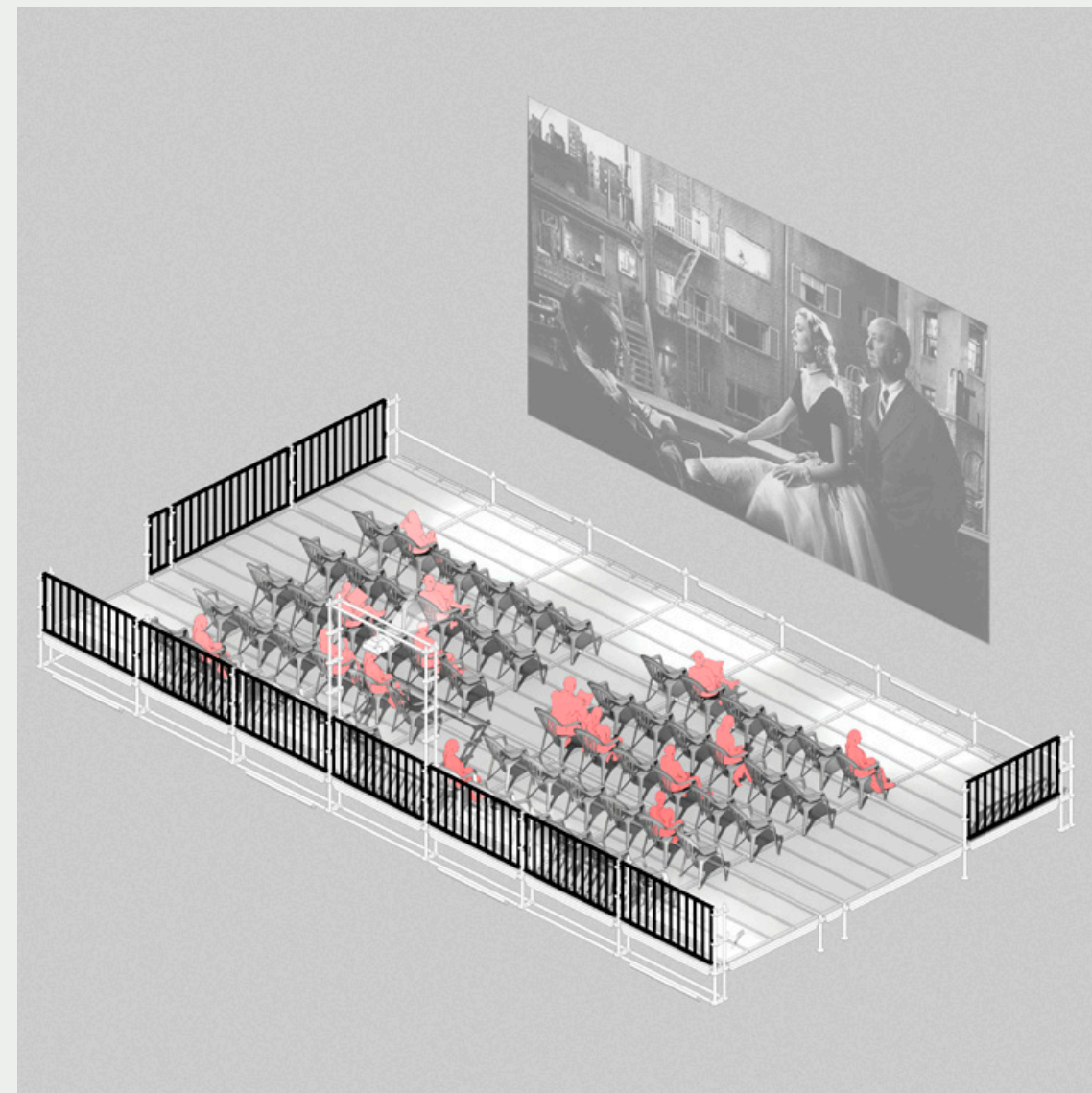
6. grua





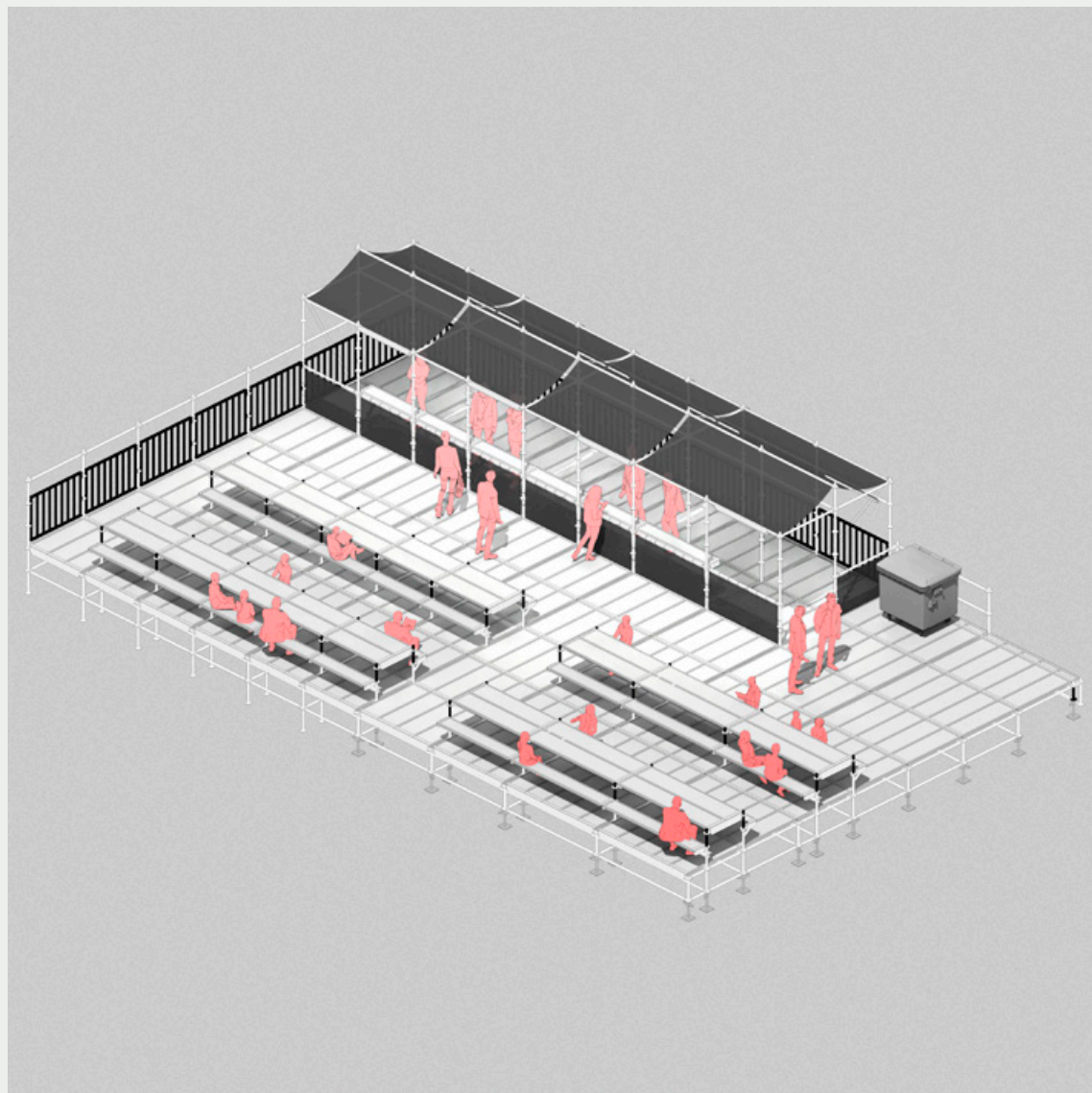


**Projeções.** Similar às projeções que ocorrem na fachada da estrutura, duas passarelas são fechadas com uma tela translúcida, iluminada por holofotes. Dado o caráter de passagem do espaço, assim como o espaço reduzido, aqui as sombras se movem de forma mais dinâmica, evidenciando a vida do edifício.

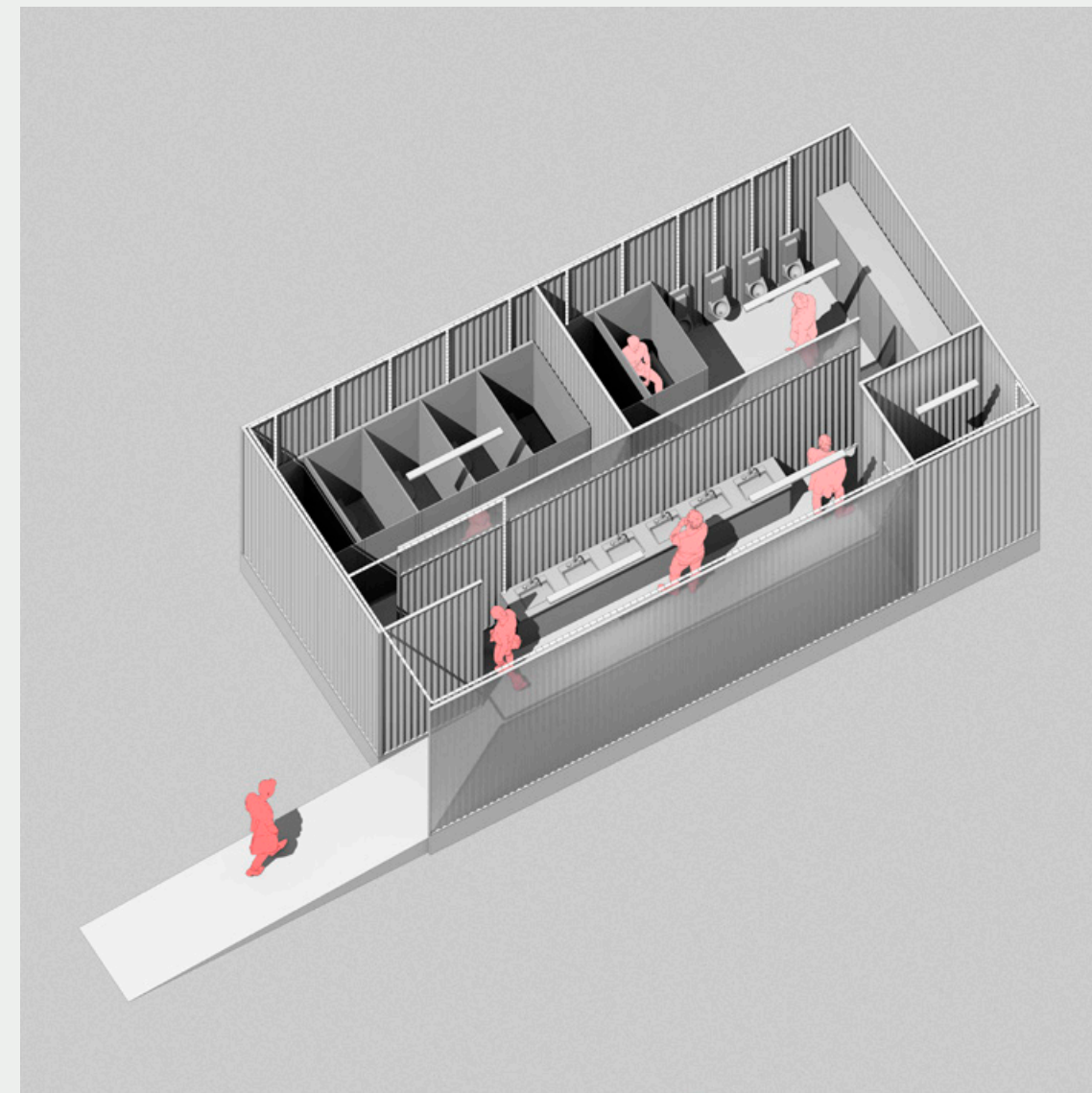


**Cinema.** Aproveitando a empena cega do edifício vizinho ao estacionamento, junto a uma série de cadeiras enfileiradas, o espaço é aproveitado como um cinema a céu aberto. Devido à posição da projeção, é possível avistá-la do nível da rua, convidando os pedestres a assistirem à exibição.



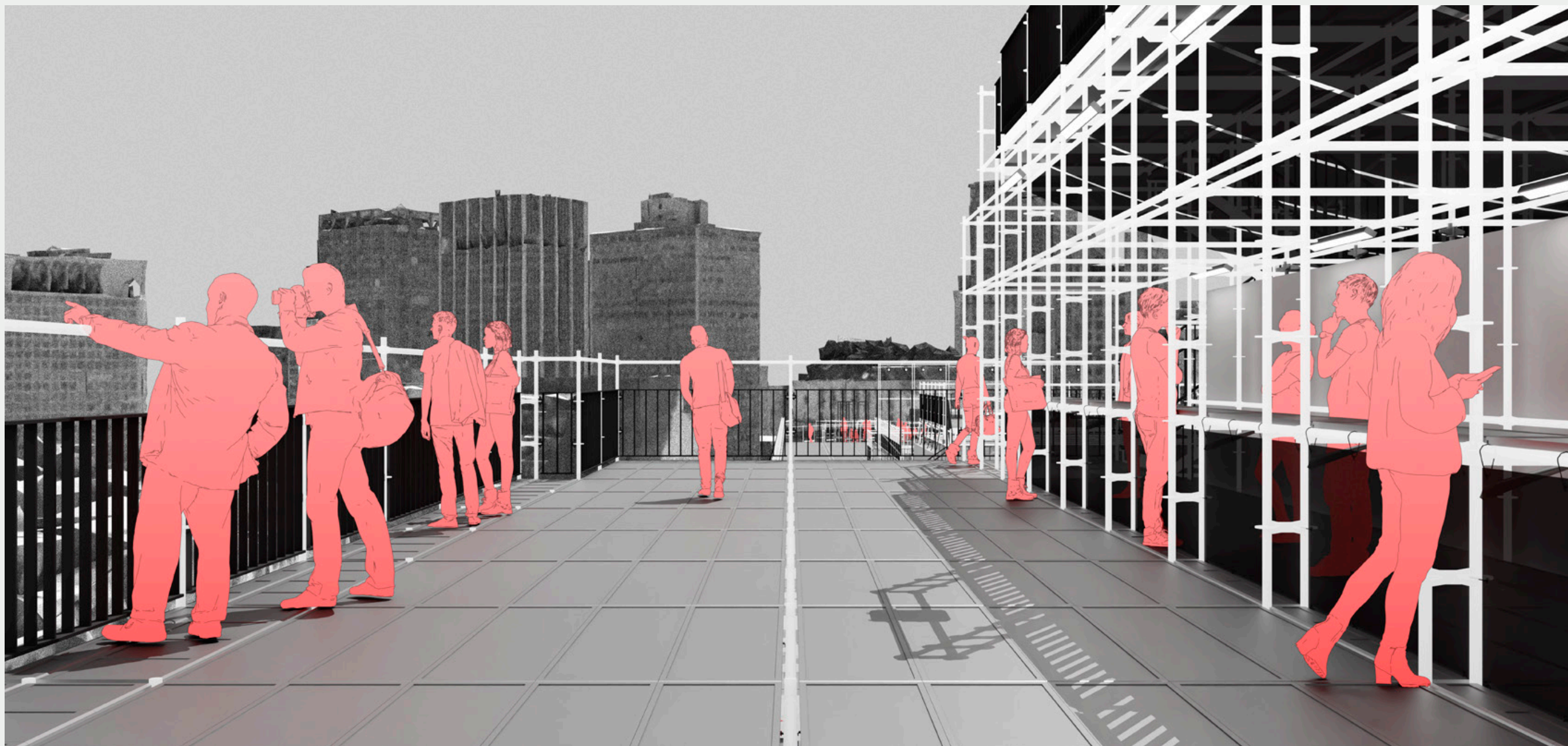


**Barracas.** O espaço conta com mais barracas, agora destinadas especialmente para vender comida. Com elas, estão dispostos uma série de bancos para que as pessoas possam sentar para comer, podendo trazer inclusive a própria comida, fazendo pequenos eventos com amigos.

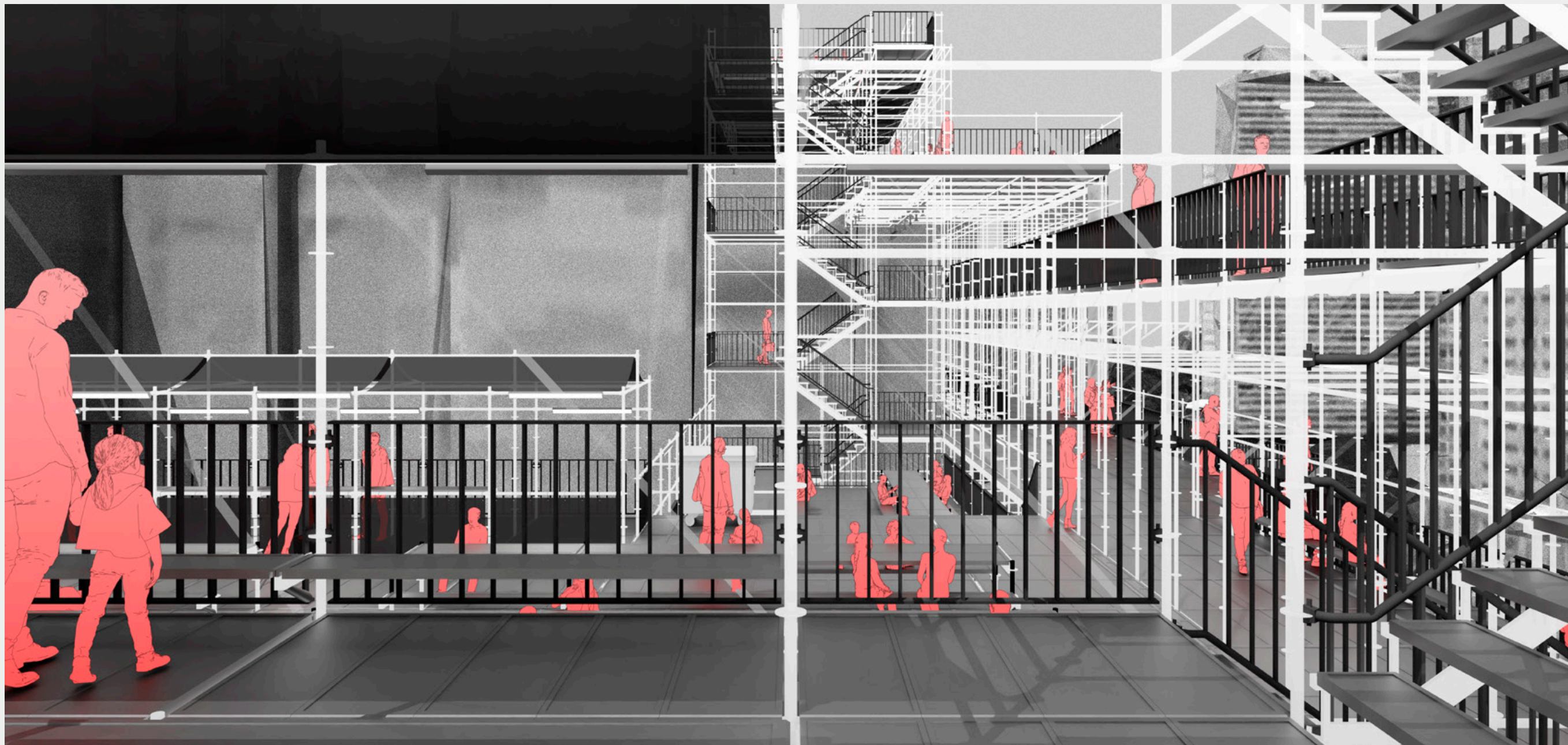


**Banheiros.** Para garantir a permanência no local, especialmente por haver comida e bebida nele, banheiros estão disponíveis para serem utilizados. Devido à configuração do espaço, os utensílios de limpeza são guardados em um armário, dentro do banheiro masculino.















## *conviver*

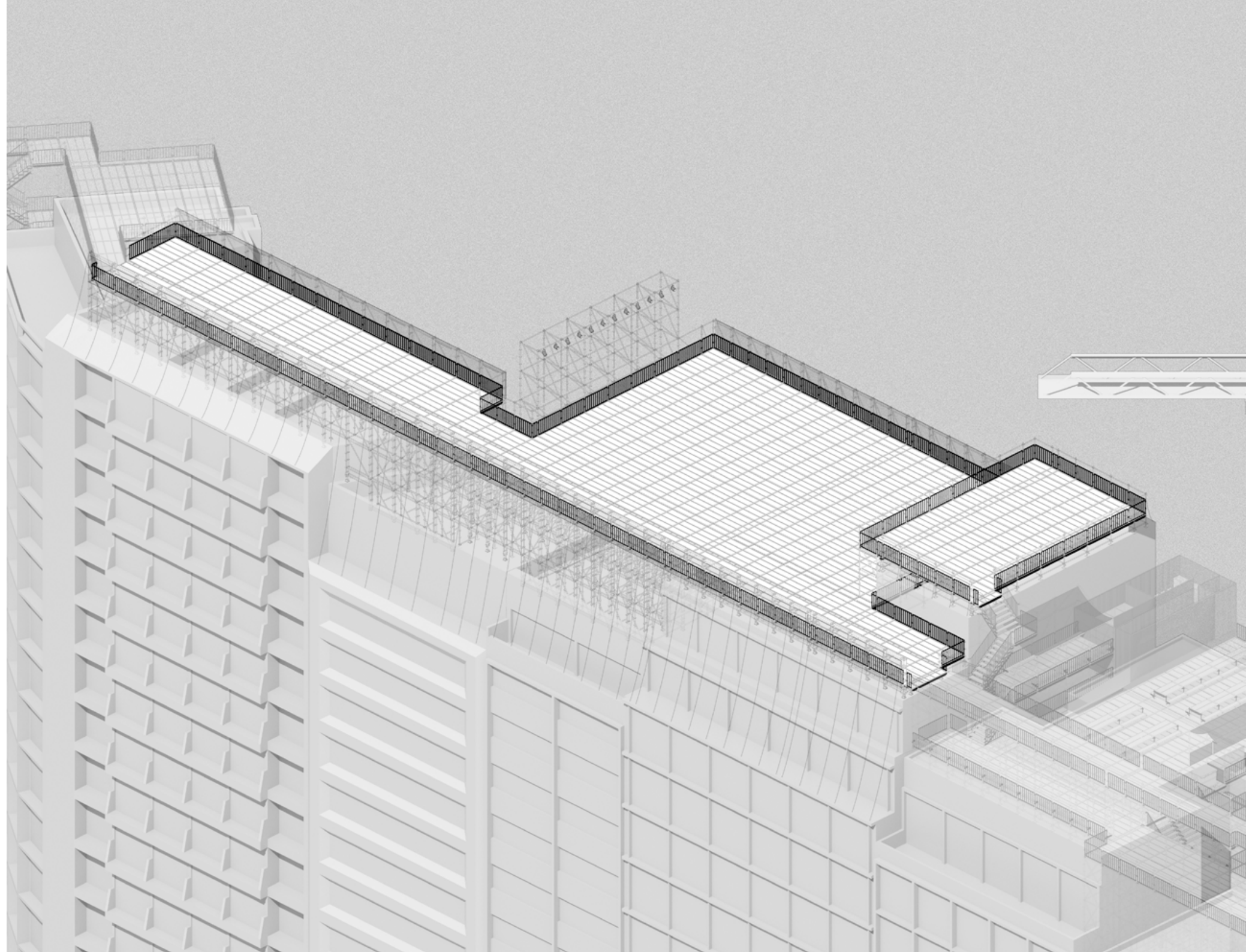
Continuando a ocupação dos edifícios vizinhos, um grande espaço plano se abre.

Sozinho, ele não possui grande propósito, ainda que permita atividades que exijam espaços amplos.

No entanto, sua intenção é justamente assumir novas configurações, se transformando a cada nova ocupação proposta, explorando ao máximo a modularidade e expansividade das estruturas de andaimes.

Além desse espaço amplo, uma plataforma menor se encontra em uma cota elevada.

Uma estrutura se ergue do lado oposto à plataforma, a qual pode abrigar instalações específicas a cada uso proposto, onde também se encontram holofotes que iluminam o espaço.

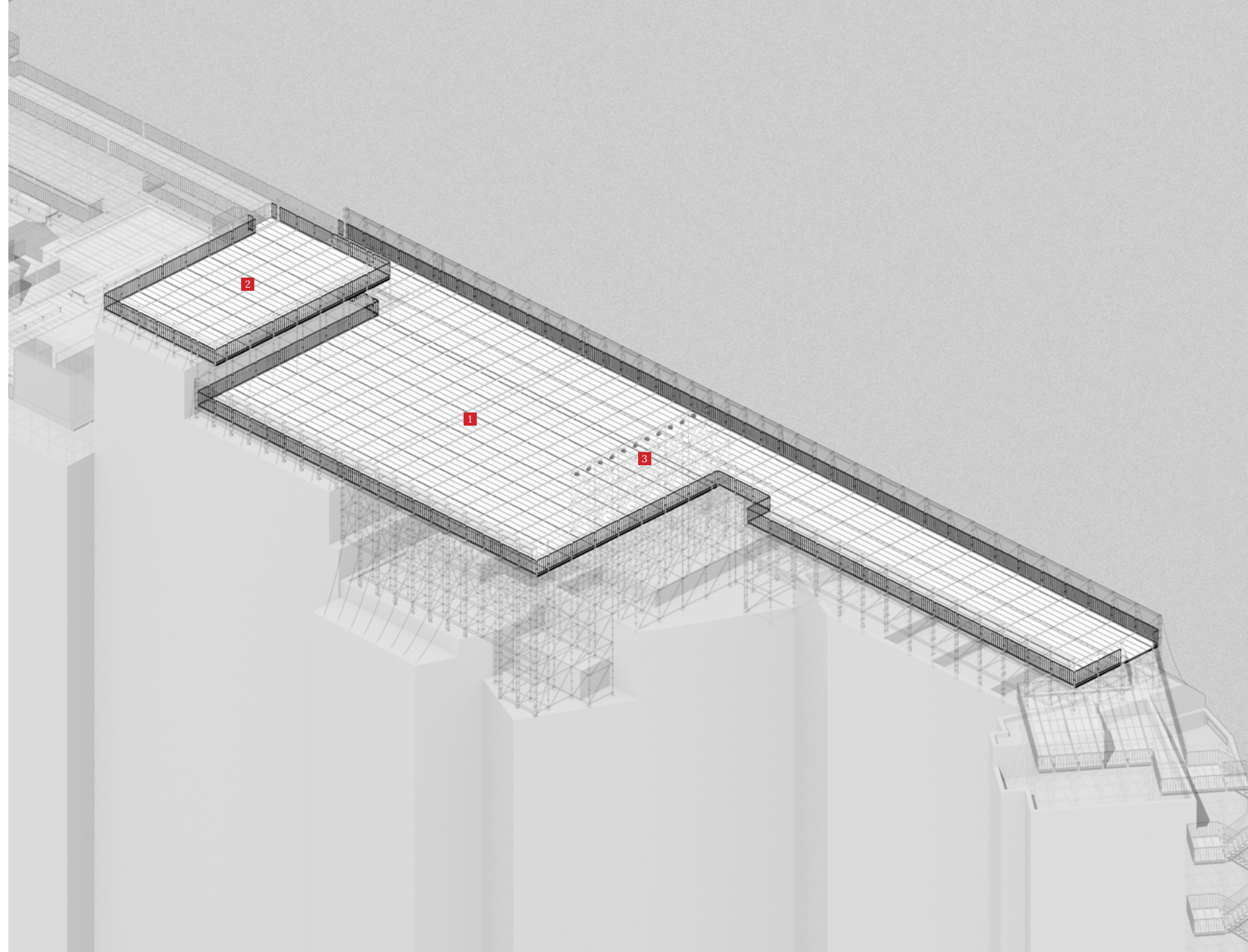




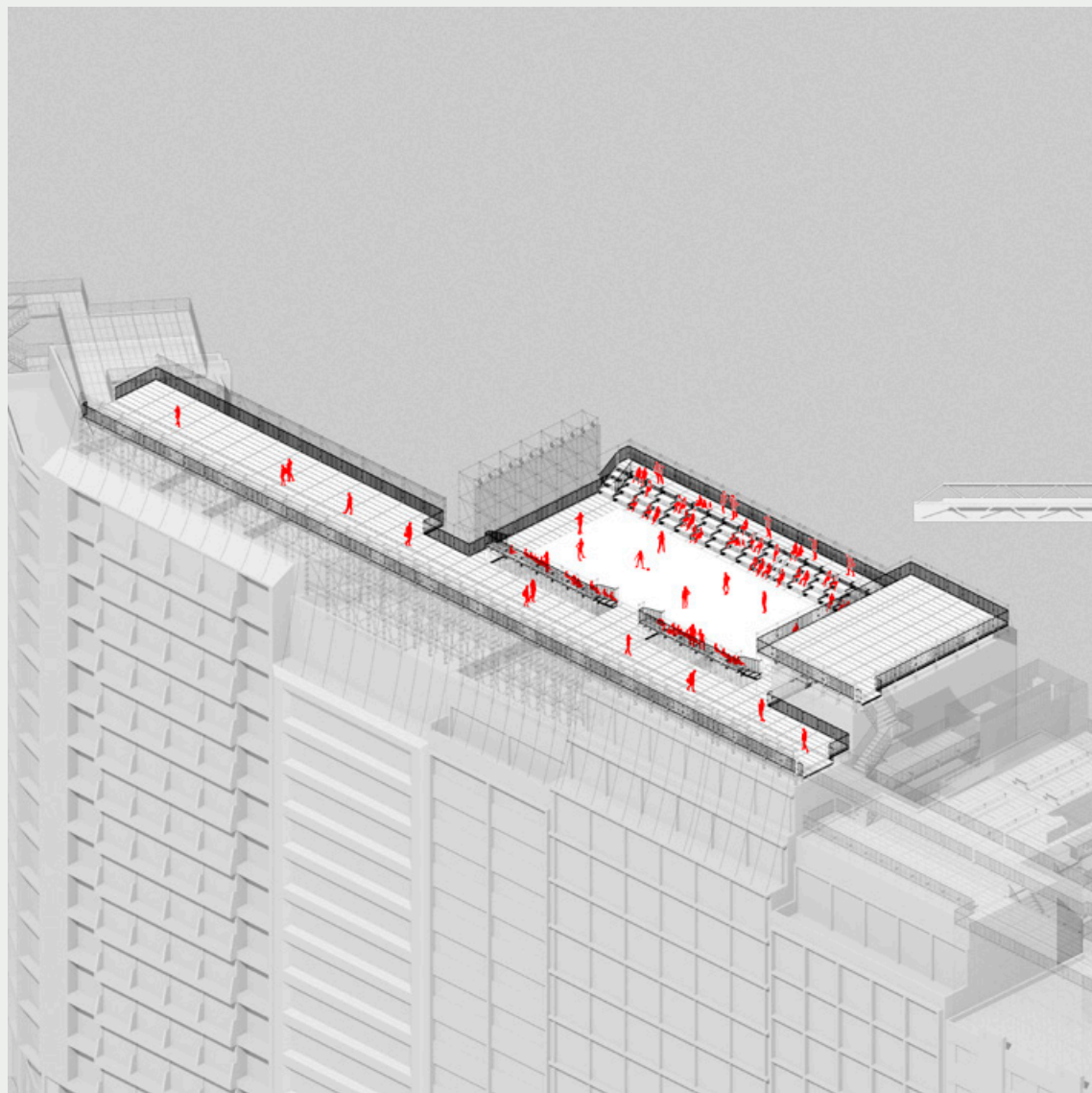
1. espaço aberto

2. plataforma elevada

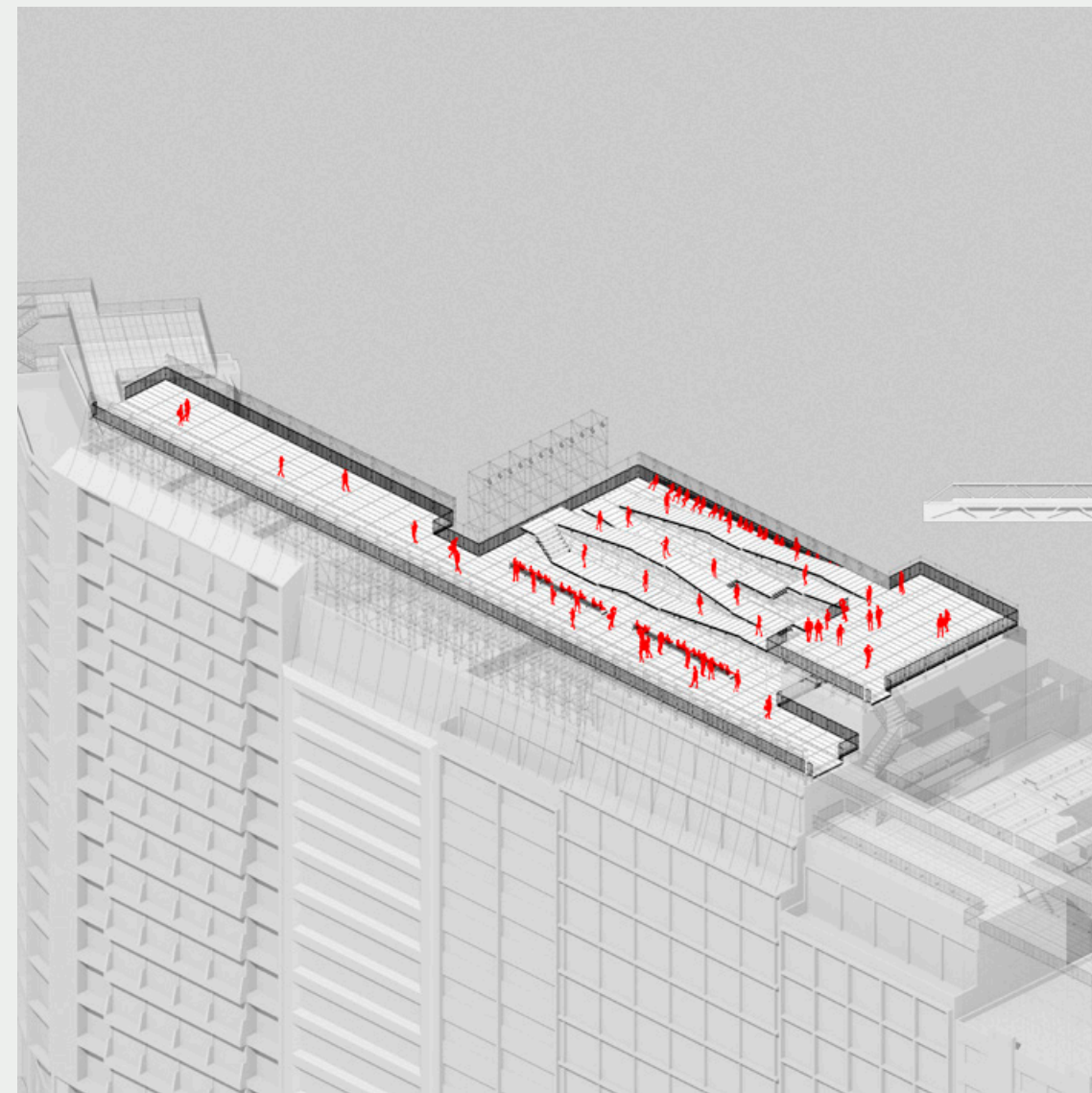
3. instalações



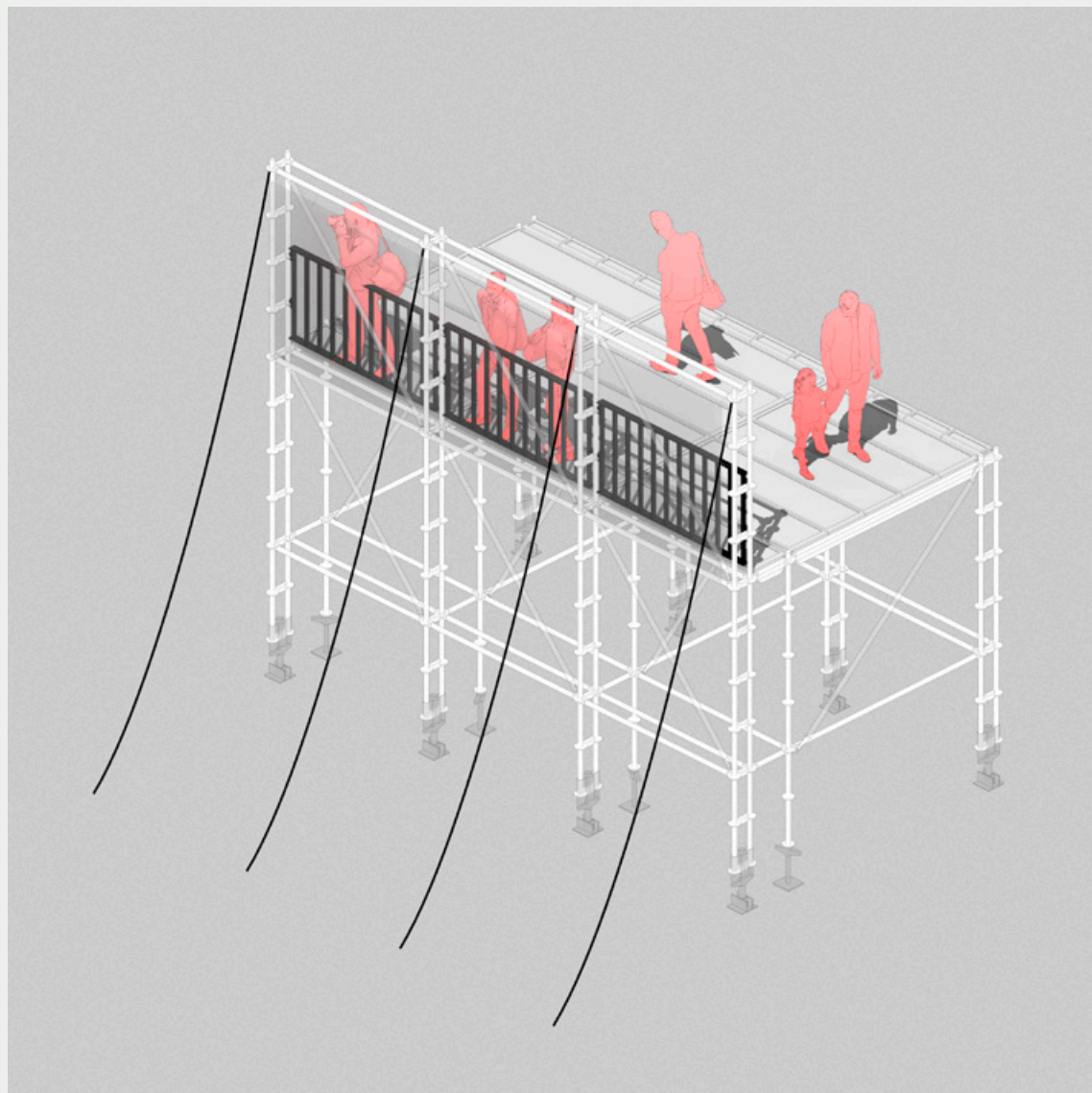




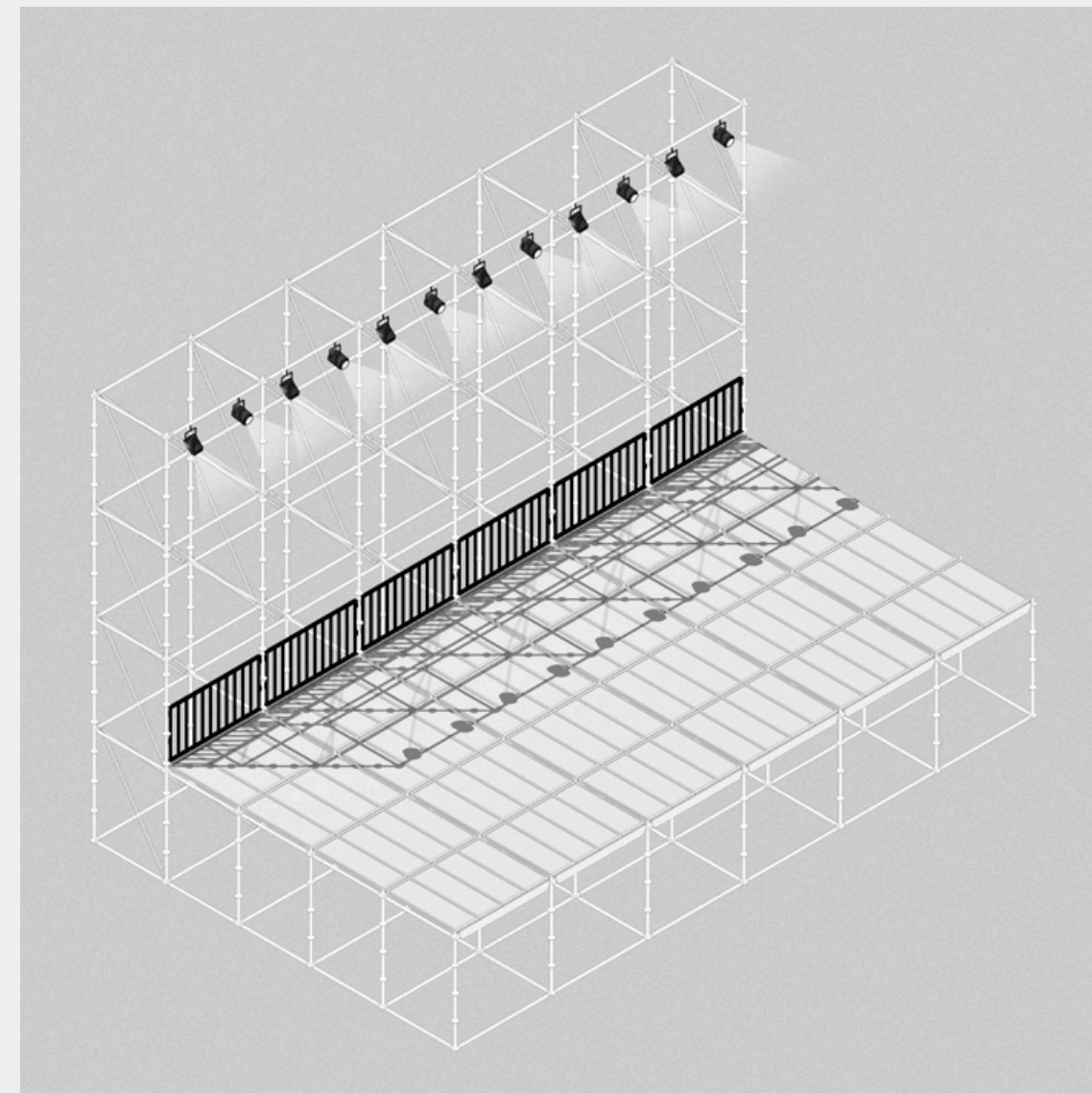
**Exemplo de ocupação.** Uma ocupação possível é a instalação de arquibancadas e um revestimento de piso, permitindo sediar jogos de futebol e outros esportes, tomando cuidado apenas para que a bola não saia voando do espaço.



**Exemplo de ocupação.** Outra ocupação possível, entre muitas outras, é um desfile de moda, realizado através da construção de passarelas utilizando pisos, rampas e escadas de andaimes para criar o percurso, assim como da montagem de uma fileira de bancos para abrigar os espectadores.

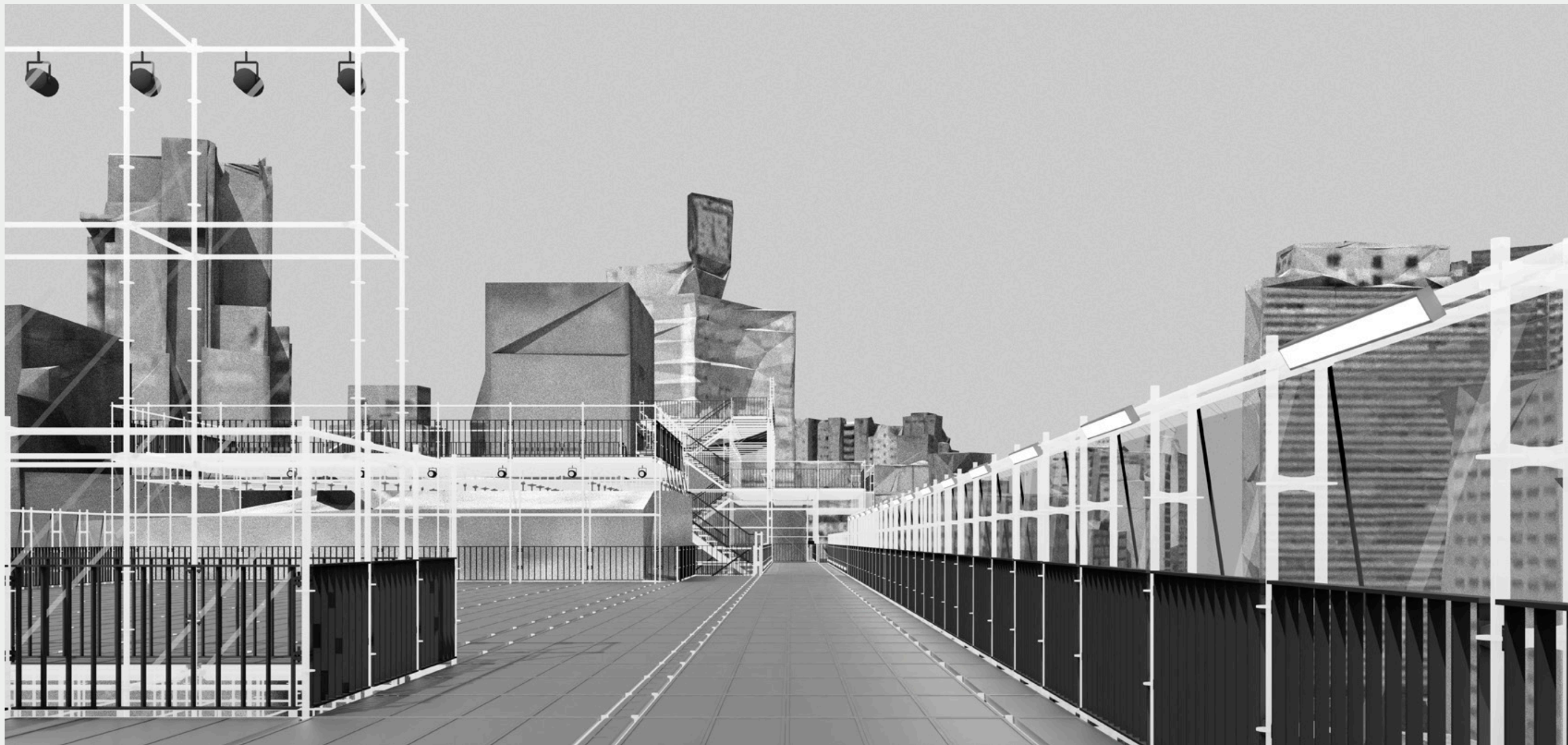


**Vento.** Devido à cota elevada, espera-se que vente bastante no local. Para mitigar a situação, telas transparentes barram o vento sem comprometer a visão do entorno. Além de fixar as bases na cobertura dos edifícios, cabos de aço também asseguram que a estrutura leve não seja levantada pelo vento.

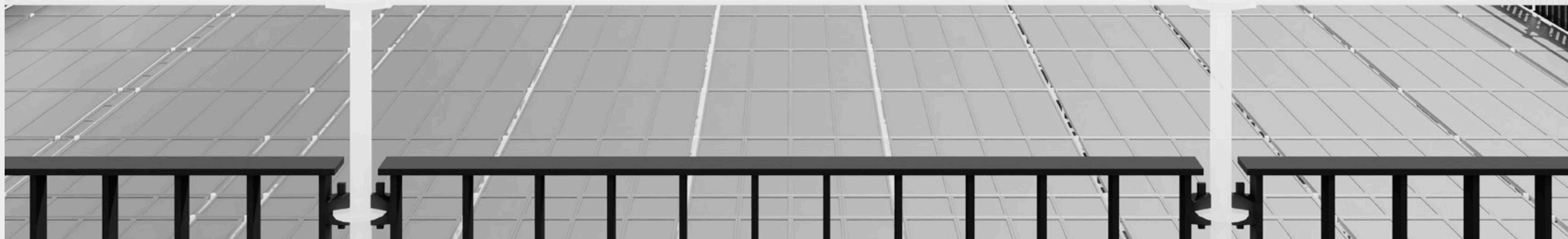
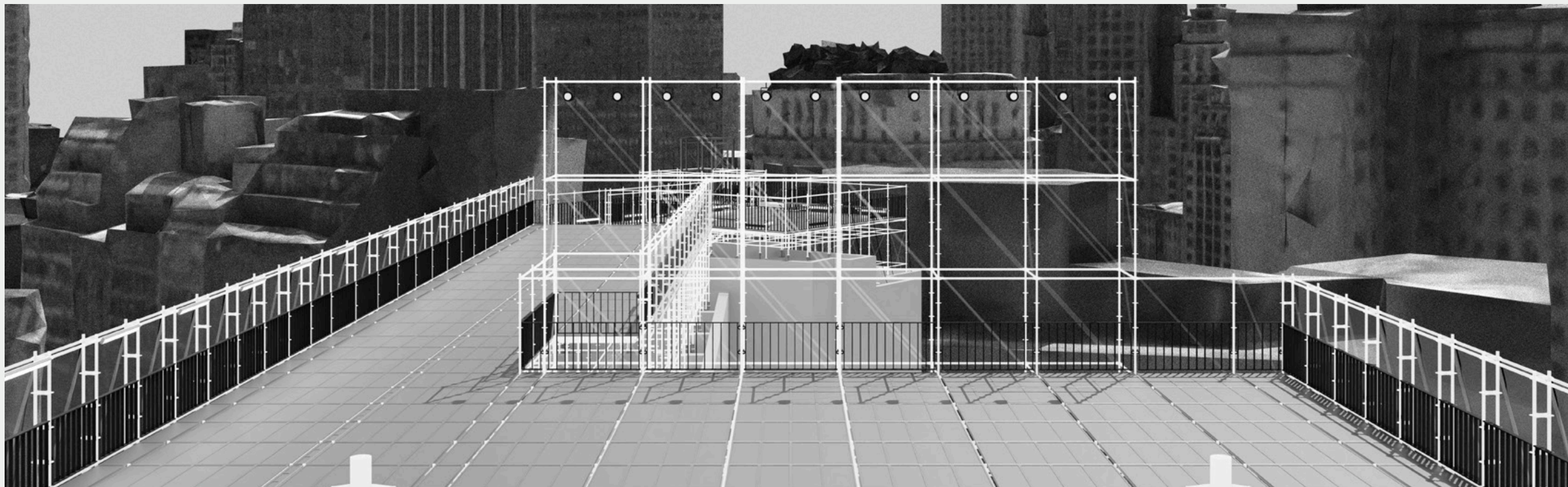


**Apoio.** A estrutura de andaimes se projeta para cima em uma das extremidades do espaço, onde holofotes estão instalados para iluminar o local de noite. Além disso, outros elementos podem ser fixados na estrutura, como caixas de som, telas, entre outros.











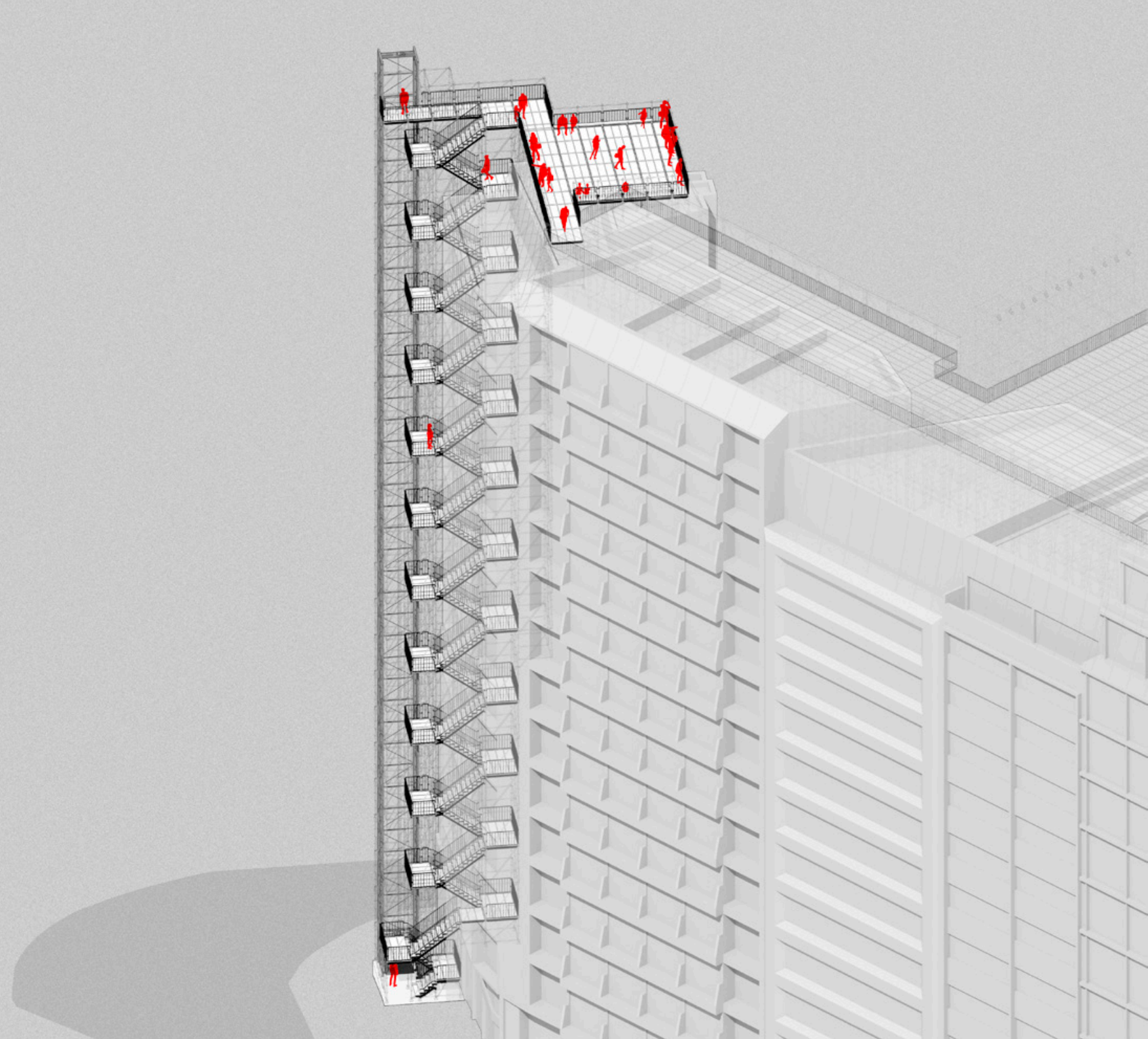
## *conviver*

Com o fim da quadra, a estrutura faz uma conexão entre a cobertura dos edifícios e a rua.

Para além de uma escada que sobe a altura de cerca de 60 metros, um elevador de obra permite que a circulação vertical seja feita com mais tranquilidade.

Devido à curva que a quadra faz, essa parte da estrutura acompanha essa virada, acomodando o caminho da escada e do elevador à empena cega do último edifício alto.

Por fim, em função do grande desnível da calçada, foi necessário criar uma base de concreto para receber o elevador de obra.

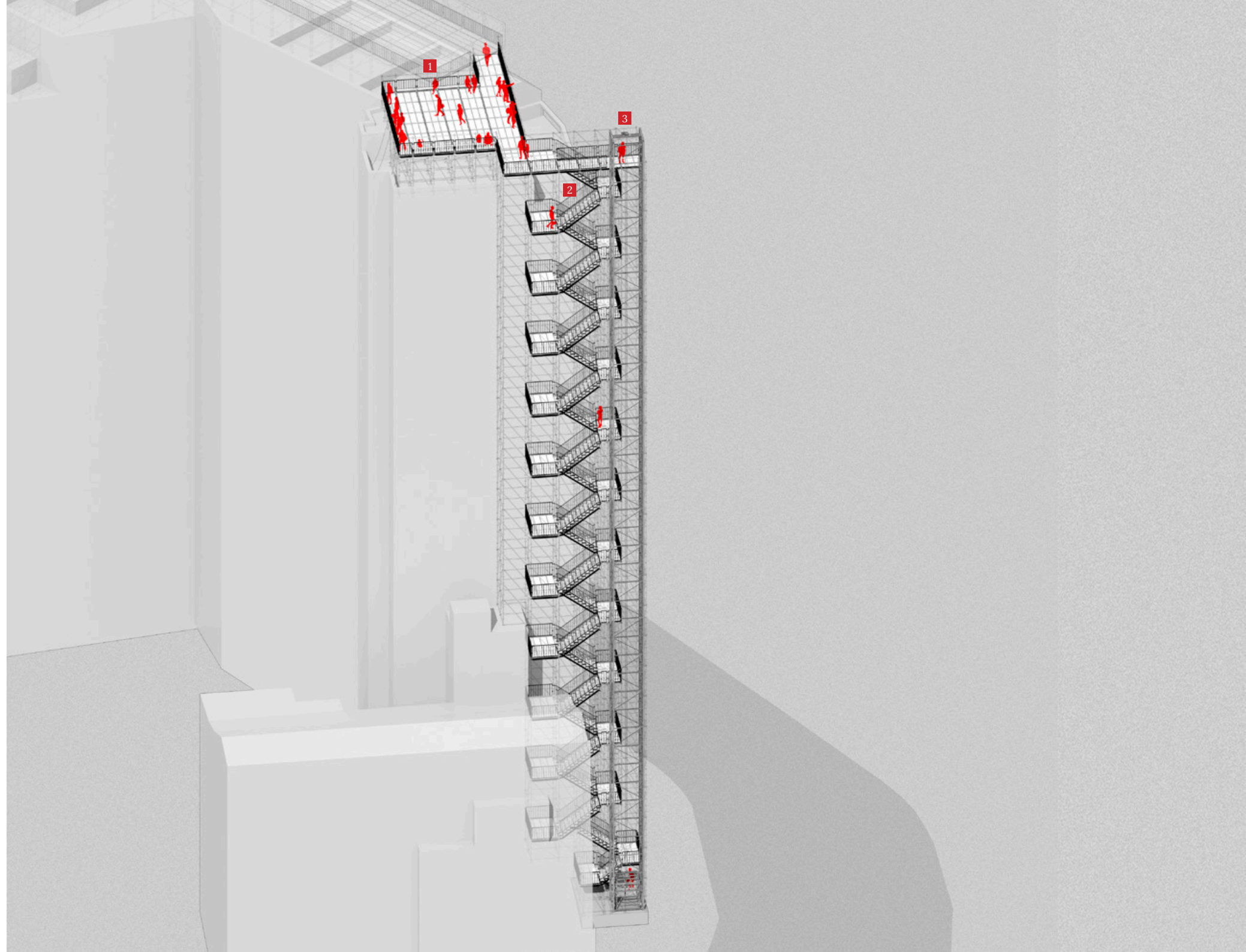




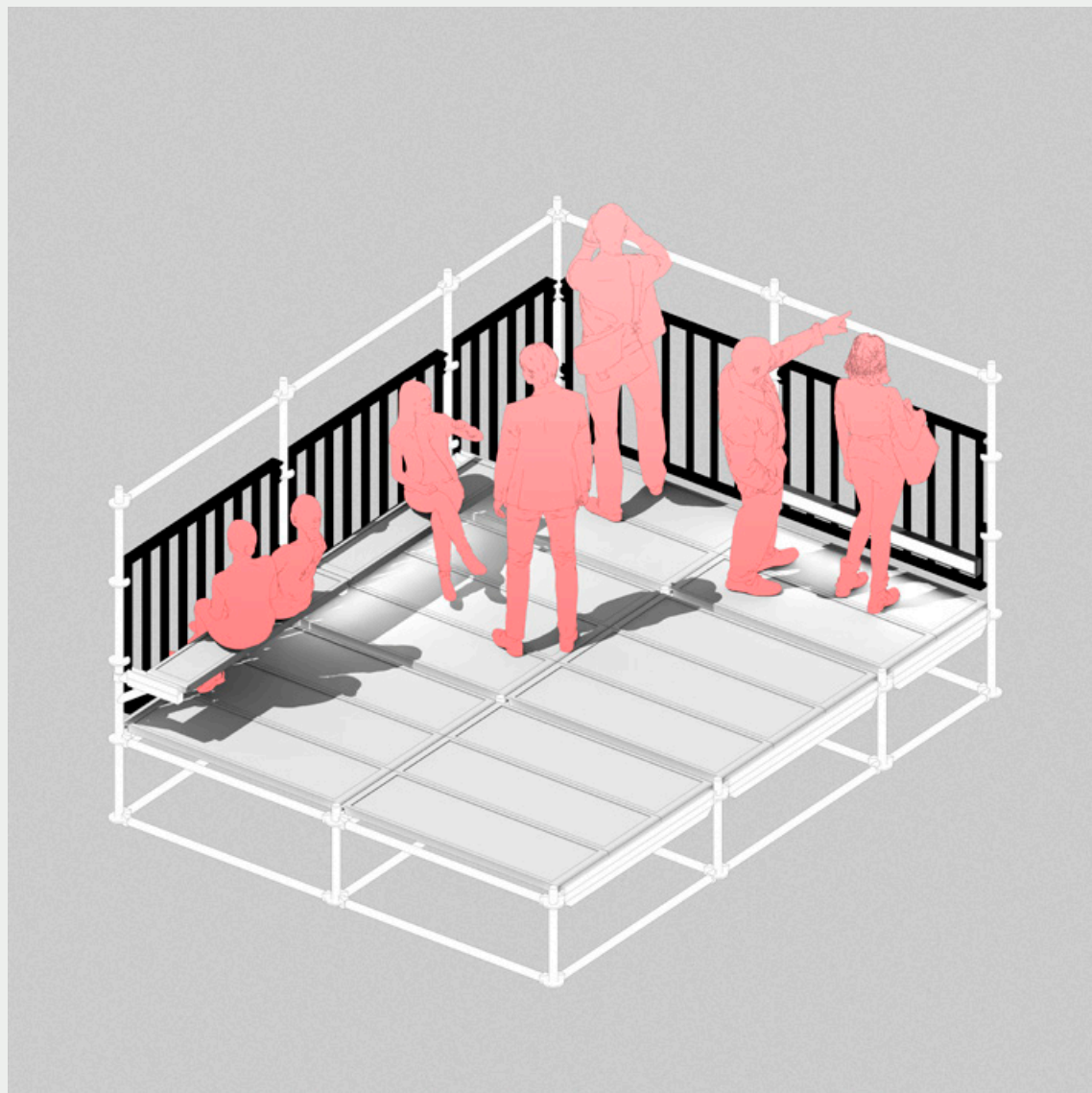
1. mirante

2. escada

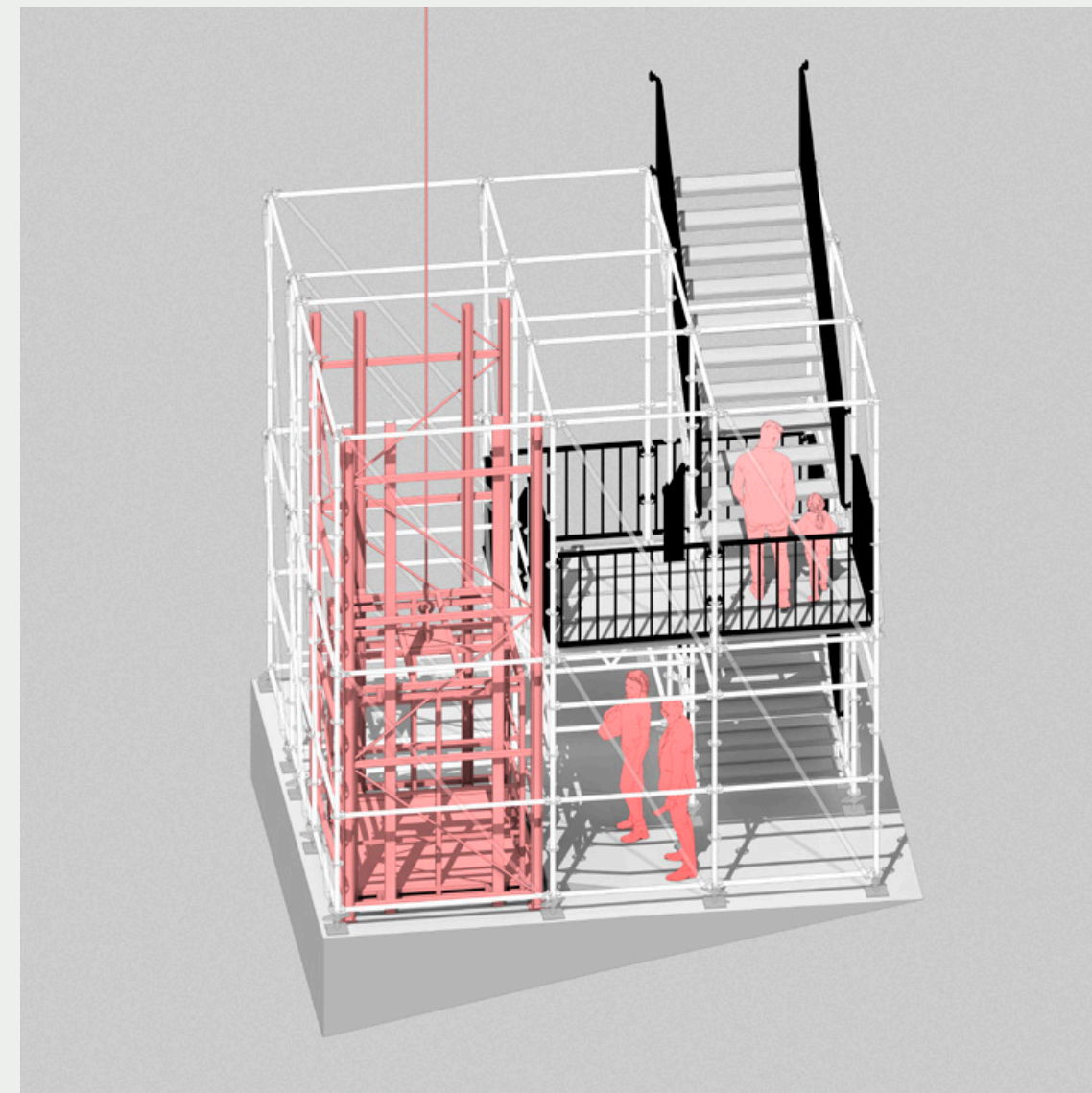
3. elevador







**Mirante.** Devido à visão quase 360° do local, aqui é possível ter várias vistas da cidade, inclusive do Theatro Municipal de São Paulo. No espaço estão situados alguns bancos que permitem sentar em direção à paisagem da cidade, assim como luzes baixas, para não ofuscar a visão.

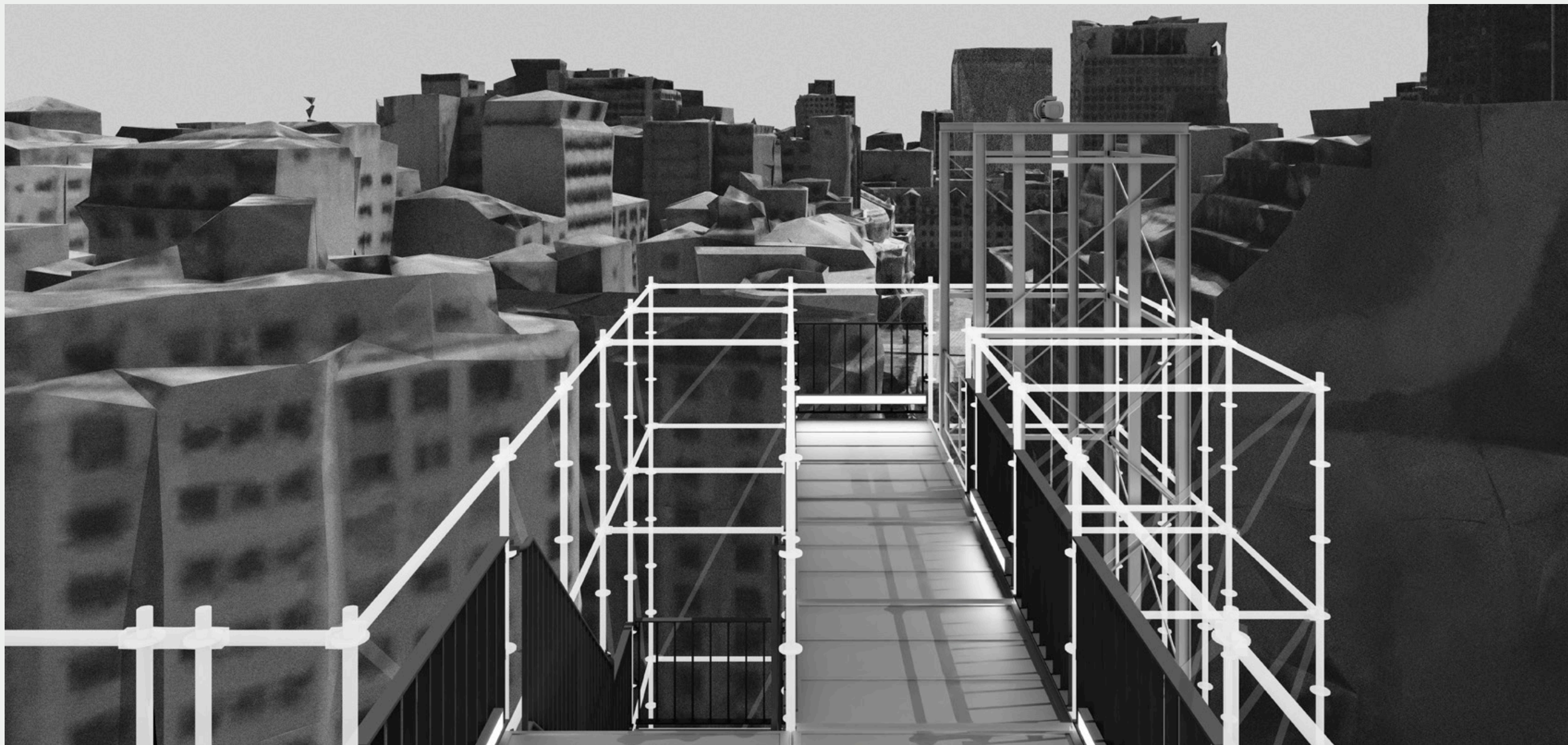


**Elevador.** Além do elevador principal, situado no lote traseiro ao estacionamento, outro elevador, posicionado no fim da estrutura, faz a conexão vertical entre ela e a rua. Junto a ele, também é possível subir e descer por escadas.













## *contemplar*

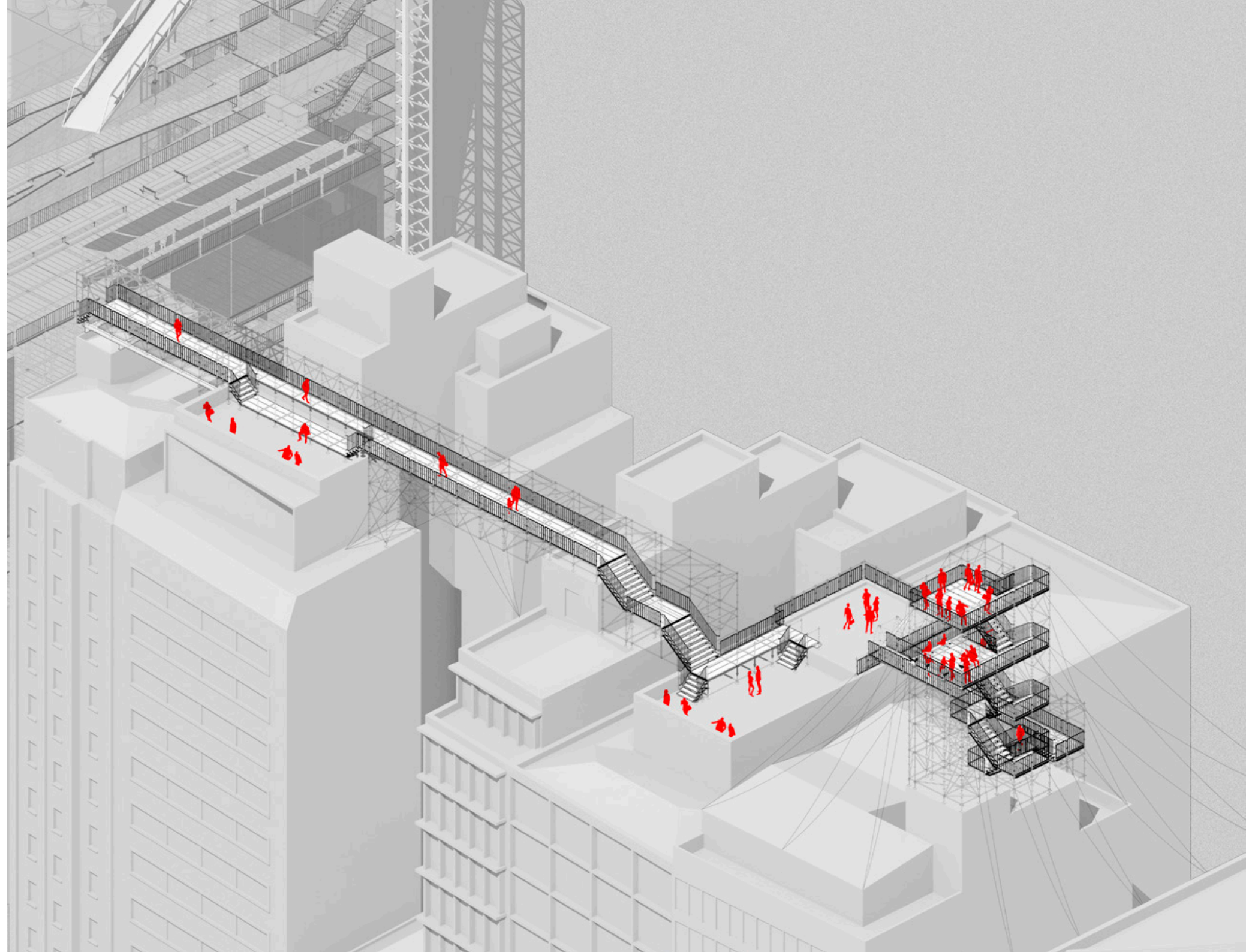
O último espaço se projeta sobre a quadra, no sentido contrário dos anteriores.

Aqui, cria-se um percurso que atravessa os topos dos edifícios, descendo em suas coberturas quando possível.

Uma ponte, também estruturada com andaimes, vence um vão de 13,5 metros, presa por cabos de aço para combater esforços horizontais, como o do vento.

No fim do percurso, uma estrutura com 14 metros de altura se ergue, criando um mirante com uma vista ampla da cidade.

O mirante, assim como a ponte, é segurado por cabos de aço presos aos edifícios vizinhos, evitando que ele seja levado pelo vento.

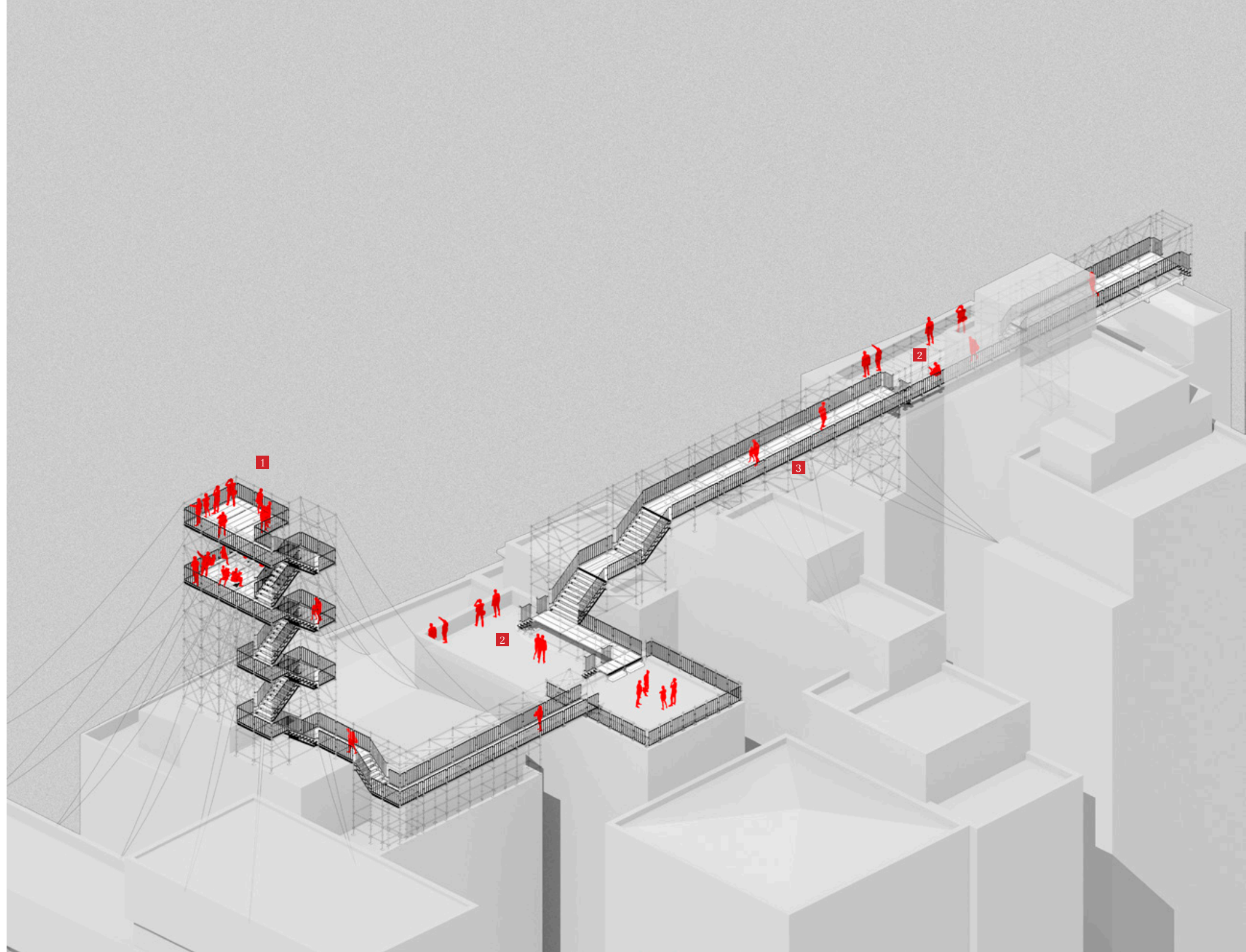




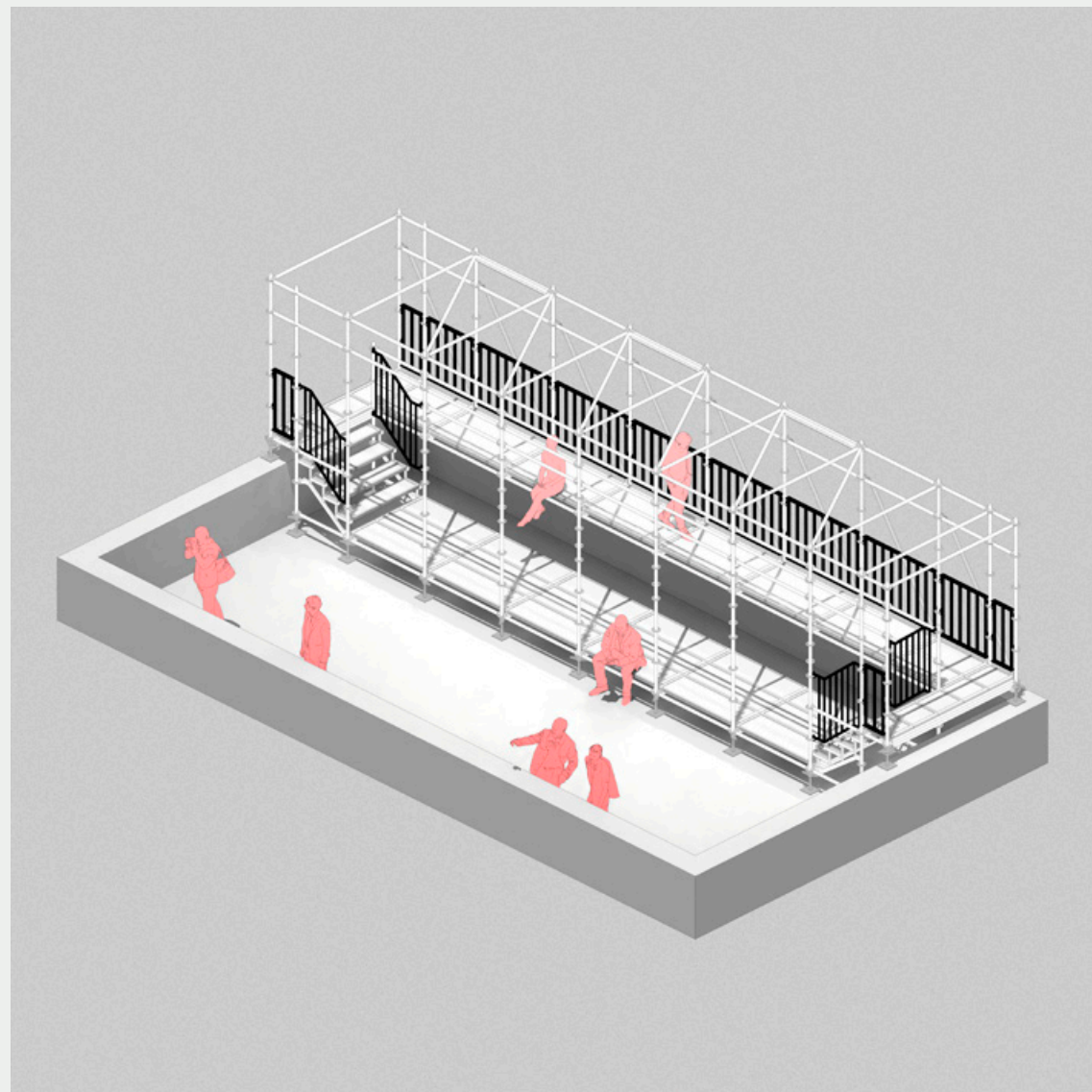
1. mirante

2. cobertura

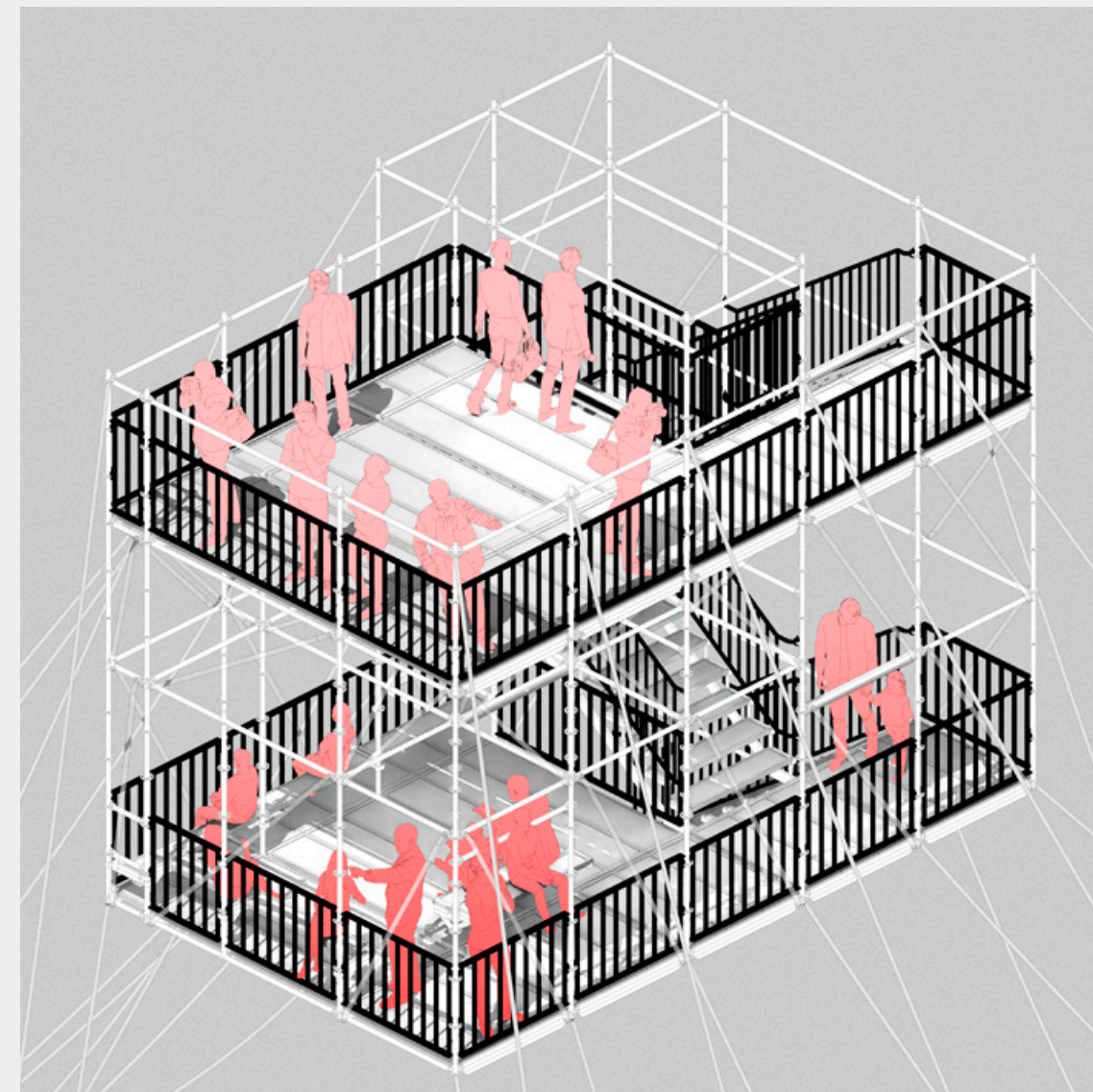
3. ponte







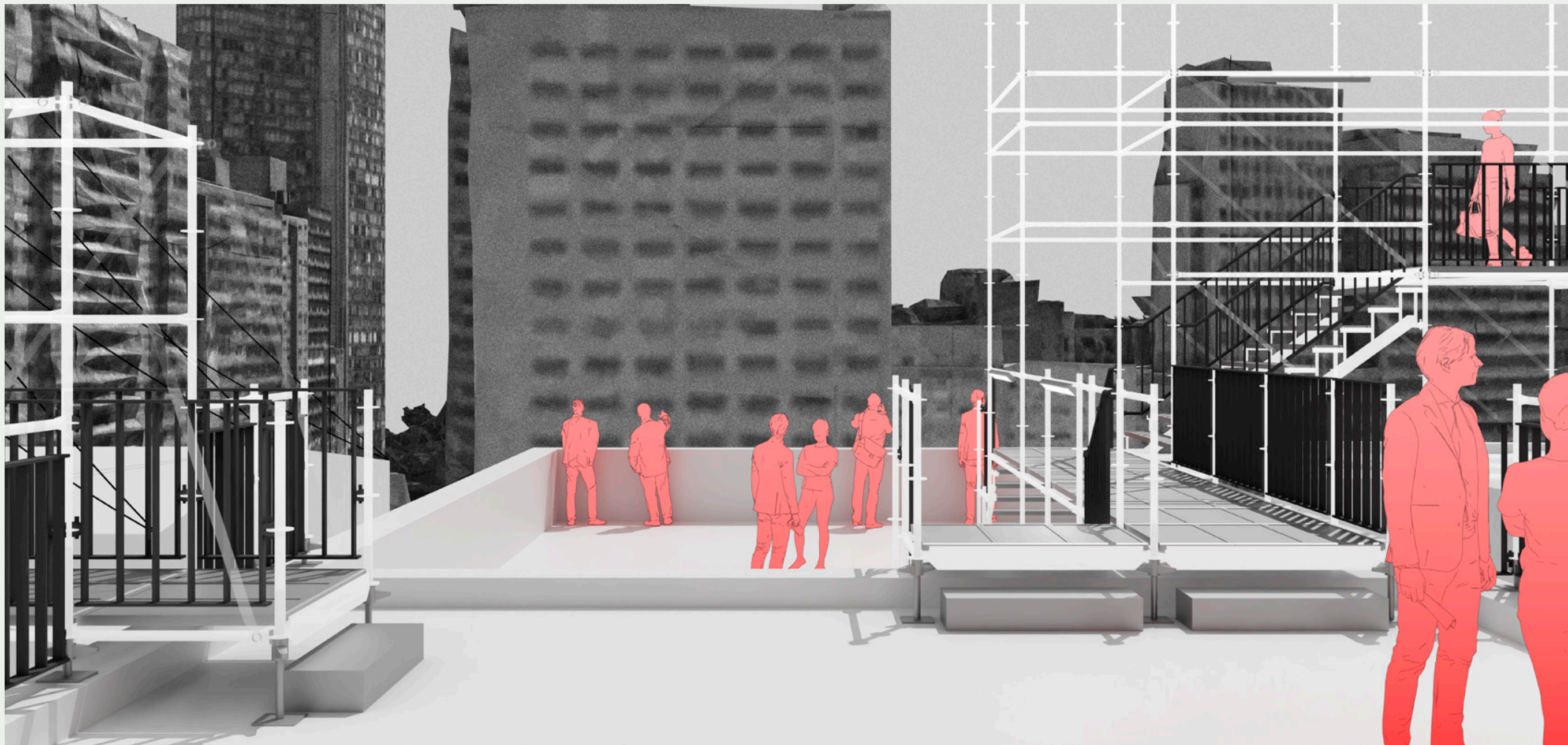
**Coberturas.** Tal como no Rotterdam Rooftop Walk, do escritório MVRDV, as passarelas do projeto passam por cima das coberturas dos prédios da quadra, ajustando-se para que as pessoas possam descer nelas e ocupar esses espaços.



**Mirante.** No fim do percurso, um mirante se projeta na paisagem da cidade. Além de permitir uma visão 360° do entorno, ele também conta com um espaço onde as pessoas possam sentar e aproveitar a vista. Para evitar que o vento a levante, a estrutura é segura por cabos de aço presos nos edifícios vizinhos.



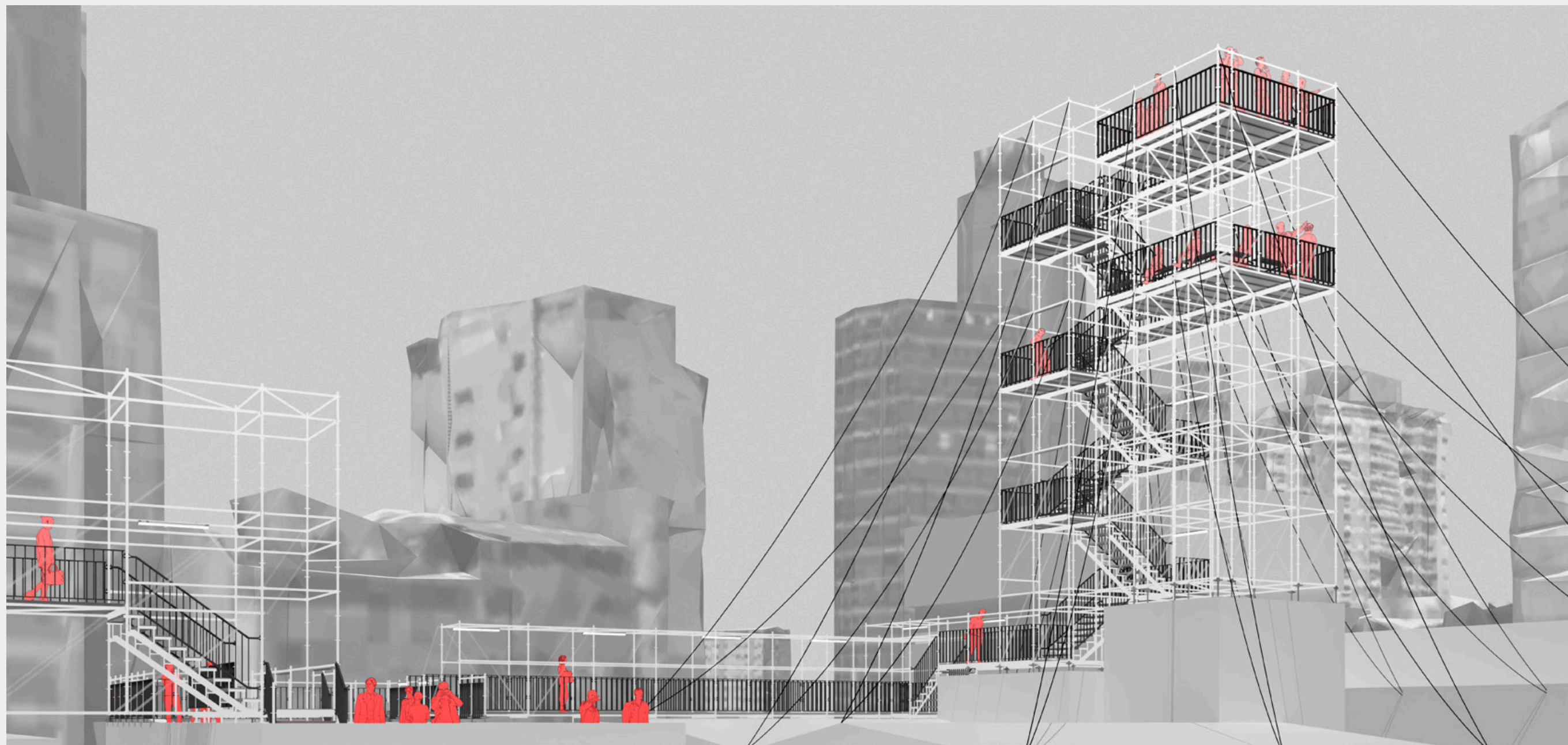












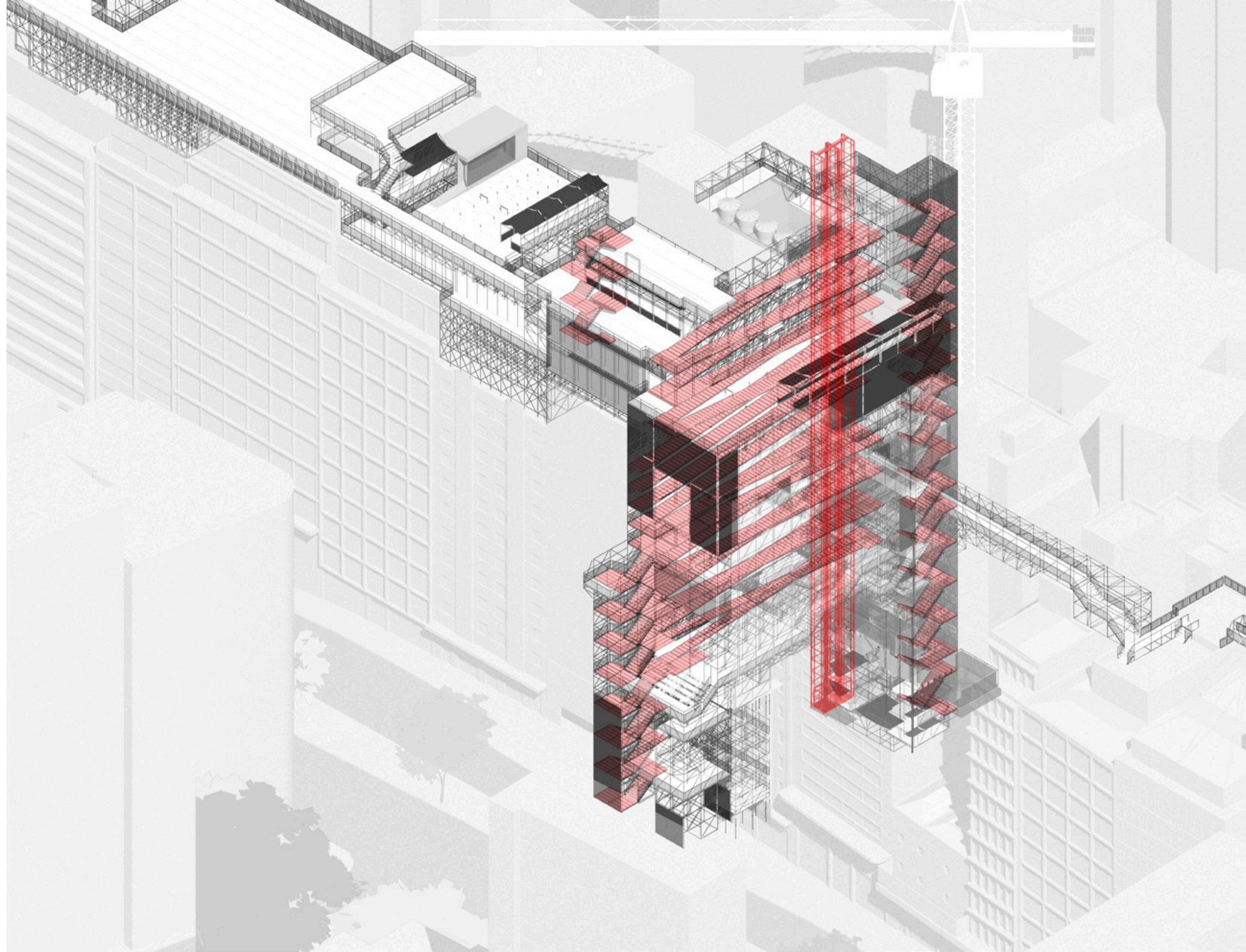


### *circulações verticais*

O percurso principal do projeto se faz por rampas — desde as rampas originais do estacionamento até as construídas com andaimes —, criando um caminho contínuo e confortável, tal como nos prédios da FAUUSP e do SESC 24 de Maio. As circulações verticais estão concentradas no lado esquerdo da estrutura, com as rampas e dois conjuntos de escadas.

A escada de incêndio, localizada no lote traseiro, apenas encosta na estrutura principal, não se conectando diretamente a ela, caso essa venha a ruir em uma situação de emergência.

Junto a ela estão dois elevadores de carga, que também servem como percurso secundário para aqueles com mobilidade reduzida. Por fim, uma escada na fachada conecta a calçada aos primeiros andares da estrutura.





### *água e esgoto*

As tubulações de água sobem, em um primeiro momento, até as caixas d'água, posicionadas no lote vizinho.

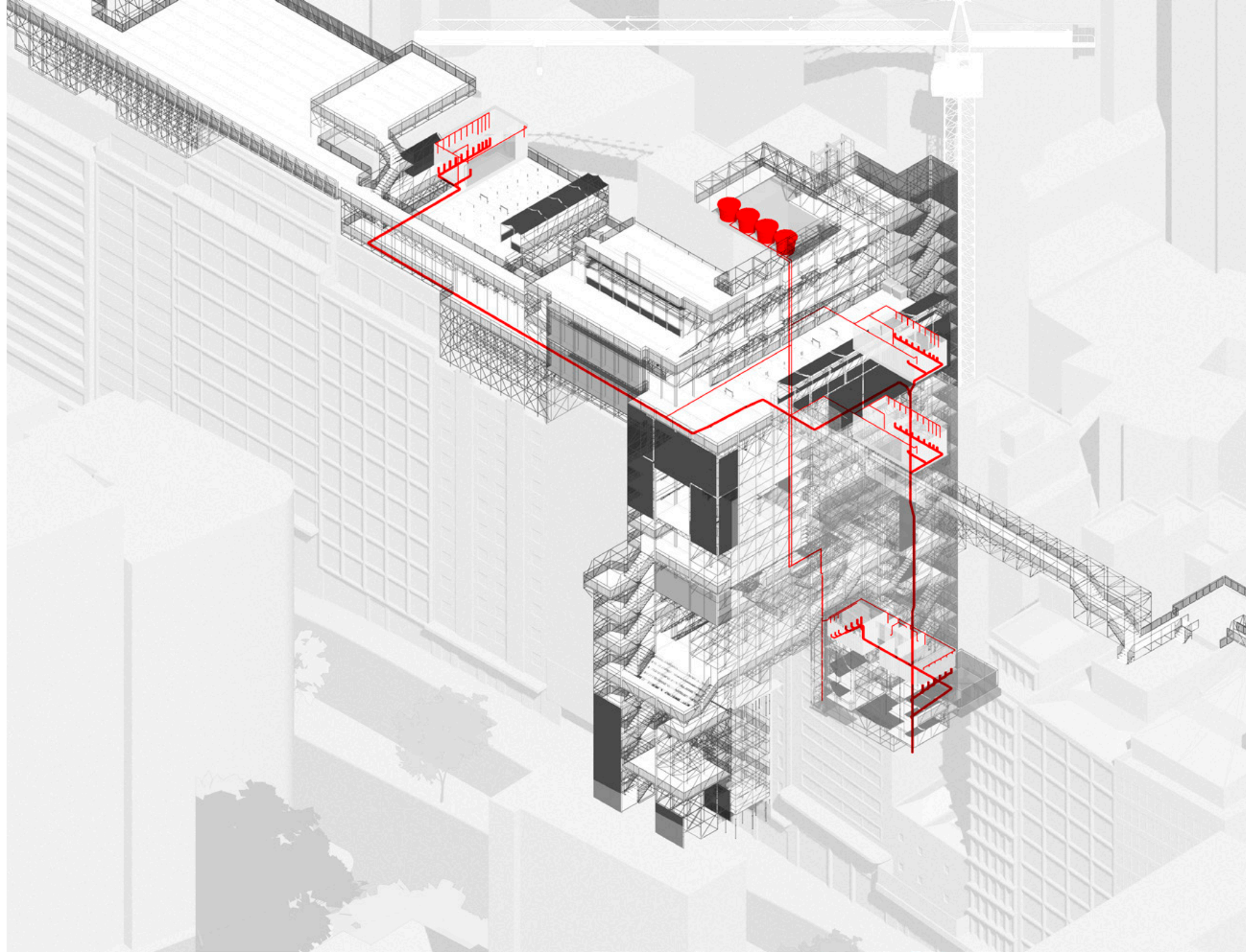
A água é então distribuída para os banheiros, concentrados na parte de trás da estrutura, além de outro posicionado em um prédio mais afastado.

O esgoto dos banheiros é coletado e direcionado para uma tubulação principal, a qual atravessa o estacionamento e se liga à rede de esgoto local.

Nos andaimes, a tubulação pôde ser escondida em pisos elevados, os quais também sustentavam as paredes do banheiro.

Dentro do estacionamento, devido ao seu pé direito baixo e a impossibilidade de fazer um piso elevado, a tubulação precisou ficar aparente.

Todas as tubulações de esgoto têm, no mínimo, 1% de caimento.





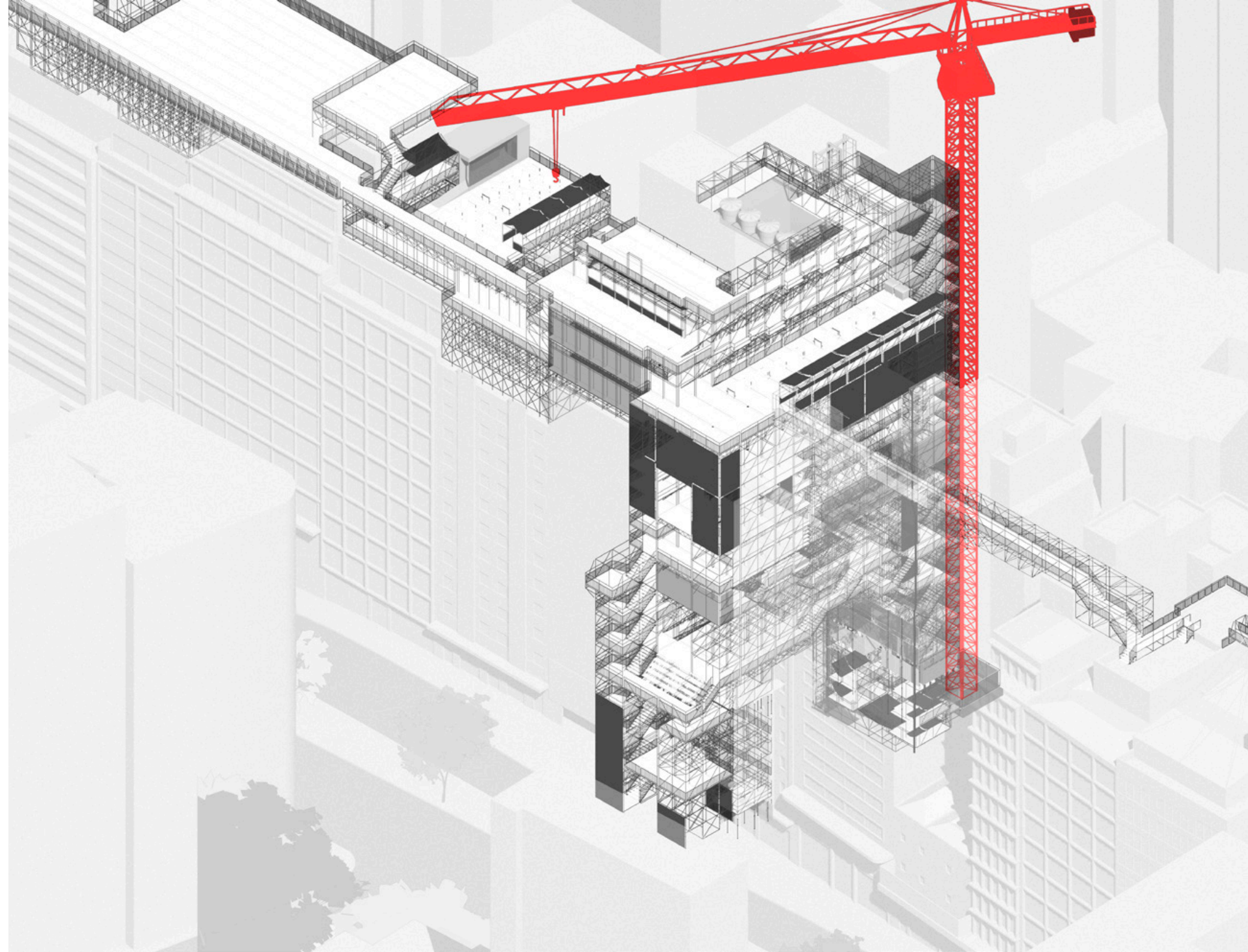
## *grua*

A grua, assim como os andaimes e os elevadores do projeto, é um elemento bastante presente em obras.

Sua presença na paisagem indica que a cidade está passando por uma transformação.

Assim, considerando que a montagem e a desmontagem da estrutura precisará do auxílio de uma grua para transportar as peças dos andaimes, pareceu pertinente mantê-lo ao longo da duração da intervenção.

Sua presença pode auxiliar no transporte de carga, em especial peças de andaimes, permitindo com que a estrutura se modifique livremente ao longo de sua vida.







*considerações finais*

### **Considerações finais**

Após dois anos de distanciamento social e do estreitamento das possibilidades de se ocupar a cidade, este trabalho nasceu durante o processo de reabertura da vida urbana, com a amenização da pandemia. Embora ele tenha tomado vários caminhos, alguns que quase parecem até mesmo fugir da discussão original, é possível resumir a intenção do trabalho a apenas uma: a busca pela possibilidade.

Sejam as possibilidades para a cidade, enxergando ela para além de uma visão letárgica à qual estamos acostumados, permitindo novas ocupações de seu território.

Sejam as possibilidades da internet, a qual abre portas para novas interações sociais que, quando entendidas, atuam positivamente pela sociedade.

Sejam à forma de se fazer projeto, através de sistemas paramétricos que possibilitam a criação de estruturas complexas, sem perder de vista seu objetivo inicial.

Sejam as dentro da arquitetura, mostrando os caminhos possíveis a serem percorridos após a graduação, ciclo que agora se fecha com este trabalho.

O projeto realizado com a estrutura de andaimes foi apenas uma possibilidade entre inúmeras outras, investigando a versatilidade do sistema frente à

complexidade da vida urbana. O seu belo está justamente neste fato: tanto é possível imaginar uma estrutura tal como a apresentada neste trabalho, quanto esse sistema é passível de ser incorporado em outras ocupações completamente diferentes, construídas pela própria população desde sua concepção até seus desdobramentos ao longo de sua vida.

De forma contemporânea, é necessário entender os meios onde estamos inseridos, pois só então seremos capazes de mudá-los.



Bibliografia

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. trad. Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009. pp. 63.

ARGAN, Giulio Carlo. **A Arquitetura dos Engenheiros**. In.: Arte Moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1992. pp. 84–91.

AUGÉ, Marc. **From Places to Non-Places**. In: Non-Places: Introduction to an Anthropology of Supermodernity. Londres: The Cromwell Press, 1995. p. 75-115.

ARRUDA, Marcella. **Arquitetura da Liberdade**: A Experiência do Comum. Trabalho Final de Graduação. São Paulo: Escola da Cidade, 2016.

BEIGUELMAN, Giselle. **Coronavida: pandemia, cidade e cultura urbana**. São Paulo: Editora Escola da Cidade, Coleção Outras Palavras, Vol. 8, 2020.

BEIGUELMAN, G. **Espaços de Subordinação e Contestação nas Redes Sociais**. Revista USP, (92), 20-31, 2012. Disponível em <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i92p20-31>> Acesso em 06 set. 2022.

BEIGUELMAN, G. **Redes reais: arte e ativismo na era da vigilância compartilhada**. Rapsódia, [S. l.], n. 12, p. 65-78, 2019. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/rapsodia/article/view/153434>> Acesso em: 6 set. 2022.

BEIGUELMAN, G.; DEAK, A. **Smart Cities, Smart Virus: tecnoutopias do novo normal**. V!RUS, São Carlos, n. 21, Semestre 2, dez. 2020. Disponível em <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus21/?sec=4&item=1>> Acesso em 22 abr. 2022.

BENEVOLO, Leonardo. **Engenharia e arquitetura na segunda metade do século XIX**. In.: Historia da Arquitetura Moderna. São Paulo: Perspectiva, 1976. pp. 129-152.

BOGÉA, Marta Vieira. **Cidade errante: arquitetura em movimento**. Tese de Doutorado. São Paulo, 2006. Disponível em <[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16136/tde-06052010-150821/publico/cidade\\_errante.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16136/tde-06052010-150821/publico/cidade_errante.pdf)> Acesso em 20 out. 2022.

BONETTI, Victoria Marchetti. **Assemblage: projeto como montagem na arquitetura brasileira**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <[https://repositorio.usp.br/directbitstream/4d75aaf9-0dc6-4a2d-835c-6f978445f528/TFG\\_2022\\_1\\_Victoria\\_Marchetti\\_Bonetti.pdf](https://repositorio.usp.br/directbitstream/4d75aaf9-0dc6-4a2d-835c-6f978445f528/TFG_2022_1_Victoria_Marchetti_Bonetti.pdf)> Acesso em 22 out. 2022.

DORRIAN, Mark. **The aerial view: notes for a cultural history**. Strates, n. 13, 2007. Disponível em <<http://journals.openedition.org/strates/5573>> Acesso em 19 out.

2022.

ELBARAZI, I et al. **The Impact of the COVID-19 “Infodemic” on Well-Being: A Cross-Sectional Study**. J Multidiscip Healthc. 2022. Disponível em: <<https://www.dovepress.com/the-impact-of-the-covid-19-infodemic-on-well-being-a-cross-sectional-s-peer-reviewed-fulltext-article-JMDH>> Acesso em 07 abr. 2022

FABBRINI, Ricardo Nascimento. **Imagem e enigma**. Viso, Cadernos de estética aplicada, n. 19, 2016, pp. 240-262. Disponível em <[http://www.revistaviso.com.br/pdf/Viso\\_19\\_RicardoFabbrini.pdf](http://www.revistaviso.com.br/pdf/Viso_19_RicardoFabbrini.pdf)> Acesso em 06 out. 2022.

FOUCAULT, Michel. **O Corpo Utópico, as Heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

FRANKS, Mary Anna. **Beyond the Public Square: Imagining Digital Democracy**. Connecticut: The Yale Law Journal, Vol. 131, 2021-2022. Disponível em <<https://www.yalelawjournal.org/forum/beyond-the-public-square-imagining-digital-democracy>> Acesso em 06 set. 2022.

GEHL, Jan. **Cidade para Pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GRINOVER, Marina Mange. **Simultâneo e Transversal: Desenho e Crítica - Apontamentos para Laboratórios de Ensino de Projeto na FAUUSP**. Dissertação (pós-doutorado). São Paulo: FAUUSP, 2021.

HARVEY, David. **Alternativas ao Neoliberalismo e o Direito à Cidade. Transcrição de palestra**. Pará: Novos Cadernos NAEA, UFPA, dez. 2009. Disponível em <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/viewFile/327/513>> Acesso em 26 jan. 2022.

HARVEY, David. **O Direito à Cidade. In.: Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014. pp. 27-66.

KOOLHAAS, Rem. **Bigness of the problem of Large**. In.: Small, Medium, Large, Extra-Large. Monacelli Press, New York, 1995. Disponível em <<https://politicshyperwall.files.wordpress.com/2017/10/koolhaas-rem-bigness-1994.pdf>> Acesso em 01 set. 2022.

KOOLHAAS, Rem. **The Generic City**. In.: Small, Medium, Large, Extra-Large. Monacelli Press, New York, 1995, pp. 1248-1264. Disponível em <[https://monoskop.org/images/7/78/Koolhaas\\_Rem\\_1995\\_The\\_Generic\\_City.pdf](https://monoskop.org/images/7/78/Koolhaas_Rem_1995_The_Generic_City.pdf)> Acesso em 06 out. 2022.

KOOLHAAS, Rem. **Whatever Happened to Urbanism?**. Design Quarterly, no. 164, 1995, pp. 28–31. Disponível em <<https://doi.org/10.2307/4091351>> Acesso em 26 ago. 2022.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001. p. 105-118.

LEFEBVRE, Henri. **Semantics and Semiology**. In.: Toward an Architecture of Enjoyment. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2014. p. 117-128.

LIMA, Ana Beatriz T. **São Paulo Canta, Dança e Festeja (Na Rua): Atividades musicais na cidade de São Paulo e suas relações com o espaço público no território urbano**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

MACIEL, Carlos Alberto. **Muito Além da Sombra do Viaduto**. Arqfuturo, set. 2015. Disponível em <<https://arqfuturo.com.br/post/carlos-alberto-maciel--muito-alem-da-sombra-do-viaduto>> Acesso em 05 fev 2022.

MARTINS, Daniela Ciarvi. G.A.X.T.: **Intervenção de Caráter Efêmero em Edifício Garagem no Centro da Cidade de São Paulo**. Trabalho de Conclusão de Curso. São Paulo: Centro Universitário Senac, 2017. Disponível em <[https://issuu.com/senacbau\\_201202/docs/daniela\\_ciarvi\\_tcc](https://issuu.com/senacbau_201202/docs/daniela_ciarvi_tcc)> Acesso em 15 mai. 2022.

MCQUIRE, Scott. **The politics of public space in the media city**. First Monday, [S. l.], 2006. DOI: 10.5210/fm.v0i0.1544. Disponível em <<https://www.firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/1544>> Acesso em 6 set. 2022.

MONROY, Paula. **São Paulo: Diálogos e Limites**. Entrevistados: Guilherme Wisnik. 1 vídeo (3 min). São Paulo: Escola da Cidade, out. 2019 Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=UdE\\_VEZIMJg](https://www.youtube.com/watch?v=UdE_VEZIMJg)> Acesso em 08 ago. 2022.

OITICICA, Hélio. **Programa Ambiental**. In.: Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Centro de Arte Hélio Oiticica, 1996, pp. 103-105.

ORTEGOSA, Sandra Mara. **Cidade e memória: do urbanismo “arrasa-quarteirão” à questão do lugar**. Arqtextos, São Paulo, ano 10, n. 112.07, Vitruvius, set. 2009. Disponível em <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/10.112/30>> Acesso em 05 abr. 2022.

ROLNIK, Raquel. **Utopias e Distopias Urbanas em Tempo de Pandemia**. Entrevistador: Guilherme Wisnik. São Paulo: Escola da Cidade, 2020. 1 vídeo (63 min). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=31sXhys8qe8>> Acesso em 26 jul. 2022.

ROMANCINI, R. **Paolo Gerbaudo: a mídia digital e as transformações no ativismo e na política contemporânea**. MATRIZES, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 109-122, 2020. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/169578>> Acesso em 7 out. 2022.

SCHINDLER, Sarah. **Architectural Exclusion: Discrimination and Segregation Through Physical Design of the Built Environment**. Connecticut: The Yale Law Journal, Vol. 124 2014-2015, Number 6, Abr. 2015. Disponível em <[\[yalelawjournal.org/article/architectural-exclusion\]\(http://yalelawjournal.org/article/architectural-exclusion\)> Acesso em 04 set. 2022.

SOLÀ-MORALES, Ignasi de. \*\*Terrain Vague\*\*. In.: Terrain Vague, Cambridge, Massachusetts, 1995, pp. 118-123.

SOUZA, B. M.; KÓS, J. R. \*\*O habitar na pandemia da Covid-19: a transição para lugares virtuais\*\*. V!RUS, São Carlos, n. 21, Semestre 2, dez. 2020. Disponível em <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus21/?sec=4&item=13>> Acesso em 22 abr. 2022.

TORRES, A. L. \*\*Software livre e a lógica comunitária e solidária de construção do conhecimento\*\*. V!RUS, São Carlos, n. 18, 2019. Disponível em <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus18/?sec=5&item=98>> Acesso em 25 abr. 2022.

WISNIK, Guilherme. \*\*Dentro do Nevoeiro: Arquitetura, Arte e Tecnologia Contemporâneas\*\*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

WISNIK, Guilherme; VIEIRA, Tuca. \*\*Futuros em gestação: cidade, política e pandemia\*\*. São Paulo: Editora Escola da Cidade / WMF Martins Fontes Ltda. 2022.

WU, Tim. \*\*A Proposal for Network Neutrality\*\*. Charlottesville: University of Virginia Law School, jun. 2002. Disponível em <<http://www.timwu.org/OriginalNNProposal.pdf>> Acesso em 06 set. 2022.

XAVIER, Denise. \*\*Arquitetura Metropolitana\*\*. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2007.

\*\*Publicações e Audiovisual\*\*

ARQUICAST 092, \*\*Direito à Cidade\*\*. Entrevistado: Cláudio Rezende. Entrevistadores: Adilson Amaral, Aline Cruz e Raphael Rodrigues. Nov. 2019. Podcast. Disponível em <<https://open.spotify.com/episode/2QiBALZFoDd4YXdOfrktj2>> Acesso em 07 mar. 2022.

BEIGUELMAN, Giselle. \*\*Coronavida: Prólogo do Confinamento\*\*. Entrevistador: Guilherme Wisnik. 1 vídeo \(56 min\). São Paulo: Escola da Cidade, 2020. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=t3gBtgnHCNI>> Acesso em 29 jan. 2022.

BBC. \*\*How algorithms and filter bubbles decide what we see on social media\*\*. 2020. Disponível em <<https://www.bbc.co.uk/bitesize/articles/zd9tt39>> Acesso em 07 abr. 2022.

BURGESS, Matt. \*\*Iran’s Internet Shutdown Hides a Deadly Crackdown\*\*. Wired, Security, set. 2022. Disponível em <<https://www.wired.com/story/iran-protests-2022-internet-shutdown-whatsapp>> Acesso em 11 out 2022.](https://www.</a></p></div><div data-bbox=)



CASTRO, Carol. **Entrevista: ‘Em Estado de Exceção, Vale a Lógica da Guerra da Comunicação’, Diz Letícia Cesarino Sobre Vídeo da Maçonaria**. The Intercept Brasil, out. 2022. Disponível em <<https://theintercept.com/2022/10/06/maconaria-bolsonaro-entrevista-eleicoes-leticia-cesarino>> Acesso em 06 out. 2022.

CIRUGEDA, Santiago. **Andamio**. Recetas Urbanas, 1998. Disponível em <<https://recetasurbanas.net/proyecto/andamio>> Acesso em 12 nov. 2022.

COOK, Peter. **Plug-In City Study**. Archigram, 1972. Disponível em <<https://web.archive.org/web/20200123014419/http://archigram.westminster.ac.uk/project.php?id=56>> Acesso em 04 nov. 2022.

CORDEIRO, Veridiana Domingos. **Novas questões para sociologia contemporânea: os impactos da Inteligência Artificial e dos algoritmos nas relações sociais**. In.: Inteligência Artificial: Avanços e Tendências. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2021.

CROSS, Katherine. **So, You Want Twitter to Stop Destroying Democracy**. Wired, set. 2022. Disponível em <<https://www.wired.com/story/twitter-democracy-harm-reduction/>> Acesso em 06 set. 2022.

FALCON, Ernesto. **Can we keep the internet mutual?**. Electronic Frontier Foundation, dez. 2021. Disponível em <<https://www EFF.org/deeplinks/2021/12/where-net-neutrality-today-and-what-comes-next-2021-review>> Acesso em 05 set. 2022.

GESTÃO URBANA SP. **PIU Minhocão**. 2020. Disponível em <<https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/piu-parque-minhocao>> Acesso em 28 ago. 2022.

GOULD, Wendy Rose. **Are you in a social media bubble? Here’s how to tell**. NBC News, out. 2019. Disponível em <<https://www.nbcnews.com/better/lifestyle/problem-social-media-reinforcement-bubbles-what-you-can-do-about-ncna1063896>> Acesso em 07 abr. 2022.

HADDAD, Naief. **Bolsonarismo é vitorioso mesmo se perder eleição, diz autor de ‘Limites da Democracia’**. Entrevistado: Marcos Nobre. Folha de São Paulo, Poder, jun. 2022. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/06/bolsonarismo-e-vitorioso-mesmo-se-perder-eleicao-diz-autor-de-limites-da-democracia.shtml>> Acesso em 07 out. 2022.

HARVARD UNIVERSITY, Graduate School of Design. **Design collaborative colab-19 is changing how we think about post-pandemic architecture**. Abr. 2021. Disponível em <<https://www.gsd.harvard.edu/2021/04/design-collaborative-colab-19-is-changing-how-we-think-about-post-pandemic-architecture/>> Acesso em 11 mar. 2022.

HEIKKILÄ, Melissa. **A quick guide to the most important AI law you’ve never heard of**. MIT Technology Review, Tech Policy, out. 2022. Disponível em <<https://www.technologyreview.com/2022/05/13/1052223/guide-ai-act-europe>> Acesso em 05 out. 2022.

HEIKKILÄ, Melissa. **The EU wants to put companies on the hook for harmful AI**. MIT Technology Review, Tech Policy, out. 2022. Disponível em <<https://www.technologyreview.com/2022/10/01/1060539/eu-tech-policy-harmful-ai-liability>> Acesso em 05 out. 2022.

IAB. **Concurso Público Nacional de Arquitetura e Expografia para o Pavilhão do Brasil na Expo Osaka 2025**. 2022. Disponível em <<https://concursoexpoosaka.com.br>> Acesso em 07 nov. 2022.

JACOBS, Karrie. **Toronto wants to kill the smart city forever**. MIT Technology Review, Smart Cities, jun. 2022. Disponível em <<https://www.technologyreview.com/2022/06/29/1054005/toronto-kill-the-smart-city>> Acesso em 05 set. 2022.

JORNAL NEXO. **Direito à cidade: Um Conceito para Pensar o Brasil Hoje**. Entrevistados: Guilherme Wisnik e Renato Cymbalista. Entrevistadora: Paula Miraglia. Podcast. São Paulo, 2016. Disponível em <<https://www.nexojornal.com.br/podcast/2016/09/02/Direito-%C3%A0-cidade-um-conceito-para-pensar-o-Brasil-hoje>> Acesso em 28 jan. 2022.

JUAÇABA, Carla. **Humanidade 2012**. ARQ (Santiago), Santiago, n. 90, p. 80-85, Aug. 2015. Disponível em <[http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0717-69962015000200017](http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-69962015000200017)> Acesso em 07 nov. 2022.

LAYHER. **Sistema Allround: Sistema Multi-Direcional para Montagem de Andaimes e Estruturas Auxiliares**. Ago. 2018. Disponível em <[http://www.aecweb.com.br/cls/catalogos/17457/12719/Catalogo\\_Allround\\_Layher.pdf](http://www.aecweb.com.br/cls/catalogos/17457/12719/Catalogo_Allround_Layher.pdf)> Acesso em 03 abr. 2022.

LESSA, Bia. **Cartas ao Mundo**. São Paulo: Sesc Digital, 2022. 3 filmes (188 min). Disponível em <<https://sesc.digital/colecao/cartas-ao-mundo>> Acesso em 8 mai. 2022.

LEVY, Wilson. **O Parque Minhocão e o futuro da cidade**. UOL, Opinião, dez. 2021. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/colunas/wilson-levy/2021/12/02/o-parque-minhocao-e-o-futuro-da-cidade.htm>> Acesso em 25 jul. 2022.

LOZANO-HEMMER, Rafael. **Body Movies**. Relational Architecture 6, 2001. Disponível em <[https://www.lozano-hemmer.com/body\\_movies.php](https://www.lozano-hemmer.com/body_movies.php)> Acesso em 06 set. 2022.

MAAKAROUN, Bertha. **Castro Rocha: ‘Bolsonarismo está se transformando em**

**seita**’. Estado de Minas, abr. 2021. Disponível em <[https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2021/04/09/interna\\_pensar,1255147/castro-rocha-bolsonarismo-esta-se-transformando-em-seita.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2021/04/09/interna_pensar,1255147/castro-rocha-bolsonarismo-esta-se-transformando-em-seita.shtml)> Acesso em 08 out. 2022.

MASCARO, Gabriel. **Um Lugar ao Sol**. 1 filme (65 min). 2009. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=6WkifNo8Blg>> Acesso em 30 nov. 2022.

MIT TECHNOLOGY REVIEW. **LinkedIn’s job-matching AI was biased. The company’s solution? More AI**. Artificial Intelligence, jun. 2021. Disponível em <<https://www.technologyreview.com/2021/06/23/1026825/linkedin-ai-bias-ziprecruiter-monster-artificial-intelligence>> Acesso em 09 out. 2022.

MOIRA, Amara. **Observatório da Prostituição**. Podcast (18 min). Rio de Janeiro: UFRJ, 2015. Disponível em <<https://soundcloud.com/red-light-rio/amara-moira-at-the-112415-observatory-of-prostitution-extension-course-in-rio-de-janeiro>> Acesso em 09 abr. 2022.

MVRDV. **In an existing structure you have more freedom: Jacob Van Rijs on #Reuse in architecture**. Stack Magazine, jul. 2021. Disponível em <<https://www.mvrdv.nl/stack-magazine/3918/jacob-van-rijs-reuse-interview>> Acesso 22 out. 2022.

MVRDV. **So much more is possible on our rooftops than we all think**. Stack Magazine, mai. 2021. Disponível em <<https://www.mvrdv.nl/stack-magazine/3878/rotterdam-rooftop-catalogue-interview>> Acesso 22 out. 2022.

PIAUÍ; FOLHA DE SÃO PAULO. **O Inflamável**. Eleições 2022, set. 2022. Disponível em <<https://piaui.folha.uol.com.br/eleicoes-2022/o-inflamavel>> Acesso em 11 out. 2022.

PRETA RARA. **Ministro Paulo Guedes, fui empregada doméstica e preciso te dizer uma coisa**. UOL, Universa, Pensadoras. Fev. 2020. Disponível em <<https://www.uol.com.br/universa/colunas/2020/02/13/ministro-paulo-guedes-fui-empregada-domestica-e-preciso-te-dizer-uma-coisa.htm>> Acesso em 28 ago. 2022.

PRITZKER. **Laureates – Anne Lacaton and Jean Philippe Vassal**. Mar. 2021. Disponível em <<https://www.pritzkerprize.com/laureates/anne-lacaton-and-jean-philippe-vassal>> Acesso em 07 mar. 2022.

QUINN, Ben. **Anti-homeless spikes are part of a wider phenomenon of ‘hostile architecture’**. The Guardian, Arte e Design, jun. 2013. Disponível em <<https://www.theguardian.com/artanddesign/2014/jun/13/anti-homeless-spikes-hostile-architecture>> Acesso em 04 set. 2022.

RAMOS, Miguel Antunes. **Banco Imobiliário**. Entrevistador: Guilherme Wisnik. 1 vídeo (58 min). São Paulo: Escola da Cidade, 2020. Disponível em <[\[youtube.com/watch?v=O3U7ucqQZgI\]\(https://www.youtube.com/watch?v=O3U7ucqQZgI\)> Acesso em 22 out. 2022.

SAFATLE, Vladimir. \*\*A ditadura do Sr. Guedes\*\*. El País, Coluna. Dez. 2019. Disponível em <<https://brasil.elpais.com/opiniao/2019-12-05/a-ditadura-do-sr-guedes.html>> Acesso em 28 ago. 2022.

THE GUARDIAN; RAWNSLEY, Andrew. \*\*Politicians can’t control the digital giants with rules drawn up for the analogue era\*\*. The Observer, mar. 2018. Disponível em <\[theguardian.com/commentisfree/2018/mar/25/we-cant-control-digital-giants-with-analogue-rules\]\(https://theguardian.com/commentisfree/2018/mar/25/we-cant-control-digital-giants-with-analogue-rules\)> Acesso em 23 set. 2022.

UOL. \*\*Sucesso na web, campanha de Boulos hackeou sistema com memes e bom humor\*\*. Tilt, Redes Sociais, dez. 2020. Disponível em <<https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/12/07/meme-e-zoeira-o-que-fez-a-campanha-de-boulos-bombar-nas-redes-sociais.htm>> Acesso em 11 out. 2022.

THE GUARDIAN; CADWALLADR, Carole; GRAHAM-HARRISON, Emma. \*\*Revealed: 50 million Facebook profiles harvested for Cambridge Analytica in major data breach\*\*. The Cambridge Analytica Files, mar. 2018. Disponível em <<https://www.theguardian.com/news/2018/mar/17/cambridge-analytica-facebook-influence-us-election>> Acesso em 23 set. 2022.

WISNIK, Guilherme. \*\*O ativismo urbano e o valor de uso do espaço público\*\*. Folha de S. Paulo, São Paulo, nov. 2015. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/11/1705535-o-ativismo-urbano-e-o-valor-de-uso-do-espaco-publico.shtml>> acesso em 25 jul. 2022.

WISNIK, Guilherme. \*\*Projeto e Destino: De Volta à Arena Pública\*\*. IMS, Artepensamento, 2017. Disponível em <\[artepensamento.ims.com.br/item/projeto-e-destino-de-volta-a-arena-publica\]\(https://artepensamento.ims.com.br/item/projeto-e-destino-de-volta-a-arena-publica\)> Acesso em 23 set. 2022.

WYLIE, Christopher. \*\*How I Helped Hack Democracy\*\*. New York Magazine, Intelligencer, out. 2019. Disponível em <<https://nymag.com/intelligencer/2019/10/book-excerpt-mindf-ck-by-christopher-wylie.html>> Acesso em 23 set. 2022.

\*\*Notícias\*\*

BRASIL DE FATO. \*\*Privatização de parques e desmatamento: legado de Doria e Covas para o meio ambiente\*\*. Nov. 2020. Disponível em <<https://www.brasildefato.com.br/2020/11/04/privatizacao-de-parques-e-desmatamento-legado-de-doria-e-covas-para-o-meio-ambiente>> Acesso em 05 ago. 2022.

CARTA CAPITAL. \*\*Brasil completa três meses sem ministro da Saúde definitivo\*\*.](https://www.</a></p></div><div data-bbox=)



Ago. 2020. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/saude/brasil-completa-tres-meses-sem-ministro-da-saude-definitivo/>> Acesso em 14 set. 2022.

CARTA CAPITAL. **Uso da Paulista para manifestações ou lazer não é problema, dizem hospitais**. Jul. 2015. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/segundo-hospitais-da-regiao-fechar-a-avenida-paulista-nao-e-um-problema-8986.html>> Acesso em 28 ago. 2022.

CARTA CAPITAL. **“Ultimamente tem um monte de pobre no avião, sinto o cheiro de longe”**. Opinião. Mar. 2020. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/opinio/ultimamente-tem-um-monte-de-pobre-no-avia%CC%83o-sinto-o-cheiro-de-longe>> Acesso em 28 ago. 2022.

CONGRESSO EM FOCO. **Documento do STF Explica Como Funciona o “Gabinete do Ódio”**. UOL, ago. 2022. Disponível em <<https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/documento-do-stf-explica-como-funciona-o-gabinete-do-odio>> Acesso em 08 out. 2022.

FACEBOOK. **O que significa “Mais relevantes” em uma publicação de uma Página do Facebook?**. Disponível em <<https://www.facebook.com/help/539680519386145>> Acesso em 06 set. 2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Produtora Brasil Paralelo é quem mais paga anúncios políticos do Google**. Ilustrada, jun. 2022. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/06/produtora-brasil-paralelo-e-quem-mais-paga-anuncios-politicos-do-google.shtml>> Acesso em 22 set. 2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Eleição de Tiririca é caso de voto de protesto, diz analista**. TVFolha, out. 2010. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/multimedia/tvfolha/2010/10/809740-eleicao-de-tiririca-e-caso-de-voto-de-protesto-diz-analista.shtml>> Acesso em 11 set. 2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Fechar avenida Paulista é marketing e traz prejuízo, diz associação**. Cotidiano. Ago. 2015. <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/08/1670536-fechar-avenida-paulista-e-marketing-e-traz-prejuizo-diz-associacao.shtml>> Acesso em 28 ago. 2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Maioria dos brasileiros confia em notícias via WhatsApp, diz estudo**. Política, set. 2022. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/maioria-dos-brasileiros-confia-em-noticias-via-whatsapp-diz-estudo.shtml>> Acesso em 22 set. 2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. **WhatsApp admite envio maciço ilegal de mensagens nas eleições de 2018**. Política, out. 2019. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/10/whatsapp-admite-envio-massivo-ilegal-de-mensagens-nas->

[eleicoes-de-2018.shtml](#)> Acesso em 20 set. 2022.

G1. **Câmara aprova Lei Padre Júlio Lancelotti, que proíbe ‘arquitetura hostil’ em áreas públicas para afastar população**. Política, Nov. 2022. Disponível em <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/11/22/camara-aprova-lei-padre-julio-lancelotti-que-proibe-arquitetura-hostil-em-areas-publicas-para-afastar-populacao.ghml>> Acesso em 22 nov. 2022.

G1. **Ministério Público multa Prefeitura em R\$ 50 mil por fechamento da Paulista**. Out. 2015. Disponível em <<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/10/ministerio-publico-multa-prefeitura-em-r-50-mil-por-fechamento-da-paulista.html>> Acesso em 04 set. 2022.

G1. **Salles é investigado por suposto envolvimento em esquema de exportação ilegal de madeira**. Jornal Nacional, jul. 2021. Disponível em <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/07/20/ricardo-salles-e-investigado-por-suposto-envolvimento-em-esquema-de-exportacao-ilegal-de-madeira.ghml>> Acesso em 28 ago. 2022.

G1. **Bolsonaro chama coronel Brilhante Ustra de ‘herói nacional’**. Política, ago. 2019. Disponível em <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/08/08/bolsonaro-chama-coronel-ustra-de-heroi-nacional.ghml>> Acesso em 11 set. 2022.

G1. **Marco Civil da Internet entra em vigor nesta segunda-feira**. Tecnologias e Games, abr. 2014. Disponível em <<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/06/marco-civil-da-internet-entra-em-vigor-nesta-segunda-feira-23.html>> Acesso em 09 out. 2022.

LABCIDADE. **Em áreas sob controle das milícias no Rio de Janeiro, Bolsonaro teve porcentagens de votos acima da média nas últimas eleições presidenciais**. Set. 2022. Disponível em <<https://www.instagram.com/p/Civlh67AIrT/>> Acesso em 23 set. 2022.

O GLOBO. **Campanha ‘Bolsonaro maçom’ explode fora da esquerda e pressiona aliados do presidente na largada do 2º turno**. Política, Eleições 2022, out. 2022. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/10/campanha-bolsonaro-macon-explode-fora-da-esquerda-e-dita-bolsonarismo-na-largada-do-2o-turno.ghml>> Acesso em 09 out. 2022.

OPENDEMOCRACY. **Suspicious algorithms: time to tame crime-predicting police technology**. Abr. 2022. Disponível em <<https://www.opendemocracy.net/en/digitaliberties/crime-police-algorithm-lords-committee/>> Acesso em 09 out. 2022.

PIAÚÍ; FOLHA DE SÃO PAULO. **No Facebook, Brasil Paralelo é recordista de gastos com propaganda política**. Mai. 2021. Disponível em <<https://piaui.folha.uol>

com.br/no-facebook-brasil-paralelo-e-recordista-de-gastos-com-propaganda-politica> Acesso em 22 set. 2022.

PODER360. **2 anos de covid: Relembre 30 frases de Bolsonaro sobre pandemia.** Fev. 2022. Disponível em <<https://www.poder360.com.br/coronavirus/2-anos-de-covid-relembre-30-frases-de-bolsonaro-sobre-pandemia/>> Acesso em 07 set. 2022.

SENADO NOTÍCIAS. **Representante da Pfizer confirma: governo não respondeu ofertas feitas em agosto de 2020.** Mai. 2021. Disponível em <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/05/13/representante-da-pfizer-confirma-governo-nao-respondeu-ofertas-feitas-em-agosto-de-2020>> Acesso em 14 set. 2022.

THE WASHINGTON POST. **Federal study confirms racial bias of many facial-recognition systems, casts doubt on their expanding use.** Technology, dez. 2019. Disponível em <<https://www.washingtonpost.com/technology/2019/12/19/federal-study-confirms-racial-bias-many-facial-recognition-systems-casts-doubt-their-expanding-use>> Acesso em 09 out. 2022.

UOL. **Carlos Bolsonaro aciona STF contra Janones que ironiza: ‘Liberdade de expressão’.** Política, ago. 2022. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2022/08/30/carlos-bolsonaro-aciona-stf-contra-janones-que-ironiza-liberdade-de-expressao.htm>> Acesso em 09 out. 2022.

UOL. **Das 123 Fake News Encontradas por Agências de Checagem, 104 Beneficiaram Bolsonaro.** Congresso em Foco, out. 2018. Disponível em <<https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/das-123-fake-news-encontradas-por-agencias-de-checagem-104-beneficiaram-bolsonaro>> Acesso em 20 set. 2022.

UOL. **Kwai e TikTok chegam às eleições com poder viral e campanhas fora de época.** Eleições 2022, jul. 2022. Disponível em <<https://www.uol.com.br/eleicoes/2022/07/10/kwai-tiktok-videos-eleicoes-presidenciais-2022.htm>> Acesso em 09. out. 2022.

VALOR. **Nós temos é que desconstruir muita coisa, diz Bolsonaro durante jantar.** Mar. 2019. Disponível em <<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2019/03/18/nos-temos-e-que-desconstruir-muita-coisa-diz-bolsonaro-durante-jantar.ghtml>> Acesso em 04 set. 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **WHO announces COVID-19 outbreak a pandemic.** Mar. 2020. Disponível em <<https://www.euro.who.int/en/health-topics/health-emergencies/coronavirus-covid-19/news/news/2020/3/who-announces-covid-19-outbreak-a-pandemic>> Acesso em 05 abr. 2022.

## Ferramentas e Serviços

**Blender**  
<<https://www.blender.org>>

**RenderDoc**  
<<https://renderdoc.org>>

**Maps Models Importer** // Elie Michel  
<<https://github.com/eliemichel/MapsModelsImporter>>

**BlenderGIS** // Domlysz  
<<https://github.com/domlysz/BlenderGIS>>

**Google Maps** // Google  
<<https://www.google.com/maps>>

**Google Earth** // Google  
<<https://earth.google.com/web>>

**GeoSampa** // Prefeitura de São Paulo  
<<http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br>>

**Coronavírus Brasil** // Ministério da Saúde  
<<https://covid.saude.gov.br>>



